

REVISTA LUSITANA

Arquivo de estudos filológicos e etnológicos
relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
e Director do Museu Etnológico Português

SUMÁRIO

ARTIGOS DESENVOLVIDOS:

- Contribuição para um dicionário da língua portuguesa arcaica — por J. J. N.: 5.
- Gonçalo Fernandes Trancoso (I-III) — por J. L. de V.: 80.
- Ervedosa — por Celestino Monteiro Soares de Azevedo: 86.
- Retalhos de um adagiário (continuação) — por José Maria Adrião: 198.
- Observações ao “Elucidário”, do P.ª Santa Rosa de Viterbo (continuação) — por J. Leite de Vasconcellos: 243.
- Sur l'origine de quelques coutumes portugaises populaires — por Eugène Kagarov: 277.
- A língua portuguesa na nossa Índia — por Vicente de Sousa: 282.

MISCELANEA:

- Outeiros de abadejado — por Júlio Brandão: 282.
- Correcções ao Canc. Geral — por J. L. de V.: 297.

- Poesia popular local e regional — por J. L. de V.: 297.
- Cajon ou orajon? — por J. J. Nunes: 300.
- Jogo da Pela — por Joaquim Mendes Feliiz: 303.
- Lenda popular — por J. L. de V.: 307.
- Gestos, sons, palavras, expressões, etc. que fazem “dar sorte”, — por Estanço Louro: 308.

BIBLIOGRAFIA:

Livros — 314.

NECROLOGIA:

- A. Braamcamp Freire — por Antonio Baião: 328.
- Pedro de Azevedo — por P. M. Laranjo Coelho: 329.
- Filólogos brasileiros: Eduardo Carlos Pereira, Sílvia de Almeida e Alberto Faria — por Antenor Nascentes: 331.

LISBOA

LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA

DE A. M. TEIXEIRA & C.ª (FILHOS)

17, Praça dos Restauradores, 17

1929

REVISTA LUSITANA

PORTO — Imprensa Portuguesa

Rua Formosa, 116

REVISTA LUSITANA

**Arquivo de estudos filológicos e etnológicos
relativos a Portugal**

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
e Director do Museu Etnológico Português



VOL. XXVII

LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA & C.^a (FILHOS)
17, Praça dos Restauradores, 17
1929

REVISTA LUSITANA

VOL. XXVII

1928-1929

N.º 1-4

Contribuição para um dicionário da língua portuguesa arcaica

É de primeira intuição que, para o conhecimento de qualquer língua numa dada época, muito convem o da mais antiga, porquanto esta, como mais proxima da origem, melhor a representa. Com o decorrer do tempo os sons vão-se alterando e com eles as palavras de que fazem parte; d'estas mesmas muitas perecem, sem deixarem descendencia umas, continuando outras a viver nalgum derivado; acontece até por vezes que, embora mortas para a língua comum, algumas persistem ainda em falas dialectais, em especial nas de logares mais reconditos e afastados do convívio social. Obedecendo à lei fatal da transformação, as proprias palavras que tiveram força para resistir à força destruidora do tempo, apresentam, passados seculos após o seu nascimento, aspecto que não era o da sua juventude, mas, como os seres vivos, por deformados que estejam, lá deixam ver sempre uns restos da primeira forma.

Isto que succede com qualquer língua, dá-se naturalmente tambem com a nossa que, apesar da sua não muito longa existência, já se afasta bastante daquela donde evoluciou, a latina, a qual, por sua vez, na fase em que serviu de instrumento aos produtos literarios, que estamos habituados a ler, divergia tanto do que fora em épocas passadas que os que agora a empregavam declaram ser-lhes a primitiva, se não de todo, quasi inteiramente incompreensivel. Por esta razão se vê quam necessaria se torna entre nós a publicação de um dicionario da língua arcaica, em que se achassem arquivados quantos vocabulos d'ela hoje são conhecidos, acompanhados da sua comprovação com exemplos. E a materia felizmente abunda, mercê dos estudiosos que teem vindo trazendo a lume muitas das obras literarias dos séculos XIII a

xv que, aqui ou lá fora, jaziam, quasi de todo esquecidas em arquivos ou bibliotecas. Depois que Santa Rosa de Viterbo publicou o seu *Elucidario* é que principalmente surgiu a louvavel ideia de fazer conhecidas essas obras, que vieram aumentar extraordinariamente o pecúlio que ele ali recolhera com amor de antiquário, embora nem sempre com apuro de scientista, que aliás não permitiam os conhecimentos filológicos do tempo. Verdade seja que nem tudo quanto possuímos escrito na antiga lingua se encontra publicado; cremos, porém, que não faltará quem, continuando o zelo dos que os precederam, vá a pouco e pouco desenterrando o que ainda resta ignorado. Mas o que existe é já mais que bastante para dar um belo volume; assim appareça quem meta ombros á empresa de reunir o que está disperso e prestará assim relevante serviço às letras patrias e em especial aos que se dedicam ao estudo da lingua, facilitando-lhes elementos que muito os auxiliam.

Pela minha parte com algum material tenho contribuido para esse futuro dicionário. Agora trago aqui mais o que se segue, e é o resultado da leitura do codice de que dei noticia e extrai os excerpts publicados a paginas 231 a 250 do vol. xxv d'esta *Revista*. Vocabulário e lingua são, como lá digo, os que estavam em uso em Portugal nos fins do século xiv ou principios do xv, pertencem, pois, à fase da lingua que chamamos arcaica, da qual conservam as características gramaticais e estilísticas que lhe são peculiares e conhecemos de outras obras do mesmo tempo.

J. J. NUNES.

A

a (= de): depois *a* pouco tempo, 14 ⁽¹⁾; desejo seer *a* servo de Deus, 13; (= com): *a* gram proveito de ssa alma, 112.
aacima (= finalmente): *aacima*... lhes dessens mortes maas e crueues, 219; *aacima* achouou jazer, 375.

⁽¹⁾ Os numeros que acompanham os exemplos referem-se à copia que do pergaminho foi tirada, e existe, como este, na Biblioteca Nacional; não respondo, porém, pela sua absoluta fidelidade, nem tam pouco asseguro que na transcrição do

- aadefora** (= fora, excepto): aquelo que nũa *aadefora* por outro homẽ aprenderá, 130; este sancto homẽ fez *aadefora*, 126.
- aamanhãa** (= de manhã): depois que se levantou *aamanhãa* achouse sãa, 115.
- aaoscima** (= por fim): aquella molher *aaoscima* cativou, 182.
- aas** (= asas): cf. *ameudi*.
- aazeo**: cf. *azeo* e *pouquetinho*.
- aazo** (= azo): pera nõ auer *aazo* pera fazer mal, 260.
- abrir**: imperativo: abri-a (a calça), 21.
- acá** (= cá): dade-mi *acá* o meniho, 91.
- acaecer** (= caber): casa que... mi *acaecen* de dereito de meu padre, 180; (= acontecer): *acaeceu* que hũa uegada, 80; (outro miragre)... *acaeceu* en nossos dias, 87; miragre que *acaeceu*, 88.
- acarrejar** (= acarretar): colheu odre a costas e começou a *acarrejar* da agua do rio Nilo.
- acender**: imperativo: acendi-o (coração) do teu sprito sancto, 31.
- acendimento** (= abrasamento): creceu a todos tã grande *acendimento* em seus corações do amor de Ihesu Christo, 98.
- acendudo**: part. de acender: viron hi preto estar hũa forno muito *acendudo* em que queriã cozer pã, 86; lampadas *acendudas*, 111.
- achar**: pret. perf.: *achô-a* (lampada) morta, 31; *achô-a* (lampada) que ardia muy bem, 32.
- achegar** (= adquirir): cousas que a maldade *achegou*; (= ajuntar: foi *achegada* hi mui gram companhia de gente, 9; (= receber (?): se muitos fossê os que veessem... todos *achegava* cõ gram lediça, 71.
- acoitar** (= dar-se pressa (?): porque me *acoito* pera cõtar outros fectos, 134; cf. *coitar*.
- aco** (= cf. *acá*): nõ leyxes *aco* entrar homẽ que no mũdo seja, 328.
- aculpar** (= culpar): *aculpei* o que hi culpa nõ avia, 189.
- adeantado** (= adiantado) s.: quando o *adeantado* esto ouvyo,

texto não tenha havido algum lapso; a sua publicação, que espero se não demorará, depois de conferida com o respectivo original por quem seja perito em paleografia, corrigirá alguma falta que porventura nela exista.

- 65; foi-se logo pera ante o *adeantado* hu estava julgando, 65.
- adeil** (= adail): eu, quando entrei aa premeira parte do hermo ouvi por *adeyl* huñ frade sesudo do logar, 19.
- ademais** (= em demasia): mui tristes *ademais*, 179.
- ader** (= acrescentar): *adeo* mais e disse, 175.
- adestrar** (= guiar, conduzir): nō pôde tornar a ssa pousada se nō per aqueles seus que o *adestraron*.
- adova** (= grillhões): e o outro (frade) foi preso e deitado en cadeas e en *adovas* e en huñ carcer escuro e fedorento, 14; pois poserō o *adove* antre ambos, 178.
- adur** (= difficilmente): tâtas serpentes que *adur* as poderia homen contar, 74; *adur* poderō gaanhar, 94.
- aduzer** (= trazer, conduzir): ela meesma mho veo *aduzer*, 112.
- aenvidos** (= contra vontade): o speritu lixoso... partia-se muy aenvidos (*ou* a envidos) daquel logar, 107.
- afaagar** (= afagar): começou *d'afaagar*; leixou sse *afaagar*, 100.
- affazimento** (= trato, conversação): guardava-se dela (mulher) bē come de ãmiiga nē er soffreu que ouvesse com ele nē hñu *affazimento*, 150.
- affeguntar** (= afugentar): pera me *affeguntar* dela (alface), 332; Bonifacio *affegūtou* do orto o burgo e a lagarta, 355.
- affeitadamente** (= affectuosamente): começou a falar cō ela (mulher) muyto *affeytadamente* e nō já come mōge, 182.
- afficadamente** (= com afínco, instantemente): rogava-o muito ameudi e muito *afficadamente*, 16, 111.
- afirmar** (= firmar, segurar): fez legar hñu cadea de ferro a seu pee e fezea *afirmar* muy bem de outra parte, 80.
- afondar** (= afundar): *affondei* muytas naves, 33.
- afortelegar** (= fortalecer): cf. *nēbro*.
- agalardoar** (= recompensar): pera lho *agalardoar*, 97.
- aginha** (= de pressa): acaba-se *muitaginha* (o pecado), 188.
- agro** (= campo): en outro dia foy [ao] *agro*; andando pelos *agros*, 77.
- aguardar** (= guardar): os homēs que os (castigos) *aguardarem*, 95; non sei se poderā seer *aguardados* nem compridos; todos (monges) *aguardavā* obedeença mais doutra ren, 103.
- aguisar-se** (= dispôr, succeder): aguisou-xi-mi assi, 105.
- ahuuhiar** (= uivar): partirō-se ende *ahuuhando* muyto, 246.

- al** (= outra cousa): os sanctos... nõ querẽ *al* se non aquelo que a Deus praz, 190; treguas se *al* nõ ataa manhã, 185; se *al* non = ao menos, 203.
- alá** (= lá): levô-o *ala*, 95; sempre *ala* hya, 244; ao ango que me *ala* levará, 276; carreira per que *ala* vaa, 276.
- alagoa** (= lagoa): decer cada dia a *alagoua*, 388; até alagoa.
- alamarar** (= tolerar (?): e pois nho a mi disserõ nõ pudi soffrer nõ *alamarar* tâ gram mal, 300.
- alcarrada** (= fabricas (?): outros que poẽ columnas e grandes penedos en sas *alcarradas* e en seos engenhos muytos que tõe ⁽¹⁾, 145.
- aleffante** (= elephantiasis): enfermidade que dizẽ *aleffante*, 17; enfermidade a que chamam *alefante*, 111: cf. *elefante*.
- alexar** (= buscar (?): hũa boa molher viuva andava *alexando* en pós nos, 200.
- alfaça** (= alface): vio hũa *alfaça* muy fremosa, 332; eu siia sobre aquella *alfaça*.
- algo** (= aver, riqueza): e mi fizerom (os cristãaos) muito *algo*, 106; mi fizerõ muyta mercee e muyto *algo*, 119.
- alimphar** (leia-se *alimpiar* = limpar): a molher que lavou os pees a nostro senhor com lagrimas e *alimphon-lhos*, 97; tu *alimpha* teu coraçõ, 53; pois *alimpha* teu coraçõ de toda dulta, 53; tu... *alimphas* os gaffos e alumeas os cegos, 365; *alimpha* teu coraçõ de tristeza, 56; a terra depois que a *alīpham*, 379.
- aló**: cf. alá: nõ podia *aló* ir, 236.
- alousinhador** (= lisongeiro): alguũs *alousinhadores* disserõ ao papa, 334; quando alguũs *alousinhadores* võe a eles, 334; o queixume que lhi fezerõ os clerigos *alousinhadores*, 335.
- alti** (= alto (adv.): o sol e a ave forõ muito *alti* pelo ceo, 42; começõu a sobir tâ *alti* que a non pudi veer, 68; teendo a espada muyt'*alti*, 128.
- altidoen** (leia-se *altidõe* = altura): *altidoen* das requezas da sabença, 4.
- aluzecer** (= amanhecer): hia já *aluzecendo*, 67; quando já queria *aluzecer* espertou-se o padre, 253; começõu-se de coy-tar por que nõ *aluzecia*, 312.

(1) A forma *alcarrada* existe ainda no povo, mas no sentido de *arrecada*, ãa mesma proveniente por metatese.

- alvazil** (= aguazil): correndo assi pelas ruas os *alvaziis*, 73.
- amaro** (= descontente (?): foron-se muyto *amaros* e muyto tristes, 157.
- ambos**: vio o bẽ auêturado sã Pedro estar *antrãbalas* can-deas, 154.
- amedorentado** (= amedrontado): ficarõ todos *amedorentados*, 162.
- amerger** (= abaixar): en sinal de reverença *amergeu* os olhos, 178; quando sse *amergeu* da ponte pera caer no rio, 180; e eu *amergi-me*, 37; *amergi* (imperativo) hora ta orelha en este logar espantoso, 37; *amerger* a cabeça, 100; eles *amergerõ* as cabeças, 174; como te *amergisti*, 183; *amergerõ* sas cabeças, 304; *amergeu-se* pera veer, 125.
- ameudi** (= amiude ou amiudo): fazia muito *ameudi* vento com sas aas, 42; ele esto dizia muito *ameudi*, 151; entrasse *ameudi* nos banhos, 187; quẽ quiser cuydar *ameudi*, 141; roga-o (Deus) *ameudi*, 53; estudava muito *ameudi*, 191; vynha a mim *ameudi*, 174; hya *ameudi* aa cidade, 60; começou a cuydar muyto *ameudi*, 253; soia a ir muito *ameudi*, 298; el esto dizendo muito *ameudi*, 67; tã *ameudi* regaua aquel orto que per força dagua daua grossura a arêa e naciã hi as uerças verdes, 99; muyto *ameudi*, 14; como soya a fazer *ameudi*, 29.
- amoorar** (= esconder): *amoorava* a ssa face pera sa asconder deles no seo de seu padre.
- andar**: gram viço... per que ante *andasti*, 38.
- ango** (= anjo): (fogo) que he aparelhado ao principe da sober-vha e a todolos seus *angos*, 174; come os *angos*, 144.
- animalha** (= animal): os homêese as *animalhas* morriam todas, 18; matavam as *animalhas*, 19; hãus homês maaos torna-rõna en esta *animalha*, 74; Deus quis que (o homẽ) fosse senhor de todalas cousas... come das *animalhas*, 95; *animalhas* sera siso, 111; dá (Ihesu Christo) seu entendi-mento aas *animalhas*, 100; vestido das peles das *anima-lhas*, 376.
- anteparança** (= apparencia ou cousa que aparece): estas sã as *anteparanças* do êmiigo ca nõ verdade de natura, 75; e des que a o sancto homẽ untou dũo olyo bẽeto desfeze-sse aquella *anteparança*, 75.
- antifaa** (= antifona): e ele meesmo cantou hũa *antifaa*, 179.
- antre** (= entre): *antre* todolos outros miragres, 76.
- antrevigiado** (= desperto, alerta): sei *antrevigiado*, 46.

- apagar** (= aplacar): como sse pode homê *apagar*... quando for sanhudo, 170; bôa razô cõ que o *apagou*, 182.
- apascar** (= pascer): andava no monte *apascando*, 205 ou
- apasquar**: que *apasquê* cõ moor aguça sas ovelhas, 280; logares em que as (ovelhas) *apasquava*, 72; cf. *apascoar* em Moraes.
- apaul** (= paul): trouvessê da lenha d'uum apaul que hí estava, 172.
- apoer** (= atribuir): disse-lhe que *aposesse* este mal (estar pre-nhe) a Antioco, 60; morte d'ũu homem que lhi *apaynha*, 202; cf. *posfaçar*.
- após** (= em comparação de): todas as requezas do seu bispado nõ erã nemigalha *apos* as requezas que a ele ficaram, 132.
- apolos** (= apos os): homês que vã *apolos* deleytos do mũdo, 140.
- apostoligo** (= apostolico ou papa): D. Lourenço que el elegera por *apostoligo*.
- apremmer** (= comprimir, apertar): as olivas... jaziã *apremudas* pelo peso, 124.
- apreso** (= preso): tiroulhe o pee do paaõ da sebe a que estava *apreso*, 328.
- apretar** (= apertar): *aprelô-a* (a sogã) mui bem em si, 13.
- aproezar** ⁽¹⁾ (= aproveitar): crece e *aproeza* a semête, 379.
- aque** (= eis aqui): *aque* vos o ãmliigo, 4; *aque* que prometeu que fãria estas tres cousas, 25; *aque* nos apareceu, 3; *aque* vos aqui este meniho, 13; *aque* te sãa, 113; *aque* a luz de nostro senhor, 114; indo assi *aque* vê hũa muy grande leoa, 101.
- aquelo** (= aquilo): e pois ela foy certa daquelo que lhi disseron, 98.
- aqueste** (= este): *aqueste* monge, 99; *aqueste* don Stevã, 99; *naqueste* mũdo, 100.
- arcediagoo** (= arcediagoo): chamou o seu *arcediagoo*, 162.
- archimãdrite** (= archimandrita): Sã Timoteo *archimãdrite*, 12.
- arêa** (= areia): os meus pecados son per conto mais que as arêas do mar e chus pesados, 2.
- argulhecer** (= orgulhar-se): teve que avia feita mui gram cousa e *argulheceu* ende, 97.

(1) No Algarve, falando duma planta que se dá bem no terreno, diz-se *prozar*.

- argulho** (= orgulho): crescer-ti de teu *argulho* dano, 62.
- arião** (= ariano): ca era da seyta dos *ariãos*, 130.
- arismetica** (= aritmética): a quarta he a *arismetica* que fala dos contos en geral, 371.
- arraigar** (= arrancar, derribar): ata que el *arrayjasse* aquel penedo, 80.
- arravatadamente**: dar morte *arravatadamente*, 293; ueerô os Lonbardos a ele *arravatadamête*: cf. arrevatadamente.
- arrecudir** (= sair): cf. recudir: o fedor que *arrecudia*, 276.
- arreferimento** (= censura (?): soffrer o *arreferimento* de mha madre, 263.
- arreffeentar** (= arrefecer, refrescar): ave... *arreffeentava* o aar e temperava-o de gram caentura, 42; pera mi *arreffeentar* a mha lengua.
- arrevatadamente** (= de repente): enfermidade que lhe veera *arrevatadamente*, 164.
- arrigar** (= arrancar): arvor que nũa apodrece... nõ foi *arrigada*, 120; aaqueste semelhou que lhi *arrigavã* a alma do fundo dos pees, 176; semelhava-me que mi *arrigavã* o espiritu do corpo, 116; hũas (hervas) achava meos e as outras achava trilhadas dos pees e as outras *arrigadas*, 327.
- arrincar** (= arrancar): veo con gram poder de gête pera *arrincar* aquel penedo, 80.
- arrizado** (= robusto, rijo): veo a mi hũu crerigo grande e *arrizado*, 111.
- arrunhar** (= cair): se algũu servo de Deus caer ou *arrunhar* em ela (maa cobiça), 54.
- arruinar** (= arruinar): a agua dũu rio... creceu tanto que sayu de sa madre e *arruynhou* as casas, 127.
- artigoo** (= artigo): quise alumeiar o *artigoo* da resurreiçõ, 303.
- asconder** (= esconder): tu *asconditi*, 17; juiz a que sse ren nõ *asconde*, 74; em que (homem) ha cousas *ascondudas*, 62.
- ascondudamente** (= ocultamente): comia *ascondudamente*, 186; miragre muí grande que foy fecto *ascondudamente*, 80.
- ascondudo** (= escondido): juyzo *ascondudo* do juyz a que rē nõ he *ascondudo*, 181; el (o ffilho de Deus) non verrã *ascondudo*, 58; alma que jazia *asconduda*, 83; averes... que jaziã *ascondudos*, 230.
- ascuitar** (= escutar): mais *ascuitade*... e dizer-vos-ei hũu miragre, 40; *ascuitade* e dizer-vo-lo-ei, 23; e quando *ascuitei*, 8; *ascoita* hora bem o que li direi, 11; pois *ascuita*,

49; *ascuita* o sseptimo mandado, 50; *ascuita* o oitavo mandado de conteeca, 50; ora *ascuita* as cousas onde te non debes a soffrer, 52; huū frade... *ascuitava*... o que liia, 95.

asperança (=esperança): tolhisti-mi... mha grande *asperança*, 3; mha *asperança* ha coffonduda de raiz, 4; confortava os corações fracos por bõa *asperança*, 68; por ende nõ ey eu *asperança* de saude em mhas requizas, 67; nõ foy per sa força mas per boa ffé e per boa *asperança*, 96; aquel en que ela (Judit) avia sa ffé e toda sa *asperança*, 96; pero *asperança* d'obedeença o fazia pesserer, 104; aqueles que an *asperança* en el (Deus), 363.

asperar (=esperar): *asperamos* pela fé, 145; parayso que nós *asperamos* pela fé, 144; os que *asperam* dele (Deus), 108; cf. *nostro*.

asptar (=despertar): atêdeu ata que se *asptasse*, 253.

aspridõe (=aspereza): e pola *aspridõe* da sogua secou-xi-lhi o corpo, 14.

assaborado (=com sabor, gosto): nõ hũu odor sentirõ nõ de que ficassem tã confortados nõ tã *assaborados*, 170.

asseentar (=assentar): e *asseentou-se* a julgar, 58; e assi sse *asseēturon* a comer e britarõ o pã celestial, 98; depois que... os juizes se *asseentaron*, 145; *asseentó-o* cabo de si, 34; *asseētaron-se* como era de costume, 157; quando nos *asseēlamos* a comer, 194; *asseēta-te* en ta cela, 251; *asseētou-se* cõ seu discipulo, 253; *asseentou-sse* cabo do morto, 365.

assessegado (=sossegado): ssa mête muito *assessegada*, 380.

assessegadamente (=sossegadamente): iaziã todos dormido muyto *assessegadamente*, 127.

assessegat (=sossegar): pera *assessega-los* que nõ queyra, 140; o meu cuydar nõ me leixa hũa hora *assessegat*, 250; vay ja homẽ folgãdo e *assessegãdo*, 378; hũu seu mõe nõ podia *assessegat*, 16; estevesse *assessegado*, 111; monjẽ que nõ podia aver sa mête *assessegada*, 102, 386.

assesego (=sossêgo): sê *assesego* nõ hũu, 184.

asseviar (=assobiar): *asseviando* como serpe, 118.

assi (=assim): *assi* parece, 88.

assiinar (=marcar): *assiinano* (o pão) cõ hũu madeiro, 367.

asso (=sô): vi o sol nacer juso *asso* (ou a sso) nos, 42.

assuar (=reunir): o poboo... hi era *assuado*, 65.

astadihas (= leito, estrado (?): jazia en *astadihas*, 247; como se iouvesse nas *astadinhas*, 253; cf. *estadiha*.

asteença (= abstinência): tã grande *asteença* fez, 40; este sancto homê era... de grande *asteença*, 35; en sa *asteença*, 61; este Evagrio era de tam grande *asteença*, 72; el... fazia grande *asteença*, 73; vida de gram marteiro e de grande *asteença*, 104; deu-lhi sas deciprinas e sa *asteença* grande que tevesse, 125: jouve hi tres dias e tres noytes en muyta *asteença*, 144; atormentando seu corpo per muita *asteença*, 277; fez muy grande *asteença*, 317; sse salvaria per *asteença*, 349.

astragar (= derribar, destruir (?): deron muitas graças a Deus por que lhis *astragara* todos os seus enmiigos.

astrago (= chão, solo): deitou-sse no *astrago* ant[e] seus pees, 70; deitou-sse logo no *astrago* e feriu hi muito de ssa cabeça, 67.

atanto (= tanto): *atãto* lhi dava cada hũu dos outros, 250.

atêe (= até): *atêe* que os frades façam sa oraçon, 56; estava hi *atêe* na manhã, 241.

atêes, cf. *atêe*: veo *atêes* as portas da cidade, 137; *atêes* aqueles tẽpos que os lonbardos veerõ, 77; levando-o en sa mão veo *atêes* o adro 161.

ãtemorço (= tremorço): hũa ãtemorçada d'ãtemorços, 241.

atrevadamente (= atrevidamente): contar depois mais *atrevadamente* os bẽes, 116.

atrevudo (= atrevido): mancebo grande e muyto *atrevudo*, 156.

avangelho (= evangelho): ordẽ... d'*avangelho*, 3.

avondamento (= abundância): o dia de cras averedes *avondamento*, 9.

avondança (= abundância): aquela mẽgua se tornaria en *avondança*, 9.

auuhio (= uivo): deu hũu *auuhio* muyto espãtoso, 182; cf. *ahuuhiar*.

aveir (= acontecer): muitas vezes ti *averrã*, 55; contasse todo esto como *aveera*, 2; *aveo* que hũu dia, 10; descobrio-lhes quanto lhi *aveera*, 62.

aver (= haver): ouvy delas (ovelhas) muy gram doo e dixi, 307; prazeres que *ouvy*, 194; *ouvi* aqueste cuydado, 44; *ouvi* tam gram pavor, 41; *ouvi* sabor de veer todo o mundo, 42; e pois que esto *ouvi* catado hũa gram peça, 48; *ouvi* d'enfermar, 40; que pesares *ouvisti*?, 43; huũ marteiro *ahy* (= a hy, cf. pop. hai) ascondudo e o outro

aberto e conhecido, 101; digo-vos de mi que *ouvy* eu muy gram sabor, 66; *ouvi* mui gram pavor, 114; tanto *ouvi* gram coita que me espretei, 112; trabalho que nã *ouvi*, 177; to soo es o que *ouvesti* os olhos abertos, 342; fe que *ouvisti*, 17; *avy* (imperativo) simplicidade; *avy* largueza de coração, 48; *avi* fe e temor de nostro senhor; *avi* lediça, 56; *avi* temor de Deus e *avi* fe... probeza; *avi* gram forteleza, 54; *avi* com Deus toda ta fé, 53; *avi* sempre renem-brança, 57; gloria e louvor *avi* tu todo sempre, 235.

aversairo (=adversário): muito mal que lhi demandava hũu seu *aversario*, 18, 111.

aveziboo (= bondoso): e o rey *aveziboo* catolico e servo de Deus, 159; por isso te rogo mõe *aveziboo*, 203.

aviir (cf. aveir): muitas vezes lhi *aviinha* que... filhava maas (hervas) e poçoentas, 102; hũa gram maravilha que a ele *aveo*, 95.

avisso (= abismo): eu *avisso* de perdiçon, 70; (esfadoyro) que semelhava que se hya em *avissos*, 348.

avito (= hábito): tomou *avito* de religiosa, 91; nunca tomaria o *avito* da ordẽ, 184.

avol (= vil, mau): costumes muito *avoles* e mui raaffeces, 161; despreção muito polo avito vil e *avol* que tragia, 336.

avoleza: cf. *çujaaes*.

avondadamente (= abundantemente): viver *avondadamente*, 262; aqueles que guisavam estes comeres muy *avondadamente*, 12; os pobres aviã tã *avondadamente* come os ricos, 141.

avorreçudo (= aborrecido): logar... muyto *avorreçudo*, 37.

avorrecer (= aborrecer): o fumo... era... *avorrecer*, 38.

avorrido (= aborrecido): ymagẽ negra e muyto *avorrida*, 185; vestidura *avorrida*, 192.

az (= exercito): comẽ na lide hu a *az* esta contra outra, 90.

azeo (= cacho): colheo aqueles poucos *d'azeos* d'uvas, 351.

B

bagoo (= bordão, baculo): tiinha (o pegureiro) hũu *bagoo* na mão d'ouro e nooso; tomou o *bagoo* do prelado, 161; tragia hum *bagoo*, 304.

barva (= barba): beijava-lhe a cabeça e a *barva*, 21.

bêe (= bem): contando os *bêes*, 366.

- beençom** (= benção): pera lhi dar a ssa *bêeçõ*, 353; pode enviar *bêeçon*, 229.
- beento** (= bento): *beento* he aquel que sa alma guarda, 107; quen estas cousas guardar... *beẽto* será, 52.
- beenzer** (= benzer, louvar): *beenzeron* deus, 114, *beenzessem* a maravilha de nostro senhor, 20; todos *beenzessem* Deus, 15; naquel que dele (Abrahão) saysse *bêezeria*, 349; pediu-lhe... que o *bêezesse*, 126; senhor levanta-te e *bêezi* o poboo que ja gram peça ha que asperam ta *bêeçõ*; ante que *bêezessẽ* a mesa, 353; *bêezeu* hũu vermen sobelo altar que pendorou por sinal no agro, 117; cf. *dizer*.
- beruho** (= ganho (?): e esto que te acaeceu foi pola nave que avias de maa *beruho*, 225.
- bescho** (= bicho): todos aqueles *beschos*... partirõ-se do orto, 356.
- bestos**: cf. *bescho*: aqueles *bestos* que o (orto) comiam, 356.
- bevedice** (= bebedice): ca o muito comer ou beber ou sobigidade e *bevedice*, 49; guarda-te de *bevedice*, 51.
- bevedo** (= bóbado): ca o fez seer gram *bevedo* e gram ladrom, 125; aaqueste *bevedo* me trouvestes, 205.
- bever** (= beber): *bevy* (imper.) desta agua, 36; *bevi* tu primeiro, 118; mandou-me dar de comer e de *bever*, 122; e pois que a (agua) ouve *bevuda*, 36; nunca comeu nem *beveu*, 12; como o homem fedorento ⁽¹⁾ no tempo da gram calma deseja a *bever*, 154; viho que avia de *bever*, 380; *beveu-me* todo o spiritu, 186.
- bispado** (= tempo em que se governa como bispo): logo no começo do seu *bispado*, 142.
- bõo, bõa** (= bom, boa): o homem *boo* lhi disse; e o homem *boo*, 12; e pois que todas estas cousas o homem *boo* ouve ditas, id.; lugar mui *boo*, 9; Romãa, aquela cristãa *bõa*, 3; os (frades) enviou cõ *bõa* esperança, 388.
- bonço** (= especie de medida (?): achava a adega do vinho aberta e enchia ende seus *bonços*, 126.
- borralha** (= borralho): sobrelo pã que jazia so a *borralha*, 369.
- braadar** (= bradar): *bradey* eu por ele, 313; começarõ a *braadar*, 182; alçou ele muytagiha a voz e *braadou*, 179; andãdo *braadãdo* por ele os franceses enpeçavã ã ele, 323;

(1) Talvez antes: *sedorento*.

braadava e *dezia*, 354; começou a *braadar*, 24; avendo gram pavor *braadou*, 74.

braado (=brado): deu hũu gram *braado* com gram gimido, 139; el respondeu com grandes *braados*, 185; a seus *braados* veo o bispo, 354.

britar (=quebrar): pera *britar* as portas da eigreja, 106.

bucegear (=bocejar): e *bucegeou* e abrio os olhos, 83.

bullá (=burla): aver mal ganhado con *bullá*, 282.

burgo (= verme roedor (?): achô-o (orto) todo coberto de *burgo* e de pulgon e de lagarta, 356: cf. *affeguntar*.

C

ca (= do que): melhores *ca* el, 3; mais (praz mi) *ca* ficar, 38; ha (o servo de Deus) maior graça com Deus *ca* tu, 15; a vertude da pazeença he melhor *ca* vertudes de fazer mi-ragres, 326; nõ son de meor merecimêto *ca* aqueles que os (miragres) fazem, 369; nêhũas outras graças non som melhores... *ca* estas, 52; nõ ha mais o homê na morte *ca* as outras bestas, 144; ante queria a madre de deus *ca* sas dez libras, 240; muyto lhis era melhor de morrerê *ca* de servirem tal senhor, 129; sabi (imper.) que largueza de coraçõ he mais doce *ca* mel, 47.

ca (= que): disse *ca* mereciam os moços muitas feridas, 18; entenda *ca* he mui guisado logar pera fazer homê hi serviço a nostro senhor, 111; podia todo homê bẽ entender *ca* erã sergentes do inferno, 139.

cã? (= tam): ficar en *cã* pequenininho logar, 39.

cabo (= junto): hũu seu discipulo esteve *cabo* del hũa gram peça, 21; nõ podia nêgũu *cabo* del seer, 14; aqui morava *cabo* de nos hũu çapateyro, 182; hũa cela que estava *cabo* da porta, 29; avia hũa morada de tempo velho *cabo* da carreira, 23; cidade a *cabo* de que estava o seu moesteiro, 76; e eu estando *cabo* de ssa cela orei hi Deus, 8.

cabo (= fim): a *cabo* de muy gram tempo, 187; o marteyro e a pea dos maaos nõ ha d'aver *cabo*, 188; de *cabo* meter mia alma en seus (do diabo) laços, 100; (= vez): servi-lo cada huũ per seu *cabo*, 165.

cada que (=sempre que): *cada que* ao banho viinha, 298; *cada que* fosse mester, 104; e *cada que* avia d'ir a algũu

- logar, 394; *cada que* ouvesse vagar, 365; o maior *cada que* abria sa boca, 174; *cada que* mester fazer, 143.
- caeda** (= caída, queda): e da *caeda* feriu-sse, 28; da *caeda* que morresse maa morte, 150.
- caentura** (= calor): a *caentura* maa da carne vay escaecendo, 377; *caentura* que nos nō empeesca no estio, 165; no hermo suavã totalas cousas per força de *caentura*, 99; o forno perdeu toda sa *caentura*, 215; toda a *caentura* do fogo fugiu, 104; a *caentura* maa da carne vay ia mēguãdo, 378; grandes *caenturas*, 187; cf. *arrefeentar*.
- caer** (= cair): pecado en que *caestes*, 170; que gaança avemos feita que desenparamos a ordi dos angos e ora fomos *caudos* no lixo do mundo, 43; seus livros *caerō* na agua, 76; erro .. en que lhi *caera*, 178; furto en que *caera*, 94; *caeu* en ela hũa tâ grande fevre, 159; *caeu* logo muito agiha, 1.
- çaga (a)** (= atrás): e muyto tornamos a *çaga* e caemos do estado, 75; se me tornar a *çaga* terrã o êmiigo, 315.
- calez** (= calix): tornou hũu *calez*, 346.
- cam** (= câo): nō queirades onrrar huum *cam* podre, 16; (= quam): faças entender *cam* gram poderio he o da eigreja, 332.
- canada** (= especie de balde (?)): e eles juntarona cona corda e legarō a *canada* na corda e tiravã assi a agua de cada dia, 80.
- cāpaa** (= campa, sineta): tragia sas *cāpaas*, 353.
- canbito** (= gancho de pau): huũ gadanho de fogo cō tres *canbitos* mui grandes, 211.
- cantea** (= quantia): homē pode saber as *canteas* e os espaços, 372.
- cao** (= fundo): poço en que nō avia *cao*, 279; poço a que nō podiã achar *caao*, 276.
- carcer**: meterono en *carcer*, 309.
- çarrada** (= fechada): a porta da cidade estava *çarrada*, 137.
- çarrom** (= saco pequeno (?)): dei-lhis hũa segur e hũu *çarrom*, 172.
- carrejar**: hũu asno .. en que nos *carrejavã* o que aviamos mester, 118; vid. *acarrejar*.
- castigo** (= conselho): hũu livro de *castigos* que lhi dera o bispo... Estes *castigos* son maravilhosos, 55; todo homē pode guardar e fazer estes *castigos* duros e asperos, 91.
- catar** (= observar, olhar): nō *cataredes* pelos aguoyros nē pelos

sonhos, 193; mulheres que se pintam e se *catam* nos espelhos, 66.

cativo (= infeliz, desgraçada): esta vida *cativa* e que não pode muyto durar, 178.

cava (= cova): pois fezerò hua *cava* no penedo, 388.

ceenço (= silencio): hu deviamos a teer o *ceenço* quebrantava-o el, 108.

ceguidade (= cegueira: passou quarenta anos en sa *ceguidade*, 149; pola *ceguidade* do seu coração que avia, 387; a *ceguidade* e a escuridade da mête e o fedor en que jazê chantados.

celiço (= cilicio): vestiu hũa saia e hũu muito aspero *celiço*; regou de lagrimas o *celiço* onde era vestido, 66.

cercear (= fazer coroa): E... fez (o bispo) o meniho *cercear* e offereceu pera todo sempre pera servir a nostro senhor... assi como foi offereçudo Samuel, 193.

certão, certão, certãa (= certo, certa): de totalas cousas en que duvydava soon *certão* per aquelo que mi dissesti, 184; tã *certão* e tã verdeyro juyzo, 101; estes (hermítas) nunca moravã en *certão* logar en tal que os homês os nã fossê veer 101; parece cousa *certãa*, 186.

certidoen (= certeza): nã hũu homen nã pode auer *certidoen*, 268; e sen outra *certiidõe*, 317.

chãamente (= chãmente): conselham-te *chãamente* que temas as obras do ãmiigo e fuge delas, 50; sei eu esto *chãamente* e nã duvido nemigalha, 370.

chãao (= chão): vi as cidades e os *chãaos* e os montes, 42.

chamar (= invocar): eu *chamei* nostro senhor, 107.

changer (= prantear): os moradores daquela terra .. *changiam* e choravam, 22.

chanto (= pranto): faz por el gram *chanto*, 368; fazendo *chanto* sobrel, 176; tantos *chantos* fazem, 117.

che (= te): vim hora dizer-*cho*, 33; non *cha* (filha) poderia dar a meos de preguntar meus deos, 24; mostrar-*ch'ei* ta madre, 193; este ango .. falar-*ch-á* de justiça, 49; venho *cho* dizer, 33-34; escolhi tu hũa morte qual quiseses e dar-*cha*-emos, 127; nunca *cha* darei, 149; dar-*ch'ei* etas vestidura .. e todo *cho* comprirei, 238; ali (Athenas) *cha* (sabença) ensinarã, 179; amostrar-*ch'ei* outra cousa, 175; mostrar-*chas*-ei (as obras), 175; como *cha* (a visom) mostra; *cha* (algũa cousa) leixou (Deus) de dar, 53; dar-*ch'a* (misericordia), 57; e se *ch'o* non disserẽ, 295; aquelas cou-

- sas contarch'as* ey, 317; pero *contarch'ey* eu, Pedro, hũus poucos de miragres, 320; como eu ey *leceña* de preegar *direi-ch'o* eu, 332; estes meniños nō *chos* daremos, 360; se *leceña* tomasti pera me morder non *cho* defendo eu, 78.
- chegar** (= alcançar (?): e quando *chegavã* todas as cousas que *lhis* era mester, 7.
- chus** (= mais): non ousei *chus* catar, 41; logares *chus* asperos, 40; *chus* nō se moveu, 19; o que *chus* pouco gaanha, 63; *lhis* semelha o nome *chus* fremoso, 77; *chus* negro capez, 114; cf. *arêa*.
- chuvha** (= chuva): fazia tã grandes *chuchas*, 77; quedou logo a *chuvha*, 78; avia *chuchas*, 105; dava (Deus) tanta *chuvha*, 165; nã outra *chuvha* do ceu nō aviã, 228; molhados desta *chuvha* que faz, 232; pela *chuvha* e pelo sol, 379; per maneyra de *chuvha*, 183; tã gram *chuvha*, 27; quando fazia as *chuchas* muy grandes, 120.
- ciente** (= assinto): mais algũas cousas que sei del leixo-as a *ciente*, 115.
- ciĩsa**: tornando-sse en poo e *ciĩsa* per aquel fogo, 172; (o pã) cuberto de brasas e de *ciĩsa*, 367; jazendo en essa terra coberto de *ciĩsa*, 135.
- cima** (= fim): pola *cima* que lhes vimos fazer, 104; e aa *cima* gaanharō de nostro senhor, 94; se podessẽ (os maaos homẽs) viver sã *cima*, 189; bẽes que nũca averam *cima*, 100; pecar sem *cima* e pera todo sempre; porque *cima* os (pecadores) atormenta pera sempre, 189; nũca podẽ (os pecadores) vijr a atal *cima* que façã emenda, 189; atormentar sem *cima* pera todo sempre jamais, 188; disse en *cima* deste livro, 140.
- cinger** (= cingir): tomou a sso gua... e *cingeu-sse* dela e apretoã-a muĩ ben en si, 13; *cigerõ-sse* e esteverõ cõ as mãaos estendudas ao ceu con seenço, 173.
- cinque** (= cinco): em *cinque* dias ouve hũa fevre 192; huũ lugar que era da cidade *cinque* milheiros, 23; está alonçada da cidade de Merida *cinque* milhas, 126; *cinque* pães, 136; *cinque* sentidos, 9; lidei per *cinque* anos no meu coração, 167.
- cintaz** (= cinto (?): começarõ-se a desatar os *citazes* das calças, 90; os *citazes* ficavã pela moor parte desatados, 90.
- cirgo** (= sirgo ou seda): vestiduras de *cirgo*, 143.
- citola** (= cítara): o propheta David con sa *citola*, 212; tangia sa *citola*, 280.

clastra (= claustro): huũ logar da clastra, 26.

coa (= cauda): e el (leon) con sa *coa* tẽ-mi, 186.

cobiũa (= cobiça): el cõ *cobiũa* do aver 202; tem que he en ti ou *cobiũa* de maaos feitos ou de sobejo comer e beber, 49; maa *cobiũa*, 57; garda-te de maa *cobiũa* e de sentença e de baralha, 52; ora entendi (imper.): a *cobiũa* mata os servos de Deus, 54; tolhe de ti toda *cobiũa*, 56.

cobiũar (= cobiçar): Deus de mercee, de misericordia que *cobiũas* salvar os gentiis, 30; e non *cobiũa*, 11; e sse per ventura *cobiũares*, algũa cousa, 53; o que *cobiũou*, 28; *cobiũoso*, cf. *fornigador*.

cocodrilo (= crocodilo): rio en que avia muytos *cocodrilos*, 212.

coffogon (= confusão): non metamos mentes nas *coffogões* de nõssas almas, 66.

cofonder (= confundir): non pode seer que non *cofonda* todo, 47; sas obras (do ango maa) son mui maas e *cofondem* a alma, 50; e pois o ouver *cofondudo*, 54; o ãmiigo. *coffonde* os servos de Deus, 53; partio-sse de mĩ o ãmiigo *cofundudo*, 107; *coffonderá* os seus ãmiigos, 146; ora soo eu *cofundudo*, 266.

coidar (= cuidar): nem *coidava* nẽ hũu nẽ lhi empeecia, 165.

coiraça (= couraça (?)): mui ledo e sẽ tresteza mãdou sacar os livros das *coiraças*, 70.

coita (= dor, aflição): cõ gram *coyla* que avia suava, 185; cõ gram *coita* e cõ gram temor, 186; pois que soffreu muyta *coita* en seu corpo, 185; soffre... ainda tormenta e *coita*, 172; maravilhou-sse o sancto homẽ da *coita* que soffria, 75; vida amara en que sempre ha d'aver *coita*, 143.

coitar (= afligir): non *coites* teus dividores, 52; ai homen de mole coraçom... como te *coitas* e dultas na gram grolia de Jhesu Christo, 95; *coitavano* as coydações polos filhos, 214; o servo de Deus... os *coytava* pera lhi encherẽ o odre d'azeyte, 124; *coytavã-me* as cuydações que fosse andar pelo hermo, 167; começou-se a *coytar* e a cuydar como os pobres se nõ partissẽ del sẽ algũa esmolna, 354; porque me *coita* pera cõtãr vidas doutros padres, 115; *coitava-o* que fugisse, 127: cf. *aluzecer*.

coixa (= côxa): tiravãno pelas *coixas* a ffundo, 180; naceu-lhi hũa chaga na *coixa*, 17.

colbe (= golpe): pera lhi dar mayor *colbe*, 128; tal ferida lhi desse cõ sa espada ao premeiro *colbe*, 156.

come (= como): Messias que tanto quer dizer *come* enviado, 97; água que hi estava *come* muro; *come* no que, 88; obra *come*, 89.

começar: *começasti* a falar, 10.

comendar-se (= encomendar-se): *comêdou* se a deus e aas orações do sancto abade, 317.

comer: *comhiamos* do azeite e bevamos do vinho, 3; rogo-vos que *comhades* algũa cousa, 76; eles vos darã do pã que *comhades*, 172; levãtade-vos e *comhamos*, 173; cada hũu *comha* bẽ e beva bẽ, 141; soo ja dado a huũ leon que me *comha*, 186; me *comham*, 182; dade-lhe que *comha* e que beva, 354; pã que *comiia* 374; levãtate e *comhamos*, 375; faz mester que *comhades*, 124.

comeyos (= comenos): ẽ este *comeyos* veo a festa da pasqua, 110.

como: *como* quer que (= ainda que) depois vivesse per muytos anos, 181; *como* quer que homẽ nõ receba mal, 101; *como* quer que vivessem en paz, 102: cf. *come* e *conhocer*.

companha (= companhia): aquel que soia a cuidar nas *companhas* dos angos que el vira, 85.

compartir (= partir, dividir): tragẽ os seus corações *compartidos* em muytos fectos, 334.

compridamente (= completamente): dizendo sas horas muy bẽ e muy *cõpridamente*, 93.

comprir (= completar): *compriron* sa oraçon, 82.

comun (= comum): claridade *comũ*, 178.

condanamento (= condenação): a sentença do *condanamento*, 191.

condanar (= condenar): Deus que per sa justiça *condanou*; como he *cõdanada*... a heresia, 114; *condanava* todos aqueles que eram ereges, 155; julgalo e *condanalo*, 241.

conduito (= conduto): quantos... que nõ gustarõ azeyte en seu *cõduyto*, 252; azeite pera seus *cõduyts*, 20; fez levar o *conduito*, 123.

confogon (= confusão): a gram *confogou* da erezia d'Arrio, 106: cf. *coffogon*.

congradoar (= tirar proveito): 289.

conhocença (= conhecimento): depois que ouve *conhocença* de Jhesu Christo.

conhocente (= conhecido): de nẽ hũu parẽte nẽ de nẽ hũu *conhocente*, 199.

conhocer (= conhecer): *conhosco* padre; tu *conhoces* a vida

da alma; como quer que eu o nō *conhosca* per carā, 240; por seerem *conhoçudos* os seus (de Deus) galardões, 35; ela nō xi mi quis fazer *conhocer*; e eu nō na podia *conhocer*, 8; ora *conhoces* bem quanto mal vem ao que non ha largueza de coraçom, 48; *conhosco* padre e confesso, 145; baron muito onrrado que tu bē *conhocisti*, 150; ora as (obras do ango maa) às *conhoçudas*, 50; quando ha de morrer *conhoce* sa morte e dize-o a todos los frades e espe-de-se deles, 63; *conhoceu* que aquel homen boo era morto, 61; quando veo a sazom que sa maldade seria *conhoçuda* castigô-a o clerigo, 60; *conhocerô* que era pã celestial, 18; rogo-te que mi digas se ante aqueles homēs todos de que mi ata hora falasti *conhocisti* algũu quando era acá nosco no mundo, 123; Ffiz que chamavã curvo que tu Pedro bē *conhocisti*, 327; se o alguē nō *conhocesse* terria-se por despreçado, 334; tu bē *conhocisti*, 343; ora *conhosco*, 370; aqueles que a (vida) *conhocē*, 375; (os profetas) *conhoscen-se*, 10; menho que... ben *conhocisti*, 7.

conhocimento (= conhecimento): deste *conhocimento*, 177; mais an sabença e *conhocimento* cōprido; en *conhocer* Jhesu Christo compridamente ha homem *conhocimento*, 85; theologia per que homē ha *conhocimento* de Deus, 166.

conhoçudo, pt. de *conhocer*: per desviados logares e nō *conhoçudos*, 79; (razô) tã aberta e tã *conhoçuda*, 76.

cono, cona (= com o, com a): morren *conos* corpos; poderiã cōviir *conos* seus (eustumes), 329; as almas nō morrē *con nos* corpos, 134; dava *cona* cabeça nas nuvees, 114; *cona* espada nua, 128; morre o sprito da besta *cona* carne, 144.

conselhar (= aconselhar): quando *conselhou* o mãcebo, 141; *conselha* a cada hũu homē, 142.

consentir: *consento* padre no que dizes. 74; *consento* padre e outorgo o que dizes, 167.

consiirar (= considerar): *consiira* (imper.) o espantoso juizo, 126; se *cōsijares*, 73.

constrenger (= constranger): outra vegada o *cōstrēgeu* seu cuydo, 253; boa cousa he de *constranger* homē seu coraçon, 254; pera *cōstrēgerem-se* dos pecados; nō *constrenges*, 188; o godo per vertude de deus *constrējudo*, 359; per que o *constrēgia* muito, 16, 111.

consumir: a obra .. *consume*, 272.

consumm (= juntamente): dous companheiros lavrarom huũ

gram campo de *consum*, 20; disseron-lhi que aquelo que de *consum* gaanharom, 20.

contar: pois me tu *contasti* padre tâ gram miragre, 341.

conteença (= continencia): falava da *conteença* da alma, 10, 11; mandado da *conteença*, 50; sabi (imper.) que toda *conteença* he dobre, 51; foi boo frade en toda *conteença* e en choro e en gimidos comprio hi tres anos, 92.

contorvar (= turvar): a tresteza *contorva* o sprito boo, 55; *contorva* o sancto sprito, 56.

contrelito (= tolhido): huũ leigo... era *contrelito* dos braços, 117.

convenhavelmente (= convenientemente): como quer que os homês *convenhavelmente* contem, 320.

converter: e pois que foi *convertuda*, 10; depois que foy *convertudo*, 84.

convir: senhor *convinha-me*... ficar sê magoa nêhũa, 44; nos *cõverria* a leixar as sanctas vidas, 99.

çopo (= côxo): hũa molher .. era *çopa* e cega, 290.

coovra (= cobra): en aquella agua jazia hũa *coovra* pequena, 18; aquel andava depolos escorphões e depos as bestas cornudas que chamã cerastes e depolas *coovras* que erã aly muitas, 71; feri-o hũa *coovra*, 117.

coraçon (= intento): por todo esto nõ se moveu aquelo do *coraçon* que tiinha.

correger (= corrigir): que se *correga* da maldade, 189; *corregi* (imp.) os onrrados, 52; rogo-te que me *corregas*, e que tolhas de mĩ este deosto tâ avol e tâ maaõ.

covedo (= cotovelo): acharõ-lhi nos *covedos* e nos geolhos grandes calos, 159; con os *covedos* descobertos e con os geolhos desnudados, 159.

covo (= concavo, fundo): logares *covos*, 375.

crecentar: cf. *tresteza*.

creença (= crença): *creença* que tiinha, 145.

creer (= crer): se tu *criisti* Pedro per testemoiõ da sancta scritura, 171; e *creemos*, 73; cõ tâto trabalho *crijsti* aquellas cousas, 174; non lhi (o ango maaõ) *creas* rem, 49; se disser verdade nõ mha *creerã*, 60; aqieste *criia*, 155; muito ha que esto *crii*, 86; porque *crii* aquelo que aquella manceba dezia cospì-chi no rostro, 81; aaqueles que en ele *criiam*, 84; aqueles que en Christo *criiam*, 111; este (ango boo) *creey* (imper.), 49; *creey* o ango boo; *creey* as obras do boo ango e fazi-as, 50; *creey* que etc., 226;

creey, irmão, que, 225; *crey* que nõ he pera *creer*, 366; *creei* por certo, 304; *creey* tu que nõ achey eu outro the-souro, 244.

creligo (= clerigo): feito que mi contou aquel *creligo*, 76.

crelizia (= clerezia): cõ toda a *crelizia* e encençõ-o, 163 ou

crerezia: pose-o en sa seeda e feze-o logo bispo e ordiõ... que se a *crerezia* de Merida, 135.

criança (= criação): da *criança* de mha madre, 362.

cruevil (= cruel): *cruevil* he quẽ nõ cura de sa fama; era homecida e *cruevil*, 73; erã homeẽs muy *crueves*, 163; aqieste lonbardo *cruevil*, 164; muy *cruevils* tormentos, 149; aqieste era muy *cruevil*, 22; princepe mao e *cruevil*, 153.

cruu (= cru): o pã quando he *cruu*, 367.

cuidaçon (= pensamento): maas *cuydações*, 90.

cuidar: tu que *cuidasti* en ta cela, 44.

cuido: cf. *cuidaçon*: razõ clara e conhoçuda tolheu a duvida do meu *cuydo* que eu avia, 97; cf. *constrenger* e *ende*.

çujo (= sujo): quanto ela (boca) he mais *çuja*, 76; cantares maaos e *çuios*, 103.

çujiãe: cf. *limpho*.

çujal (= sujidade): a mha alma mesquinha he feita muda pola *çujal* do meu corpo, 31; que todalas avolezas e as *çuiaes* de mha alma seeram destroidas, 1.

çujar (= sujar): cada dia *çujava* seu corpo per polluçõ, 125; *çujar* sas mẽtes, 75; *çujava-sse* per maaos feytos, 157.

çulorgião (= cirurgiãõ): talharono os *çulorgiães* per tres ve-gadas, 309.

D

daa (= de a ou da a): aqieste... foy grande *daa* de fora... mais foy mayor aa de dentro, 342.

dante (= antes): no terceyro livro *dante* este, 179.

daptilo (= dátele, fruto de palmeira): comia dos *daptilos*, 262; tres palmeiras... carregadas de boos *daptilos*, 262.

dar: vendeu quanto avia e *dê-o* a pobres, 58; quanto *desti*, 150.

de (preposição usada em sentido partitivo): ouvera hũa pequena *de* tresteza, 369; pera levarẽ *da* agua pera seus moesteiros, 387; tanto era *d'avarêto*, 22; tanto (o penedo) era *de* grande, 344.

- de** (=desde): *de* sa meninice, 144; *seita* en que vivera *de* seu pequenino; a quem (Deus) sse promeron *de* sa meninice, 93.
- deceber** (=enganar): e eu *decebuda* decebi muitos, 1; engan-os per que eu era *decebuda*, 5; o que semelha que teme Deus e non guarda seus mandados aquel se engana e sse *decebe*, 50; pois temi-o (imper.) e fazi (id.) seu mandado; pera que possa (o ãmiigo) homem *deceber*, 5; por esta molher foi assi *decebudo* e enganado, 28.
- decer** (=descer): filho .. eu nã *decerei* hora de meu esteo, mais *deci* (imper.) tu, 22; enton *deceu*, 22; *decerono* do esteo, 22.
- defalecer** (=desfalecer): *defaleceu* en mĩ o meu espirito, 31; o defalecimento nã *defalece* e a ffin nã sse fyie, 191.
- defalecimento** (=desfalecimento): padece (a alma) morte sã morte e *defalecimento* sen *defalecimento*, 191.
- defalido** (=fraco, sem força): sas (do ãmiigo) ameaças .. *defalidas* son como nervhos mortos, 57.
- defeito** (=de aspecto miseravel, tristonho (?): era triste e mui *deffeito*, 43 ⁽¹⁾).
- deffedorento** (=sujo, porco): amor desaguisado e *deffedorento*, 184.
- defender** (=proibir): senhor, manda *defender* esta cousa, 79.
- defolgar** (=respirar): quando vio que nã bulia nã *defolgava*, 21.
- degretal** (=decretal, decreto): era leterado en degredo e en *degretaaes* e en leys, 166.
- deitar**: el... *deitou-se* en oraçon, 21; el foi-se *deitar* en oraçon, 30; e todo o poboo se deitara outrossi en oraçon sa beençõ asperando, 21.
- deleito** (=deleite): nũca foi prazer nã *deleito* no mundo, 371; tentados dos *deleitos* da carne, 144; vençuda do *deleyto* da carne, 363.
- demanda** (=pergunta): a *demanda* que eu fiz, 350.
- demandar** (=procurar): *demandar* as ovelhas e o usso, 72.
- dementre** (=em quanto): a alma *dementre* no corpo he, 144; *dementre* ele vivesse nunca este miragre contasse, 352; *dementre* en este mundo viveres, 144; *dementre* homẽ

(1) Antes lê-se: hũu era magro muito afeito e mui lasso, 43.

vive, 172; *dementre* hora tu falas, 144; *dementre* en este mundo forē, 73; *dementre* no mundo era, 371; e *dementre* viverō, 104; *dementre* vivia, 188; *dementre* en este mundo viveres, 144.

dementres: cf. *dementre*: *dementres* se estas cousas faziã, 253.

demorança (=demora): e Panuço sayo sen *demorança*; en aquesta *demorança* grande, 365; per que mi seera longa *demorança* de dizer, 97; logo sē *demorança* nêhũa, 151; sen nêhũa *demorança*, 161; temo que per esta *demorança* caia em mãas daquel de que quero fogir, 1; sem *demorança*, 143.

dentro na (=dentro de): meteu a sa cabeça *dentro na* mha boca, 186.

deostador (=o que doesta): antre estes *deostadores* foy hy hũu que avia nome Filemon, 64.

deostar (=doestar): avia en custume de *deostar* Deus, 161; *deostô-o* muy vilmente, 125; este Filemon... o *deostou* mui mal de traedor, 64.

deosto (=doesto): todos aqueles *deostos* e testemõyhos falsos, 147.

departir (=falar, explicar): o que dizē os outros leterados quando *departē* sobrelos milagres, 83; (=conhecer, distinguir); avia (Evagrio) graça .. de *departir* os pensamentos dos homês, 71; rogou nostro senhor... que lhi *departisse*, 258.

depos (=depois): sayr da eigreia logo *deposto* avangelho, 243; *depola* oraçom disse, 45; e *depola* sa morte, 246; anda devaneando *depolos* bēes, 142; *depos* sa morte, 188; e *depola* sa morte, 246; *depola* morte viverã as almas, 139; cf. *despos*.

dereitamente (=com razão (?): o amava muy *dereitamente*, 373.

desaguisado (=não conveniente): cf. *deffedorento*.

desapostura (=má postura ou feições desapostas ou feias): non leixasse d'amar pôr tal fealdade e por tal *desapostura*, 154.

desaprender (=soltar): mais non pode *desaprender* as mãos dele, 94.

desasperar (=desesperar): e como quer que os fisicos *desasperassem* ja de sa vida, 192; e quando sse vio assi coitado quisera *desasperar* de Deus, 29; e pois *desasperou*, 344; andando eu en estas coitas como vos dixi e *desas-*

- perado* e soo, 108; ãa que foi maa molher e *desaspe-rada*, 10.
- descinto** (= não cingido): *descinto* e descalço, 175.
- desconhecimento**: pera receber el se al non per *desconhoci-mento* aquelas suas (offertas), 100.
- descontra** (= em direcção a): viinha pelo deserto *descontra* a eigreia, 311.
- descreudo** (= descrente): homês maaos e *descreudos*, 224.
- desdado**, (= ao acaso): vou per esse mar ao *desdado* hu me deus leva, 315.
- desejar**: eu *desejava* a fazer vida muyto alongada desta terra, 175; virgêes con que *desejava* a viver, 160.
- deserrar** (= andar errante): andaron *deserrados* e desencarrei-rados dos seus mandados, 307; almas que andavã *deserra-das*, 399.
- desfazer**: *desfizi-lho* quanto pudí, 116.
- desguisado** (= não bom, mau): acêdimêto *desguisado* de seus corpos, 184; cf. *mao*.
- desjuntar** (= desajuntar): os nêbros do seu corpo foron depar-tidos e *desjuntados*, 99.
- desobedeça** (= desobediencia): sanhudo cõtrã a *desobedeça* do mõe, 112; per *desobedeça*, 119.
- des oi mais** (= desde hoje): *des oi mais* sei aguçoso, 26; *des oi mais* anda en eles (mandados), 58.
- despagar** (= não gostar): nõ se *despagou* (Deus) de morar antr'os maaos, 69.
- despensar** (= dispensar): Deus *despensou* coñosco de graça especial que non sentamos frio, 165.
- despenseiro** (= dispenseiro): *despenseiro* da nossa eigreja, 90.
- desperçar** (= desprezar): *desperçava* sy meesmo e dava per si muy pouco, 87.
- despeso** (= dispendido): se mal for *despeso* (o aver), 264.
- despobrar** (= despovoar): as cidades ficarõ logo *despobra-das*, 133.
- despos** (= depois): *despolos* corpos, *despola* morte, 293; hũu fosse *despolo* outro, 174; viven *despola* morte (as almas dos homens), 144; *despola* ressurreiçom, 139; e *despola* vison, 97; per que vivesse *despola* morte, 366; cf. *depos*.
- desprazil** (= desagradavel): tã *desprazil* era en si meesmo, 334.
- desprizel**: cf. *desprazil*: tã pequeno de corpo e tã *desprizel*, 341; muy somido e muy *desprizel*, id.; tomava a mais *des-prizel* besta, 334.

- desputar** (=disputar): *desputou* con aquele bispo dos ereges, 146.
- destro** (= direito): hũu (saco) de lado *destro* e outro do lado seestro, 334.
- destrova**: 104.
- de sũu**: cf. *consumm*: quando entrarõ ambos *de sũu* catarõ e virõ hũa cesta chea de pâ caente, 98; rogô-a (a molher) que fossem ambos *de sũu*, 91.
- deteença** (= demora): a *deteença* que fezera aa porta, 137.
- deus** (pl.): ydolos que eles chamavã seus *deus*, 103; façam sacrificio aos nossos *deus*, 219; os *deus* dos gentios nõ son nemigalha, 219.
- devaneador** (=o que devaneia): aquele que *devaneador* he, 141.
- devaneio** (= fantasia): palavras... en vãao e en *devaneyo*, 13.
- dever**: que se *deva* a correger, 189.
- devisar** (= contar): tâ grandes tempestades que volo nõ poderia homẽ *devisar*, 78; Paia que sse fora assi como ja *devisamos*, 7.
- devoçom** (= devoção): por *devoçom*, 21.
- dia**: ainda oje este *dia* vivem seus discipulos, 102.
- diaboo** (= diabo): vẽ, *diaboo*, e descalça-me, 90.
- diaga** (= diaconissa): Romãa, hua sancta monga e *diaga*: e polo avangelho que diz chamam a *diagua*, 2.
- diagoo** (= diacono): o sancto Nono enviou min que era seu *diagoo*, 1; chamam ao clerigo do avangelho *diagoo*, 2; tu senhor *diagoo*, ora por mĩ, 8; me chamou *diagoo*, 8.
- dialago** (= dialogo): hũu livro que dizẽ *dialago* que quer dizer paravra de dous, 314.
- disciplo** (= discipulo): mandou a hũu dos seus *disciplos*, 19.
- displizel**: cf. *desprizel*: tomava a mais *displizel* besta.
- diveda** cf. *divida*: meu senhor constrengia-me pola *dineda*, 258; quitou-lhis todas as *divedas*, que lhi deviam, 140.
- divedo** (= dever matrimonial): o marido (deue) dar seu *divedo* aa molher e a molher ao marido, 85; (= obrigação): conprio seu *divedo* natural, 195.
- divida**: e el quitou-lhi toda sa *divida*, 141.
- dividor** (= devedor): e ffezerom-se *dividores* do sprito sancto, 46.
- dizer**: *di* (imperativo) que o filho he teu; *di-me*: non venceu rei David o gigante?, 96; e *di-me* aida, 182; ora mi *di*; vay e *di* aaquel meninho pobre, 240; *di-the* que se negue

Deus... e o baptismo, 25; *di* algũa palavra de Deus aaquestes frades, 167; *dy-nos*, senhor, porque mostras tâ grande amor a omê que nunca visti nê conhocisti, 133; *di-me* como more, 181; tu *di* ca nõ he meu 178; *di* aaquel meu procurador, 313; *di* ao meu procurador, 314; vay e *di* assi a meu senhor, 361; aqesto que tu *dizes* deria-se direitamente); como eu de suso *dixi*, 181; rogo-te que me *digas*, 16; se fezeres o que *dissisti*, 113; maravilhei-me do que mi *disse*; *dezia* hũu velho homê, 32; *dixi-lhi*, 37; nõ *dixi* eu a ti, 90; eu *dixe* a mĩ meesmo, 34; *dixi* todas estas cousas... a Romãa, 9; vi a põoba que vos ant[e] *dixi* decer muito apreto de mha cabeça, 26; e quando lhi *dixi* que me bêezesse, 8; si *dixi* eu; e *dixi* pera toda a cidade como era morto o abade Paaio; e el mi *disse*; quando *dezia*, 144; razões que mi tu *dissesti*; o que .. *dixi*, 147; desejo... ouvir o que mi *dissisti*; *dissisti* ao teu frade, 314; estas cousas que ti *dixi*, 48; aquel maaõ sacerdote que vos ja *dixi*, 106; já ti *dixi* hũa vegada; esso que m'hora *dissisti*, 339; eu lhe *dixi*, 360; certa cousa e rechoçada he que o que *dissisti*, 25.

doa (= presente, dom): non te onrrei de muitas *doas*?, 4.

doado (= de graça): tu fazes-me *doado* o que me outro fazia por preço e nõ riirey, 175.

doairo (= aparência, aspecto): homem .. de muy boo *doayro*, 124; avia a face leda e de boo *doayro*, 154; con sa cara leda e de boo *doayro*, 162.

doer: a alma .. *dooy-se* tanto dos seus pecados.

dom: com muitos *dões*, 153; taes *dões* recebeo de Nostro Senhor, 333; comhamos ensenbra os *dões*, 376; o senhor *dõ* Ihesu Christo mostrou sa vertude, 83; o primeyro homê *don* Adam, 135.

domaa: todos los dias do mũdo pela *domaa* lhy enviavam sas offertas, 100.

dona: cf. *dom*: todos los outros homêes forõ geerados dele e de *Dona* Eva, 183.

Donadeu: senhor *Donadeu*.

dondo (= domado, manso): ca este .. tornou depois tâ mãso e tâ *dondo* e de tâ gram piedade, 84.

doo (= dó): todos los frades faziã gram *doo* por el, 152; todos ouverõ dela (leoa) *doo*, 101; ouve dela muy gram *doo*, 251.

dormir: rogo-vos que *dormhades* hũu pouco, 77; *dormi* (imp.) atêe o dia de resurreyçõ, 201.

- duc** (= duque, chefe): foi rogar hũu gram *duc*, 237.
- dulta** (= duvida): o que he en *dulta*, 56; o que está en *dulla* dalgũa cousa e o nõ pode fazer entrestece, 56; pedi-lho (imper.) (o que lhi pedires) sem *dulta*, 53; e estando en *dulta*; el nos sacará da *dulla*, 91.
- dultança** (= duvida): tolhi de ti toda *dultança*, que non dultes de pedir, 52; a *dultança* sprito terreal he o que sal do êmiigo, 54; despreça *dultança*, 53; tolhamos toda preguiça e toda *dultança*, 86.
- dultar** (= duvidar): os que em Deus *dultarem*, 53; se non por que non *dultavam*, 56.
- dulterio** (= adultério): os clerigos caerã en pecado de *dulterio*, 230.
- dultoso** (= duvidoso): os que foren de *dultoso* coraçõ nõ receberã del ren, 53; vos que sodes medrosos e *dultosos*, 56; o que non for *dultoso*.
- durar** (= perseverar): *dura* sem nojo en todo serviço de nostro senhor, 53; (= estar): por esto *durou* o mõe oito dias que no ouue que comesse e foi mui coitado de fome, 18.

E

- eigreja**: andava... pelas *eigrejas*, 333; entrou na *eigreja*, 10; soterrarono na *eigreja* de sã Cassiã, 23; e pois a hũu gram tempo foi dali trasladado a outra *eigreja*, 23; huũ clerigo que era thesoureiro da *eigreja*, 50; polas *eigreias* e polos moesteiros, 11; faz o officio da *eigreja*, 52; nõhũu logar nõ na *eigreja*, 6.
- eigrejelinha** (= igrejinha): indo sã Beõto a hũa *eigreielha*, 20, 112.
- eixeco** (= enxeco): non quer paz mais *eixeco*, 46.
- eixemplo** (= exemplo): por dar *eixemplo* a todos, 32; dando boo *eixemplo* de ssi ao poboo, 136; ora te quero eu dizer hũu *eixemplo*, 35; dar per ele *eixemplo* aos outros, 40; cuidando no *eixemplo* do bẽ aventurado Job, 17; parece ainda per *eyxemplo*, 187; nõ ficassẽ cõ maaõ *eixemplo*, 300; avendo o *eixemplo* de rei David, 10.
- eixempro**: cf. *eixemplo*: dava de ssi muy boo *eixempro* per paravoa e per obra, 125.
- eixergar** (= enxergar): como quer que ouuessẽ o ssopro muy somido e que adur se *eyxergava*, 151.

- eixouvir** (= ouvir, atender): *eyxouve-me* senhor, 31; foy *eyxouvido* de Deus, 32; tu... *eyxouves* o rrogo dos pecadores, 235.
- eixuprar** (= aspergir (?) ⁽¹⁾): quando os clérigos... enviavam da eigreja *eyxuprados*, 68.
- eixufre** (= enxofre): fogo e *eyxufre*, 183.
- exouvir**: V. *eixouvir*; nostro senhor *exouvyo* o rogo, 127.
- exuprar** (= insuflar (?): enton o bispo *exupró-a* e baptizou-a, 3.
- ele**: os padres non ouvyrò *ele*, 117.
- elefante** (= elephantiasis): hua enfermidade que chamã *elefante*, 73.
- emaginar** (= imaginar): pēas que o homē en este mūdo pode *emaginar*, 172; *emaginemos* ainda...; vee homē e *emagina*.
- ēmaginar**: cf. *emaginar*: pode achar e *ēmaginar*, 147.
- ēmiigo** (= inimigo): tanta foy a enveja do *ēmiigo*, 310.
- Emio** (?): huū moesteiro que chamam santo *Emio*, 27.
- emparamento** (= amparo, protecção): por guarda e por *emparamento* do seu servo, 80.
- emparedeado** (= emparedado): virò a alma duū servo de Deus que jazia *emparedeado* em huū logo, 148.
- empeecer** (= empecer): nō pode (o emiigo) *empeecer* aos servos de Deus, 57; o *ēmiigo*... trabalhou de *empeecer* aos monges, 125; homē que nō *empeece* a nēguu (Innocēcio quer dizer), 165; taaes obras son as que *empeece* aos servos de Deus, 308.
- en**: cf. *ende*: todas as cousas... desaparecerã e nō veerãs *en* nemigalha.
- enato** (= pobre (?): e (tomava) a mais *inata* sela que el podesse aver, 334.
- encardecer** (= tornar-se livido, rôxo): tã gram ferida lhi deu cō elas (talhoos) na cabeça e no rostro que toda a face lhi inchou e *encardeceu*, 326.
- encençar** (= incensar): os clérigos do avangelho hyam ante ele con seus turibulos *encençando*, 136.
- encenço** (= incenso): *encēço* de boo odor, 195.
- encreo** (= incredulo): di-mhos pera aprenderē aqueles *encreos*,

(¹) Talvez o *insimprar*, que se lê a pag. 56 da *Rev. Lusit.*, XXV.

134; homêes maaos e *encreos*, 190; muitas cruezas soffrerõ dos *encreeos*, 162.

ende (= d'isso, por isso): e por *ende*, 187; e quando deziã que entrasse na ordĩ escarnecia *ende*, 184; e por *ende* Salmõ, 144; por *ende* o mao cuydo que ouuerõ pola enveja, 72.

enderençamento (= endereçamento, direcção): a gram pro-veito da eygreja e a grande *enderençamento* dos cris-tãos, 166.

enderençar (= dirigir): deus mi *enderẽcou* mha carreira, 78.

endoado (= de balde, em vão): os marĩeros... fezeron-lhi sas querelas *endoado*, 77.

enfijdo (= infindo): saẽ grãos de pã *enfĩdos*, 126; deron (os christãos) graças *enfĩdas* a nostro senhor, 146.

enfinta (= fingimento): fazia *enfinta* aa gente, 364.

engenho (= livre, não escravo): disseron que o menlho era forro e engenho, 133.

enha ⁽¹⁾ (= minha): pois que vos enviar d'*enla* pousada, 274.

enhatamente (= pobrememente (?): vestia-se o mais *enhatamente* que podia, 106.

enlaccesser (= desfazer-se de fraqueza): o corpo lhi *enlaccessia* mais sa mente era muito esforçada.

enmaginar: o estava eu *enmaginãdo*, 170; cf. *ẽmaginar*.

enmenda (= emenda): fazer *enmenda*, 189.

enmiigo (= inimigo): perdeu o filho pelo *enmiigo* que rece-beu en sa casa, 358; tirar os *ẽmiigos* dos corpos dos homẽs, 363; porque o *ẽmiigo* antigo, 72.

eno (= no): esforçavanse (os frades) *eno* serviço de Jhesu Christo, 99; seeram herdeiros *eno* reino dos ceus, 59; *enos* meus beĩcos, 4; *eno* amor da morte, 315; amarguras grandes que *eno* meu coraçõ avia, 314; *ena* riba do mar, 315; vive *eno* corpo, 144; pos os pavios do papiro *enos* cabos das lâpadas, 340; *ena* noite dãte aquel dia, 11; o viron estar cantando *eno* coro da eigreja.

enalhear (= alienar): herdade que sse nũca *enalheardá*, 137.

enpeecer: cf. *empeecer*: que nõ *enpeecesses* a nẽgũu, 343; usso que lhis non *enpeecia* nemigalha, 73; me nõ possã *enpee-cer*, 198; o *ẽmiigo* non poderia *enpeecer* aaquel, 255; pero nõ poderá *enpeecer* a nẽgũu.

(1) Talvez se deva ler antes *mha*; no entanto Gil Vicente usa *enla* e a forma *nla* vive ainda no Algarve.

ensarramento (= conclusão, termo): mostra a ffin e o *ensarramento* dos dias, 141.

ensarrar (= fechar, terminar): aly (no moesteyro) me *ensarrei* eu, 109; *ensarrou* os seus dias, 165; *ensarre* os seus dias em boas obras, 259.

ensembra (= juntamente): sayrõ *ensembra* deste mûdo, 179.

enserrar: este monge... jazendo aly *enserrado*, 32; *enserrarrõnos* (os monges) en hũa casa e jouveron ahi hũu ano inteiro, 43; ficava eu soo *enserrado* e coitado a morte de lazeira, 114.

ensinar: *ensigna* todos aqueles, 98.

enteiro (= inteiro): e jouve ali todo hũu ano *enteiro* fazendo grandes jejunos, 30; esta largueza mora em aqueles que am *enteira* fe, 48.

entendente (= claro, manifesto): o ãmiigo fez *entendente* aos ffees de Deus que quanto fazia todo era por ypocresia, 111.

entender: ora her *entendi* (imperativo) as obras de boa cobiiça, 55; per esto *entendi* (idem); *entendisti* como nos enganou o ãmiigo?, 169; homẽs que non son muito *entendudos*, 144; era mui pecador e muito *entendudo* nos sabores do mundo.

enterido (= tolhido): ficou logo todo *enterido*, 128; seus corpos ficarõ *entiridos*, 158.

entolhar (= antolhar): como sse lhi *entolhãra*, 1.

entramente (= entremente): e *entramente* acendeu-sse o ffeeo e ardeu a eigreja, 115; *entramente* cobraremos nossa força, 116.

entregamente: cf. *entreguemente*: toda *entregamente* pendo-rada; cõ todo seu siso *entregamente*, 331.

entregue (= inteiro): acharõ o seu corpo todo *entregue* e sã corrompimento, 127; todos seus cabelos acharõ *entregues* e sen nẽhũu corrompimento, 128; acharõ-no assi são e *entregue*, 123; acharõ... sas vestiduras todas *entregues*, 86.

entreguemente (= inteiramente): ordiaron que de pos sa morte esta outra meiadade ficasse a esse sancto homẽ *entreguemente*, 151; mãdõ-a (rodoma) dar com o azeite *entreguemente* ao clerigo, 112; aquele que se ja offere-cera a Deus *entreguemente*, 110; lhe desse todo aquele... *entreguemente*, 157.

enverdecen (= tornar se verde): rega-a (vara) tã ameudi ata que *enverdesca*, 104.

envestir (= revestir): (a alma) jaz *envestida* do corpo, 172.

envurulhar (= embrulhar): hûu dos meniños filhõ-a (serpente) e *envurulhõ-a* en seu manto, 97; *envurulhava-sse* en todo vinho... *escaecendo-lhi* toda mesura, 108; sobre seu estamago *envurulhada*.

enxemplo (= exemplo): seguya o *ẽxemplo* de nostro senhor, 352.

er (= outra vez): depois que aqui *er* veerei, 187; desi *er* tornou-se a eles; *er* colheu-se deante assi que rafece cousa seeria d'entender; *er* disse, 77, 101; nẽ *er* (o fogo) empeeceu... aos seus corpos, 88.

ereito (= direito, erecto): alçõ-a logo *ereita*, 98; tiinha-o assi *ereyto* no ar, 128.

erger (= erguer): e o abbade se *ergeu*, 15; e el *ergeu-sse*, 68; enton se *ergeron*, 77.

ergo (= portanto): *ergo* parece que..., 144.

ermitam (= ermita ou ermitão): fez vida d'*ermitã*, 40.

escabeçador (= o que decapita): entõ aquel *escabeçador* alçou o braço, 128.

escabeçar (= decapitar): *escabeçoou* (o bispo) hi, 122; sinal de como fora *escabeçado*, 123; *escabeçõ-os* todos, 161; deu sentença que o fossen *escabeçar*, 219.

escaecer (= esquecer): cata como te non *escaesca* este mandado, 48; que lhis (servos de Deus) *escaesca* sa boa cavalaria, 93; aquel a quẽ nõ *escaeceu* os seus sergentes, 109; *escaeceu-lhi* o mädado do servo de Deus, 131; ca lhi *escaecera*, 8.

escaecimêto (= esquecimento): per *escaecimêto*, 373.

escaentar (= esquentar): ficou *escaentado* ja que cõ nojo, 151.

escarnho (= escarnio): *ẽmygo* que quer fazer *escarnho*, 192; se lhi alguẽ alguũ *escarnho* quisesse fazer, 182; o leixou cõ grande *escarnho*. 182; fazer seus *escarnhos* de que riam os homẽs, 354.

escolher (= escolher): tu *escolhiste*, 61; aqueles que deus tẽ *escolheitos* pera a gloria do paraíso, 93; aquele que fora *escolheito* antr'os outros, 128; boos que Deus tẽ *escolheytos*, 132; *escolheytos* sõ en gouvho e prazer, 171.

escomoihon (= excumunhão): que o assolvessen d'aquela *escomoihon*, 230; soltar da *escomoihon*, 230; sentença d'*escomoihon*, 14.

escontra (= perto, proximo de): morrera *escontra* a vespera, 82.

- escorregamento**: per *escorregamento* da lingua, 74.
- escrever**: *escrevi* (imper.) bem quanto hi achares... e tra-gi-mho, 5.
- escurentar** (= *escurecer*): o prazer da carne nê cega e *escureta* o entêdimêto do homem, 183.
- escuridade**: a claridade... tornara-sse em *escuridade*, 27.
- esfadoiro** (= profundidade, cova funda): so o penedo parecia hũu *esfadoyro* muy grande, 348.
- esfalfamento** (= profundidade (?): grande *esfalfamento* en que jazia grandes seixos, 19, 112.
- esfalfar** (= precipitar): acharono (o meniño) no fundo do vale bẽ come se o *esfalfassẽ* dũa muit'alta torre a fondo, 80; como fosse *esfalfasse* do mais alto monte no mais profundo poço, 372.
- esmolna** (= *esmola*): sse salvaria per *esmolna*, 349; homẽ de muytas lagrimas e de muy grandes *esmolnas*, 192; polas *esmolnas* muitas e mui graadas, 188; o avangelho diz que seja *esmolna* dada escũdudamente e tu chamasti... e mandasti, 112.
- esmolner** (= *esmoler*): sã Johane *esmolner*, 222.
- esparjer** (= *espalhar*): avia muitas celas *esparjudas*, 63.
- espavorentar** (= *incutir, encher de pavor*): começou a braadar come homẽ *espavorentado*, 152.
- espedaçar** (= *despedaçar*): devera a seer todo *espedaçado*, 80.
- espedir** (= *despedir*): *espediu-sse* a seus amigos, 138; *espediu-sse* de seus frades, 262.
- espeitar** (= *ver, olhar*): queria *espeytar* que fosse ant'el, 22.
- espenar** (= *atormentar* (?): angos maaos... me *espenavã*, 278; e *espenarõ-me* a terceira uegada, 278; (logar) muito estreito e muito aspero e de que se poderia muy ligeiramente *espenar* tanto era alto e agudo, 307.
- esperital** (= *espiritual*): lides *esperitaes*, 281; vida *esperital*, 49; sse tẽ por teu filho *esperital*, 129; danos tẽporaes e *esperitaes*, 310.
- esperito** (= *espirito*): rogou a nostro Senhor que recebesse dele o *esperito*, 96; o *esperito* sancto falava per ele; regna con o padre e con o *esperito*, 291; o *esperito* maaõ entrou no filho, 357; cheo do sancto *sperito*; creer... no *sperito* sancto, 45; he hũu deus con o padre e con o *esperito* sancto, 167.
- espertar** (= *despertar*): e el *espertou-se*, 22; come se sse *esper-tasse* de gram sono, 83.

- espídir:** cf. *espedir*: aqueles maaos conselheiros... *espideron-sse* do sancto bispo, 157.
- espinha** (= espinho): aquel logar era todo cheo d'*espīas*, 307.
- espirar** (= respirar): homē nō pode estar hūa ora que nō *espire* e que nō bafege, 252.
- espital** (= hospital): mandou... fazer hūu *espital*, 304; deitouse en hūu *espital*, 309.
- espreitar**: homē boo que queria *espreitar*, 23.
- espreitar**: cf. *espertar*: e ele se *espreitou* com mui gram pavor, 15.
- espreto** (= esperto, acordado): quando já fui bē *espreto* dixi, 42; o coraçō era *espreto*, 133; eu fiz-me que jazia *espreto*, 174; todos eramos *espretos*, 174.
- esprital**: cf. *esperital*: teu padre *esprital*, 360.
- esprito**: cf. *esperito*: o *esprito* que en ti he; *sprito* de verdade, 46.
- esquidade** (= aspereza (?): apagar per palavras doces a *esquidade* e a crueza que en eles avia, 360.
- esquivo** (= mau): tēpo tã *esquivo*, 27.
- esso** (= isso): e por *esso* cuyda quanto mal quiseses, 149.
- estabelecer**: seu sobriō seendo ja bispo *estabeleçudo*, 135.
- estadinha** (?): jouvesse nas *estadihas*, 253; hūu dia jouvi nas *estadinhas*, 977.
- estalaria** (= estabulo): guardava os muus nas *estalarias*, 120; guardava as bestas nas *estalarias*, 420.
- estamago** (= estômago): ende lhi aveo que en comēdo-as (hervas) coffondeu-xi-lhi o *estamago*, 102.
- estança** (= acção de ficar ou estar): comas que poderiã fazer sem maa *estança* e sem pecado, 150.
- estar**: *estivi* ali dous dias, 8; o ladron que ali estivera tã gram peça preso, 94.
- estarrar** (= desterrar): mūdo em que somos *estarrados*, 137.
- esteença** (= abstinência): cf. *jejūos*; grande *esteença* con que sse atormentava, 159; e en toda *steēça*, 29; eram os olhos dela pola grande *esteença*... muito encovados, 8; homē de grande *steēça*, 181; nē fazia sas *esteenças*, 246.
- estendudo** (= estendido): *estendudo* sobre ssa terra, 139.
- esterramento** (= desterro): que te levem a *esterramento* a terra muy longada daqui; non temo teus tormentos nem teus *esterramentos*, 148; deitavano (o bispo) come culpado en *esterramento*, 147; nō me ameaces cō *esterramento*, 148; cf. *herel*.

esterrar : cf. *estarrar* : depois enviar-t'ey *esterrar* a terra muy longe daqui, 148; ali me manda *esterrar*, 148; morar come *esterrado*, 150.

esto : cf. *isto* : *esto* que dizes, 91; por *esto*, 93.

estrado (= estendido, coberto) : nõ se pôde levâtar do *estrado* en que jazia, 95; leyto *estrado* de vestiduras preciosas, 250; a liteyra que tiinha *estrada*, 227.

estrar (= estender) : tiinha en sa cama panos velhos e viis que *estrava* e de que se cobria, 231.

estremar (= olhar, ver (?)) : *estremado* hũa noyte na casa, 287.

estrenger (= corromper, ranger) : por estas cousas todas se *estrenge* a alma e sal dela pecado que se non pode saar, 43; *estrengia* os dentes e se trabalhava de me ferir, 108.

estregimento (= rangimento) : ali hu é choro e *estregimento* de dentes, 11; cf. *gímido*.

Estuiras (= Astúrias) : foi natural das *Estuiras*, 10, 310; e tornei-me aas *Estuiras*, 10.

evangelisteiro (= crello d'avangelho) : Paayo *evangelisteiro*, 176.

exerdar (= deserdar) : *exerdô-a* de todos seus beës, 91.

exouvir : cf. *eixouvir* : merecisti que nostro senhor *exouvisse* a ta oraçon, 200; o meniño soo e simprez Bonifacio foy *exouvido*, 362.

ey (= eis) : *ey* teu irmão vê a ti, 248.

eyxalçamento (= exaltação) : pera *eyxalçamento* da sa fé, 309.

eyxalçar (= exaltar) : quẽ se quer *eyxalçar* abaixa-lo-ã.

eyxaminar (= examinar) : todas as cousas que Deus per ssi *eyxaminava*, 170.

eyxemplo : sã Beêto fosse *eyxemplo*, 375; confortes pelos *eyxemplos* dos boos, 370; cf. *eixemplo* e *eixempro*.

F

faagueiro (= fagueiro) : bõa palavra e *faagueira*, 182.

façanha (= feito) : leixou *façanha* pera nũa mostrarẽ de si o que nõ son, 186; pola *façanha* que a sseu companheiro viiam fazer, 300.

falecer (= desfalecer) : cansei outra vez e *faleci* e deitei-me en terra, 208; *falecerõ* pola caentura, 261.

fame (= fome) : morressẽ de *fame*, 88.

fazenda (= negocio, feito, etc.) : corregeu sa *fazenda* e viveu

muy sancta vida, 185; pedia treguas e espaço pera correr sa *fazenda*, 185.

fazer: *fazi* (imper.) o ssinal da cruz en ta fronte, 185; *fazi* ta oraçom, 261; mais tanto *fazi*, nõ me leixes, 4; *fazi* algo aos coitados, 52; *fazi* todo teu poder, 148; *fazi* sinal, 177; *fazi* tu, padre; *fazi* tu viir, 295; *fazi* o ssinal da cruz, 8; *fazi* quantas boas obras poderes, 144; mal *figi*, 185; assaz mi respondisti... aa demanda que *figi*, 182; omelias que *figi*, 184; mal que *feze*, 172; (esmolas) que el *fege*, 182; en tantos dias nõ *fezisti*, tu chus, 34; en quantos dias o *fezisti*?, 33; pesar que ti... *figi*; pois *fizi* mha oraçõ, 173; *fizi-o* trager, 121; en tantos dias no *fezesti*, 34; tu *fezesti* a nós mui gram misericordia, 162; *fezesti* sacrificio ao teu Deus, 3; que he esto que *fezisti*?, 4; *fezisti* algũ grande erro? nẽ hũu... erro nõ *figi*, 113; *fezisti* que o vermẽ que cae da carne pecador, 17; porque *fezisti* seer triste o servo de Deus, 15; ay e que *fezisti*, 366; *fez* mui grandes secas, 18; que *figi*, 366; mentre eu *faço* meu officio, 76; maldade que *fezeron*, 73; este ango dá... lazeiras e enfermidades e *fazi-lhis* soffrer muitos tortos e muitos pesares de muitos outros maaes, 84; criei huũ menõho e *fizi-lhi* huũ livro de castigos, 112; *feze-o* ordiãr de missa, 95; *fizi-lhi* que lavrasse comigo, 111; esta vison *fizi* escrever, 124; *feze* dizer, 149; oraçõ que a Deus *figi*, 164; obras que *fizi*, 194; pecados que aqui *figi*, 289; *figi* mha oraçõ a nostro Senhor e dixi-lhi; que he o que eu *figi*, 332; muy *fezisti* boa demãda porque me demãdasti, 341; pois que esto *feze*, 351; muytos maaos feitos *fezisti*, 1; *feze-o* (miragre) pela oraçõ, 25; o bem que en este mundo *fezesti*, 144; obras que *fezeron*, 144; e *fezesse* en tal maneira, 28; queria Deus que sse *fezesse*, 88; que he aquesto que *fezisti*, 27; *fazia-lhe* (= dava-lhe) pelos ombros; *fazia-lhe* pelo ventre, 279.

febre (= fraco, debil): esto nõ pode fazer o de *febre* coraçom, 105; cf. *mesquĩdade*.

feestra (= fresta, janela): hũa cela que era sarrada de todas partes pero que tiinha hũa *feestra* pequena, 7; foi a hũa *feestra* da eigreja, 117; abri a *feestra*, 8; a agua chegou ataas *feestras*, 88; estando elrei esguardando-o per hũa *feestra*, 150; leixou hi hũa *feestra* pequena, 251; so aquela *feestra*, 112.

felon (= rebelde, aspero): cavalo que era tã bravo e tã *felon*,

150; muy bravo e muy *felon*; o clérigo... era tam bravo e tã *felon*, 355; estava muy *felon*, 355; muy bravo e muy *felon* come leon, 22.

felonîha (= bravura, rebeldia): moveu cõtra ele cõ toda sa *felonîha*, 335.

felonia: cf. *felonîha*: britou en si toda sa sobervha e toda sa *felonia*, 23.

femea (= mulher): quando sse foi aquela onrrada *femea* sancta Scolastica, 29.

feo (= feno): tragia a ffouce com que segara o *ffeo* a seu colo, 336; leva deste *feo* pera as bestas en que veestes, 335; vio-o viir... cõ hũa carrega de *feo* sobre seu colo, 336; andava segando seu *feo*, 335; homen ti mandey eu trager ca nõ *feo*, 336; põe aïda sobre este fundamêto le-nha, *feo*, resteba.

feramente (= muitissimo): cf. *moesteiro*.

ferida (= golpe): deu-lhi hũa gram *ferida* en sa face, 180.

ferir (= bater): *ferir* aa posta, 191.

fevre (= febre): enfermou de *fevre* muy grande, 330; aquela monja avia gram *fever*, 331; ouve hũa *fevre* muy grande, 179; enfermou dũa *fevre* muy grande, 160; este sancto homê boo ouve d'enfermar de *fevre*, 35; lhi deu logo muy gram *fevre* a de mais, 127; a virgê vassala de nostro se-nhor que jaz coytada de *fevre*... non averá *fevre*, 331.

ficar (= fincar): *ficando* seus geolhos e amergendo sas cabe-ças, 103; *fica* os geolhos en terra, 128.

fiel: outros *fiees* da Eigreja, 187.

fiim (= fim): quanto sse mais chega a *ffim* do mûdo, 131.

fiir (= acabar): atá que a oraçon era *fiida*, 68.

Fiiz (= Felix): que fosse en romaria a ssã *Fiiz*, 112; eu ti juro per esse meu senhor san *Fiiz*, 113; aa onra (a eigreja) de san *Fiiz* martir, 310.

filhezio (= filhinho): cõ sa molher e cõ seu *filhezio* pequeno.

fito (= a prumo): polo sol que era muy *fito*, 122.

flume (= rio): quãdo chegô ao *flume* Jordã, 325 ⁽¹⁾.

foão (= fulano): *foam* he meu padre e *foãa* he mha madre, 138.

folia (= loucura); pois fez tal *folia* foy-sse, 100.

fondar (= fundar): ora entendi o dozeno mandado e sei *fon-*

⁽¹⁾ Em CV, 1066, 4, *frume* do Jordan.

dado en estas cousas; assy foi *fondado* eno amor de Deus que... , 115.

fondo (= fundo): mostrou-mi huū poço muy *fondo*, 37; entrou no rio... e foi-sse a *fondo*, 76; o poço era *fondo* bê de mil pees, 99; osso delas (bestas) podesse chegar inteiro a *fondo*, 111; deytar d'ũa torre muy alta a *ffondo*, 278; logar que era aïda mais *fondo*, 279; viindo de cima do poço pera *fondo*, 278; esfalfar dũu muy gram môte a *ffondo*, 323.

fora: perseguiçõ aa *defora*, 101; e serraron a boca do forno aa *defora*, 86.

fornigador (= fornicador): o que quiser seer *fornigador* e cobiiçoso, 11.

fornizeo (= fornicção): quando seu *fornizeo* foy conhoçudo per seu parto, 60; se acusava ante os outros de *fornizeo*, 180.

forteleza (= fortaleza): *forteleza* do fogo, 172; vençudo por tã gram *forteleza*, 78.

fram (=?): nasceu... do liagẽ mais *fram* e mais livre e mais rico, 371.

fraquezia (= fraqueza (?): nõ podiamos entender... quanta a nossa *fraquezia*, 100.

fravega (= fabrica): come se naquela ora sayssẽ da *fravega*, 355.

fregar (= esfregar): *fregou-lhe* a face cõ aquel poo, 83.

frol (= flor): come se todalas *froles* e todalas *specias*, 192.

fromosa (= formosa): casa *fromosa*, 237.

frorecer (= florescer): a vara... *froreceu*, 104.

frores (= flores): e das arvores e das *frores*, 36; cf. *frol*.

fugir: pelo sinal da cruz *fugem* os enmiigos do homem, 314; *fugisti* por te as conder, 12; se os falsos homẽs soubessem que eram descubertos *fugeriam*, 158; todas *fugẽ* aa calma, 181.

furrugẽ (= ferrugem): faces negras come *furrugẽ*, 260.

G

gaado (= gado): muytos *gaados*, 282.

gaanhar (= ganhar): disse... que vissen o que *gaanharom*, 20; aquelo que *gaanhava*, 182; en voz jaz de *gaanhar-des* tal fruito, 2; *gaanhasti* oje esta mha alma, 12; cousas que malamente *gaanhara*, 6; estes (monges) *gaanhavã* e colhiã seu gram, 63; todo o *gaanhava*, 181.

gaanho (= ganho): nō era a (escudela) de boo *gaanho*, 268; o *gaanho* do azeite, 147.

galardon (= galardão): polos *galardoos* boos que lhis darā, 178.

Gardingo (n. proprio): Beēta de gram liage... era esposada cō huū rei... que avia nome *Gardingo*, 79.

gentil (= gentio): non te avondavan trinta mil *gentiis* que mi tulhisti e desti, 3; viinhā a el os *gentiis*, 16; veo a ele o rei dos *gentiis*, 17; el... vio hūa filha dūu sacerdote dos *gentiis*, 24; os *gentiis* soiam fazer, 310; muitos dos *gentiis* viinham a el mui ledos e deostavāno mui mal; per nenhūus *gentiis*, 121.

geolho (= joelho): legados os pees e os *geolhos*, 186.

Germā (n. proprio): vio a alma de sã *Germā*, 147.

Geronço (n. proprio): eigreja de sã *Geronço*, 76.

gimido (= gemido): e eu que estava ascondudo nō ouvy... se nō *gimidos* e choros e chantos e sospiros e braados e estrengimento de dentes, 37-8; dava *gimidos*, 70; per *gimidos* e per lagrimas, 258; viron os *gimidos* e as lagrimas e os jajunhos, 310; cō gram *gimido*, 345.

governage (= governo de barco): el teendo o *governage* sē ajuda d'omē achou-se da outra parte do rio.

governo (= governo): pera seu *governo* e de seus discipulos, 162.

gouvho (= prazer, gozo): veerē sempre os juntos... os *gouvhos* que recebem, 189; con quanto prazer e cō quanto *gouvho* o receberō no outro mundo, 191; desejo que avia do *gouvho* da terra celestial, 191; os boos an prazer e *gouvho*, 188; nostro senhor... dá por tresteza lediça e por choro *gouvho*, 119; o sancto homen cō gram *gouvho*, 149; todos o receberam con gram *gouvho* e cō gram prazer, 154; com gram *gouvho* e com gram prazer, 310; falando ataa manhaa dos prazeres e dos *gouvhos* da vida celestial, 26; Adam... foy deitado dos prazeres e dos *gouvhos* do parayso terreal, 135; avi o *gouvho* e a lediça que lhe viinha, 124; vodas spiritais, que sse começā en choro e acabā-se en *gouvho* perduravil, 153.

graado (= grado): obras grandes e *graadas*, 341.

gracido (= graças): vio que per esto, *gracido* a Deus, nō mi fazia mal, 107.

gracir: cf. *grader*: muito o (logar) devia a *gracir* a nostro senhor, 119; nō *gracia* a deus, 181; disse... que lhi *gracia* quanto lhi dizia, 124; eu vo-lo *gracirey* muito, 360.

gradecer (= agradecer): *gradecē* a Deus, 308.

grado (= agrado): spiritos maaos de que el tã de *grado* queria fugir e nõ podia, 185; mal... *grado* contra sua vontade, 60.

grei, masc. (= rebanho): no *grei*, 317.

grolia (= gloria): aaquel que en honrra he e en senhorio e *grolia*, 95; pera dar *grolia*, 189.

grolificar (= glorificar): levantou-sse o abbade *grolificando* e bēezendo o nome de Deus, 93; *grolificar* ao padre, 45.

grolioso (= glorioso): ante as portas estã os *groliosos* apostolos, 127.

guaditano (= gaditano, de Cadiz): de Guadiz ha o mar nome *guaditano*, 77.

guardar (= observar): se devemos *guardar* aquelas cousas que de noyte veemos per sonho, 192.

guarecer (= curar-se): tres vezes provou a *guarecer* per fisica e non pôde, 94; (= morar): as bestas e as outras animallhas *guareciã* nos logares em que os homēs soyam viver, 133; foy gram fame na terra e os pobres fogiã... pera u quer que melhor podiã *guarecer*, 228.

guisa (= modo, maneira): hũu homē de gram *guysa*, 110.

guisado (= proprio, conveniente): logar muy *guisado* e muyto apartado, 216; mancebo .. que era muy *guisado* e muyto enderēçado pera todo bē, 192; estã *guisado* e aparelhado ca nõ viverãs aqui ja longo tempo, 192; nõ achou logar *guysado* na cidade, 105.

guisamento (= adorno, enfeite): toda a vila me chamam Margarida polos grandes *guisamentos* que eu tragia, 3.

guisar (= preparar): *guisarom-sse* de o ir veer, 101; mandou aos seus mōges que *guysassē* bestas pera o caminho, 336; mandava *guysar* tãtas cubas pera vñho que nõ tiinha, 351; *guysarõ*... todas aquellas cousas, 11; chamou o sseu sergēte e disse-lhi que lhe *guysasse* seus panos ca queria andar.

H

haa: cf. *aas*: (a aaguya) ferio-os das *haas*, 261.

haver: se devemos a creer que despola morte ahy (= á hy, isto é, ha) fogo de porgatorio, 186; cf. *aver*.

herdeiro: *herdeiro* na vida perduravil, 46.

herel (= herdeiro): aveo que el rei prendeu os *herees* do logar e deitõ-os en esterramento, 109.

homeem (= homem): todos los *homēes*, 11; os *homēes* que hora vivē, 88; nē hũa cousa per que *homem* podesse viver, 18; e ssente *homē* tã grãde door, 116; mereces que ti faça *homē* onrra, 144; crea *homē* tal cousa, 144.

hora: logo aaquela *hora* baptizô-o, 44.

hospitelidade (= hospitalidade): homēes que tēe *hospiteldade*, 215; aqueles que tēe *hospetelidade*, 215.

huū, hũa (= um, uma): cō aquel *huū* pã que achara, 125; aquel *huū* sancto homen se offereceu a morte, 129; furtou o *huū* cem, 20; a *hũa* delas tragia o sinal de sancta cruz, 41; a *hũa* faz aos justos e a outra aos que non son justos, 48.

hu (= quando): e *hu* sse tornava Antioco pera o moestheiro, 91; *hu* el devera a fazer peendença.

huuhar: cf. *ahuuhiar*: bradavã e *huuhavã*, 123.

I

i (= aí): era *di* longe, 179.

igual: era *igual* dos padres sanctos, 40.

iguar (= igualar): porque se *yguarô* nos pecados, 178.

indio: cf. *veer*.

insoa (= ilha): *insoa* que chamã Liparis, 175.

iorrar (= levar a reboque, arrastar (?): hũa menilha parali-tica *iorrava-sse* pelas mãos; ela começou-sse a *torrar* pela eigreja dũa parte e da outra, 98.

ir: en hua cidade *fui*, 34; en tal terra *fui*, 33; no mar *fui*, 33; no (= ao) ermo *fui*, 34; *vaamos* ao muimento daquel morto, 73; *vaa-se* toda esta companhia, 123; que he aquesto que mi *fusti* fazer? 129; aquel a quē te tu *vaas*, 348; eu vos mando... que vos *vaades* daqui, 356; *fusti* preegar, 8; hu *vas*? 118.

irmeidade (= irmandade): mantem *irmeidade*, 52.

isto: quando *isto* tal ti sobir no coração, 49; que he *isto*, 185; *isto* lhe (homen) acaece, 190.

inguem (= virilha): foi ferido muy mal na *ynguē*, 184.

J

já, já pouco, já quanto, já que (= algum tanto, um pouco): deu-lhis *já poucos* de seus dinheiros e poucas possições, 162; reteve o mandadeiro *já quantos* dias, 337; chegou a arriba da Proença *ja que* en tempo e corrompeu muitos,

159; aqueste mōge foy *ja que* pouco negligente, 199; era negligente *ja que* pouco en fazer, 198; como quer que fosse *ja que* mais negligente, 199; aquel cuja obra... recebera *ja que* dano, 186; o miragre dos tres menihos desassemelha-sse *ja que* deste, 87; nas oliveiras do moesteiro apareciã *ja que* pouquetias olivas, 347; celeiro en que ficarõ *ja que* poucos grãos de trigo, 356.

jajuar (= jejuar): quem... *jajua*, 11; *jajunha* e ora e fazi peendença, 91; se quiseres *jajunharei* muito, 92; *jajunhava* come os outros, 186; se quiseres *jajunhar* e posfaçar dalguem, 92; o sancto homẽ *jajũhava*, 72; enquanto *jajunhares* que farás? 99; mais praz a Deus... ca *jajunhar*, 272; tẽpo en *que* nõ *jajunhava*, 72; nõ te cõvẽ de *jejunhar*, 375.

jajunhador (= o que jejuar): era muy *jajunhador* e muy vi-giador e muyto orador e muy serviçoso enas outras cou-sas, 116.

jajuno (= em jejum): tornava-sse con elas (ovelhas) *jajuno*.

jajunho (= jejum): esto non he *jajunho*, 92; eno dia do *jaju-nho*.

jalne (= amarelo): cf. *veer*.

jamaiz: por todo sempre *jamaiz*, 181.

jazer: e *jouvi* muy gram tempo mui mal treito, 41; aqui *jarás* mal, 103; como se *jouvesse* en agua, 104; logar hu sã Paulo *jouve* hermitã, 102; per tres anos *jouve* seguro, 78; logar en que hora eu *jasco*, 123; *jouve* hi tres dias e tres noites, 127; *jasco* muy mal ferido, 361; como quer que el *jouvesse* no corpo legado e desonrrado e mal treito, 110; os corpos dos sanctos nõ *jascam*, 116; espreto *jasco*, 133; mal *iasco* atormentado naquesta chama, 172; como quer que ela (alma) *jasca*, 172.

jejunhar: cf. *jajuar*: todolos menihos *jejunhavã* e eu nõ podia *jejũhar*, 116; *jejunha* e vigia, 52; assi en orar come en *jejunhar*, 289; nõ te cõvẽ de *jejunhar*, 375.

jejunho: cf. *jajunho*: come en *jejunho* come en esteença, 261; fazer mui sancta vida em *jejunhos*... e en grande esteença, 40; quebrantava muito seu corpo com *jejũhos*, 29.

jograr (= jogral): veo huũ *jograr*, 353.

jugos (= juntas): cincoenta *jugos* de boys, 344.

Juião (= Julião): assi como *Juyhaão* creligo de missa, 78; *Juyaão* que foi o segũdo deffendedor da sancta eigreja de Roma, 174; huũ homẽ boo que avi nome *Juyaão*, 363.

juígar (= julgar): como sancta Beenta foi *juigada* cõ seu esposo, 79; aqueles outros que *juigavã*, 247; nõ podia *juygar*, 286.

juyeira (= joeira): hũa alfaia... que chamã crivo ou *juyeira*, 373.

L

ladinho (= latim): trasladado de grego en *ladinho* per Paayo creligo, 174; livro... trasladado de grego en *ladinho*, 120.

laidamente: cf. *laido*: torcer muy *laydamente*, 242.

laidido (= aleijado, ferido): quantos podia morder (o cavalo) todos ficavã *laydidos* del, 359. •

laido (= feio): este homẽ... era mais *laida* cousa e mais espantosa que podia, 108; este era muy torpe e muy *laydo*, 144; erã *laydos* de seus corpos, 289.

lampado (= relâmpago): os *lampados* e os torvões, 149; veerõ tâtos *lampados* e torvões, 27.

lassidõe (= lassidão, fraqueza): tâ grande foy o temor e o tremor e a *lassidõe* que veo sobrel que adur podia mover seus pees, 335.

lazerar (= padecer): por dereito *lazeraron*, 94.

lazeira (= miseria, desgraça (?): os dous frades caeran en *lazeiras* e en infirmitade, 94.

leceença (= licença): que lhe desse *leceença*, 261.

leer (= ler): vidas dos padres sanctos que *leemos*, 40; senhor padre que he isto que hora *leeron*?; outra vez aveo que *lia* per hũu livro e *liia-o* mui de grado 95; *leemos* no evãgelho, 174; hũu mãcebo e trouvera-lhi sas cartas e dissera-lhi: abri e *leey* (imper.), 168.

legar (= ligar): dinheiros douro *legados* en hũu pano, 223; siã *legado* de cadeas, 278; mandou... que se *legassẽ* hũus a outros, 288; trouverano (o cavalo) *legado* ao sancto bispo, 359; con as mãos *legadas* e con os pees outro tal, 87; mandou-lhi *legar* às mãos, 22; sas mãos que andavã *legadas*, 23; toda cousa que *legares* en terra, 15.

legumha (= legume): tragia... homẽes carregados de *legumha* pera o moesteiro, 61; fezera fazer sa seara de *legumha* e a *legumha* sayo muy boa, 117; semeamos hi pã e *legumha*, 119.

leygion ou **leyson** (= legião): *leygion* dos êmiigos, 92.

leyson (= legião): seys mil e sassêeta e seis que fazê hũa *leyson*, 364.

leixar (= deixar): senhor... me *leixaste*, 21.

lengua (= lingua): *lengua* d'omen nô no poderia dizer, 36; pos-mhos (ferros) na *lengua*, 333; erã (as monjas) de maas *lêguas*, 14; que posessem freo a ssas *lenguas*, 14; mandou-lhes (aos bispos) cortar as *lenguas* pelas raygadas, 112; desvayradas *lêguas* que falauã, 167.

lenguagem (= linguagem): en nossa *lenguagê*, 116; falar todos *lenguagêes*... o *lenguagê* de Greça, 169; ouuio que aquel enfermo falaua todas *lenguagêes*; falou-lhe en seu *lêguagê*, 169; respondeu-lhe naquele meesmo *lenguagê* barbaro, 169.

leterado (= letrado): homem... muyto *leterado* en todas sabenças, 125; muy *leterado* en todas sabenças, 166; chamã os *leterados*, 372.

leteradura (= literatura): ousa a preegar a todos poboos sã *leteradura* nêhũa, 334.

levar (= levantar): *leva-te*, ca nô morreras hora desta enfermidade, 192.

lhi (= lhe): que *lhi* lo rogara, 251; regava-*lhi* os pees com sas lagrimas desy alimphava-lhos com seus cabelos, 70; e non *lhi* la (ameaça) faz, 188; aquesto que *lhi* mādava fazer, 352; e o homen boo *lhilllo* (=lhis lo) outorgou, 114.

liagem (m.): êmiigo do *liagê* d'Adã, 103; veerô os êmiigos do *liagê* d'Adã, 130; erã de mais nobre *liagê* ca ela, 91; bēezeria o *liagê* dos homês, 350; aqueste bispo... foi do *linhagem* dos godos, 141; o *liagê* d'Adam he cheo de muitos pecados, 160; o enmiigo do *liagê* d'Adam, 4; veo do *liagê* dos senadores, 314.

lir, liir ou leir (= desfazer): e que se *liia* todo, 140.

limpho (= limpo): o sprito que he en ti sera *limpho*; *limpho* és desta razom (= feito?), 91; sergentes muy *limphos*, 143; o que sse non quer quitar de maacs feitos non averá *limpho* logar, 47; logo foi *limpha* de ssa çujãe, 78; estrado fremoso e *limpho*, 316; sa vida *limpha*, 333.

limpidade: cf. *limpidõe*: cõ tâ gram *lipidade* vivera, 180; *limpidade* de carne nô quisera guardar, 113.

limpidõe (= limpeza): nostro senhor que he fonte de toda *limpidõe*, 75.

linguagem (m.): en nosso *linguagem*, 314.

liveldade (= leviandade): se guardasse de riir e de jogar e de fazer nêhũa *liveldade*, 160.

livialdade: cf. *liveldade* e *voontade*.

lixosamente: cf. *lixoso*: aquel maaõ preste... começou-me a deostar mui mal e mui *lixosamente*, 108.

lixoso (= sujo): era homê que avia os seus beiços *lixosos*, 75; foi vençudo de desejo *lixoso* e avol, 100; speritu *lixoso*, 92.

lo, la (= o, a): dalmatica que possessê sobre *lo* seu leyto, 187; era já sobre *lo* ceo, 41; sobre *las* obras boas e maas que aquel homê fezera, 180; quanto mais agua deytavã os homês sobre *lo* fogo, 343; depola morte deste sancto, 135; despola morte do... bispo, 141.

lobo: naquela hora que chaman antre *lobo* e can, 106.

logo (= lugar): lambia-lhi as mãaos come en *logo* de graças, 100; nê podendo mover os pees do *logo* en que estava, 94; naqueste *logo*, 101; en *logo* de ffreo tragia cabresto, 334.

logo, adv.: *logo* en hora cõtarey, 23.

longado: cf. *esterramento*.

longe: morava a *longe* del, 74.

longo (= distante): veo outro mancebo de *longa* terra, 116.

lousinhamento (= lisonja): se aquele *lousinhamento* nõ tirã logo de seu coraçõ, 334.

lũa (= lua): falasse algũas vegadas do sol e da *lũa*, 136.

luitar (= lutar): *luytemos* ambos, 283; Jacob *luitou* con o ango.

lumeoso (= luminoso): aviã as faces *lumeosas*, 250.

luxar (= sujar): a lingua dos segraes cõ que homê vive nõ *luxa* a mente, 76.

M

madeliro (= madeira): posera hi hũa cruz de *madeliro*, 116; sobre huũs degraos de *madeliro*, 341; huũ barril pequeno de *madeliro*, 355.

maēfestar (= manifestar, confessar): ora te mi *maēfestarei* outra vegada, 31; *maēfesta* teus pecados, 2; *maenfesta* o que fezești, 91; disseron-lhi que *maenfestasse* aquel feito, 60; *maēfestou* todos os seus pecados, 127.

maenfesto (= manifesto): *maēffesta* he de Deus sa alma, 69; pediu... que lhi desse *maenfesto*, 124; cuydo per alongar o *maenfesto*, pera outro dia, 255.

maer (= ficar, permanecer): nõ posso eu *maer* nê ficar fora da mha cela, 26.

maestre: *maestre* de todo bem, 12; *maestre* Alexandre, 91; cf. *meestre*.

magoa (= mácula, nódoa): aquela (ovelha) que era sê *magou*, 229.

mal: nos tirasti... de quantos *maaes* ata aqui soffremos, 154; per deostos e per *maes*, 179; livra-o (deus) de todolos *maes*, 214; eles nêbrã-sse dos *maes* que fezeron, 307; per outros *maaes*, 120; polos *maes* que fezerô, 140.

mala (= má): en esta coita e en esta *mala* ventura vivi outros doze anos, 111; cf. *mao*.

malada (= serva): chamou... sas filhas e sas *maladas*, 312.

malamente (= mamente): que lhi errara muy *malamente*, 326.

mancebelio (= menino): hũu *mancebelio* que hi estava, 124; hũu *mancebelio* desejava a sseer monge, 261.

mancebo (= criado): aqueste don Stevã viindo hũa vez da carreira e chegando a sa casa disse ao seu *mancebo*, 90.

mandar: o enmiigo *mandô-o* açoutar, 33; como me tu *mandasti*, 152; Eutício *mandou* por seu amigo Florencio, 73.

mango (?): serro que jazia en fundo do *peego* e tornou-sse ao *mãgo* que andava nadãdo na agua per vertude de san Beento, 388.

manhãa (= manhã): aa (=de) *manhãa* chamou-me, 68.

maninho (= maninho ou esteril): Rabeca que era *maninha*, 350.

mansidõe (= mansidão): entra (deus) hu acha *mansidõe* e folgança, 48; boa consciencia, *mansidõe*, obediencia, 94; o abade metendo mentes na gram crueza e na grande humildade e *mansidoen*, 226.

manssionayro (= o que mora, vive): era *mæssionayro* naquela eigreja, 340.

manteer (= manter): os (pobres) *manterrá* hora, 229.

mantel (= manteu): ti dere os *mãtees* que tu metisti, 8.

mantiimento (= mantimento): pera *mantiimento* dos seus corpos, 13.

mao, maa: obras *maas* e desguisadas, 317; trager a *mao* estado, 11, 111.

maravilha: fermoso a *maravilha*, 41; grande a *maravilha*, 42; mui grande a *maravilha*, 18.

marteirar (= martirizar): como quer que nũa fossem *marteirados*, 104.

marteiro (= martirio): receberô *marteiro*, 101.

matinha (= matina): dizer o avangelho aas *matinhas*, 2; hũa

noite pois say de *matilhas*, 114; quis ir aas *matilhas*, 117; disseron sas *matilhas*.

masto (= mastro): e no *masto* da nave, 122.

meaça (= ameaça): por *meaça* e per promessa, 14; sse ele faz *meaça*, 188; mando a ti, Pado, *meaças*, 121; né per *meaças* grandes que lhis fizesse, 112.

mederoso (= medroso): atendendo seu *mederoso* juizo, 58.

medês (= mesmo): cada hũa (maneyra) en si *medes*, 192; aquela *medes* razõ que homê ha pera nõ rogar, 190; naquel tẽpo *medes* os pastores do gaado, 376.

meēfestar: cf. *maēfestar*: *meēfestaron* o que fezeron, 48.

meestre (= mestre): deus o ffezesse *meestre* das vertudes, 377; segui (imper.) teu senhor e teu *meestre* en seus feitos, 70; assanhou muy mal seu *meestre*, 178; demandô-a (filha) d'amor hũu *meestre* d'escolas, 60; a omildade do discipolo foy *meestra* daquele que era abade e *meestre*, 327.

meezĩa (= mezinha): come en *meezĩas* pera os enfermos; ascondudos antr'as *meezĩhas*, 300.

meezinhar (= mezinhar): huũs ferros pera *meezĩhar*, 333.

meiça (= malicia): nom ajas enveja nem *meiça*, 52.

meio: ante dũu *meyo* d'ano, 114; en *meys* de todas estas seedas estava hũa seeda mais alta ca todas, 120; en *meys* destas companhas viinha huũ barom, 120; en huũ *meyo* d'ano aprendi todo o salteiro.

meirinho: filho do teu *meirinho*, 293.

meyogoo: chamou hi todoslos frades e estando en *meyogoo* d'eles, 149; cf. *meogoo*.

menar (= conduzir): el *menava-as* (ovelhas) da hũa parte e da outra, 307.

mengua (= mingua): tristes pola *mẽgua*, 9; por *mengua* e por pobreza que avia, 184; desconforto e a *mengua*, 179; gram *mengua* da ffé, 117; por *mengua* d'agua, 388; vergonha pola *mengua* da ffé, 20.

menguar (= minguar): a nẽgũu non *mẽgua* boa andança, 142; nõ lhi *menguava* (a agua), 78; per quebrãto dos corpos *mẽguẽ* as tẽtações, 398; quando... vio *menguado* o pã na cesta esmou, 100; homeẽs *menguados*, 10; cf. *mingar*.

meninho, a (= menino, a): o bẽ avêturado *menĩho*, 12; envia-ron... sas doas per huũ *menĩho* de ssa terra, 133; tirado ende hũu *menĩho* pequeno, 351; o *menĩho* piedoso, 373; enton era muy *menĩho*; esta que mi vós mostrades *menĩha* a vejo eu, 74; hũa *menĩha* de quatro anos, 291.

mente: se o juiz... não metesse *mêtes* nos corações, 189; ela metia *mentes* 159; metemos *mentes* nas molheres, 66; hũu meninho não metendo *mêtes* como devia a ir cordamente, 80; o velho... meteu *mentes* en terra, 170.

mentideiro (— mentiroso): per hũas paravoas *mentideiras* que lhi disseron, 338.

mentiral: cf. *mentideiro*: os outros que receberam sprito de verdade e nunca seer quiseron *mentiraes*, 46.

mentireiro: cf. *mentideiro*: per testemoiho de muytos *mentireiros*, 338; o speritu *mentireiro* e desleal, 118.

mentre: de *mentre* os outros dormian, 120; podê fazer muytos miragres de *mentre* vivê, 93; di-me que fazias tu de *mentre* guisavam estas cousas, 120; de *mentre* comiã disse aquel que siã na seeda mais alta, 120; e de *mentre* esta referta era, 149; de *mentre* o levassê ao honrrado padre san Beento, 22; de *mentre* viveu o bispo, 135; cf. *dementre*.

meogoo: estavamos no *meogoo* do paraíso, 36; en *meogoo* da mayor caentura, 119; cf. *meyogoo*.

meor (= menor): destes meninhos o maior avia xv anos e o *meor* dez anos; tanto he de *meor* vertude, 338.

meos (= menos): a nossa boca tâto a *meos* exouve nostro se-nhor, 76.

mercee (= mercê): pela *mercee* de Deus; ben e *mercee*, 235.

merchandia (= mercadoria, officio de mercador): entendia muyto en seeus gaanhos dessas *merchãdias*, 167.

merecer: como quer que eu non *meresca* a sser sacerdote, 231; todos *merescamos* entrar i, 59.

merger (= abaixar): quando esto elrei vio *mergeu-sse*, 17; que (deus) *mergeu* os ceos e deceu aas terras, 69.

mericimento (= merecimento): me formasti sem meu *mericimento*, 67.

merloa (= melroa): hũa ave pequena e negra que chamã *merloa*, 376.

meselo (= misero): andando desnudados e muy *meselos* e muy menguados, 124.

mesquidade (= desgraça): vio a mha *mesquidade* e que ficava nos periigoos do mundo já lasso e febre, 109; pela *mesquidade* dos homês, 315; amor lhi fazia que cuidasse... nas *mesquidades* dos homês, 85.

messejeiro (= mensageiro): disse ao seu *messejeiro* que avia nome Juyãao, 295; mandou dizer ao *messejeiro* do papa que sse guysasse pera o caminho, 336.

- mesturar** (= misturar): agua que lhi (poo) *mesturei*, 149; *nã mesturar* *nã* hũa outra cousa, 75.
- meter**: *metudo* en poder do abade, 55; e sobr'esto foy el preso e *metudo* no carcer, 63; *metuda* ata o colo, 153; *meti* (imp.) mentes, filho, que *nã* bevas, 7; *meti* (id.) en este corpo a alma que ende tirasti, 25.
- meu**: ca seria gram meu pecado, 229.
- mha** (= minha): *nã* podes veer en mĩ a *mha* alma, 144; os acendimentos da *mha* carne son en mĩ, 157.
- migo** (= comigo): *migo* no moesteiro mora huũ frade, 86.
- milheiro** (= mil pés): moesteiro... que estava a nove *milheiros* do mar, 78; rio de Nilo que era dali preto duũ *milheiro*, 104.
- mingar** (= minguar): assi *mīgou* o ffogo, 343; cf. *menguar*.
- mininice** (= meninice): aqieste de ssa *mininice*, 371.
- miragre** (= milagre): tantos *miragres* quis nostro senhor fazer per ele, 40; muitos *miragres*, 40; nostro senhor fez tãtos *miragres*, 366; el fará... muitos *miragres* no mundo, 15; nostro senhor faz... muitos *miragres*, 23; senhor Jhesu Christo teus son estes *miragres*, 100; per este *miragre*, 72; fazẽ *miragres*; en seus *miragres*, 346; *nã* fazẽ *miragres*, 316; *miragre* semelhavil aaqieste, 87.
- mõesteiro** (= mosteiro): e chorando e gemendo muito feramente tornou-sse pera seu *mõesteiro*, 29; achei huũ *mõesteiro*, 35; possiões pera fazer *mõesteiros*, 123; a huũ *moesteiro*, 94.
- molezinho**, adv. (= com tibieza): eu dixi de gram coração pero *moleziho* os louvores de deus, 174.
- mongia** (= estado de monge): S. Frutoso logo en começo de sa *mongia*, 40; da *mongia*, 25.
- moolho** (= molho): trouve toda sa messe legada en *moolhos*, 162.
- moor** (= mais velho): e o *moor* deles (mancebos) fez sinal ao meor, 173; (frade) que... he *moor* ca mĩ de dias e sol me dizer, 26.
- mora** (= estada, convivência): *nã* he segura a *mora* de mo-lher e de monge, 169.
- morrer**: a poucos dias foi *morto* (o homem boo), 35; se al no huũ dia ante que *moiras* corrigi (imper.) ta vida, 126.
- mortaidade** (= mortandade): enmliigos que fezerom aquela *mortaidade* nos cristãaos, 161; depes toda esta *mortay-dade*, 122.

mostrar: logar que mi ante *mostrasti*, 38.

mouteira (= moita): *mouteiras* d'ortigas e d'espilhas; quantas arvores .. por altas que fossê nõ semelhavã aaquelles que estavam encima do monte senõ *mouteiras*, 80; o achavã jazer antr'as *mouteyras*, 376.

mover (= sair): o dia que sã Frutoso *mouveu* era domingo, 77; dous monges forõ *movudos*, 43.

N

nacer: maldito seja o dia em que tu *naciste*, 3.

negar: eu cativo mesquinho porque *neguei* ti... , 25.

negligença (= negligência): em muyta *negligença*, 246; ẽ muytas *negligenças*, 247; per sa *negligença*.

nēbrar (= lembrar): bẽ sse *nēbra* aida, 176; ja pela ventura te *nēbrarás* como, 97; *nēbrou*-sse da ameaça, 14.

nēbro (= membro): todolos nervhos e todolos *nēbros* foron assi afortelegados, 98; *nēbros* principaes, 156.

nemiga (= maldade): fazer *nemiga*, 197.

nemigalha (= nada): nõ podia *nemigalha* merecer, 188; nõ he *nemigalha* vosso medo, 97; davã-mi a comer pouco e mal e de vestir e de jazer *nemigalha*, 110.

nēgũu (= ninguém): a *nēgũu* ouuymos falar, 175; parte que lhi non poderã tolher *nengũu*, 6; marteyro que lhi *nēgũu* desse, 162; deus que todalas cousas prende e el non pode seer preso de *nēgũu*, 45; nunca hi *nēgũu* enferma, 63; en outra guisa nunca hi entrou *nēgũu*, 62; *nengũu* nõ devia a despreçar o homen, 62; nõ quisera que lhi enviasse que comesse por *nēgũu*, 98; nõ recebia embargo de *nengũu*, 314; enpeece a *nēgũu*, 318; nõ pode *nēgũu* gaanhar, 349; nõ cuyda *nēgũu*, 131; cousa que *nēgũu* non possa veer, 144.

nē hũu (= nenhum): nõ dizẽ... de *nē hũu*, 89; sē duvida *nē hũu*, 90; *nē hũus* sinais, 98.

nervho (= nervo): talhou-lhi (a pedra) o coiro e as veas e os *nervhos* e os ossos assi que foi dulta dele de perder o pee ou de morrer ende, 117; tiinha os *nervhos* dos pees enco-lheyto, 342.

niente (= nada): castigas cousa de *niente*; me fezisti de *niente*, 67; criou todalas cousas de *niente*, 126; aquel que a (alma) fez de *niente*, 172.

no (= lo, o): rogaron-lhi que lhi fizesse dizer quê *no* matara, 74.

nojado (= ennojado): o honrrado padre sã Beento veêdo-sse muyto *nojado* da lecença, 111; non te *nojes* do enfermo, 52.

noo (= nó): bagoo cheo de *noos*, 307.

nosco (= connosco): tanta lazeira soffreras... que nō poderias *nosco* durar, 107; aquel sancto homê que *nosco* hia, 99; vaa-sse *nosco* pera nosso senhor Jhesu Christo, 139; nō fique *nosco* no moesteiro, 331; apareceu *nosco* hũu mãcebo, 368.

nostro (= nosso): Deus *nostro* senhor, 35; *nostro* senhor Jhesu Christo, 3; fez sa oraçom a *nostro* senhor, 18; derom graças a *nostro* senhor que fez salvos aqueles que en el asperam, 6.

notairo (= notario): era *notáiro* da eigreja de Roma, 347.

notaria (= officio de notario): leixou o offizio da *notaria*, 347.

noveenta (= noventa): foi todo o tempo da sa vida *noveenta* e nove anos, 18.

novicio (= noviço): aqueste frade *novicio*, 388.

nuu (= nu): eu me vejo *nuu*, 57.

nuujdade (= nudez): soffreu por ele muita fame e muita sede e muita *nuidade*, 84.

nuve (= nuvem): nō aparecia nê hũa *nuve* no aar, 27.

O

obedeecer (= obedecer): sōo en coita de morte porque lhi (ao êmiigo) *obedeeci*, 30; e ele (Sardoninho) *obedeecendo* ao mandado de nostro Senhor, 116; besta muda que lhi *obedeecia*, 72; aquele Vacrilo *obedeecia* aa sentença, 160; huũ amigo que mi *obedeecia*, 186; elas (ovelhas) lhi *obedeeciã*, 306; senō souberō premeiramente *obedeecer*, 319; nō quis *obedeecer*, 361; nō querêdo *obedeecer*; cōvê a nós que *obedeescamos*, 93.

obedeença (= obediencia): querendo provar *obedeença*, 269; quero estar en *obedeença*, 59; forte *obedeença*, 104; come en *obedeença* come en paceença, 261.

obligar (= obrigar): ca elas se *obligarō* aa morte do fogo, 184; porque conhoce que he *obligada*, 172; inferno a que tii-

nha ja ssa alma *obligada*, 85; morte perduravel que era *obligada*, 84.

ocajom (= ocasião): pera nō averē os homēs *ocaion*, 190.

offerecer: o corpo de deus *offeresco* nas mhas mãas cada dia, 131; *offereci*-as (imper.) (missas) a deus padre, 299.

offerendar (= fazer oferta): viinha cada dia *offerendar* aa eigreja, 14.

ofizio (= officio): per razon do *ofizio* en que soon, 365.

oiteenta (= oitenta): ele avia *oyteēta* libras d'ouro, 229.

oje: ainda *oje* este dia nō sō conhoqudos os mandadeiros, 9; aqieste fecto he hora assi nēbrado naquel moesteiro bē come se *oje* aqieste dia acaecesse, 155.

ola: come se quebrasse *ola* per gram fogo, 367.

oliva (= azeitona): nō apareciam nas oliveyras *olivas* nē hūas, 346.

onde (= donde): por veer *onde* saia aquel fedor, 14; filho *onde* he este fedor... e *onde* sō aquestes vermeēs? 14; terra maa e lixosa *onde* viim, 39; *onde* vées? 33; ffilho *onde* es ou quē he teu padre ou ta madre, 12; daly *onde* sse ele (deus) parte entram os maaos spritos, 48; o meu companheiro Johaņe *onde* vos faley, 116; lagoa *onde* a (agua) tiravā, 174; preguntey-o muy de coraçō *onde* era, 360; logar *onde* o tirastes, 368.

oo (= ao): os que mal fizerō d'irem *oo* inferno, 54.

oonte (= ontem): o dia *doonte* prometi, 326; o dia *doonte*, 366; eu nō ti dixi *oontē*, 337.

orar: se levantou logo huū dos princepes e *oró-o* (Satanas), 33.

ordiadamente (= ordenadamente): fizerō todos o sinal da cruz *ordiadamente*, 203; contou-me *ordiadamente*, 275.

ordiar (= ordenar): Judas... foi... *ordiado* bispo, 4; este... foy *ordiado* d'avangelho, 63; moesteiro em que o o bispo da terra *ordiou* de missa, 116; foy depois *ordiado* que morresse, 349; *ordiaron* todo o moesteiro, 12; *ordion* aaquel que tevesse seu logar, 11; pois que se *ordiou* de missa, 151; cf. *fazer*.

ordim (= ordem): que o recebesse na *ordī*... e o que a *ordē* pedia, 104; tu que nō ás nē hūas *ordiis* sagradas, 332; que o recebesse a ssa *ordī*, 388; algũa destas *ordijs*, 3; *ordiis* sagradas, 3.

ordinhaçom (= ordenação): a *ordinhaçō* que deus feze dos feytos, 349.

ordinhar: cf. *ordiar*: e pois aquele mōge foy *ordinhado*, 95;

cousas que nõ forõ *ordinhadas* nõ sabudas de nostro senhor, 349; ca se deus *ordihou*, 349; aaquel que se queria *ordinhar* d'avangelho, 229; foy depois tâ boo que o *ordinhou* de missa, 231; *ordihanas* (mortes) cada que podem, 260.

osmar (= imaginar): eu *osmo* .. que o miragre, 87.

ousança (= ousadia): per sa *ousança* perseverada, 79.

outor (= autor): sol aparecer o *outor*, 159.

outoridade (= autoridade): disse-lhi que guardasse ja sa *outoridade*, 135; per *outoridade* do rei, 160; sê *outoridade* e sê lecêça nõ hũa, 334; homões d'*outoridade* e de verdade, 187; pela *outoridade* de deus, 347.

outri (= outrem): dizer a *outri*, 5.

outrim: cf. *outri*: piadade que a *outri* fizesse, 125; eu ia soubesse per *outri*.

outro: eles sêdo falando hũus *outros*, 357; como se eles hũus *outros* conhocê, 136; deron-se paz hũus *outros*, 123.

ouvir: esto que *ouvisti*, 11; dou-ti graças senhor por que me *ouvisti*, 162; tu que o (posfaçador) *ouviures*, 45; *ouvi* (imper.) e cata as obras da sanha, 47; *ouvi* o quarto mandado, 46; ora *ouvy* o ssesto mandado, 48; *ouvi* outras cousas... fazi algo, 52; *ouvi* o noveo mandado, 52; filho ora *ouvi*, 55; ergo *ouvi*.

oveençal: mandou aos *oveençaes* de seu moesteiro, 125.

P

paancada (= pancada): nõ per *paancada* nõ per feridas, 323.

paceença (= paciência): teer eu *paceêça*, 12; soffrer com *paceêça*, 188; per *paceença* e per humildade, 134; de tanta *paceêça* he, 309; Deus aida atêde cõ gram *paceença* dos pecados que lhi fizemos, 185; con gram *paceença*, 144.

padecer: amostra-mi per que *padesco* esta coita, 112; aquesto *padesco*, 199.

pagar (= apagar): fogo que nũca sse paga, 183; — se (= gostar): serpente que he animalha de que sse el muito *paga*, 98.

Paio: papa don *Payo*, 77.

Panuço: e san *Panuço* estava enton en orações pojando, 61.

parar (= aparar): quem te ferir na destra face para-lhi tu a outra, 54; — se (= encostar-se): e Macario se foi *parar*

sobrelo muimento, 74; *para-te* tras mhas spadoas e esta aqui, 120.

paravoa (= palavra): sanctas *paravoas* e... muytas esmolnas, 152; *paravoa* d'Antioco contra o mancebo, 91; o filho de deus padre se chamava *paravoa*... no começo era *paravoa* e *paravoa* era cõ deus e deus era *paravoa*... *paravoas* sã linguas, 113; as *paravoas* querazia, 185; amoes-tô-o per *paravoa*, 125; propoer a *paravoa* de deus, 332.

paravra: cf. *paravoa*: acendeu os corações dos homês assi no amor de deus per sa boa *paravra*, 79; vos contarei en poucas *paravras*, 111; estas *paravras*razia, 149;razia muytas *paravras* sandias e çujas, 144; como quer que o bispo sancto fosse sempre de boa *paravra*, 146; de nêgũu aprendesse a *paravra* de deus, 134; propoer a *paravra* de deus, 334.

parda (= fêmea de leopardo (?): hũa besta que chamã *parda*, 19.

parecer: cousas que bẽ *parecã*, 163.

parte: deste pecado e dos outros que el fazia nõ sabiã os outros frades *parte*, 186.

parvoo (= pequeno): os menihos *parvoos* que estudavã na gramatica pois o viron yr assi bevedo 126; barões come molheres e assi velhos come *parvoos*; non podemos creer que todos *parvoos* que já sabẽ falar devẽ a entrar no reino celestial, 161.

patrimõio (= patrimonio): todo o seu *patrimõio* damo-lo a essa eigreja, 160.

pea (= pena): pelos maaes que fiz e polas *peas* a que avia d'ir ouvi aqueste cuidado en meu coração e polo gram medo que avia do inferno secou-xi-mi assi a carne e os ossos, 43-4; o poboo... nõ se nêbrou das coitas e das *peas* e dos tortos e das premas que ouverõ, 154; que lhis dessen grandes *peas*, 219; tira-os das *peas* do inferno, 258; lhis quita as *peas* que mereceron, 259; dementre se nêbrou da *pea*, 3; mandou-lhis que morressem por *pea* da culpa en que caerã, 21; leva el (o emiigo antigo) os maos per enveja aas *pẽas* do iferno, 72; lhis dessen muytas *peas*, 102; a escriptura santa... fala da *pẽa*, 172; receber morte e tormenta e *pea*, 172; polas *pẽas* grandes que avia, 278; muyto temo aquelas *pẽas* do inferno, 279.

peça (= porção de tempo): a cabo dũa *peça*, 76; era ja gran *peça* do dia andada, id.; durou hũa mui gram *peça* que

a loba ño veo a ssa casa, 100; e pois rogaron muy gram *peça*, 82; sayu cõ eles hũa *peça*, 101; morei con eles (frades) *peça* de tempo, 275; (= porção): ardera já hũa *peça* da cidade, 343; morreu gram *peça* de gente, 184; muy gram *peça* deles non quiseron sacrificar e prougue-lhes mais, 103.

pecador (= pecadora): cf. *fazer*.

pecar: *pecasti* contra muitos pobres, 152.

pedida (= pedido): sen outra *pedida* e sê outra oraçõ, 23.

pee (= pé): porque me deitarei eu a sseus *pees*? 55; non te levantes dante seus *pees*, 55; deytou-sse a seus *pees*, 348.

peego (= pego): eu soo Paaya *peego* de maldade, 70; viinhã as animalhas... e beviã da agua daquel *peego*, 168; achey... hũu muy gram *peego* de muitas aguas, 167.

peendença (= penitencia): trager a *peendença*, 189; *peendêças* que en este mundo ño teve, 187; fazer *peendença*, 186.

peendençal (= penitencial); entõ lhi mandey rezar os psalmos *peendençaes*, 115.

peito: salvo que tijna os *peytos* caêtes (falando de homem), 184.

peoria (= estado ou condições de pior): segũdo a melhoria ou a *peoria* das cousas, 183.

pequeninho (= pequenino): tirado huum (chaão) muy *pequeniho*, 343.

pequeno: hũa gram pena... foi toda talhada en *pequeno* tempo, 116; hũu *pequeno* d'espaco, 278; hũu *pequeno* tempo calou-sse aquela voz; sse calou a voz hũu *pequeno* de tempo, 348; o tempo *pequeno* que avia de viver, 348; en tâ *pequeno* tâpo, 12.

per (= particula reforçativa): depois que as (orações) *per* acabasse, 231; muito *per* he pequẽno e dura pouco o sabor deste mundo, 107; ca ja (a obra) pouca *per* he, 336.

percudir (= censurar, repreender): mais *percudia* per sa lengua aqueles que enmiigos de deus eram.

perder: tempo *perdudo*, alma *perduda*, 31; o mais avia *perdudo*, ca todo sse saia en vermẽes, 75.

perdõar (= perdoar): rogares que mi *perdõe* os meus pecados, 299.

perduravil: vida *perduravil*, 3, 315; speranza *perduravil* e a promessa de nostro senhor Jhesu Christo, 58; nós que avemos padre *perduravil*... que dá aos que o servem requezas *perduraviis*, 66; morte *perduravil*, 306.

perfioso (= porfioso): son *perfiosos*, 138.

perigoo (= perigo): nostro senhor me livrou de *perigoo* deste mundo e das peas do inferno, 44; onde (= pelo que) devemos mais a catar que da ta saude ti nõ venha *perigoo*, 75; muitos *perigoos* que soffri, 114; Deus livrou os seus servos de tantos *perigoos*, 158; viir-lh-á ende *perigoo*, 310.

perleer (= ler bem, inteiramente): depois adur o *perleera* aynda, 237.

pero, conj. conc.: e *pero* se paga deus muito de filhar ordem e avito, mais se paga .. da limpha mente, 62; *pero* nõ fora chamado, 348; *pero* nõ leixa porê de seer, 144.

perseguçom (= perseguição): tantas *perseguições* e tantas tristezas, 119; se acharõ o tẽpo da *perseguçõ*, 101.

perteecer (= pertencer): cousas que *perteeciam* aa fé, 142; que aa ffe *perteeciam*, 13; cousas que ao tẽplo *perteeciam*, 377.

pesseveradamente (= perseveradamente): andar tã *pesseveradamente* de rredor, 376.

pesseverar (= perseverar): debes *pesseverar* em orações muito espessamente, 12; se *pesseverares* ata acima, 218; e ela (poonba) *pesseverava* voando, 68; ô (= ao) que puxa e *pessevera* dereitamente abré-lhi, 97; o godo *pesseverãdo* en felonia de seu coração, 360; e o homẽ boo que andava con gram coyta de seu filho *pesseverou* en sa demanda, 24.

pestelença (= pestilencia): quanta *pestelença* avia, 141; *pestelẽça* que noutro dia acaeceu naquesta cidade de Roma, 184.

piadade (= piedade): por sa *piadade*, 10.

piadoso (= piedoso): deus poderoso... porque he *piadoso*, 89.

pistola (= epistola): ouvio a *pistola* de sã Paulo, 10; hũu clẽrigo de *pistola*, 111, 18; el fala en sas *pistolas*, 85.

poboo (= povo): eu moro em meyo do *poboo* que ha beiços lixosos, 76; a ira do seu *poboo*, 77.

pobrar (= povoar): que (rio de Nilo) he *pobrado* todo de moesteiros... pelas ribas, 103.

poçoento (= peçonhento): mordedura de cã *poçoento*, 128; as que erã *poçoentas* deitava-as a longe, 102.

poçonha (= peçonha): lhi deu a beber *poçonha*, 118; matar com *poçonha*, 111, 18.

poder: e non *pudi* nõ hũa cousa veer, 37; nono *pudi* veer, 102; non *pudi* veer, 123; nõ *pudi* ouvir, 365; aadur *pudi* gaanhar, 6.

podridõe (= podridão): começou-lhi a sair da *podridõe* do corpo huũ fêdor, 14.

poer (= pôr): este tal vermen *pugi* eu en meus olhos, 17; *poi-nha-sse* en câto da casa, 241; *pose-lha* (coroa), 34; *pose-a* (lampada) ante sa porta, 30; a cobiiça... lhes (aos servos de deus) *pon* deante os desejos das molheres, 54; *pose-lhi* a mão sobrela chaga, 113; eu nõ ti *porrei* conselho, 103; *porrey* eu este adoue, 178; nós nõ *porremos* hi nossas mãas, 131; *poynha-lhi* as mãos pelas barvas e pelo rosto, 182; cousas muy torpes... lhi *poynha*... deante, 286; *poinha-o* ante os meus olhos, 314; come lhi *poynhã* na cabeça hũa coroa de ffroles, 192; *porrei* toda a verdade, 317; *poende-me* cõtra o ffogo, 343; *poã-lhe* as mãos na boca e os pees aas vegadas, 78; a ta entẽõ *pon* nome aa ta obra, 358; *pose-lhis* hũu dia assinaado, 11; *pose-as* (mãos) sobrela mesa, 27.

pois (= depois): *pois* esto e outras cousas muitas lhi ouve ditas, 64; e *pois* achou o usso morto, 72; *pois* esta palavra disse, 75.

pojar (= sobrepojar): mais o do Egipto *pojava* o outro en tâto que avia muita de graça com sancto Antonio, 73.

ponger (= punzir): *pongiã* barvas.

poo (= pô): fiz dela (saia) *poo* e bevy-o, 149.

poomba (= pomba): tres *poombas* muĩ fremosas, 41; viu o monge sair hũa *poomba* da ssa boca que voou atẽe o ceo, 25; vejo hũa *poomba*, 26; *põoba* muy branca, 152; en semelhança de *põoba*, 29; voava a derredor de mĩ hũa *poonba* negra e lixosa.

porende (= por isso): *porẽde* o miragre, 84.

pormeter (= prometer): ela *pormeteu-mho* mas escaeceu-lhi, 112.

pos: cf. *pois*: os seus ossos de *pos* sa morte, 93.

posfaçar (= dizer mal): non *pasfaças* nem ouças de boa mente o posfaçador, 45; outri non possa *posfaçar* de ti, 50; os homês maaos *posfaçarã* de mĩ e aporrã-mĩ de-
pois, 132.

posfaço (= acção de posfaçar): o maaos sprito faz homem posfaçar o *posfaço* do enmiigo, 46.

possisson (= posse, cousa possuida): a eigreja nõ avia *possis-sões*, 135; fezesse hũu moesteiro hũa sa *possisson*, 216; rica de vertudes e nõ de *possissões*, 282.

possoir: os maldizentes nõ *possoyrã*, 73.

- pouco**: bevessem *pouca* dagua, 72; el bevia mui *pouca* agua, 72; comiã (os frades)... *pouco* pam com *pouco* de sal, 73; quanto mais *pouco* guardarõ de fazer obras, 181; per *poucas* (= por pouco que não) ouue de morrer, 234; mais *pouco*, 315; tão mais *pouco* veemos o porto, 316.
- pouquetinho** (= poucoquinho): ante huñ *pouquetinho*, 271; (a aaguya) voou huñ *pouquetinho*, 261; fomos adeante huñ *pouquetinho*, 306; se nõ hũas (olivas) muy *pouquetihãs*, 346; o azeite... quam *pouquetiho* quer que fosse, 347; tomou aquel *pouquetiho* d'azeite, 347; en hũas *pouquetihãs* de videyras ficarom hũus *pouquetihos* d'aazeos d'uvas, 351; (taalhas) en que muy *pouquetiho* de viho deytara, 352; colheu... en hũu vaso aquele *pouquetinho* de vio, 351; se quer *pouquetinho*, 377.
- prazer**: desto *prougue* muito a nostro senhor, 95; *prougue-lhi* cõ ela (pele), 102; quando o eu vi *prougue-mi* muyto, 116; quando lhi *prouguer*, 304; *prougue* aos cristãos que a consegrassem, 107; obras per que *prouguesse* a deus, 366.
- prazo** (= escrito de divida): deu-lhi o *prazo* que dela tiinha, 141.
- prea** (= presa): e assy começou a estar o mesquinho con sa *prea*, 94; cativos probes cristãos que a ele viinhã e aos outros que fugirõ da *prea* dos Lombardos.
- preegar** (= pregar): que (vertude de deus) lhi per palavra *preegara*, 112, 20.
- preguntar**: seu clerigo... *preguntou* ainda san Gregorio, 189; er *pregũtey-os* e dixi, 168.
- prelacia** (= prelazia): en tempo de sa *prelacia*, 282.
- prelonga** (= demora): el metendo-o en *prelonga* e avendo *preguyça*, 238.
- prelongadamente** (= prolongadamente): orou mui *prelongadamente*, 388.
- prema** (= pressão): e per *prema* da vertude de nostro senhor.
- premeiramente** (= primeiramente): este *premeiramente* comia hervas, 102; onde o *premeiramente* tirara, 310; carrega cõ que *premeiramente* nõ podia, 176; Paaio que *premeiramente* fez vida d'ermitã, 7; estado em que *premeiramente* vivi, 315; el *premeiramente* salvasse, 334; aquel (logar) pera que o *premeiramente* levarõ, 366.
- premeiro** (= primeiro): ca a *premeira* vertude de vencer, 105; esta era a *premeira* vertude que eles aviam: teer bẽ le-

- cença de seu maior, 97; a grandeza do coração logo da *premeira* he sandia, 48; aa segunda noyte aveo-lhi assi como na *premeira*, 15; torna-sse (o bixo) aaquelo que tiinha da *premeira*, 133; come da *premeira*, 361.
- premer** ou **premir**: o dragon me *preme* cõ sas escamas, 185.
- prepoer** (= *prepor*): aqieste homen... *prepose* e firmou en seu coração, 78.
- preste**: don Stevã... soy *preste* da proêça de Valeria, 89; hũu clerigo de missa e he *preste* d'Ysauria, 186.
- preste**, adv.: tijinha nostro senhor aa ssa boca e tã *preste* pera conprir o que lhi rogava, 75.
- prestidado** (= pronto (?): e por esto, Pedro, podes entender que o êmiigo antigo que tã *prestidado* está nos feytos corporaes, 90.
- prestumeiro** (= ultimo): sentença *prestumeira*, 141; o outro frade *prestumeiro*, 348; *prestumeira* parte, 80.
- preto** (= perto): vulcã que está aqui *preto* de nós, 175; hũu poço que hi avia a *preto* onde avia agua pera o mões-teyro, 13; vaamos a hũu poço que aqui ha *preto* de nós nẽ vêtura se ascondesse hi, 15; *preto* dũu ano, 107; ouvemos feitas nossas orações a *preto* do sepulcro de nostro senhor, 7; mestre Alexandre foy-sse *preto* a hũu lugar, 91; mataron hũu homẽ *preto* daly, 73; morã tã *preto*, 172; ficou *preto* dali en hũa mouta que hi avia, 79; era ja *preto* da noyte, 132; quando foi *preto* de manhãa, 174; avia *preto* de duzentos mōges, 318.
- prez** (= preço, honra, dignidade): pera tolherẽ *prez* e louvor aas obras, 358.
- primeira**: cf. *premeiro*: da *primeira*, 3, 380.
- probe** (= pobre): ja dera todo aos outros *probes*, 157; desse aaquela *probe*, 157.
- probeza** (= pobreza): Deus fez que elrei mi pos conselho en mha prison e em mha *probeza*, 110; acrecentou aida outra *pobreza* e outra coyta maior, 351; cf. *aver*.
- proença** (= provincia): na cidade de Merida e na *proença* de Luzitania, 141; estas vertudes fazia na *proença* de Sany, 320; fora abade naquela *proêça*, 329; he custume naquela *proença*, 367; conhecidos na *proença* de Pulha, 118; todas las *proenças* d'Italia, 99; cf. *preste*.
- profeitamento** (= proveito): a gram *profeitamento* dos monges, 348.
- profeltar** ou **porfeitar** (= aproveitar): pelas tas demandas

queres *profeitar*, 144; as pēas do inferno *porfeitā* de as veer, 181; nō *porfeytōu* a el mais *porfeitou* aaqueles que o ouvyrō, 180; a outro... nō *porfeytōu* ne migalha, 185; esta visō nō *porfeitou* a el que a vvyu, 85; ca lhi nō poderiā *profeytar*, 131; tã bē *profeitou* aquel meniño na lēda de nostro senhor, 134; mais *profeita* ao homē trabalhar, 271.

profiteoso (= proveitoso): a todos era piadoso e *profiteoso*, 165.

profetar (= fazer de profeta, adivinhando o futuro): os homēes *profetam* e dizē as cousas que an de viir, 10.

prol (= proveito): que a (parte) metesse en *prol* dos pobres, 63; fazer *prol* de, 60; non tem *prol* soffrese (= sofrer-se) homen dos homēes e nō doutros maaos desejos, 92.

prometer: nega... o que *promitisti* a ta ordem e dar-ch'ei mha filha, 25; o cilicio que *prometisti*, 113; (manto) que *prometisti*, 312; aquele que foy *prometudo*, 97.

promissa (= promessa): o clerigo nēbrādo-sse da *promissa*, 127; fosse acabada a *promissa*, 350; *promissa* que fezera, 363; *promissa* que lhis faz, 188; duvidasse das *promissas*, 112, 20.

propoeer (= propôr): *propose* en seu coraçō, 230; *propoy-nha*... de sse partir, 376.

propoiamento (= intenção, proposito): com *propoymento* de fazer peēdēça, 169; bōo *propoymento*, 182; o firme *propoiamento*, 182; bōo *propoiamento*, 306.

proveitar: cf. *profeitar*: as riquezas que foram gaanhadas per pecados *proveitem* a pobres.

proveer (= prover): nostro senhor que lhis *proveera* de tã boo pastor, 141; *proveeu* deus aa ssa eigreja... doutro bispo, 141.

provincia: cf. *proença*: clerigo de missa da *provincia* de Valeria, 89.

proviimento (= provimento): per cuidado e per *proviimento* de deus, 80.

punger (= pungir): agulhas... cō que o *pungessem*, 117; agulhas que assi possā *punger*.

punhar (= esforçar-se): o ēmiigo... *punha* de ete, 26; *punhei* em fazer aquelo que entendi, 31; *punhou* de lhi (a deus) fazer prazer.

purgaminho (= pergaminho): escrevera en hūu pequeno de *purgaminho*, 227.

puridade (= cousa secreta): assi come as *puridades* do ango, 97.

purgar (= limpar): que sse *purgassê* os seus pecados, 187; fogo do porgatorio en que sse *porgâ* os pecados menores, 187.

Q

qual: morasse cõ *qual* gente quer que lhi mais *prouguesse*, 159.

quanto: depois que ali morei ja *quanto* tempo, 106; cf. *já*.

quareesma (= quaresma): tempo de *quareesma*, 284.

quareenta (= quarenta): *quareêta* anos ha, 168; *quareêta* milhas que fazê viinte leguas, 374.

que (= quem): o senhor... a *que* todalas (creaturas) devem servir, 144; (= o que): sen *que* nõ pode viver nêhũa animalha, 144; gravava-o o sono já *que*, 133: cf. *já*; (repetição) debes a entender... *que* algũus feitos *que* conta-rei, 317.

quebrar: ante que *quebrasse* o alvor, 365.

quedar (= terminar): quantas tribulações e descordias e tēpestades avia... todas *quedaron*... e tornarõ-se en paz e en concordia e en boa andança, 130.

quegendo (= qual): o dia do juizo *quegendo* ha de seer, 51; de cada hũa *quegenda* era, 257; queres... que ti conte *quegendos* forõ algũus, 350; *quegendo* foy per vertude, 126.

quemquer: *quẽ quer* lho (que avia muita graça de Deus) poderia entender pelo rostro, 72.

quer: como *quer* que (= ainda que) a voz... fosse pequena, 365; como *quer* que miragres nõ façã, 369.

querer: que lhi *quise* dar; tu pela ta mercee *quesisti*... mostrar tã gram sinal, 32; eu nõ *quigi* estar en mha ordẽ, 31; tu nõ *quisisti*... viver, 14; pois comeu quanto *quise*, 99; *quesesti* veer, 147; non *quesisti* leixar, 154; *quisi-o* deus... confortar, 159; nõ *quesisti* fazer sacrificio aos deos, 220; seu padre... nõca o *quesera* corregger, 161; dou-ti graças por que nõ *quesisti*, 230; (o êmiigo) *querrã* sse apoderar de mĩ, 315; e *quise-o* (carneiro) leixar, 93; nõ *quesera* dar, 361; e nõ *quesisti* fazer meu rogo, 27.

quis qual (= cada um): diz o sabedor: *quis qual* he taes palavras diz e taes obras faz, 146.

quite: d'arvores e d'ervas era ela (terra) bem *quite*, 105; livres e *quites* dos cuydados do mundo, 372.

R

raçom ou **razom** (= razão): pois as partes disseron sas *rações*, 177; as *razões* que as partes disserõ, 177.

raffece (= vil, facil): el se metia aa tanto serviço *raffece*, 59; vestido de vestiduras muy viis e muy *rafeces*, 128; quatro cubertores *raffeces*, 239; nê hũa cousa nõ he mais *raffece* nê mais ligeira nê mais saborosa ca servir a Deus, 17; nõ lhi era *rafece* cousa de departir, 102.

raffecemente: se moveu *raffecemente*, 47.

raigada (= raiz (?): as lēguas forõ talhadas pelas *raygadas*, 113; cf. *lengua*.

raigado (= arraigado): o seu coraçõ assi era *rraygado* no amor de Deus, 143; tragia seu coraçõ *raygado* no amor de Deus, 13.

rago (= raio): queimaria o *rago* do sol a alma, 452; cf. *rigo*.

ravha (= raiva): toda a *ravha* e a braveza que avia mudou-a em mãssidõe, 359.

ravhoso: hũu cavalo duum cavaleyro foi *ravhoso* e adur o podiã teer, 359.

rebever (= tornar a beber): bevia e *rebevia* sobre sa força, 126.

recadar (= levar): demẽtre o menĩho hya... *recadar* o mãdado que lhi dissera, 176.

recado: homẽes de maaõ *recado*; homẽ de pequeno *recado* e de pequeno entendimento, 341.

receber: *recebi* (imper.) os menĩhos, 361; senhor... *recebi* sa peendença, 26; *recebuda* he ta peendença, 26; tu desti, *recebisti*, 152; tu que *recebisti* muytos bẽes en ta vida, 177; tu rrico que *recebisti* muytos bẽes, 232; nê *recebisti* nê hũa ordẽ sagrada, 332.

recodir (= sair): o muy boo odor que de ssa cela *recodia*, 139; movimẽtos que lhi soyam a *rrecodir*, 329; *recodia* tã grande agua, 388; ffedor e nevoa que *recudia* do ryo, 182; entõ *recudiron* acima da ponte outros homẽes, 180; toda a companhia *recudio* ali cõ gram choro, 185; tanto foy o boo odor que da ssa carne podre en logo de ver-mẽes *recudio*, 170; *recudio* tã boo odor... daquel muymento, 192; *recudio* ende (do muimento) hũu odor de tã gram prazer, 127.

reconhocer: *reconhosco*... que ele, 184; *reconhosco* padre que, 138; *reconhosco* que a alteza, 131; confesso e *reconhosco*, 28.

redoma: a *redoma* de vidro em que siia aquel pouco d'azeite; cf. *rodoma*.

reffece: cf. *raffece*: cousas viis e *rreffeces*, 362.

reffecemente: cf. *raffecemente*: vencerono as têtacões do êmiigo tam *reffecemente*, 118.

refertoliro (= refeitorio): fezessê o *rreffertoyro*, 11.

regar (= rogar): outro veo aaquel abade *regalo*, 104.

reger: como *rega* sy e os outros, 319.

regueengo (= reguengo): hũu seu lugar que era *regueengo*, 129.

reigado: cf. *raigado*: coraçõ muy assessegado e muy *reigado* na fé, 147.

reiz (= raiz): Jhesu Christo... que he fonte da vida cõ Deus e *rreiz* de bondade, 97.

releu ⁽¹⁾: ficarõ tâtos pedaços daquel pã no *releu* en que avia mais pã, 126.

religa (= reliquia): hu... as sas *religas*, 115; possessê hi as *religas* de sã Savaschão, 107.

remiidor (= remidor ou redemptor): deu a ssa alma ao seu *remiidor*, 164; ir pera seu *remidor*, 172; o nosso *remiidor* quando alumeou os dous cegos, 352; a louvor do nosso *remiidor*, 370.

remilmento (= remição): por *remiimento* de ssas almas, 147.

remir: aquel que a (alma) fez e que a *remio*, 172.

ren (= nada, alguma cousa): juyz a que sse *rê* nõ asconde, 191; como ousarei eu pedir *rrê*, 53; non fez sembrante que dava por en *ren*, 76; nõ podemos *rrê* de bê fazer, 377.

render (= retribuir): o boo jajunho tal he... e de nõ *rrender* homen mal por mal, 92.

repeender (= arrepender): se nõ *repeendeu*, 172; se bon feze-res e te bê *repeenderes*, 38; se a palavra ociosa... *repeende* o juiz... quanto mais *repeenderá* a palavra que

⁽¹⁾ Viterbo dá a este vocabulo o sentido de *resto*, *sobejo*, que aqui não convém. Morais tem igualmente *releu* ou *raleu*, também improprio.

enpeece, 74; se mal fezeres en ta vida e te nã *repeende-res*, 38; Filemon *repêdeu-se* muy de coração, 65.

reprendimento (= repreensão): sen *reprendimento* dos homẽs, 142.

riqueza (= riqueza): tomou quantas *riquezas* avia e trou-ve-as e deitô-as ant'os pees do sancto bispo e rogô-o, 44; guarda-te de sobeja *riqueza*, de sabença de vãas palavras e de sobervha... e de posfaçar... e de teer meyça en teu coração e de deostar e de ascuitar o deos-tador, 50.

reteer: seja *retehuda* (a alma), 172.

retudo (= derretido): hũu mar de pez *retudo*, 279.

revel (= rebelde): muy *revees* pera sacrificar os idolos, 293.

reverença (= reverência): pera lhi fazer *reverença*, 268; tanta era a *reverença*, 108; posessem cõ gram *reverença*, 111.

revez (= cada um por sua vez): falando a *rrevezes*.

reytorica (= retorica): a *reytorica*... mostra carreyra, 371.

rezente (= recente): demêtre a ssa pea foy *rezente* e nova, 3.

rigamente (= rijamente): chorou com eles muy *rigamente*, 147; começou a chorar muy *rigamente*, 365; chorou muy *rigamente*, de seus olhos, 72.

riço (= rijo): e eles estavã muy *rigos* e muy fortes, 102.

riir (= rir): o mãcebo começou a *rrir* muy de coração, 179; tu *rris*? nã queres que ria, id.; começarõ a trebelhar e a *rrir*, 182; os outros frades se *riiam* del, 104; e *rija*-sse del, 341.

rimanço (= romance): quer dizer en nosso *rimanço* ⁽¹⁾.

rio: o *rio* de Tibre que corre per Roma, 87; o *ryo* de Nilo secava, 228.

rodoma: pois a *rodoma* deitarom de cima da feestra a ffundo, 19, 112; hũa *rodoma* de vidro, 18, 111; cf. *redoma*.

romeu (= romeiro): queixume que o *romeu* fazia, 357; tomou semelhança dũu *romeu*, 357.

rosto (= rosto): o *rosto* avia mui magro; con seu *rosto* dei-tado en terra, 79.

ruvho (= ruivo): aqueles outros que parecẽ *ruvhos* e ver-melhos, 260; vio as faces *ruvhos*, 259; vy o mar *ruvho*, 102.

(1) Antes tinha dito: *nosso linguagem*.

S

saar (=sasar): como Fortunado *saou* o cego, 358; *saar* os enfermos, 366; demandando... mercee... que a *saasse*, 98; depois que o *saou* compridamente, 149; que me livres e me *saes* desta enfermidade, 98; rogarõno aïda que *saasse* o braço do seu escabeçador.

sabado: os obreyros nõ lavravam en ela (casa) senõ no dia *sabado*, 182.

sabença: nõ pode atãger aa *ssabença*, 338; a *ssabença* que (deus) ouve desses feytos, 349.

sabenda (=sabença (?): non por *sabenda* que ende quisesse aprender, 191.

saber: *sabi* (imper.) que perdoados ti son (teus pecados), 191; *sabi* que mi derõ, 163; *sabi* que toda vez que ti crecer sobervha, 49; e *ssabi* que tal dultança, 53; *sabi* que eu seerey teu defendedor, 121; *sabi* que eu queymey, 149; *sabi*... que te mandarei atormentar muy cruevilmente, 148; como quer que *sabha* as obras que fez, 191; cousas que *soubi* dũus meus vezĩhos, 180; non *soubi* o que demandeï, 144; ca bem *sabhas* que servo he de deus, 7; deste *soubi* eu muitas cousas, 77; ata hora nõ *soubi* 138; quando esto foi *sabudo* per toda a cidade, 6; logar *sabudo* da cidade, 224.

sacrifço (=sacrificio): os cristãaos faziã seu *sacrifço*, 106.

sagha (=çaga (?): verrã o filho de deus com seus sanctos angos na *sagha*, 57.

sagramento (=sacramento): tomar os *sagramentos*, 194; *sagramento* do seu corpo, 263; deu-lhis logo con sa mão o *sagramento* do corpo de nosso senhor, 16, 111.

sair: quando deste mundo *sal*, 144; depois que do corpo *sal* (a alma), 172; quando a alma *sal* do corpo, 178; homem de deus, *sal* (imperativo) acá, 15; *sal-te* e preega, 333; *sal-te* dele, 92; *saan* (conj.) do que prometeron, 93.

sajes (=prudente): come homem *sajes*, 117.

salteiro (=saltério): aqieste nũca quedava de rezar seu *salteiro*, 192.

sanador (=senador): ca viinha da Ilage dos *sanadores*, 131; dom Honorio o *sanador*.

sangui (=sangue): o êmiigo deitou comigo tã muitas pulgas

que mi çugavã o *ssangui*, 110; tanto que se lhi o *sangui* secou, 117.

sarrar (=sasar ou sâar (?): toda a maldade *sarrará*, 146; (= fechar): *sarrou-se* en ela (cela) e vestiu hũu lorigon, 91; achou a porta da castra *sarrada*, 117; achou a porta *sarrada*, 137; esteve en aquele moesteiro *sarrado*, 151.

saude (=salvação): ffilha, sey leda, esto ti deu deus por ta *saude*, 75; *ssaude* de ssa alma, 84.

savaa (=toalha): deytou hũa *savaa* do altar sobr'ela e cobrio-a dela, 364.

Savaschaão (=Sebastião): eigreja de san *Savaschaão* martir, 363.

scarnho (=escarnio): querer fazer *scarnho*; forõ cõprehendidos no *scârnho*, 1.

seeda (=assento, cadeira): as rodas das *seedas* eram como fogo ardente, 58; levantou-sse da *seeda* en que siia, 133; sol que saê dos corpos... logo as recebê nas *seedas* celestiaes 165.

seelar (=selar): sarrou a adega e *seelou* de seu seelo, 352.

seenço (=silencio): nê guardava seu *seenço*, 246; eigreja en quẽ tomã con *seenço* aquela esmolna, 172.

seentar (=assentar): este bispo... *sẽetou-sse*, 48.

seer (=ser, estar): quem he este... que... *see* soo, 41; rogou ela... que... lhi prouguesse que ela *sevesse* en hũu logar asconduda, 128; nos que *siiamos* comendo, 3; e tu... enquanto comigo *fusti* fezeste a mĩ assi, 4; o servo de deus *seve* muy bẽ calado, 100; *sey* (imper.) contrairo a estes que mi querẽ fazer mal, 161; *sey* de largo coraçon e sesudo, 47; *sey* en ta cela e chora teus pecados, 168; hũu de seus filhos *sevesse* aa parte destra e outro aa sseestra, 101; o de largo coraçon he alegre... e *see* en grande alteza, 47; aa porta *siia* hũu velho, 62; logar hu *siiam* as seedas, asscẽetou-sse, 120; hũa dona de gram sangui que *siia* casada con o melhor e mais nobre homen da cidade de Merida, 130; de mentre *siiã* e falavã muytas cousas; dali onde *siiam*, 157; *sivi* cõ eles; ele *seve* fazendo sa obra, 173; offizio en que *sõo*, 315; hũu homẽ *siia* en sa pousada, 357; cãdea que ssee sobrelo cãdeeyro alumea quantos *seen* na casa, 375; *severõ* e cõtãrõ muytas boas cousas, 375; el *siia* folgando, 13; *seve* no leito, 83; nẽ estar hu el *sevesse* ou estevesse, 150; sã Beẽto veo a ela cõ seus discipolos e *seve* cõ ela, 26; todalas outras

arcas que na eigreja *siiam*, 106; lugar en, que *siiam*, 27; menlha paralitica que *sija* naquela eigreja, 97; *fusti* duvidoso e desasperasti, 152.

seestra (=esquerda): estando ante a *sseestra* da mha cela, 279; que a (redoma) deitassê a longe pela *seestra*, 112, 19; partio-sse da *seestra* da cela, 79; se deytava no lado *seestro* sempre os êmigos, 185.

segrado (=sagrado): lugar *segrado*, 107; logares *segrados*, 106.

segral (=secular): fugia sêpre aa cõpanha dos homês *segraes*, 162.

segre (=século): homês de *segre*.

seguir: *sigui* (imper.) teu salvador, 61; *segui* (id.) teu senhor, 70.

segur (=machadinha): ca lhi derõ cõ hũa *segur* pela cabeça, 110.

seitimo (=setimo): ante que sse comprisse o *seytimo* dia, 348.

semelhar: outras cousas que se *semelham* com estas, 51.

semelhavil: miragre *semelhavil* aaqueste, 87.

sempre: viver por *sempre*, 38.

Sempricio (=Simplicio): avia nome *Sempricio*, 108.

senbrante (=semblante): cõ *senbrante* de sanhuda, 92.

sen (=juizo): que tornara ja a ssi meesmo e era en seu *sen* e en seu recado, 176.

senhor (fem.): *senhor*, eu me vou, 160.

senhos (=cada um o seu): froles de *senhos* coores, 36; quantos homês hi estavã todos davam *senhos* juizos, 60; fez os meninhos poer en *senhos* cavalos, 361.

sentir: non *senteria*, 144.

sêo (=seio): guardou-as (toalhas) en seu *sêo*, 8.

sequia (=seca): gram *sequia* era na terra pola gram caentura, 77.

sergente (=servo): o apostolo se quis mostrar aaquel seu *sergente*, 97; nê a teu *sergente*, 104; hũa *sergente* de deus, 332; o enmiigo que he êmiigo dos *sergentes* de Jhesu Christo, 109; vai ao nosso *sergente* e di-lhi, 112; (mancebo) muyto booo *sergente*, 116; chamou sas filhas e sas *sergentes*, 114.

servidõe (=servidão): livrou si e seus filhos de *servidõe*, 202; *servidõe* he a cousa do mûdo que mais avorrece aos homêes, 216; en cuja *servidõe* ficara, 117.

- servir:** en que hora eu *servho*, 174; *servir* Deus, 35; he gram dereyto que os *servhamos*, 198; prometo que... te *servha* muy liphamente, 197; anos ha que eu *servho*, 186; taes officios en que *servhã*, 378.
- sesseenta** (= sessenta): colupna de *sesseenta* covedos, 17; achei... en outro (logar) *sesseenta* (monges), 105; depós *sesseenta* e dous anos, 119; *sesseenta* moyos de pã, 196.
- sesudo** (= sisudo): se algũu... non for *sesudo*, coffonde-lo-ha ella (a maa cobiiça), 54.
- seu, sa:** Isaac *seu* filho d'Abrão, 350; hũa *sa* ama delas (monjas), 14; a gram dano da *ssa* alma, 161; *sa* mercee de deus, 174; agua... corre segundo *sa* natura, 88; a claridade que das *sas* faces recudia, 152; creceu a fama da *ssa* bondade e da *sa* vertude, 72; acrecêta depois a *ssa* graça, 333.
- si** (= se): *si* he porque nós tardi ou nũa ouvymos os seus mãdados, 76.
- sigo** (= consigo): aquel... deu logo *sigo* dentro, 103.
- simplez** (= simples): sã puros e *simplezes*. 75; cf. *simprez*.
- simpre:** cf. *simprez*: don Paulo *simpre*, 196.
- simprecidade** (= simplicidade): homẽ de grande sãtidade e de gram *simprecidade*, 160.
- simprez:** tã *simprez* era, 180; *simprez* discipulo, 155; o homem *simprez*, 73.
- simprezmente:** el respondeu *simprezmente*, 138.
- sinar-se** (= persignar-se): e logo me *sinei* e dixi, 114.
- so** (= sob): *so* seu defendimento, 91.
- sobervecer** (= ensoberbecer): *soberuhecendo*, 181.
- sobervha** (= soberba): da amargura (nace) grandeza e *sobervha*, 48; paravoas... çujas e de gram *sobervha*, 146; fazer *soberuha*, 176; sse deleytã mais na *sobervha* que na justiça, id.; quẽ quer que... ti fazer mal *soberuha*, 78; deus quebrantou e omildou sa *sobervha*, 396; cõ desdeinho e gram *soberuha*, 336; quãta *sobervha* cuydara, 8; a *sobervha* que no seu coraçõ tẽ asconduda, 342.
- sobervho** (= soberbo): era muy *soberuho* e muy luxurioso, 185.
- sobervhoso** (= soberboso): foy hũu cavaleyro... muy *sobervhoso*, 216; homen que era tã *soberuhoso*, 335; que coraçõ avia se *sobervhoso* se omildoso, 34; era muy *sobervhoso* e muy luxurioso, 185.

- sobinho** (= deitado de costas): o corpo do abade jazia *sobinho*, 95.
- sobir**: quando esto tal ti *sobir* no coração logo o (ango maa) conhecerás, 49.
- soborrvalho** (= cozido debaixo do borralho): fezerã (os frades) hũu pã de *soborrvalho*, 367.
- sobrar** (= vencer): se te vestires de boa cobliça *sobrarás* a maa, 54.
- sobre**: muitos santos às (tu, deus) ascondudos *sobre* la terra, 9; jouve hi... *sobre* la terra nuu, 132; pôs sas mãos *sobelos* olhos dos leões; poendo a mão *sobelo* seu estamago; veio perseguição grande *sobelos* cristãos, 218; *sobelo* altar, 118; hũas queriã pousar *sobre*la sa boca e outras *sobre*los olhos, 173; *sobre*la porta, 237; *sobela* seeda sliam sete corvos, 253; *sobre* la maldade dos homẽs, 309; pose-lhi a mão *sobre*la chaga, 312; pôs sas mãas *sobre*la enferma eno nome de deus, 132; deu salto *sobre* la leoa, 270.
- sobreza** (= circunspecção (?): *sobreza* que el avia, que sol a seer guardada d'umildade, 351.
- sobrião** (= sobrinho): era *sobrião* do patriarcha, 240; hũu meu *sobrião* filho dũu meu irmão, 118; era seu *sobrião* filho de sa irmã, 133.
- soer**: muytas vezes *sol* acaecer, 184; *sol* muytas vegadas acaecer, 178; a carne *sol* a apodrecer e criar vermeens e fedor, 183; *soia* a falar comigo, 174; *sol* aida homẽ a ssonhar naquelas cousas que...; assi *sol* acaecer aos grandes senhores, 334; arte de que el (o ãmiigo antigo) *sol* usar, 78; come *sol* acaecer, 13; cf. *moor*.
- sofrer-se** (= abster-se): de todas estas cousas se [deve] a *sofrer* o que quer seer servo de Deus, 51; o que sse desto non *soffre*, 51; ergo *soffre-te* de todas estas cousas, 51; *soffre-te* de toda cousa maa e avol, 57; sey *sofrudo*, 26; peas e tormẽtos que já *soffristi*, 22.
- sol** (= só): disse aquel que era maior esta palavra *sol*, 174; desto *sol* contava hũu exẽplo, 194; el nõ lhi respondeu hũa paravoa *sol*, 219; *sol* deus sabe; el *sol* sabe, 132; *sol* que (= com tanto que) o levedes deles per seu grado, 233; *sol* que o sancto bispo fizesse caer, 120; e *sol* que (= tanto que) esta palavra disse, 90; *sol* que o soterrassem, 122.
- solaz** (= consolação): *solaz* que de seu padre esperital perdia, 162; cõ *solaz* volo dixi, 236; fazer *solaz*, 87.

soo (=só): se quiser viver *soo* crecermha ende argulho, 59; porque o acharõ *soo*, 130; esto *soo* non cuides, 53; sabe deus *soo*, 143; deus *soo* he juiz, 165; hua *soo* esteira, 180; cantar a missa a mĩ meesmo *soo*, 243; viveu *soo* per muitos anos enserrado en hũa cova, 77; cf. *sol*.

soo ou **são** (=som (?): aqueles *soos*, 281; boos *soos*, 132.

soombra (=sombra): hu vir ta *soombra*, 5.

sopultura (=sepultura): pera fazer a *ssopultura*, 192.

sorriir (=sorrir): cõ gram desdenho começou a *ssorriir*, 331.

soteleza (=subtileza): as vegadas acaece Pedro que tâta he a virtude e a *soteleza* das almas, 167.

sotil: cousas *sotiis*, 144; o aar daquel logar era muy *sotil*, 120.

soterrainho (=subterraneo): morada *soterraynha*, 262.

sperital (=espiritual): vida *sperital*, 13; cf. *esperital*.

sperito: recebêdo a mĩ meu *sperito*, 278; *sperito* de profecia; e el que o (dia da sua morte) soube pelo *sperito* santo, 21; cf. *esperito*.

speritualmente: san Bceto veo *speritualmente*, 12.

spirar (=inspirar): (o *esperito sancto*) *spira* hu quer, 10.

spirital: os becs tẽporaes e os *spiritaes*, 272; cf. *sperital*.

suso (=acima): como de *suso* dissemos; cova de que *suso* falamos, 76, 78.

T

ta (=tua): pelas *tas* demandas, 143.

taalha (=talha): en todalas *taalhas*, 347; e eles sarrarõ as *taalhas*, 347; guardasse bẽ todalas... *taalhas*, 351.

taamo (=talamo): Jhesu Christo... me levou ao seu celestial *taamo*.

tabelliõ (=tabelião): fez chamar-lo hũu *tabelliõ*, 240; disse o patriarcha ao *tabelliõ*, 240.

talan (=vontade): se tâ grandes miragres se faziã solamête polo *talã* que el avia que sse fezessẽ, 112.

talhoõ (=banco de subir á cama) ⁽¹⁾: porque nõ achou vara nẽ paaõ cõ que lhi desse tomou as *talhoos* que tiinha ant'o leyto, 326; o dia doonte empecey nas *talhoos* dos pees e feri-me, 327.

tardi (=tarde): era ja muy *tardi*, 365; ja *tardi*, 8.

(1) *Escabelo subpedaneo*, diz o latim.

tarragido (= terror (?): quando deciã (os frades) aa costa do môte aviã muy *tarragido* se paravã mêtes a ffundo hu aviam d'ir e hiam sempre a gram perigoo, 387.

Tassis (= Tarsis): e pois *Tassis* esto ouuyo, 250.

tavoa (= taboa): feridas que lhis el dava cõ aquela *tavoa*, 100.

teer (= ter): *tivi* mentes, 36; que (corpo) *tiinham* en hũu leito, 39; nẽ lhi (abade) *terrei* a sa obedeença, 55; homẽs muitos que hi *terriam* aprestados, 158; boos cavaleiros consigo *tiinha*, 96; que sse *terriã* por pecadores, 98; *tevera* cõ dô Lourêço e nõ cõ Symaco, 187; este... sempre *tere* cõ dô Lourêço, 187; *tiinha* seu fogo ante ssi, 357.

teevra (= treva): aqueles que sse aĩda nas *teevras* do pecado e no fedor dos prazeres da carne deleytã, 183; seerã meduto nas *teevras*, 11; nembra-te... do inferno e de sas *teevras*, 58; todo o teu corpo seerã cheo de *teevra*, 358.

tegolo (= tijolo): casa de *tegolos* douro, 181.

temedor (= temente): *temedor* de deus e onrrador de seus amigos, 125.

temer: *temer* deus; que cousa he *temer* deus, 11; *temi* (imperativo) Deus, 55; pois *temi-o* (Deus) e guarda seus mandados; tu *temi* mais deus..., 57; o ãmiigo nõ seera ia *temudo*, 91.

tender (= estender): e eu *tendi* mha mãao, 68; *têdo* as mãaos alçadas e o mato *têdudo*, 354; *tendeu* sas mãaos ao ceo, 24.

tentamento (= tentação): fala do *tentamento* deste mundo, 11.

tercer (= terceiro): a *tercer* dia foi acabado (o cilicio), 114; e a *tercer* dia de pos a morte do meniho, 234; a *tercer* dia foy fecto, 312; a *tercer* dia chamou o clerigo... seu sobrão, 352; depos *tercer* dia, 29.

termho (= termo): gloria que nõ ha par nẽ *termho*, 194; sen cima e sen *termho* nẽ hũu, 259; en cujo *termho* el viveu, 280; son sã *termho* alongados de nós pelos dões, 320.

terreal (= secular (?): nõ ousei a dizer meu pecado ante os *terreaes*, 31.

testemoinha (= testemunha): os frades... foron *testemoyinhas* desto; Deus do ceo e da terra trago por *testemoyinha*, 120; Deus trago por *testemõia*, 252.

testemõio (= testemunho): falso *testemõio*, 51; dezia en *testemõio* de vrdade, 124; apoer *testemõio* falso, 188; *testemoyinho* que tu deste, 189; per *testemõios* dos homẽes,

316; per *testemõio* domêes boos, 317; que *testemoiõho* deve aver, 377; homês... que... dâ *testemuynho*, 80.

testo (= tecido): desvesti hũa vestidura que tragia *testa* de cabelos de cabras, 223.

teyto (= tecto): o velho meteu mêtês no *teyto*, 170; o *teyto* desta casa, 171; o *teyto* da eigreja, 88; siia hũu *teyto* d'arame, 278; caeu hũu seyxo do *teyto*, 354.

ti (= te): peço-*ti* por mercee que mho contes, 350.

tigo (= contigo): *tigo* dormirâ esta noyte, 114; sempr'o (ango) tem *tigo* pera tas obras boas, 49.

todo (= tudo): *todo* dizes, 144.

tolher (= tirar): tu *tulhisti* a ssa offerta a nostro senhor, 100; non *tolhisti* a ta misericordia de mĩ, 163; o que lhi foy *tolheito* per pequena sobervha, 115; porêde *tolhi* (imper.) a palha, 151; todas estas cousas *tolhi* de ti, 52.

tomar: cousas... que *tomasti*, 23.

tornar: (= tornar-se): *tornou* (o cavalo) tâ manso, 150; viron que o cavalo *tornara* tâ manso, 150.

torto (= injustiça, sem razão): nem a *torto*, nem a dereito, 46; se te acusarem com *torto*, 55; *tortos* que lhi faziã, 85.

torva (= turvação): *torva* que ouve no seu coraron, 185; avia de tomar aas *torvas* e as tempestades do mundo, 152; fêzeron gram *torva* no reino, 161.

torvo (= perturbada): (a alma) seerâ *torva*, 52.

torvon (= trovão): per grandes *torvões*, 13.

toste (= cedo): leva-te *toste* e vay con el (mercador), 61; que o trouvesse tâ *toste* a hũu mandadeiro do papa, 335.

trager (= trazer): o tabelhõ *trouue* o meniõho, 240; testemoiõho que *trouveste*, 173; porque o fezisti... *trouvisti*, 17; en tal que o *trouvesse* mal como *tragia* os outros que tâ maaos erã, 100; o abade... *trouxe* mal os frades, 98; servo e... *trouve* aquelas cousas, 5; o *tragia* muy mal, 18; *tragi* (imper.) o meniõho e di-lhe ete, 240; *tragi-os* dentro, 267; autoridades que eu *trouxi*; e *trouve-o* (monge) mal, 112, 9; *trouve* mal e deostou... aquel bispo, 110.

traspassar (= deixar): o mandado de nostro senhor... nõ sse pode *traspassar* que se nõ compra, 139.

trastempar (= passar além do tempo, prescrever): cousa já *trastempada*, 3.

trasverter (= trasbordar): *trasvertia* o vïo per cima das cubas e das taalhas, 352.

trebelho (= brincadeira): dizia en *trebelho*, 65.

treito (= tratado): hũu homẽ que era mal *treito* do ãmiigo, 180; aacima levarom este mal *treyto* do ãmiigo, 3.

tremedoiro (= tremendo): nostro senhor nos parará ante sa *tremedoiro* seeda, 66.

trestẽpado (= fora de si (?): falava como *trestẽpado* ou triste-pado, 76.

tresteza (= tristeza): tolhi de ti *tresteza* ca a *tresteza* he irmãa da dultança; ca *tresteza* he o peor sprito dos maaos e coffondi os servos de deus, 56; toda a *tresteza* se tornou en prazer, 141; confortado e sen *tresteza*, 235; pera crecẽtar mais mha *tresteza*, 314; tornarõ a el cõ *tresteza*, 11; ouve gram *tresteza* no moesteiro de ssa morte, 179; disse-lhi con gram *tresteza*, 27; creceu-lhi a *tresteza*, 73.

triindade (= trindade): hũa das tres pessoas da *triindade*, 352.

trobar (= fazer trovas): acharás tres homẽs: hũu escreve e outro *troba* e o terceiro tem hũu bagoo en sa mão, 39.

tromba (= trombeta): quando a *tromba* soar con seu rouco sãõ, 38.

U

unger (= ungir): me... confortaua *ungendo* a mha boca, 209.

usso (= urso): mandaua ao *usso*, 72; fazendo o sancto homẽ tal vida com seu *usso*, 72; matarõ o *usso*, 72.

uuhar (= uivar): 276; cf. *huuhar*.

V

vagueiar (= vaguear): andasse *vagueiando* pelo mũdo, 111.

valer: *val* tãto come, 5.

vedro (= velho): testamento *vedro*, 283.

veer (= ver): logar que hora *visti*, 38; logar boo que *visti*, 38; aquel que *viia* na sancta seeda, 41; fremosura que en el *viia*, 41; ali *viia* homen flores brancas e vermelhas e jalnes e indias, 36; eles nono *viihã*, 169; e quando isto *vii*, 36; *viia* como o vale era todo cheo d'amores, 36; chus *visti* algũa cousa? 27; *veey* (imper.) como esta molher he chagada, 113; ora er *veey* as obras do ango maaõ, 49; irmãao, *veey* como non despendas mal teu tempo, 58;

ora *veey* o onzeno mandado, 58; *vey* que devas a fazer e avy cuydado, 117; *veey* como o olho, 145; viimo-lo *veer*, 171; que te maravilhas se non *visti* a alma, 144; os frades que esto *viiam*; porque *viiam* homem, 59; sempre o el *vee*, 95; dava-lhis... o que *viia* que lhis compria, 71; o que *viia* que era guisado, 97; e se *viia*, 179; aquel que tu *visti*, 174; lagrimas que lhi *viiam* chorar, 242; quando lhas (maravilhas) *viia* fazer, 350; algũus miragres daquestes que lhi *viiam* fazer, 352; que ali *viia*, 357; *viia*... os cuidados, 9; pois el *viia*... os cuidados, 9; foi *vehudo* de todos e non *vehudo* (deus), 45.

vegada (= vez): aas *vegadas* ouvesse (David) sperito de prophecia, 338; assi como parece muitas *vegadas*, 93.

vegiar (= vigiar): toda aquela noite *vegiaron* ambos os irmãos, 28.

vencer: sãõ *vençudo*; o enmiigo... partir-s'á logo de ti *vençudo* e mal treito, 57; ficou *vençudo*, 146; viron os ereges *vençudos*, 146.

vendimha (= vendima): quando chegou o tempo da *vendimha*, 112; queria vir fazer sa *vendimha*, 311.

vendimhar (= vendimar): prazia ao patriarcha de o (homen boo) ir *vendimhãdo*, 233.

vendita (= vingança): toma *vendita*, 154; Deus tomasse deles sa *vendita*, 130.

verça (= especie de couve): hy avia hũu orto hu auia muitas *verças*, 99.

vergüidade (= virgindade): aquel monge... me ouve de *vergüidade*, 189; prometiã a guardar sa *vergüidade*.

verme (= verme): erã (as coovras)... mui fortes pela fervura do sol como *vermees* da terra, 72; o sabor do luxurioso e o prazer he *verme* e fedor, 183; polos *vermees*, 193.

vervejar (= falar): guarda-te de muito *vervejar* e de luxuria e de sobervha e de orgulho, 52.

vespra (= vespera): des manhãa atee *vespra*, 13.

verso (= verso): cãtarõ cinque salmos e seis *versos*, 174.

veuva (= viuva): molher que ficava *veuva*, 82; o que ouueres de meter nas boas ceas da-o a *veuvã* 92; aquela saia que tomaste aa mesquinha *veuva*, 91; veo a el hũa *veuva* probezilha, 157.

vezinho (= vizinho): as gentes *vezinhas*... ouvirom, 16.

via (= caminho): vai-te ta *via* pera hu quiseses, 14; el-rei... foi-se sa *via* dando graças a nostro senhor, 17.

- viinda** (= vinda): disse o mōge ca pela *viinda* do abade, 98; atendiam a *viinda* delrey seu senhor, 120.
- viinte** (= vinte): fizeram-lhi outro de *viinte* couedos, 16; ja avia *viinte* anos que servia nostro senhor, 109; en *viinte* (dias); mais este menino Simhon quando ouue *viinte* e quatro anos, 10; tragia... *viinte* mil, 61; *viinte* dias e *viinte* noytes andara sempre sobre mar, 226; de *viinte* e cinco anos en deãte, 377.
- viir**: Deus á *viir* a julgar, 58; quando *vẽo* aaquela ponte, 180; esto te *viim* dizer por non argulheceres, 68; mi Deus prometeu que *verriades* a peendencia, 170; *viinha-lhi* teer hũa loba companha e jamais nũa errava desto, 100; mal te *verrá* en, 113; (o êmiigo) *verrá* apos mĩ, 114; logo sse el *verria* de pos eles, 367; os pecadores *verriã* a peendencia, 132; e se *viinha*, 367; e *viindo*, 368; vingança de deus *vẽo* logo sobre aqueles quatro monges, 73; *vẽo* a rraposa, 362; *viinha* a mĩ, 365; o usso nõ *viinha* aa hora en que o mandarõ *viir*; triste porque lhi non *vẽo*, 72; aquel rei... *vẽo*, 1; aqueles que cõ el *verriam*, 110; nõ *veesti*, 11; logo *verra*, 336; hũu homen *vẽo-o* a demandar ao seu moesteyro, 24; sentença temedoira que *verrá* sobre ti, consiira... , 126; aa cima *vẽo* ao sancto bispo, 138; des aquí adeante *verria*... aas sas eigrejas, 140; seendo el... no adro com muitos seus subjectos o arcediago *vẽo*, 136; tu que *viisti* a este mundo, 197; enton *verrás*, 231; bẽ seia *vehudo* o filho do meu sobrão, 240.
- vil**: panos velhos e *viis*, 269; duas vestiduras *viis*, 173.
- vindita**: receberá *vindita*; deus fez *vendita*, 73; cf. *vendita*.
- vinho**: compartilhar com eles (pobres) o *vinho*, 351.
- virgêe** (= virgem): en hũu moesteiro de *virgêes*, 330.
- viver**: *veviã* aida en este mudo, 176; en tal guisa *vivi* (imper.), 52; *vivi* (id.) com Deus, 46.
- voontade** (= vontade): e assi foi pela *voontade* de nostro senhor, 19; compriisse sa *voontade*, 23; *voontade* de furtar e de roubar e crece-lhi muita sobervha e muita vaidade e livhaldade, 49; nõ era assi, ante era per *voontade* de Deus, 98; quando (o homẽ) sse asanha de sa *voontade*, 308; contra sa *voontade*, 28.
- vosco** (= convosco): entrarei eu *vosco*, 242; ficarei eu con *vosco*.
- voz**: respondeu o morto do muymento alta *voz* e disse que o nõ matara el, 74.

X

xe (= se): hũa noite *xe* mi asseentou aa cabeceira e chegou-
xi-mi ao narizes, 109; hũa das bestas soltou-*xe*-lhis, 110;
e logo *xi* lhi secarõ as mãos, 22; nõ *xi* mi asconde ren,
140; todo seu coraçõ *xi* lhi rende, 57; certas son *xi* muy
poucos, 131; ficou-*xi* no mundo, 264; assi como *xo* ele
disse, 159.

Y

ypocresia (= hipocrisia): sabede que *ypocresia* he demostrar
homẽ boa cristaidade e no na aver, 108.

D'este *Glossario*, onde apenas incluí as palavras e formas
obsoletas, vê-se de quanta importancia é para a historia da
lingua o texto donde o extrai; por isso conveniente seria que
a Direcção da Biblioteca Nacional o fizesse publicar, tornan-
do-o acessivel aos estudiosos.

J. J. N.

Gonçalo Fernandes Trancoso

I-III

Pelos artigos já aqui publicados pode considerar-se estabelecida na *Revista Lusit.* uma serie de estudos acêrca do nosso novelista do sec. XVI, Gonçalo Fernandes Trancoso. Esses estudos são:

- I — *O Adagiario de Trancoso*, por Sousa Viterbo, no vol. VII, p. 97 ss.;
- II — Uma edição dos «Contos», por Joseph de Perrot, no vol. XVI, p. 159 ss.;
- III — *Um Trancosano illustre*, por J. L. de V., no vol. XXIII, p. 190.

Agora se seguem outros estudos.

J. L. DE V.

IV

Um dos volumes da *Antologia Portuguesa*, com que o D.^o Agostinho de Campos está vantajosamente contribuindo para a vulgarização de muitos dos nossos bons autores, é consagrado a Trancoso, e este mesmo titulo tem, Lisboa 1921. Consta de Introdução substanciosa, e dividida em sete capitulos:

1. — Biografia, onde apresenta a conjectura de que Trancoso exerceu qualquer profissão na organização judicial do seu tempo.
2. — Trancoso e a critica.
3. — Trancoso como escritor.
4. — Trancoso na História Literária das Espanhas.
5. — As fontes do livro de Trancoso.
6. — Bibliografia.
7. — A «Antologia».

Como informação bibliografica, devo dizer que os Contos de Trancoso tiveram tanta voga, que passaram para a *literatura de cordel*.

Possuo uma *Relação Curiosa*, Lisboa 1765 (folheto d'essa literatura) com o conto 7.º da pt. III que creio que é desconhecida dos bibliógrafos e dos etnógrafos. É possível que haja separatas analogas.

J. L. DE V.

V

A proposito do mencionado volume da *Antologia Portuguesa* publicou T. F. Crane in *The Romanic Review* XIII (1922), 279-282, um valioso artigo que com a devida vénia se transcreve a seguir:

In the introduction to the second volume of his *Orígenes de la Novela*, Madrid, 1907, Menéndez y Pelayo gives a detailed account of the short story or *novela* in the Iberian peninsula. The earliest tales of this kind go back to the translations of Oriental storybooks or of *exempla* originally intended for the use of preachers. Aside, however, from the very characteristic *El Conde Lucanor*, the Spanish short story was for ever a century a translation or imitation of the Italian *novella*. In my *Italian Social Customs of the Sixteenth Century* I have shown the extraordinary vogue of collections of short stories, the frame of which is an imitation of the introduction to the *Decameron*. This is peculiarly true of the seventeenth century, although the greatest of all Spanish stories at the beginning of this period, Cervantes's *Novelas Ejemplares*, had no frame in which the stories were fitted. This is also the case with another very interesting collection of moral stories published in Portugal some thirty-eight years earlier by Gonçalo Fernandes Trancoso. The absence of a frame in this latter work is all the more remarkable since the author wrote it to assuage the sorrow caused by the death at Lisbon in the plague of 1569 of his wife, daughter, a son, and nephew.

Trancoso's work was frequently reprinted (some fifteen editions between 1575 and 1764 are mentioned by the bibliographers) and he enjoyed great popularity in his own country, but his stories were not reprinted after 1764, and all editions are now scarce. His memory was kept alive only by bibliographers and historians of Portuguese literature until Theophilo Braga published in 1883 nineteen of Trancoso's thirtyeight tales in his *Contos Tradicionais do Povo Portuguez*, Oporto, vol. II, pp. 62-128. The stories published by

Braga were those of interest to students of popular tales. For a similar reason Sousa Viterbo published in the *Revista Lusitana*, vol. VII (1902), 97-103, an article on Trancoso as a source for the study of Portuguese proverbs. The writer gives the few known facts of Trancoso's life, reprints the prologue to the first edition (¹), gives a list of the editions mentioned by previous bibliographers, and publishes nineteen proverbs from the *Histórias de Proveito e Exemplo*.

Nothing more was printed about Trancoso until last year (1921) when twenty-four of the thirty-eight *histórias* were reprinted in *The Antologia Portuguesa* edited by Agostinho de Campos and attractively printed at Lisbon by Aillaud and Bertrand. Of the fourteen omitted stories five are given by Braga in the work mentioned above, leaving nine still inaccessible to the student. Most of these are of little interest; only two, in fact, are of any importance; the second story of the second part (a version of the theme of «The Thankful Dead»), and the eighth of the third part, a story taken from Cintio's *Gli Eccatomi*, II, 1.

Nothing is known of Trancoso's life except what he him-

(¹) Sousa Viterbo does not say where he found the *Prologo* which he reprints. Menéndez y Pelayo, *op. cit.*, p. LXXXVIII, says that the «carta» directed to the Queen Doña Catalina, widow of Don Juan III and «regentess» of the Kingdom, is found only in the first and very rare edition of the *Contos* of 1575 and was unfortunately omitted in the subsequent editions. This is a mistake. Professor J. de Perott in 1913 published in the *Revista Lusitana*, vol. XVI, pp. 159-163, an account of a rare edition printed at Lisbon in 1594 by Antonio Alvarez. This edition contains the *Prologo* to the Queen and is reprinted in full by Professor de Perott, showing that the *Prologo* had probably been printed in the previous editions of 1575 (?), 1585, and 1589. It was apparently not printed in the subsequent editions. It is reproduced with some omissions in the modern edition which forms the subject of this review. I may add that the edition of 1594 seems to be unknown to all previous bibliographers. By the courtesy of the owner I had an opportunity to examine this edition, which contains the first two parts only. The third part probably appeared for the first time in the next edition of 1596.

self tells us in the *Prologo* mentioned above: that he was living in the city of Lisbon in 1569 when it was depopulated by the plague which robbed him of a daughter twenty-four years of age, a son who was a student, a nephew, choir-boy in the cathedral, and a wife beloved for her virtues; that these losses caused him to fall into so deep a melancholy that he feared it would injure his body and soul; and to distract his mind he determined to write tales of adventure, profitable and exemplary stories, together with some sayings of wise and serious men. He tells us in his stories that he lived in the parish of S. Pedro de Alfama, and Sousa Viterbo, *op. cit.*, p. 100, prints a document of 1575 in which Trancoso was surety for a certain Francisco Lainez, but which contains no details of his life. He was author of one other work, an ecclesiastical calendar to determine the moveable feasts of the church, published in 1570. All other particulars of Trancoso's life are pure conjecture, as to the place and date of his birth (Trancoso, 1515 or 1520) and death (before 1596).

The value of Trancoso's work for the study of diffusion of popular tales is slight. The author was familiar, of course, with the Italian novelists and borrowed some nine of his stories from Boccaccio, Bandello, Cintio, Sercambi and Straparola. Some eight stories are derived from sources more or less popular which reached Trancoso probably by way of oral tradition. Among these are the story (I, 9) of «The Envious Neighbors», one of whom is to receive double what is granted to the other. Menéndez y Pelayo, *op. cit.*, p. xcvi, thinks Trancoso took his story from the fables of Avianus (20), but the story was widely known in many other forms (see Crane's *Jacques de Vitry*, No. 196; Klapper, *Erzählungen*, No. 156; and Braga, *op. cit.*, II, 69-230); «The Secret Revealed» (I, II), which has Italian variants as old as the *Cento Novelle Antiche* (see Oesterley's *Gesta Romanorum*, cap. 124, and Alessandro d'Ancona, *Studj di Critica e Storia Letteraria*, Bologna, 1880, p. 348; «The Emperor and the Abbot» (I, 17) (see Child's *English and Scottish Ballads*, pt. II, p. 403); here again Italian versions abound (see Crane's *Italian Popular Tales*, pp. 275, 276, 378); «The Three Counsels» (I, 18) (see *Gesta Romanorum*, cap. 103, and Crane, *op. cit.*, pp. 157, 357); a Spanish version is in *El Conde Lucanor*, ed. Knust, p. 37; «The Thankful Dead» (II, 1) has already been mentioned (the most copious references to this widely spread tale may be found in

the third volume of Bolte and Polivka's *Anmerkungen* to Grimm, pp. 40 et seq.); «The Virtuous Queen and the Two Envious Sisters» (II, 7), of which innumerable versions are found in Italy and the Iberian peninsula (see Braga, *op. cit.*, II, pp. 192 et seq.; Crane, *op. cit.*, p. 17; and Bolte and Polivka, *op. cit.*, No. 96); «The False and the True Prince», (III, 1), which has echoes in the *Cento Novelle Antiche*, IV, and in the *Libro de los Enxemplos*, No. 247. Finally, in this connection may be mentioned «The Found Purse» (III, 7), a very popular story of Oriental origin (see Chauvin, *Bibliographie des Ouvrages Arabes*, IX, p. 26, *Orient und Occident*, I, p. 656), of which variants are found in Italy (Sercambi, Nov. IV, Cintio, I, 9) and in Spain (Timoneda, No. VI). Menéndez y Pelayo, *op. cit.*, p. XCIV, says that Trancoso's version appears to be independent of these and of popular origin.

Some of Trancoso's stories are mere anecdotes, the sources of which are to be found in such works as Melchior de la Cruz's *Floresta Española*, etc. This is the case with I, 8, where a steward tells the archbishop of Toledo that he has too many in his household. A list is made of those necessary and those unnecessary. The archbishop says: «Let those remain whom I need, and also those others who need me». The same idea is found in the preceding story (I, 7), where a king gives a youth a position as accountant in the customs. An inspector of the treasury remarking to the king on the uselessness of the office, the latter replies: «If we do not need the accountant, the youth needs the office». Some of this anecdotes are taken from Spanish history, e. g. II, 9, where the Marques de Priego, seeing one of his castles razed by the order of the Catholic King, says: «Thank God for having given me walls on which the king's anger may be vented!»

One of the most curious of Trancoso's stories is the one (I, 14) entitled by Braga «A prova das laranjas» and by the Antologia «Alma Tabelio» («A Notary's Mind»), which is briefly as follows. A lawyer with three sons asks his lord to take one of them into his service. The Lord tests the three by asking how many oranges are in a bowl of water. There are four whole ones and seven halves, which latter in the water, appear like whole ones. Two of the brothers answer a dozen and a half; the third calls in two witnesses and in their presence takes the oranges out of the bowl and draws up a legal document relating the facts. The lord takes him into his ser-

vice. The *Antologia*, p. XLVI, says that an analogous situation is found in *El Conde Lucanor*, No. 19. This is not a very close parallel; in it a king tests the worth of his three sons by dressing them up and having them ride through the streets of the city and report to him what they had observed.

I have said above that Trancoso took some nine of his stories (occurring mostly in the third part) from the Italian novelists. It may be interesting to know which they are. From the *Decameron* he took the stories of Tito and Gisippo (x, 8) and of Griselda (x, 10); from Bandello (II, 15) the story of Pietro and the miller's daughter whom the duke of Florence compels him to make his wife; from Cintio (I, 5) the story of Pisti the Vinitian, who slays his wife's suitor and flees from justice; he finally surrenders himself to save his family from starvation, and is pardoned by the state ⁽¹⁾; from Cintio (I, 9) the story of Filargiro, who loses a purse and offers a reward for its discovery; when it is found the owner pretends that it contained more money and the judge decides that it cannot be the one he lost (this story is also in Sercambi, IV, as has been stated above); from Cintio (II, 1), the story where Diego kills the lover of Caritea, who promises her hand to the one who will bring her the murderer's head. In a subsequent war with Portugal Diego defends Caritea and captures her enemy the king of Portugal. Diego then surrenders himself to Caritea, who marries him.

T. F. CRANE.



(1) These two stories were very popular and furnished Lope de Vega with the plots of his plays, *La Quinta de Florencia* and *El Piadoso Veneciano*, both now accessible to the student in volume xv of the edition of Lope de Vega's works edited by the Spanish Academy, Madrid, 1913, pp. 359, 536.

ERVEDOSA

Linguagem popular de Ervedosa do Douro

Na faixa meridional dos xistos durienses, entre os rios Douro e Torto, e cêrca de duas léguas da sua confluência, encontra-se a povoação de Ervedosa do Douro.

Não é ela notável por belezas naturais: o cenário envolvente é feito de colinas escalvadas que a circundam e ocultam de olhares estranhos, salvo do noroeste que lhe fica aberto, à vista grandiosa do Marão e dos seus contrafortes orientais que veem morrer no Douro; e, contemplada a prumo do alto de algumas centenas de metros, talvez esta aldeia nos desse a ilusão duma cidade minúscula, branquejando espaiada pela face interna duma vasta cratera de vulcão extinto, cuja bôca apenas dum lado se estivesse esboroando.

Nem tão pouco é digna de consideração por belezas arquitectónicas: contemporâneas, não as há; de antigas, se as houve, não restam vestígios observáveis. Em 1925 foi derruído um edificio datado de 1636, talvez o mais vetusto desta povoação: era uma casa pequena, ainda então conhecida por *capela*, sensivelmente quadrada, sem janelas de qualquer espécie, e apenas com uma porta voltada ao oriente, arqueada, de volta inteira, feita de pedaços de granito lisos e ao nível da parede, tendo insculpida na pedra do fecho a data acima apontada.

Entre os casebres de xisto argiloso, pardos, plúmbeos e acastanhados, sobressaem os bicos petulantes dos chalés modernos e algumas casas mais antigas de construção maciça.

Duas destas, ainda brasonadas, foram mansões senhoriais doutros tempos, a mais velha das quais não me parece, porém, anterior ao século XVII. Os bailes, os concertos, as festas que nelas se realizavam são ainda de ontem; e pelos seus salões passaram até solistas do teatro de S. Carlos, quando Ervedosa do Douro, antes da crise vinhateira, era a terra das libras loiras como os bagos de moscatel que lhe engrinaldavam os montes.

Bôs tampos! murmuravam, ainda há pouco, os velhos, ao

evocarem saúdosos os saraus em casa dos fidalgos, a azáfama festiva das vindimas fartas, o trabalho interminável pelos cêrros até os cocurutos, quando o Douro era o Brasil dos Galegos que por aqui estanciavam meses seguidos em grandes ranchadas laboriosas ⁽¹⁾.

Mas, um dia, as nodosas, as veneráveis *cêpas*, fonte da riqueza e da alegria, começaram de morrer e, em breves anos, por todos êsses montes outrora verdejantes, ressequidas e torcicoladas, lembravam esqueletos exumados num cemitério revólto de terra maldita, em que nem para os mortos houvesse descanso e piedade.

E foram-se os Galegos com esperança em tempos melhores, para então voltarem.

Alguns, porém, já não puderam desprender-se dessa terra, onde tinham lançado raízes mais rijas que as das *cêpas* amigas, agora mortas. E ali ficaram, esbracejando rebentos ⁽²⁾ e lutando contra a miséria por fim vencida.

Pois, enquanto muitos dos naturais emigraram, fugindo à fome, outros, mais apegados ao torrão onde nasceram, e talvez mais receosos da aventura longínqua, atiraram-se novamente à terra, logo que, despertos da estupefacção, do desalento que os prostrara, sentiram latejar nos pulsos o mesmo sangue indómito, pertinaz, dominador.

A luta foi rude, inquietante. Mas a perseverança trouxe a vitória.

Baldadamente tentou a filoxera morder a vide americana. A terra voltou a desentranhar-se em cachos negros e côr de oiro, como o oiro preciosos. E outra vez reverdeceram os montes, embora apenas ladeando os vales ou trepando a meio das encostas; outra vez se pôde viver naquela terra do *Port Wine*, ainda que não com a antiga abastança e a antiga alegria que a filoxera dali afugentara.

E agora, sob a ameaça permanente dos falsificadores sem conta que, com habilidosas imitações dêste vinho mundialmente conhecido, tentam arrebatá-lo os mercados, o viticultor ervedosense olha com receio para o futuro sempre sombrio e inquietador.

Não é, pois, de estranhar o ar tristonho dessa gente em luta perpétua contra a natureza ingrata e contra os imitadores, que, dolosamente, procuram roubar-lhe o seu tesouro.

Nessa aldeia nasci e nela colhi os elementos com que realizei o presente ensaio dialectológico que, originariamente, era

por mim destinado a servir de dissertação, para o meu exame de licenciatura na secção de filologia românica.

Causas várias, cuja exposição não vem para aqui, me levaram a pôr de parte tal projecto. E estes desgraçados apontamentos iriam *in continenti* parar ao cesto dos papéis velhos, se a voz animadora de alguns amigos me não incitasse a publicá-los, não pelo seu valor scientifico ou literário, mas para perpetuar o registo dalguns fenómenos condenados a uma desapareição completa mais ou menos próxima, devida à acção niveladora da escola.

Aqui ficam, pois, consignadas as observações dialectológicas que pude efectuar, em Agôsto e Setembro de 1926, para que os estudiosos da Filologia possam delas aproveitar-se, se elas de algo lhes puderem servir.

Não quero, porém, que se suponha que os fenómenos lingüísticos a que vou referir-me se produzem apenas nesta povoação: sei muito bem que o português popular apresenta, por todo o norte, caracteres comuns. Mas, como de aldeia para aldeia há diferenças características bem nítidas ⁽³⁾ e como não tive tempo nem recursos para estudar ao menos a língua falada na região vinhateira duriense, limitei as minhas tentativas de estudo glotológico à pequena povoação onde nasci.

Em resultado do meu desconhecimento de bastos pormenores dialectológicos do português, é possível que alguns dos fenómenos lingüísticos que julgo privativos do falar ervedosense se manifestem também noutras linguagens regionais do nosso país.

Contudo, se outro mérito não tiver este obscuro ensaio, poderá ao menos contribuir, ainda que pobremente, para o estudo minucioso dos dialectos setentrionais de Portugal, estudo que alguém melhor provido de intelligência e cultura há-de vir, de certo, a realizar um dia.

Se, pelo contrário, fôr nula a sua utilidade filológica, terão ainda assim estas palavras o valor de esboçarem, muito imperfeitamente embora, algumas feições características do falar da minha terra num dos estádios da sua evolução.

*

Para abreviar quanto puder este trabalho, deixarei de parte tôdas as semelhanças existentes entre o português normal e a linguagem popular ervedosense, procurando apenas determinar as diferenças que notar entre estes dois idiomas.

E, posto isto, seguirei as normas estabelecidas nos tratados gramaticais e começarei pela

FONÉTICA

Como precisarei de representar com a possível exactidão a pronúncia de alguns vocábulos ervedosenses, vou indicar quais os sinais diacríticos de que me servirei para êsse fim ⁽⁴⁾.

◌ sotoposto a uma vogal, significa que esta vogal se profere com a sua modalidade surda, átona, o mais ténue possível; ex.: *piadade* (<> *piedade*), *dereito* (<> *direito*), *feito* (<> *fêto*), *remédio* (<> *remédio*) e *luminoso* (<> *luminoso*), respectivamente como em *bôca*, *secar*, *quási*, (ou inglês *fill*), *lado* e *tunante*.

˘ será empregado para indicar a nasalação de qualquer vogal, principalmente no fim de palavras e antes de outra vogal; ex.: *bobêrũ* (<> *beberam*), *amávãis* (<> *amáveis*).

^ sôbreposto a ˘, designa a vogal sôbre que recai o acento tónico principal.

A prolação do *ch* é sempre explosiva, surda, equivalente a *tx*.

O *c* (= *ç*) é vulgarmente proferido como *s* (= *ss*), e o *z* como *-s-*. Estas sibilantes soam como, na Beira Alta, respectivamente nas palavras *nosso* e *casa*.

Sirvo-me do *ə* para representar o som do *e* acentuado (sobretudo tónico) antes de *r* e de *l* e em poucos casos mais. Assemelha-se muito ao *i* do inglês *bird*; ex.: *terra* (<> *terra*), *ela* (<> *ela*).

Parece-me que, com estas indicações, se compreenderá bem o que vou expor neste desataviado estudo.

VOGAIS

Uma das principais diferenças entre o português normal e o falar ervedosense está no modo como êste trata a vogal nasal *ẽ* que naquele se ortografa *em* e *en*. Em regra, quando é tónica, o ervedosense transforma-a em *â* ⁽⁵⁾ (igual ao *a* de *canto*, e, na ênfase, quási como o *u* do inglês *sung*); ex.: *tampo* <> *tempo*, *antre* <> *entre* (prep. e verbo). Quando átona

(sobretudo se é inicial), é pronunciada *i* (como o *i* de *inferno* proferido despreocupadamente nas locuções: «Que inferno!», «Parece o inferno» e noutros semelhantes); ex.: *intrar* <> *en-trar*, *pindurar* <> *pendurar*, *quintura* <> *quentura* (calor), *Vintura* <> *Ventura* (nome próprio) ⁽⁶⁾.

No vocabulário que daquela linguagem compilei, apenas encontrei as seguintes excepções a esta regra:

alambrar (v. t.) — Lembrar (Talvez por influência do *l*, como, para *alantejano* e *lançol*, supõe o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos ⁽⁷⁾). O mesmo se dá no galego ⁽⁸⁾. O *a* inicial é prostético).

alantejano (s. m.) — Alentejano (V. o vocábulo precedente).

antremôço (s. m.; pl. -ôços) — Tremôço (Devido a confusão de *tre-* com *entre*, segundo a opinião do Sr. Dr. José Leite de Vasconcelos ⁽⁹⁾).

atanrar (v. t.) — Afiar, tornar mais delgado o gume dum instrumento cortante (Explica-se a manutenção do *ã* pela consciência que o povo ainda tem da formação desta palavra < *tanro* <> *tenro*. O mesmo se dá com *assantar* < *assanto* <> *assento*, *atromantar* < *tromanto* <> *tormento*, *conveniançado* < *conveniância* <> *conveniência*, *semanteira* < *semante* <> *semente*, *vantaneira* < *vanto* <> *vento*).

lambrança (s. f. — Lembrança (V. *alambrar*).

lançol (s. m.) — Lençol (V. *alambrar*).

mantrastos (s. m. pl.) — Mentrasto (planta). (Provavelmente, veio doutras regiões, já assim formada, esta palavra, que se encontra até no Alentejo [onomástico de Mértola] e é «aparentada com a miradessa *maltrasto* e a hespanhola antiga *mastranto*») ⁽¹⁰⁾.

bancêlho (s. m.) — Vencelho (Não sei a que atribuir o *ã*, neste vocábulo e em muitos outros, como *banzer* <> *benzer*, *coland(r)ário* ⁽¹¹⁾ <> *calendário*, *prancípio* <> *princípio*, *prancipal* <> *principal*, *tantar* <> *tentar*) ⁽¹²⁾.

De *ãicho*, *jãntiaga*, *jentar* <> *jantar* e *raïger*, falarei ao tratar do *ch* e do *j*.

Finalmente, pela analogia, facilmente se explica a existência de *ã* em palavras como *apresentar*, *apresentação*, *representar*, *representação*, nas quais deve, com certeza, ter-se reconhecido semelhança com *presante* <> *presente*; e em *atan-*

silhos, corruptela de *utensílios*, palavra resultante da convivência com pessoas mais ou menos cultas.

Deve também contar-se com a influência das inúmeras palavras em que *ã* corresponde ao português normal *am* e *an*.

Relacionada com este fenómeno, está a transformação do *e* em *ã* com uma ténue ressonância nasal (e até do *o* em *stã-mago* [galego *estômago*] ⁽¹³⁾ <> *estômago*), quando vai seguido de *m*, *n* ou *nh*; ex.: *alfazãma* <> *alfazema*, *nana* <> *nena* ⁽¹⁴⁾, *fanasco* <> *fenasco* < *feno* (?) e *cardanho* <> *cardenho* (casebre). Esta mudança é de regra no falar ervedosense.

*

Outra característica desta linguagem é a pronúncia do *e* aberto antes de *r*, a qual produz um som intermediário entre o *e* de *pé* e o *ã* de *câmara*; ex.: *tërra* <> *terra*, *fërramenta* (cfr. gal. *farramenta*) ⁽¹⁵⁾ <> *ferramenta*.

Sabe-se que, no português normal, «*e* átono antes de *r* se muda facilmente em *a*»: cfr. *sargento* < *sergente* (arc.), *tarei* (Extremadura) < *terei*, *amaricano* (pop.) < *americano* » ⁽¹⁶⁾.

No galego também «ante *r* *e*, y menos veces *o*, se hace abierta y llega frecuentemente hasta confundirse con *a*» ⁽¹⁷⁾; mas esta mudança não se restringe apenas a *e* e *o* átonos, pois Diego ⁽¹⁸⁾ apresenta os vocábulos *jarra* = *jerra* < SERIA e *chár-umas* = *chór-imas* < FLORE, a par de *númaro* (<> erv. *númaro*), *cómaro* (<> erv. *cómbaro*) e *marmurar* (<> erv. *mærmurar*).

Do mesmo modo, na linguagem ervedosense deu-se, nas sílabas tónicas, aquele fenómeno que, no português normal, se limita às sílabas átonas. Suponho que a evolução se realizou do seguinte modo: Do *a* de *númaro* e *cómbaro*, passou-se ao *æ* átono de *mærmurar* e *fërramenta* e dêste ao *æ* tónico de *æra* (<> *era* [n. e v.]) e *tërra* (<> *terra*).

Teria sido assim?

A transformação do *e* em *æ* antes de *l* pode ser devida à acção dêste fonema (cfr. o que ficou dito sôbre o vocábulo *alambrar*) ou à influência das palavras que teem *æ*r, conhecida como é a tendência para a troca entre vibrante e lateral (ex.: *aluguel* e *aluguer*, *cristel* e *clister*), tendência que também se nota no galego *marmular* ⁽¹⁹⁾ <> *marmurar*.

*

O antes de *m*, *n* e *nh* mantém-se sempre aberto, na linguagem ervedosense ⁽²⁰⁾; ex.: *cómbaro* <> *cômore*, *cómo* (Indic. Pres. de *comer*) <> *cómo*, *cóngra* (gal. *congra*) <> *côngrua*, *sóno* <> *sôno* e *sónho* <> *sônho*. Aquela linguagem não possui, portanto, *ô*, ao contrário do falar pesqueirense, como vai indicado na nota 3.

SEMI-VOGAIS

Anàlogamente ao que, no português normal, sucedeu ao hiato *éa* que se resolveu ditongando-se a vogal tónica com a adjunção da semi-vogal *i*, intercala-se, no ervedosense, esta mesma semi-vogal, no Presente do Indicativo (1.^a sing. e 3.^a pl.) e do Conjuntivo dos verbos *doer moer* e *roer*, entre *ó* e *o*, *ó* e *â*, *ó* e *a*, e *ó* e *ã*; ex.: *rôio*, *móiãĩ*, *dôia*, *môiaũ*, *rôiaĩs*.

O mesmo fenómeno se observa, no Conj. Pres. do verbo *dar*, entre *é* e *a*, e *é* e *ã*; ex.: *deia*, *déiaĩs*.

Como no dialecto beirão, também na linguagem que estou estudando se emprega a semi-vogal *i* para desfazer o hiato resultante do encontro de dois *aa*, mas só quando o segundo é tónico ⁽²¹⁾; ex.: *a i arma*, *senhora i Ana*, *a i ambos* ⁽²²⁾. Quando o primeiro é tónico e o segundo átono, êste enfraquece tanto que mal se ouve, mesmo quando se está atento à pronunciação; ex.: *traz cá ã réca*, *leva lá ã gata*, *dá cá ã mão*. Quando ambos são átonos, dá-se a crase; ex.: *tirá saca* <> *tira a saca* ⁽²³⁾.

Antes de *j* e *g* palatal e, às vezes, antes de *ch* desenvolve-se também esta semi-vogal (assimilação); ex.: *haija* <> *haja*, *veijo* <> *vejo*, *lôija* <> *loja*, *râiger* ⁽²⁴⁾ <> *ranger*, *âicho* <> *encho* ⁽²⁵⁾.

A propósito, citarei aqui dois exemplos de criação do hiato *ia*, em *gázia* <> *gaze* e *hástia* <> *haste*, vocábulos que ouvi naquele falar. Provavelmente, para o desdobramento do *e* em *ia* concorreu bastante a terminação *-a* característica do feminino na imensa maioria dos nomes portugueses.

Depois do *g* palatal, a semi-vogal *i* é absorvida nos vocábulos *gêsta* ⁽²⁶⁾ <> *giesta* e *jólho* (< * *giólho* <> *geolho* [arc.]) <> *joelho*. Todavia em *gêsta* a absorpção pode ter sido feita pela base do ditongo crescente *ié*, como em *quétto* <> *quieto* ⁽²⁷⁾.

*

Em ervedosense, interpõe-se também a semi-vogal *u* entre *ô* e *a* para desfazer o hiato; ex.: *boua* <> *bôa*, *Lisboua* <> *Lisbôa*, *pessoua* <> *pessôa*. E, semelhantemente ao que se dá com o *i*, emprega-se ainda, para evitar o hiato resultante do encontro de *e* com *a*, em frases como estas: *é u a mulher* <> *é a mulher*, *vê u a* <> *vê-a* ⁽²⁸⁾.

No grupo *qu*, a semi-consoante *u* (ou apêndice labial, como algures lhe vi ou ouvi chamar) sofre, umas vezes, contracção com a vogal seguinte, produzindo *ô* ou *o*; ex.: *côntia* (gal. *contia*) <> *quantia*, *côl(i)dade* (mirandês *calidade* e *culidade*) ⁽²⁹⁾ <> *qualidade*, *côrtilho* <> *quartilho*, *coranta* (gal. *corenta*) <> *quarenta*, *coresma* (gal. *corésma*) <> *quaresma*. Outras vezes sofre elisão; ex.: *cal* (gal. *cal*) <> *qual*, *catro* (gal. *catro*) <> *quatro*, *calquer* (gal. *calquer*) <> *qualquer*, *catroçantos* (gal. *catrocenos*) <> *quatrocentos*.

Este último caso observa-se também no grupo *gu*; ex.: *gardar* (gal. *gardar*) <> *guardar*, *igal* (gal. *igal*) <> *igual*, *igaldade* (gal. *igaldade*) <> *igualdade*, *minga* <> *mingua*, *mingar* <> *minguar* (gal. *mingar*) ⁽³⁰⁾.

Esta evolução deve ter-se dado normalmente, na linguagem ervedosense, pois há no português popular doutras regiões *catro*, *contia*, *corenta* e *coresma*, como no literário já há *caderno* e *catorze* ⁽³¹⁾.

Em duas palavras aparece *u* anaptítico: *ôndua* <> *onda*, *ônduar* <> *ondear*. Parece-me que primeiramente se deu este fenómeno no primeiro vocábulo, por assimilação da vogal tónica labial. De *ôndua* muito naturalmente se formou *ônduar*, pois não creio que este vocábulo seja derivado de *ondular*, termo erudito que o povo ervedosense desconhece.

DITONGOS

Quando, mais adiante (na Morfologia), tratar da flexão verbal, aparecerão três ditongos átonos, sobre os quais devo aqui fazer algumas considerações.

São eles: *ãi*, *ãĩ* e *aũ*.

O primeiro aparece sempre seguido de *s* na terminação da 2.^a pessoa do plural de todos os tempos dos vários modos, excepto no Imperativo e no Indicativo Presente e Futuro; se-

guido de ditongo nasal na 3.^a pessoa do plural dos verbos *ter* e *vir*; e num ou noutro vocábulo, como *rãiger*.

A génese e a nasalação dêste ditongo serão estudadas na Morfologia, visto que, no meu entender, a sua formação resultou da influência doutras formas verbais.

O segundo corresponde a *-em*, terminação da 3.^a pessoa do plural e, nos verbos *ter* e *vir*, da 3.^a do singular. É um verdadeiro ditongo nasal e não apenas semi-nasal como o antecedente.

A nasalação da subjuntiva realizou-se, creio eu, por influência do som nasal da base. O mesmo fenómeno se nota no mirandês *õũ* e no português normal *ão* ⁽³²⁾.

O terceiro ditongo encontra-se na terminação da 3.^a pessoa do plural dos verbos que, segundo a ortografia oficial do português, se representa por *-am*.

É curiosa a troca de funções que se efectuou entre os dois elementos dêste ditongo; provavelmente, foi êste o caminho seguido: lat. *-an(t) > -am > -ão* (que sôa *ãũ*) $>$ *-ãũ > -aũ*. Passou dêste modo *ũ* a desempenhar o papel de base e *a* o de subjuntiva; pois mesmo nos ditongos átonos se reconhece diferença de intensidade na prolação dos seus dois elementos.

A evolução acima exposta já foi mais longe na terminação da 3.^a pessoa do plural do Perfeito e do Mais-que-perfeito do Indicativo, quando a vogal tónica dessa forma verbal é *á*, *a*, *ê* ou *ô*; ex.: *dançárũ*, *tiverũ*, *perdêrũ*, *fôrũ*. O *a*, que já servia de subjuntiva, tornou-se ainda mais ténue e foi absorvido pela base, devido, talvez, a dissimilação (nos três primeiros casos) e a assimilação (no último) causadas pela tónica. Aquele fonema ainda se ouve quando a tónica é *i* (v. g. *partíraũ*), o que me leva a pôr de parte a hipótese de que a terminação *-rũ* ⁽³³⁾ derive directamente da latina *-runt* ($<$ *[vẽ]runt*).

Como final de nomes, êste ditongo reduziu-se a *o*; ex.: *orfo* (gal. *orfo*) $<$ $>$ *órfão*, *Stêvo* (gal. *Estebo*) $<$ $>$ *Estêvão*, no onomástico *Freistêvo*, *oîregos* (gal. *ourego*) $<$ $>$ *ourégãos*.

A aversão ao ditongo *ão* final átono manifesta-se nas terminações verbais a que aludo acima, nos nomes agora mesmo citados e até no vocábulo *sóto* (loja, estabelecimento comercial) que, em ervedosense, ao contrário do que se deu no português normal, não sofreu a ditongação do *o*, paralelamente ao galego *sotoo* ⁽³⁴⁾. A etimologia desta palavra vem na já citada obra do Sr. Dr. J. J. Nunes, a p. 122: «subtu-, *soto* (donde *solão*)» ⁽³⁵⁾.

*

Antes de passar ao estudo das consoantes, ainda apontarei aqui alguns casos de evolução de ditongos:

OU

ougar (v. i.) — Aguar, sentir crescer a água (saliva) na bôca, e daí veio a ter o sentido de desejar veementemente qualquer alimento ou bebida que se vê, ou de que se fala, ou em que se pensa (de **augar* [cfr. *inxaugar*] < *auga* < *água*) ⁽³⁶⁾.

Não se confunda êste vocábulo com *ougar* (v. t.) que significa «atar molhos de lenha, fachas de palha, *capões* (<> molhos) de vides, etc.». Não sei qual seja o étimo dêste verbo.

O *ou* manteve-se inalterado nestes dois vocábulos, bem como na derivado do primeiro *desougar* (satisfazer o apetite de qualquer alimento que se desejou muito), talvez pelo contacto com a gutural *g*; e o mesmo se deu em *louquinho* (viçoso; < *louco*) pela da influência gutural *c* (= *qu*), se não se deve, antes, atribuir a manutenção do *ou* à influência dissimiladora do *i* tónico. É, a meu ver, êste último fenómeno o que se observa no verbo *ouvir*, em cujas formas arrizotónicas se conserva o *ou*, ao passo que, em tôdas as outras, êste ditongo muda para *oi* (v. g. *ouvi*, *ouviria*; *oiço*, *oiçaũ*), excepto no Ind.-Presente, 2.^a pess. sing. e 3.^a pess. sing. e pl. (*ouves*, *ouve*, *ouvãĩ*), o que tanto se pode explicar pela acção da labial *v* (idêntica à que se nota em *poupar* e *roubar*) ⁽³⁷⁾, como pela analogia com as formas arrizotónicas, pois, em *coive* <> *couve*, o *v* não impediu a transformação do *ou* em *oi*.

Como regra geral, o ditongo *ou* do português normal transmuda-se em *ói* no ervedosense: *doitor* <> *doutor*, *oirina* <> *ourina* ⁽³⁸⁾, *oitro* <> *outro*, etc. ⁽³⁹⁾.

Em *lôreiro* (loureiro, louro), a redução do ditongo a o aberto parece-me resultante de se empregar sempre o nome da árvore para designar as folhas, de modo que o povo, desconhecendo o nome *louro* com esta acepção, não o transformou em *loiro* (como fêz ao adjectivo) e depois *loureiro* em *loireiro*, como era de esperar (cfr. *toiro*, *loireiro*). Mas, mantendo-se o *ou* sempre átono, sem confronto com palavra aparentada onde *ou* apparecesse tónico, perdeu-se a noção de di-

tongo e simplificou-se em vogal fechada (ô) que depois se abriu (ò).

OI

Com êste ditongo dá-se um caso curioso — é a sua tritongaõ nos seguintes vocábulos:

lavoeira (s. f.) — Cultura de cereais (< *lavoira*).

pançoeirada (s. f.) — Queda; pancada (< *panç(a) + oirada* < > *pançada*, queda de bruços).

stampoeirar (v. t.) — Deteriorar; gastar (< *(e)s + tamp(o) + oirar* < > *destampar*, tirar os tampos, arrombar, estragar).

Suponho que o ditongo foi intercalado, nestes dois últimos vocábulos, entre as terminações *-ada*, *-ar* e os substantivos *pança*, *tampo*, com o fim de tornar mais enérgica a expressão das ideias que estas palavras representam. O *-r-* seria apenas um infixo para melhor estabelecer a ligação entre as partes das novas palavras.

EI

A redução dêste ditongo a *e* observa-se na locução interjectiva *e-lho!*

É esta empregada, repetida várias vezes, pelo rapazio quando, pelo Carnaval, reconhece na rua algum individuo mascarado; os rapazes perseguem-no então, apontando-o e gritando de longe *e-lho! e-lho! e-lho!* prolongando bastante o fonema *e*.

A meu ver, o étimo está em *ei-lo* (< *eis-lo*), locução adverbial designativa que sofreu as seguintes modificações: por influência do ditongo, ter-se-ia desenvolvido a semi-vogal *i* após o *l* (apresento esta hipótese, porque me custa a crer que se desse a metátese *é-lho* inversa da que é própria do português normal e do falar ervedosense; ex.: *boticaíro*, *rosairo*, *vigairo* ⁽⁴⁰⁾); de **ei-lho* facilmente resultaria *e-lho*, pelas formas intermediárias: **ei-lho* (palatização do *l*; cfr. gal. *heillo*) ⁽⁴¹⁾ > **é-lho* (absorção do *i* pelo fonema *lh*) > *e-lho*. A passagem de *e* a *e* deve ter sido causada por atracção do *lh*, pois observei grande oscilação na pronúncia do *e* aberto antes de *lh*; ex.: *vêlho* e *velho*, *quêlho* e *quelho*, *quêlha* e *quelha* (gal. *quella*) ⁽⁴²⁾.

Se, além disto, não contribuiu também para esta modificação o prolongamento e a intensidade da prolação do *é*, como sucedeu com o *o* de *olha* que se muda em *u*, quando o proferem enèrgicamente: *ulha! ulha!*

Análoga redução se deu no ditongo átono *ei* do vocábulo *feiteira* < *feiticeira*, talvez por dissimilação.

CONSOANTES

B e V

Encontrei no ervedosense alguns vocábulos, nos quais êste fonema corresponde a *v* no português normal. Ei-los:

baige (s. f.) — Vagem (Da apócope do *m* falarei mais adiante.

Sôbre o desenvolvimento do *i*, ver o parágrafo relativo às semi-vogais).

bancêlho (s. m.) — Vencelho (A êste vocábulo já me referi, ao tratar do *ã*).

barrer (v. t.) — Varrer (Cfr. castelhano *barrer*) ⁽⁴³⁾.

bassoira (s. f.) — Vassoira (Cfr. galego *basoira*) ⁽⁴⁴⁾.

belador (s. m.) — Velador, móvel antigo onde se colocava a candeia ou a lamparina, de noite.

berrão (s. m.) — Porco destinado a procriar (Cfr. *varrão*) ⁽⁴⁵⁾.

berter (v. t.) — Verter.

bisabô (s. m.) — Bisavô (Devido a influência do *b* inicial ⁽⁴⁶⁾.
Feminino *bisabó*).

boar (v. i.) — Voar.

brilhas (s. f. pl.) — Virilha (Cfr. gal. *brillas*) ⁽⁴⁷⁾.

bromelho (adj.) — Vermelho (< *bremelho*, por assimilação, forma que também se emprega no ervedosense, metátese de
* *bermelho* < *vermelho*) ⁽⁴⁸⁾.

Em *baranho* < > *maranka* (port. normal), houve mudança dentro da mesma classe de consoantes (*labiais m e b*), porventura por semelhança de sentido com *baralhar* e por aproximação dos três fonemas iniciais *bar-* e um pouco também do sentido com os das palavras *baralho*, *barulho*, *barulheira*.

*

Em quinze palavras — *aldrave* <> *aldraba*, *aldravão*, *aldravar*, *aldravice*, *Alvano* <> *Albano*, *Anivle* <> *Aníbal*, *incavar* <> *encabar*, *movilha* ⁽⁴⁸⁾, *movilhar*, *prove* <> *po-bre*, *savão*, *travallar*, *travallho*, *vacalhau* e *vêrça* ⁽⁵⁰⁾ <> *bêrça* — houve troca de *b* por *v*, as quais, juntas às onze mencionadas quando me referi à permuta inversa, não bastam para que Ervedosa seja localizada na « região do *vom binho* » ⁽⁵¹⁾, pois nos restantes vocábulos não há flutuação na pronúncia dêstes fonemas.

O vocábulo *abixeiro* <> *avesseiro* deve ter vindo directamente do latim **adversarius*, segundo a opinião do Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos ⁽⁵²⁾. Fica, portanto, fora da lista.

Aparece *b* epentético em *cómbaro* <> *cômore* palavra que talvez se explique pela galega *cómaro* (*ó* = *ô*) donde teria vindo *cómaro* ⁽⁵³⁾ e depois *cómbaro*; ou então por *combro* ⁽⁵⁴⁾ > *cómbaro*, com *a* anaptético devido à influência do galego *cómaro* ou em virtude da tendência para o emprêgo da anaptixe ⁽⁵⁵⁾, em parte explicado pela lentidão do falar ervedosense.

Absorção do *b* dá-se em *tamãĩ* <> *também*, fenómeno que também se observa no galego *tamén* ⁽⁵⁶⁾, no mirandês *tamiẽ* e na forma *tamién* usada em alguns dialectos espanhóis ⁽⁵⁷⁾.

CH, X, G = J e J

Já a propósito da semi-vogal *i*, apontei alguns casos em que esta semi-vogal se desenvolve devido à presença daqueles fonemas palatais.

Dou aqui a lista das palavras que encontrei no meu vocabulário, nas quais se verifica êste fenómeno:

ãicho (adj.) — Ancho, envaidecido (Cfr. gal. *ancho*) ⁽⁵⁸⁾.

ãicho, -es, -e, etc. (Formas rizotónicas do verbo *incher*).

ãijo (s. m.) — Anjo (Neste vocábulo, também pertencente ao português literário, o *i* é originário, segundo a opinião do Sr. Dr. Leite de Vasconcelos ⁽⁵⁹⁾).

arrãlho (s. m.) — Conjunto de haveres, sobretudo bens rurais, que permitem a alguém viver modestamente; ex.: «Él inda tãl o seu arrãlho».

cõicho (adj.) — Muito envaidecido (Aparece também como adjectivo na locução *sapo cõicho*, comum ao galego ⁽⁶⁰⁾, para designar o *cágado*. O étimo é, portanto, *concha*).

desmãicho (s. m.) — Abôrto.

ferrãicho (s. m.) — Palavra ouvida na frase «Siga o ferrãicho!» <> «Siga o rancho!» Julgo, por isso, que ferrãicho é uma amplificação de *rãicho* <> *rancho*, talvez por cruzamento com *ferracho* <> instrumento ou pedaço de ferro ferrugento, inútil. Será?

frũicho (s. m.) — Pequena borbulha na pele (< *furúnculo*; cfr. gal. *f(u)runcho*) ⁽⁶¹⁾.

gãicho (s. m.) — Gancho.

rãichada (s. f.) — Rancho, grupo de trabalhadores rurais, sem distinção de sexos.

scãicha (s. f.) — Acção de afastar muito as pernas, como para atravessar uma vala (< *scãichar* <> *escanchar*).

A mesma assimilação se verifica nos vocábulos derivados destes ou seus afins; pelo que pode estabelecer-se a seguinte regra: — «Quando as vogais nasais *ã*, *õ*, *ũ* precedem imediatamente as consoantes ântero-palatais fricativas ⁽⁶²⁾, estas originam o aparecimento da semi-vogal palatal *i* que serve de fonema de ligação entre aquelas duas espécies de fonemas.»

Idêntico fenómeno se observa após as vogais orais tónicas quando estas precedem *g=j* e *j*; ex.: *caije* (*caijo* e *acaijo*) ⁽⁶³⁾, *seija*, *fóijes*, *fuijo*, e nas terminações *-aige* <> *-agem* e *-uige* <> *-ugem*; ex.: *linguaige* ⁽⁶⁴⁾ <> *linguagem*, *felui-ge* ⁽⁶⁵⁾ <> *felugem* (metátese de *fuligem*) ⁽⁶⁶⁾.

*

Já no comêço dêste capítulo afirmei que, em ervedosense, a pronúncia do *ch* é sempre explosiva. É claro que a linguagem que estudo aqui é apenas a do povo analfabeto, pois as pessoas que já alguma vez passaram pela escola teem a pronúncia um pouco modificada, em virtude da acção educativa dos professores. Contudo, mesmo entre estas, não é raro ouvir-se a pronúncia do *ch* em *chá* e *chão* com intensidade equivalente à do mesmo fonema no inglês *child*.

Não quiere isto dizer que os ervedosenses sejam incapazes de, sem grande esforço, proferir o fonema sonoro correspondente àquele; ao contrário do que se deu com as sibilantes linguo-dentais, que se confundiram, o *x* em ervedosense mantém a sua pronunciação muito distinta do *ch*; bastas vezes ouvi proferir *inxada* <> *enzada* de modo absolutamente inconfundível com *inchada* (em frases como esta: «Tens a cara inchada»). Da mesma forma pronunciam *inxaugar* <> *enxaguar*, *inxuto* <> *enzuto*, *inxábido* <> *enxabido*, *caixa*, *caixão*, etc. Só encontrei uma excepção: *chicra* <> *xicara*, talvez devido à influência de *Chica* <> *Francisca*.

*

Devo referir-me aqui a dois vocábulos a que já aludi, ao tratar da vogal nasal *ã*: *jantiaga* <> *gentiaga* e *jentar* <> *jantar*.

No primeiro esperar-se-ia *jantiaga*, pela consciência da derivação de *jante* <> *gente*; houve, porém, abrandamento de *ã* em *a*, talvez por se tornar átona aquela vogal e devido à influência do fonema *j* precedente. Digo *talvez* porque neste caso, como em muitos outros, os meus conhecimentos de glotologia são nìmiamente escassos para que eu tenha a veleidade de me convencer de que as suposições que apresento teem base científica indiscutível.

Em *jentar* <> *jantar*, se a passagem de *ã* a *ẽ* não puder explicar-se pela acção do *j* inicial, há o recurso da atribuição à influência do português popular doutras regiões⁽⁶⁷⁾, nas quais também se diz *jentar*. No galego⁽⁶⁸⁾ existe, igualmente, esta forma.

Há ainda dois vocábulos em que me parece ter o *j* influido na modificação sofrida pela vogal que o segue; são êles:

jínêla < **jenêla* < *janêla*; e
jínêlo < **jenêlo* < *janêlo*.

Ambos atravessaram as mesmas fases: primeiro, dissimilação de *a-é* e *a-ê*, a qual produziu *e-é* e *e-ê*; depois, atracção do fonema *e* pelo *j* que o palatizou tornando-o *i* ⁽⁶⁹⁾.

Ç, SS, -S- e Z

Em dada época da sua evolução, esta linguagem, patenteando predilecção pela pronúncia dos *ss* e do *-s-* intervocálico beirões, aproximou tanto dela a prolação do *ç* e do *z*, que esta última foi absorvida, desaparecendo da boca dos ervedosenses (incultos, bem entendido) a faculdade de emissão destes fonemas. Desta absorpção fonética, resultou proferir-se *fijér* <> *fizer* exactamente como *quijér* <> *quiser* e *pujér* <> *puser*.

A passagem do *z* a *-s-* ficou indicada; a de *-s-* a *j* é fácil de compreender pela continuação da palatização que naquela primeira passagem começara. Fonemas vizinhos facilmente se confundem. E assim se explicam aquelas transformações, bem como as que sofreram vocábulos como *rejestir* e *curjidade*.

O primeiro, em virtude da dissimilação *e-i*, passou pela forma intermediária *resestir* ⁽⁷⁰⁾ que ainda hoje, a par daquela, vive na boca das pessoas semi-cultas influenciada pela escola e pelos jornais. Estas mesmas pessoas também pronunciam *curzidade*, forma encurtada (resultante de síncope) de *curiosidade*, a qual pela palatização do *z* deu o vocábulo popular *curjidade*, donde o povo depois derivou normalmente *curjidoso* <> *curioso*.

Paralelamente, os *ss* passaram a *x*; ex.: *dixér* <> *disser*, *troixér* <> *trouzer* (*x = ss*), *inxinar* <> *ensinar*.

De modo que, resumindo, a evolução das sibilantes, em ervedosense, foi:

$$\begin{array}{c} ss \\ \searrow \\ \text{ç} \end{array} > ss > x, \quad \begin{array}{c} -s- \\ \searrow \\ z \end{array} > -s- > j.$$

É claro que nem sempre se completou esta evolução; razão por que, naquele falar, se encontram *ss* a par de *x* e *-s-* a par de *j*.

E já agora creio que ela não prosseguirá, porque a acção escolar e o aumento de meios de comunicação com o resto do país irão apagando, a pouco e pouco, estas características dialectais ⁽⁷¹⁾.

*

Ainda aqui vou mencionar dois casos de palatização da nasal *n* seguida da semi-vogal *i*, casos de evolução paralela à do mirandês e do português popular doutras localidades ⁽⁷²⁾:

Antónho <> *António* (mir. e port. pop. *Antonho*); e
demónho <> *demónio* (mir. e port. pop. *demonho*).

*

Da palatização do *l* por influência do *i* seguinte, já apontei dois casos, quando tratei das labiais *b* e *v*: *movilha* <> *mobília* e *movilhar* (< *movilha*) <> *mobilar*. Convém juntar-lhes *atansilhos* <> *utensílios*, vocábulo a que me referi, ao tratar do *ã*.

*

E, para terminar estas ligeiras observações sobre as principais diferenças que, no consonantismo, se notam entre o ervedosense e o português normal, apresentarei dois vocábulos em que aparece a gutural *g* em condições excepcionais:

gómito <> *vómito* (e o seu derivado *gõmitar* ⁽⁷³⁾ <> *vomit*); e
gorrêta.

A mudança do *v-* em *g-* no primeiro vocábulo, embora pareça devida ao mesmo processo fonético que outrora transformou *verra*, *visa*, *vardar* e *Vimaranis* em *guerra*, *guisa*, *guardar* (erv. e gal. *gardar*) e *Guimarães* ⁽⁷⁴⁾, é provavelmente resultante de comparação efectuada com o som emitido involuntariamente no acto de vomitar (processo onomatopaico).

O segundo vocábulo, *gorrêta*, emprega-se para designar qualquer caminho sem curvas, muito declivoso e apertado entre muros ou montes.

Comparando esta palavra com *Orrêta* (cfr. mir. *õurreta* ou *õurrieta*) ⁽⁷⁵⁾, tanto a sua pronunciação, como a ideia que expressa «valle profundo entre montes, e com mui estreita margem, que apenas admite poucas fiadas de oliveiras ou outras árvores» ⁽⁷⁶⁾, surpreende-nos a analogia de significa-

ção existente entre elas aumentada pela paridade das terminações.

De que modo, porém, se teria desenvolvido o *g* inicial? Por influência da vogal labial *o* < > *u*?

Alguns exemplos de alterações fonéticas idênticas às que ocorrem no português normal

Para não alongar desnecessariamente esta lista, omitirei a maior parte dos vocábulos a que já fizesse referência nas páginas precedentes.

ASSIMILAÇÃO

alfonête (s. m.) — Alfinête (A forma intermediária foi *alfenête*, vocábulo que também se usa em Ervedosa. O ensurdecimento do *i* nesta forma seria também devido à vizinhança da labial, como a passagem de *e* para *o*?)

bober (v. i. e t.) — Beber (Por atracção do *b* inicial. Forma comum ao galego) ⁽⁷⁷⁾.

borborêta (s. f.) — Borboleta (Por influência do *r* antecedente. Da forma *barborêta* tratarei no parágrafo dedicado à *dis-similação*).

condanar (v. t.) — Condenar (Sobre a acção do *n* na vogal precedente, veja-se o que fica dito acerca da vogal nasal *ã*. No galego também se encontra este vocábulo) ⁽⁷⁸⁾.

formanto (s. m.) Fermento (Assimilação do *e* pela labial inicial; cfr. *alfonête*. No galego existe *formento* ⁽⁷⁹⁾, bem como *formentar* ⁽⁸⁰⁾ < > erv. *formantar*).

gravata (s. f.) — Gravata (Forma devida à influência do *v* sobre o *a* antecedente; cfr. *lvar*).

imbigo (s. m.) — Umbigo (Através da forma *embigo* que perdura no galego ⁽⁸¹⁾. Da transformação do *ẽ* átono em *i*, já falei atrás. A não ser que o étimo seja o latim vulgar *imbilicus* ⁽⁸²⁾. «Forme sporadique», lhe chama o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos) ⁽⁸³⁾.

inguanto (s. m.) — Ungüento (Em documentos galegos ainda aparece a forma *engüento*, pela qual se passou para a actual forma comum ao galego e ao ervedosense) ⁽⁸⁴⁾.

- lovar** (v. t.) — Levar (Assimilação regressiva do *v* sobre o *e*. O mesmo aconteceu no galego ⁽⁸⁵⁾). Este verbo também é usado intransitivamente com o sentido de «apanhar pancadas», «ser soado»).
- piidade** (s. f.) — Piedade (Por atracção do *a* tónico. Esta forma também existe no português popular doutras regiões ⁽⁸⁶⁾ e no galego) ⁽⁸⁷⁾.
- premeter** (v. t.) — Prometer (Assimilação regressiva do *e* sobre o *o*).
- primeiro** (numeral ordinal) — Primeiro (Por influência da labial *m*, talvez auxiliada também pela Inicial *p*. Esta forma é comum ao mirandês) ⁽⁸⁸⁾.
- queculo** (s. m.) — Cogulo (Talvez por analogia com o vocábulo *quecote*, do qual mais adiante falarei, deu-se a assimilação progressiva *c-c* de *c-g*, por intermédio da forma dissimilada *quegulo*. Daquela deriva o verbo *aquecular* < <acogular>).
- romandar** (v. t.) — Remendar (Por influência da consoante labial *m*, a vogal gutural *e*, transmutou-se na labial *o*. Cfr. galego *romendar* ⁽⁸⁹⁾). O mesmo fenómeno se deu em *romando* (s. m.) — *remendo*).
- romédio** (s. m.) — Remédio (Tem explicação igual à que dei para o vocábulo precedente. Em galego também existe esta forma ⁽⁹⁰⁾. Do verbo *romedear*, comum ao galego ⁽⁹¹⁾, o ervedosense formou o substantivo *romedeio* que tem a significação de *remédio* no sentido figurado, de auxílio; ex.: «Aquele hêrdo ⁽⁹²⁾ é um leve romedeio» < > «Aquele herança é apenas uma pequena ajuda»).
- rôr** (s. m.) — Grande quantidade (De *ról*, por assimilação ao *r* inicial, tendo-se mudado o *o* aberto em fechado, talvez por analogia com as palavras terminadas em *ôr*).
- somana** (s. f.) — Semana (Cfr. *romandar*. Esta forma também se encontra no galego e no português popular doutras regiões) ⁽⁹³⁾.
- soparar** (v. t.) — Separar (V. as observações feitas ao vocábulo antecedente).
- strumo** (s. m.) — Estrume (Assimilação progressiva *u-o*. Sobre a aférese do *e*, ver o parágrafo em que trato dêste fenómeno).
- tanazas** (s. f. pl.) — Tenaz (A mudança do *e* protónico em *ã* foi devida à influência do *n* vizinho, fenómeno a que já

aludi. A terminação *as* formou-se por analogia, com a de *tisoiras* <> *tesoira*, pois aquela palavra, como esta, pertence à categoria dos *pluralia tantum* populares. Em ervedosense também se diz *truquêsas* <> *turquês*. «São uma espécie de dual», diz o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos ⁽⁹⁴⁾, «por corresponderem a objectos constituídos por duas partes simétricas». Em galego também se encontra *tanazus* ⁽⁹⁵⁾.

zunir (v. i.) — Zunir (O *e* substituiu o *u* por a atracção do *z*, fonema que é mais vizinho do *e* e, portanto, mais fácil de proferir).

DISSIMILAÇÃO

Àgusto (s. p. m.) — Augusto (Houve síncope da subjuntiva no ditongo *au* por influência do *u* tónico, resultando de *au-u*, por dissimilação *à-u*. A mesma forma existe no mirandês e nos falares doutras regiões de Portugal) ⁽⁹⁶⁾.

amerôso (adj.) — Macio (De *amoroso*, por dissimilação *e-o* de *o-ô*. A mudança de sentido é de fácil compreensão).

arrigar (v. t.) — Arrancar (Embora, à primeira vista, pareça ter esta forma resultado, por dissimilação, das formas populares *arrencar* e *arrincar* ⁽⁹⁷⁾, o seu verdadeiro étimo é, segundo o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, o lat. *eradicare*).

arromedar (v. t.) — Arremedar (A-pesar-de o resultado aparente ser o da dissimilação *o-e* de *e-e* — e por isso menciono aqui este vocábulo —, parece-me, contudo, que o fenómeno que nele se operou foi o da assimilação do primeiro *e* pelo *m* vizinho tornando-o *q*, como em *romandar*, *romédio*, etc. Em galego aparece a forma *romedar*) ⁽⁹⁸⁾.

Bárbora (s. p. f.) — Bárbara (Neste vocábulo também devem ter concorrido, para a sua actual forma em ervedosense, a dissimilação *á-o* de *á-a* com a assimilação d'este *a* pelo *b* contiguo tornando-se na vogal labial *o*. É, no meu entender, outro caso de dissimilação aparente e assimilação real).

barborêta (s. f.) — Borboleta (Da forma *borborêta*, já mencionada no parágrafo consagrado à assimilação, resultou aquela pela dissimilação *o-o* de *o-ô*. O Sr. Dr. J. Leite de

Vasconcelos ⁽⁹⁹⁾ apresenta a forma *barboleta*, como tendo resultado da intermediária **berboleta* por influência do *r*. Em Ervedosa apenas ouvi as duas formas apontadas — *borborêta* e *borborêta* —, o que, porém, de modo algum invalida aquela explicação; pelo contrário é muito natural que entre estas duas formas tenha havido uma outra intermediária **berborêta*. Sobre a passagem do *e* antes de *r* a *a*, ver o parágrafo dedicado a este fonema e confrontar, adiante, *marmurar*).

cambóio (s. m.) — Combóio (Dissimilação *â-ói* de *ô-ói*. Por influência dos vocábulos que começam por *camb-* — *cambar*, *cambalear*, etc. —, sobretudo de *cambgar* ou de *acamboar* — cfr. *comboiar* — que significa, em Ervedosa, «puxar a um carro com mais duma junta de bois, para subir la-deira íngreme?»)

castinheiro (s. m.) — Castanheiro (Aparentemente, também se manifesta aqui uma dissimilação: *â-i*; creio, porém, que juntamente com a aversão natural pela repetição de sons iguais ou semelhantes ⁽¹⁰⁰⁾, se deu a atracção do fonema palatal *nh* assimilando a vogal vizinha anterior, do que resultou a transformação desta na palatal *i* ⁽¹⁰¹⁾. Em *castanha* esta assimilação não se realizou, por ser tónica a vogal a que me refiro. Em galego também há a forma *castiñeiro*) ⁽¹⁰²⁾.

chicolate (s. m.) — Chocolate (Garcia de Diego ⁽¹⁰³⁾ explica esta forma, comum ao galego, pela atracção do fonema *ch*, pois, diz elle: «la palatal prefiere *i* para sílaba inicial sea qualquiera la vocal originaria». E assim confirma o que eu disse a propósito de *jinela* e *jinêlo*. Tenha, embora, sido esta forma devida a uma assimilação, o facto que à primeira vista se observa é o da dissimilação *i-o* de *o-o*. Por isso a incluo neste parágrafo).

colandário (s. m.) — Calendário (Este vocábulo é de formação recente e resultante do convívio com pessoas cultas ou semi-cultas. Doutro modo, ter-se-ia dado a metátese *-airo* de *-ário*, ou apresentaria mesmo *-eiro*, se tivesse sido criado nos primeiros tempos da língua. A dissimilação *o-a* não aparece no galego que deu a este vocábulo a forma epentética *calandrario* ⁽¹⁰⁴⁾. Também ouvi, em Ervedosa, *colandrário*, mas apenas uma vez, pois a pronúncia geral é *colandário*. A passagem de *ē* a *ā* já foi explicada ao tratar desta vogal nasal).

fantesia (s. f.) — Fantasia (Forma comum ao português popular, ao mirandês ⁽¹⁰⁵⁾ e ao galego. Parece-me, todavia, que, neste último idioma, tem o *e* aberto, o qual Diego ⁽¹⁰⁶⁾ atribui à influência da tónica *i*. Em ervedosense o *e* sôa surdo, o que me leva a crer que esta forma resultou da dissimilação de *ã-a* em *ã-e*).

Fedrico (s. p. m.) — Frederico (Como a tôdas as palavras de importação ou formação erudita, o povo infligiu inconscientemente a êste vocábulo as alterações indispensáveis para poder facilmente servir-se dele. Assim, primeiramente, efectuou a síncope do *r* da primeira sílaba, do que resultou uma forma idêntica à que se usa na Espanha: *Federico* — dissimilação total ⁽¹⁰⁷⁾ — . Depois, o povo prosseguiu na sua inconsciente tarefa de dissimilação e suprimiu o *e* que separava o *d* do *r*. Ficou dêste modo a forma *Fedrico* que se encontra também no português popular doutras regiões).

fertuna (s. f.) — Fortuna (Neste vocábulo e no seguinte, a repulsão à semelhança de sons vizinhos foi mais poderosa que a atracção exercida pela consoante inicial. Do que resultou a dissimilação *e-ú* de *o-ú*. A mesma forma existe no mirandês ⁽¹⁰⁸⁾ e no galego) ⁽¹⁰⁹⁾.

feturo (s. m.) — Futuro (V. observação precedente e Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 219, e «Dialectologie», p. 103. Desta forma derivou o verbo *feturar* que, em Ervedosa, se emprega com o sentido de *supor*).

friolanto (adj.) — Friorento (Dissimilação de *r-r* em *r-l*. A troca entre vibrante e lateral dá-se, às vezes, por analogia e confusão; um exemplo disto está no vocábulo *sonoranto* <> *sonolento* que não pode explicar-se por dissimilação, mas talvez por confusão dos sufixos *-lanto* e *-ranto*. Era êste último o de **frioranto*, forma que precedeu *friolanto*. O *ã* por *ẽ* já ficou explicado).

manhê (s. f.) — Manhã (Não sei a que atribuir esta dissimilação *ã-ê*, quando se devia esperar *e-ã*, como aparece noutros falares portugueses ⁽¹¹⁰⁾. Os ervedosenses também dizem *manhezinha* na acepção de madrugada; ex.: «*Fui lá de manhezinha*» <> «*Fui lá ao amanhecer*». O mesmo fenómeno se observa em *ãmanhê* <> *ãmanhã*).

mermurar (v. i.) — Mermurar (Deu-se primeiramente a dissimilação *e-u* de *u-u*, idêntica à de *feturar*. Depois sob a acção

do *-r-*, o *e* mudou para *a*, como em *barborêta*. Eis a evolução seguida *murmurar* > **mermurar* > *marmurar*).

meroioço (s. m.) — Montículo feito com as pedras que tiram da terra ao lavrá-la ou cavá-la (De *moroioço*, por dissimilação. No onomástico de Vila do Conde ⁽¹¹¹⁾, aparece o vocábulo *Maroioço*. Não me parece, porém, que possa admitir-se esta forma como intermediária entre *moroioço* e *meroioço*, visto que não se conseguiria explicar a passagem de *a* a *e* antes de *r* — eu pelo menos não o sei —, fenómeno inverso do que é característico do ervedosense, como apontei ao tratar do fonema *a*. O derivado *immeroioçar* significa «amontoar desordenadamente quaisquer objectos»).

nagalho (s. m.) — Cordel para atar sacos (Segundo o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos ⁽¹¹²⁾, o étimo d'este vocábulo é o arcaico *legalho* que se transformou em *negalho*, por dissimilação de *l-lh*. Mas a que foi devida a passagem do *e* a *a*? A assimilação do *n*? Diego ⁽¹¹³⁾ diz: «En sílaba inicial [n] puede convertir en *a* la *e* siguiente». Contudo, em ervedosense, não conheço mais nenhum vocábulo onde tal fenómeno se dê. Relacionado com este vocábulo, pois é derivado d'ele, está o verbo *anagalhar* que tem significação muito lata e emprêgo muito frequente: usa-se nas acepções de *fazer*, *compor*, *vestir*; ex.: «Anagalha lá isso!» <> «Faze lá isso!» «Que mal anagalhada que vens!» <> «Como vens mal composta [vestida, penteada]!»)

nambro (s. m.) — Membro (Se esta dissimilação se efectuou depois de o segundo *m* ter sido reduzido a simples ressonância nasal — fase que ainda perdura em ervedosense —, não creio que a dissimilação tenha sido de *m-m* para *n-m*, a-pesar-da autorizada opinião do Sr. Dr. J. J. Nunes ⁽¹¹⁴⁾. Pronunciando-se este vocábulo *mêbro*, ou já *mãbro*, a dissimilação ter-se-ia operado de *m-b* para *n-b*, forma que ainda hoje se ouve da boca de ervedosenses analfabetos. É a manutenção do arcaico *nembro* ⁽¹¹⁵⁾, forma que também perdura ainda no galego ⁽¹¹⁶⁾. Sobre a passagem de *ẽ* a *ã* é escusado insistir).

pantomina (s. f.) — Pantomima (Por dissimilação de *m-m* para *m-n* ⁽¹¹⁷⁾. Em Ervedosa, no singular, dão a este vocábulo o sentido de «habilidade de palhaço, principalmente a volta do corpo, tendo a cabeça como ponto de apoio no

chão»; no plural, empregam esta palavra com a significação de «exibição de palhaços» ⁽¹¹⁸⁾. Dela derivaram *pantomineiro*: «palhaço, funâmbulo» e, daí, «hipócrito, falsário, burlão», — evolução semântica; ver a obra citada nesta observação —; e *pantomince*: «hipocrisia, falsidade, burla» — o sufixo *-ice* é muito da predilecção dos ervedosenses —).

Portugal (s. p. m.) — Portugal (Dissimilação *e-u* de *o-u*, como om *fertuna* e *feturo*, a que já fiz referência. A mesma forma aparece num documento português do séc. XVI ⁽¹¹⁹⁾. Cfr. também a forma mirandesa *Pertual* ⁽¹²⁰⁾. Identicamente se explica *português*).

pírlula (s. f.) — Pilula (Esta forma, resultante da dissimilação *r-l* de *l-l*, encontra-se também no português popular doutras regiões ⁽¹²¹⁾).

quecote (s. m.) — Nuca (De *cocote*, forma sincopada de **cocr'ote* < *cocorote*, por *cocuruto*? De **cacote* < *caco* < > *cabêça* ?)

quegulo (s. m.) — Cogulo (Dissimilação *e-u* de *o-u*. O mesmo se dá no vocábulo *aquegular*, derivado daquele, < > *acogular*).

quercova (s. f.) — Reintrância na nuca, também intitulada, em ervedosense, *còvinha do ladrão* ⁽¹²²⁾ (De *corcova*, por dissimilação *e-ó* de *o-ó*; cfr. *redor* < *rodor*. A mudança de sentido de *protuberância, giba*, para *reintrância, concavidade* parece-me devida a etimologia popular, pois o povo aproximou êste vocábulo de *cova* e deu-lhe significação idêntica à dêste).

questume (s. m.) — Costume (V. *quegulo*. Do mesmo modo, *aquestumar* e *questumar*. Cfr. também, Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 121).

Rabolêdo (s. p. m.) — Reboredo — nome de propriedade rústica — (De *Roboredo*, através das formas *Reboredo* — existente no onomástico de Ponte da Barca ⁽¹²³⁾ — > *Reboledo* — vocábulo galego ⁽¹²⁴⁾. Como da dissimilação *e-o* se passou para *a-o*, não sei explicar. Por influência do *r* inicial? Por analogia com outros vocábulos que principiam por *rab-*?) ⁽¹²⁵⁾

ralo (adj.) — Raro (Dissimilação de *r-r* em *r-l*. Esta forma existe também no português popular doutras regiões, no espanhol antigo e no mirandês) ⁽¹²⁶⁾.

- repaz** (s. m.) — Rapaz (Esta dissimilação *e-á* dá-se principalmente no vocativo — «Ó repaz!» «Anda cá, repaz!» —, quando proferido com ritmo mais rápido que o usual. Fora dêste caso, a pronúncia vulgar é ainda *rapaz*).
- rezão** (s. f.) — Razão (Neste vocábulo não se nota a oscilação indicada na observação anterior. A dissimilação *e-ã* é constante) ⁽¹²⁷⁾.
- saluço** (s. m.) — Soluço (Dissimilação *a-u* de *o-u*. A preferência do fonema *a* para esta dissimilação será talvez devida a atracção exercida pelo *l* ⁽¹²⁸⁾. Desta forma deriva *saluçar*) ⁽¹²⁹⁾.
- samear** (v. t.) — Semear (Dissimilação de *e-e* em *a-e*) ⁽¹³⁰⁾.
- scândola** (s. f.) — Ofensa, motivo de queixa (De *escândalo*. Creio que a metátese recíproca de *a* e *o* foi devida à influência dissimiladora da vogal tónica *ã*. Depois, a vogal final *a* provocaria a mudança do género gramatical. Terá sido assim? Da aférese do *e*- falarei mais adiante).
- secorrêr** (v. t.) — Socorrer (Também no galego ⁽¹³¹⁾ existe esta forma facilmente explicável pela dissimilação *e-o* de *o-o*. Relacionado com êste vocábulo está o substantivo *secórro* <> *socórro*, no qual se verifica o mesmo fenómeno).
- selada** (s. f.) — Salada (Forma também existente no português popular doutras regiões) ⁽¹³²⁾.
- stepôr** (s. m.) — Estupor: nome injurioso dirigido a qualquer pessoa ou coisa (Além da aférese do *e*-, devida à situação do *s* — *s* impuro —, houve a dissimilação *e-ô* de *u-ô*).
- stordegar** (v. t.) — Estortegar (Também neste vocábulo, comum ao galego ⁽¹³³⁾, houve aférese do *e*-, além da dissimilação *t-d* de *t-t*).
- testão** (s. m.) — Tostão (Forma que também se encontra no português popular doutras regiões, bem como o plural *testões*. Embora presentemente nos pareça resultante duma dissimilação, ela de facto não o é, pois, segundo a opinião de eruditos filólogos, o seu étimo é *teston*) ⁽¹³⁴⁾.
- trevão** (s. m.) — Trovão (Suponho esta forma influenciada pelos vocábulos *trevçada* <> *trovoada* e *trevçar* <> *trovoar*, nos quais se deu a dissimilação de *ô-ô* em *e-ô*, não obstante a vizinhança da labial *v*).
- véspera** (s. f.) — Véspera (Ainda que, aparentemente, se observe

a dissimilação *é-o* de *é-e*, na realidade o que sucedeu foi a assimilação da vogal *e* pelo *p*, transformando-a na labial *o*. Em galego há a palavra *véspera* significando *vêspa*, pelo que vi nas citadas obras de Garcia de Diego ⁽¹³⁵⁾, de Lúgris Freire ⁽¹³⁶⁾ e de Santiago y Gómez ⁽¹³⁷⁾; em *ante-véspera* ⁽¹³⁸⁾ tem a forma e o sentido do português).

METÁTESE

-airo (sufixo nominal) — **-ário** (Aparece em alguns vocábulos de formação relativamente recente, porque, nos mais antigos, o ditongo *ai* apresenta-se abrandado em *ei*. Deixando de lado *vigairo* — também galego — *contrairo* e mais algumas formas que se encontram também no português popular doutras regiões, mencionarei aqui apenas o vocábulo *Rosaira*, nome próprio de mulher que corresponde a *Maria do Rosário*. A qualquer mulher ou criança que tenha sido registada com este nome, o povo ervedosense chama abreviadamente *Rosaira*. No meu entender, começou por encurtar o nome, preferindo, para melhor particularização, empregar apenas o segundo, visto que *Maria* é mais vulgar do que *Rosário*; mas, pela conhecida tendência popular de feminizar nomes masculinos, quando com eles quere designar pessoas do sexo feminino que os usam — ex.: *Monteira*, *Caracola*, *Miragata*, etc. —, transformou aquele nome em *Rosária*, palavra que ainda hoje empregam algumas pessoas que se prezam de cultas; por fim, deu-se a metátese, tão vulgar no sufixo *-ário*, e assumiu a forma actual *Rosaira*. A evolução lat. *-ariu-* > *-airo* > *-eiro* é um fenómeno comum ao português normal e ao galego).

auga (s. f.) — **Água** (Esta forma é comum a vários dialectos portugueses, ao mirandês ⁽¹³⁹⁾ e ao galego ⁽¹⁴⁰⁾, sendo, portanto, muito conhecida esta metátese. Dela derivaram *augårdante* < > *àguardante* — cfr. gal. *augardente* ⁽¹⁴¹⁾ — e *inxaugar* < > *enxaguar* — cfr. gal. *enjagoar* ⁽¹⁴²⁾ —).

bêldros (s. m. pl.) — **Bredos** (Neste vocábulo que ouvi sempre no plural — como *mantrastos*, *oirégos*, *baldroegas*, etc. —, observam-se duas alterações: metátese do *r* e epêntese do *l*. Parece-me que foi esta a evolução seguida: *brêdo* > *bêdro* ⁽¹⁴³⁾ > *bêldro*. A epêntese será talvez devida a cru-

zamento com a palavra *beldroega*, efectuado quando este vocábulo se pronunciava assim; porque, actualmente, neste último vocábulo, graças à atracção do *l*, deu-se a transformação do *e* em *a*, do que resultou a forma *bal-droega*, única de que o povo se serve. Este vocábulo assim modificado existe também já como apelido, em Ervedosa) ⁽¹⁴⁴⁾.

bicabornato (s. m.) — Bicarbonato (Metátese, a meu ver, resultante da atracção da vibrante *r* pela linguo-dental *n*. Este mesmo fenómeno se observa nas formas, que ali também ouvi, *bitabornaco*, *bitabornaque* e *bitabernaque*, nas quais se nota ainda a metátese recíproca das oclusivas *c* e *t*. Nas duas últimas variantes, aparecem os *oo* substituídos por *ee*, talvez devido a assimilação da gutural *c*. Seria esta a evolução: *bicarbonato* > *bicabornaco* — por atracção do *n* — > *bitabornaco* — metátese devida a quê? — > *bitabornaque* — assimilação progressiva do *c* — > *bitabernaque* — assimilação regressiva do *e* sobre *o*? —).

chêpa (s. f.) — Pecha, defeito (Metátese recíproca entre o *p* e a africata *ch* de *pecha* que já então se pronunciaria *pêcha*, ou pela acção do fonema palatal *ch*, ou por influência de palavras que teem *pê* inicial: *pêca* — feminino de *pêco* —, *pêga*, *pêta*, etc. Cfr. *choupo* < **poucho* < lat. *pop(u)lu*-).

dávida (s. f.) — Dádiva (É provável que para esta metátese recíproca muito tivesse contribuído a conhecida tendência para afastar, modificar ou suprimir sons iguais ou semelhantes).

Delovina (s. p. f.) — Ludovina (Houve primeiramente a dissimilação *e-o* de *u-o*, tendo resultado **Ledovina*. Deu-se então a metátese entre o *l* e o *d*, e ficou a forma actual).

dromir (v. i.) — Dormir (Esta metátese só se verifica nas formas arrizotónicas: *dromimos*, *dromides*; mas *durmo*, *dormes*, *durmamos*, *dórmã*, etc.).

fernesim (s. m.) — Frenesi(m) (Creio que deve ter-se dado a metátese entre *r* e *e* antes da passagem deste *e* a *a*, para poder explicar-se esta troca vocálica pela acção do *r* seguinte. Seria, pois, esta a evolução: *frenesim* > **fernesim* > *fernesim*. Se quiser tomar-se **franês*im como termo intermediário, terá de admitir-se a dissimilação *a-e* de *e-e*. E que lei fonética o autoriza?)

fernétigo (adj.) — Frenético (Deve ter atravessado a evolução

indicada para o vocábulo antecedente. O abrandamento do -c- intervocálico foi fenómeno muito freqüente no português arcaico. Em galego encontra-se a forma *farnético* ⁽¹⁴⁵⁾.

feluige (s. f.) — Fuligem (Embora esta metátese se tenha dado também no português normal — Gonçalves Viana já incluiu *felugem* no seu Vocabulário —, entendi que devia mencioná-la aqui, mesmo só para documentação. Suponho que este fenómeno teve lugar no português arcaico, durante o periodo de evolução paralela à do galego, pois neste idioma também existe a mesma forma ⁽¹⁴⁶⁾ com a apócope do *m*, como em *ervedosense*. A evolução teria sido: lat. *fuligine* > **filugine* > **felugêe* > *felugê* — ortografado *felugem* — > *feluge* > erv. *feluige*, pelo desenvolvimento do *i* de que já falei quando me referi aos fonemas consonânticos palatais).

fremoso (adj.) — Formoso (Deu-se primeiro a dissimilação *e-ô* de *o-ô*, como o atestam o português arcaico *fermoso* ⁽¹⁴⁷⁾, o mirandês ⁽¹⁴⁸⁾ e o galego ⁽¹⁴⁹⁾ que possuem a mesma forma. Seguiu-se a metátese recíproca de que resultou *fremoso*, forma que também existiu no português arcaico ⁽¹⁵⁰⁾ e que ainda existe no galego) ⁽¹⁵¹⁾.

friesta (s. f.) — Festa, fresta (Este vocábulo já aparece com estas três formas no Vocabulário de Gonçalves Viana. Menciono-o, porém, porque a forma usada em Ervedosa é ou foi comum ao galego ⁽¹⁵²⁾ e ajuda a explicar a forma *fresta* que julga ser a mais vulgarizada. Eis os estádios que este vocábulo tem atravessado: lat. *fenestra* > *feestra* > *fiestra* ⁽¹⁵³⁾ > *friesta* — por metátese — > *fresta* — em virtude da tendência que tem os ditongos crescentes para se reduzirem a vogais, pela absorção da subjuntiva pela base ⁽¹⁵⁴⁾. A forma *feestra* deve ter resultado da crase dos *ee* da forma arcaica *feestra*) ⁽¹⁵⁵⁾.

gorvata (s. f.) — Gravata (Também esta forma já se encontra no Vocabulário de Gonçalves Viana. Cito-a, todavia, porque ouvi, em Ervedosa, também a forma intermediária *grovata*. Poderá, portanto, reconstituir-se a sua evolução: *gravata* > *grovata* — por assimilação do *a* a *o* pela labial contígua, embora o fenómeno aparente seja a dissimilação — > *gorvata* — metátese a que talvez não tenha sido estranha a analogia com algumas palavras que começam

por *gor* e *gar*; ex.: *gorgólo*, *gorgolejar*, *gorgomilo*, *gargalheira*, *garganta*, *gargarejar* —).

gurrinha (s. f.) — Ruga (De *ruquinha*, por metátese recíproca entre a gutural *g* e a vibrante forte que passou a ser representada por *rr*, em virtude da sua nova posição intervocálica. Nesta forma tomou origem o verbo *engurrinhar* <> *enrugar*. No galego encontrei *engurrar* e *enrugar* ⁽¹⁵⁶⁾, com o mesmo sentido do português, e *desengurrar* ⁽¹⁵⁷⁾.

Loimil (s. p. m.) — *Leomil* (Visto que, em *Leomil*, o *e* sôa como a semi-vogal *i*, houve aqui a passagem do ditongo átono crescente a átono decrescente. Não sei explicar esta mudança que também se realizou no galego, onde se encontra a mesma forma ⁽¹⁵⁸⁾. Devo acrescentar que só ouvi pronunciar uma vez êste vocábulo).

Madanêlo, -a (s. p.) — Apelido com que o povo designa os membros duma família, à qual deve ter pertencido outrora uma qualquer *Madalena* que deu origem àquele apelido popular (A meu ver, a metátese efectuou-se da forma feminina *Madaléna* para *Madanêla*. Depois, querendo masculinizar o apelido para maior brevidade, o povo começou a dizer o [*Antónho*, *João*, *Zé*, etc.] *Madanêlo*, por o [*Antónho*, *João*, *Zé*, etc.] da *Madanêla* ⁽¹⁵⁹⁾; é, provavelmente por influência do freqüente sufixo *-êlo*, masculino de *-êla*, embora com tonalidade diminutiva — ex.: *jinêlo*, *jinêla*; *panêlo*, *panêla*; *coirêlo*, *coirêla* —, deu-lhe a forma *Madanêlo* ⁽¹⁶⁰⁾. Por fim, a forma masculina contaminou a feminina que passou a ser *Madanêla*. Esta metátese também se deu no português popular doutras regiões ⁽¹⁶¹⁾ e no galego ⁽¹⁶²⁾, idiomas que possuem a forma *Madanela*. Actualmente já, em ervedosense, se não efectua esta metátese, pois, a par com aquelas formas *Madanêla* e *Madanêlo* cristalizadas como apelidos populares, existe a forma *Madaléna* como nome de baptismo).

miséravle (adj.) — Miserável (Metátese comum ao mirandês, o qual tem a forma *misarable* ⁽¹⁶³⁾. A passagem do *e* a *o* foi devida à influência do *r* seguinte. Também pode supor-se derivado, por síncope, da forma paragógica *miseravele*. Outro vocábulo com a terminação *-avle* encontrei em ervedosense: é *cadavle*, derivado de *cadáver*, forma em que houve troca de vibrante por lateral, fenómeno inverso do

que se deu em *sonoranto* <> *sonolento*, ao qual me referi ao tratar do vocábulo *friolanto*).

ódio (s. m.) — Iodo (Ouvido só na locução *tintura d'ódio* <> *tintura de iodo*. Será devida esta metátese a comparação com a palavra *ódio* <> *rancor*?) ⁽¹⁶⁴⁾.

pertandêr (v. t.) — Pretender (Metátese que também aparece no galego *pertender* ⁽¹⁶⁵⁾, talvez devida à influência de *pertencer*. O mesmo fenómeno se nota nas palavras aparentadas *pertandante* e *pertansão*).

píveda (s. f.) — Pevide; palhêta dos instrumentos de sôpro (É esta outra forma que — como *ódio*, *gázia* e *hástia* — contraria a regra, pois o povo prefere os vocábulos graves. Na tantas vezes citada obra de Diego, encontrei a forma *píveda*, a p. 79, e a correspondente *pevida* — que êle diz derivar do lat. *pituíta* —, na mesma página e na 168).

prove (adj. e s.) — Pobre (Comum ao português popular doutras regiões e ao arcaico ⁽¹⁶⁶⁾, esta forma não necessita de que eu me alongue em considerações. No mirandês e no galego, há *probe*) ⁽¹⁶⁷⁾.

profeição (s. f.) — Perfeição (Após a metátese, talvez devida à acção do grande número de vocábulos que teem *pre* inicial houve a assimilação regressiva da *labial* contigua — e talvez também a progressiva da *labial* inicial —, transformando o *e* em *o*. Foram, portanto, estas as fases que êste vocábulo atravessou: *perfeição* > *prefeição* > *profeição*. O mesmo sucedeu com *profeito*).

Quietâno (s. p. m.) — Caitano (A forma intermediária deve ter sido *Queitano* que ainda se encontra no galego ⁽¹⁶⁸⁾. Neste mesmo idioma, também existe, a par desta, a forma *Quietano*, como pode ver-se no «Diccionario Gallego» de Cuveiro).

rebervério (s. m.) — Reprimenda (Palavra que, a meu ver, é devida ao convívio com pessoas cultas ou semi-cultas e é de origem recente. Talvez dessem a *reverberar* a mesma significação que tem o simples *verberar*; daquelle verbo teria alguém que se prezasse de culto derivado o substantivo *rebervério* com o sentido de *verberação*. Depois, por metátese, faria o povo *rebervério*. Seria assim?)

redadeiro (adj.) — Derradeiro (É curiosa esta metátese de que resulta a aproximação de sons semelhantes, a-pesar-da

predilecção que o povo manifesta pela dissimilação consonântica. Esta forma é comum ao mirandês) ⁽¹⁶⁹⁾.

sastifeito (adj.) — Satisfeito (Outra metátese em que há também aproximação de sons semelhantes. Por influência de quê?)

scápula (s. f.) — Cápsula [de qualquer medicamento] (Como é regra geral no ervedosense dar-se a aférese do *e-* que vai seguido de *s* + consoante que não seja *s*, encontram-se neste falar muitas palavras que começam por *sc*; ex.: *scada*, *scaldar*, *scapar*, *scapulir*, etc. Foi possivelmente por influência destes vocábulos que se deu a metátese apontada).

stauta (s. f.) — Estátua; pessoa muito alta (Metátese idêntica à que se deu em *auga* < *água*. Em galego encontra-se *estauta* ⁽¹⁷⁰⁾). Sobre a aférese do *e-*, ver o vocábulo antecedente).

strovar (v. a.) — Estorvar (Como a metátese consonântica mais freqüente é a que se dá com o *r* ⁽¹⁷¹⁾, dispenso-me de explicações sobre este vocábulo, bem como sobre os três seguintes. Da aférese do *e-*, já falei na observação à palavra *scápula*. Os mesmos fenómenos se deram em *strôvo*, vocábulo derivado daquele).

treceiro (num. ordinal) — Terceiro (Esta forma também existe em mirandês ⁽¹⁷²⁾). A metátese do *r* é idêntica à do vocábulo precedente).

troçêr (v. t.) — Torcer (Sobre este vocábulo e os derivados *trocer* e *trocedela*, ver a observação referente a *strovar*).

tromanto (s. m.) — Tormento (Para a explicação desta palavra e da derivada *atromantar*, serve o que ficou dito acerca de *strovar*; V. também o parágrafo em que tratei da vogal nasal *ã*).

truquêsas (s. f. pl.) — Turquês (A metátese do *r* já está suficientemente explicada nas observações antecedentes. A formação do plural em *-as* explica-se pela analogia com o das palavras que terminam em *-êsa* no singular: *mesa*, *riqueza*; *portuguêsa*, etc.).

PRÓSTESE

acipreste (s. m.) — Cipreste (Em galego *alcipreste* e *acipres* ⁽¹⁷⁴⁾).

O *a* prostético é muito freqüente no português normal; por isso, apontarei aqui somente as palavras que não

estiverem mencionadas no Vocabulário de Gonçalves Viana).

adevertimanto (s. m.) — Divertimento (Cfr. galego *adevertimento* ⁽¹⁷⁵⁾). O mesmo fenómeno se verifica em *adevertir* <> *divertir*).

adumar-se (v. r.) — Vergar-se, dobrar-se; sujeitar-se (De *domar*. Represento por *u* o *o* átono, porque o povo transforma-o em *u* acentuado nas formas rizotónicas; ex.: «*Él nũ s'aduma*». Cfr. mirandês *adomar*) ⁽¹⁷⁶⁾.

afavorecêr (v. t.) — Favorecer, ajudar (Ouvido na locução «*Deus o afavoreça!*» com que costumam despedir o mendigo a que não dão esmola).

anoz (s. f.) — Noz (O *a* é prostetico, pois, se fôsse o artigo definido, desapareceria quando antepusessem a êste vocábulo o artigo indefinido ou qualquer adjectivo determinativo. Ora eu ouvi dizer: *umànoz* <> *uma anoz* <> *uma noz*, *duas anozes* <> *duas nozes*, etc.).

Arraúl (s. p. m.) — Raúl.

arrecebêr (v. t.) — Receber; casar com (Ex.: «*Él já arrecebeu*». < «*Él já a arrecebeu*». <> «*Éle já casou com ela*».) ⁽¹⁷⁷⁾.

arrecuar (v. i.) — Recuar (Só menciono esta forma, que já pertence ao português normal, porque no galego também existe) ⁽¹⁷⁸⁾.

arrelantar (v. t.) — Desbastar, tornar mais raro (Só ouvi empregar êste vocábulo com referência a plantas; ex.: «*Vou arrelantar as coives*». Suponho que o seu étimo é *rato* < *raro*, ao qual foi aplicado o sufixo de sentido causativo *-ntar* ⁽¹⁷⁹⁾, análogamente a *arrebantar* <> *arrebentar*, *acrescantar* <> *acrescentar*, etc., originando a forma *arrálantar*. Depois, por dissimilação, deu *arrelantar*).

atopar (v. t.) — Encontrar, topar com (Também já se encontra no Vocabulário de Gonçalves Viana esta palavra; todavia cito-a aqui porque é comum ao galego, como pode ver-se nas obras citadas de Diego, a p. 125, e de Lúgris Freire, a p. 129).

Igualdino (s. p. m.) — Gualdino (Esta prótese é devida à influência do adjectivo *igual* — pronúncia das pessoas cultas e semi-cultas —, tendo o povo relacionado entre si os dois vocábulos por possuírem a sílaba comum *gual*. Devo acrescentar que poucas vezes ouvi proferir êste nome.

É provável que por muitas pessoas já seja pronunciado *Igaldino*; o que eu talvez reconheça em ultteriores observações).

scontra (prep.) — Contra (De *escontra*, onde a prótese é aparente e não real, pois deriva de *ex contra*. Esta preposição também se encontra no galego) ⁽¹⁸⁰⁾.

ANAPTIXE

alambarar (v. i.) — Arder, incendiar-se (De *alambrar* < *lambrã*, palavra que, em ervedosense, significa *chama*, *labareda*. Segundo o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, *lambrã* < **lamb'rêda* < *labareda*).

belusa (s. f.) — Blusa (Esta forma anaptictica é típica para exemplificar a lentidão do falar ervedosense, que, a meu ver, é a causa principal da maioria dos fenómenos anapticticos que vou apontar).

caíbaro (s. m.) — Caibro (V. observação anterior).

cómbaro (s. m.) — Cômoro (Desta palavra já falei, ao tratar do *b*).

cóngaro (s. m.) — Congro (Cfr. galego *congoro* ⁽¹⁸¹⁾. V. *belusa*).

felôr (s. f.) — Flor (V. *belusa*. Cfr. também Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 119).

feito (s. m.) — Fêto (Confrontando estas duas formas, tem-se a impressão de que a primeira derivou da segunda por intermédio da forma **fiêto* devida a qualquer influência para mim desconhecida. Porém Garcia de Diego ⁽¹⁸²⁾ apresenta como étimo de *feito* — vocábulo que também é galego — a forma hipotética *filictu*-. Neste caso, seria assim a evolução; **filictu*- > **filecto* > **fiecto* > *feito* ⁽¹⁸³⁾. No onomástico de Ervedosa, encontra-se ainda *feiteira*).

lúcaro (s. m.) — Lucro (V. *belusa*).

querédo! — Exclamação que significa ténue admiração (De *credo!* Devo notar que, neste vocábulo, só observei a anaptise neste caso. Quando é tomado como substantivo ou quando se emprega para manifestar espanto, medo, mantém-se intacto; ex.: «*Ia co credo na bóca*». «*Credo! Santo nome de Jasús!*»).

scairro (s. m.) — Escarro (Esta ditongação anaptictica parece-me devida a ênfase, ao desejo de reforçar — onomatopaicamente? — o som dêste vocábulo, para acentuar bem

a diferença entre o que êle representa e o que significa a palavra *cuspo* <> *saliva*. Contudo o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos é de opinião que êste vocábulo derivou do verbo *scairrar* (também usado no ervedosense) que, por sua vez, derivou de **scarriar* <(e)*scarrar*, por troca de sufixos).

Acêrca de *gázia*, *hástia*, *óndua* e *onduar*, ver a parte em que trato das semi-vogais *i* e *u*; sôbre *láiia* <> *laja*, *cerei-ja* <> *cereja*, *lôijo* <> *lôjo*, *ferruige* <> *ferrugem* e mais palavras em que aparece o grupo vogal + *ij* ou *ich* + vogal, ver os parágrafos dedicados às palatais.

EPÊNTESE

abrótigas (s. f. pl.) — Abróteas, abrótiás (Ouvi esta palavra sempre no plural, como várias outras a que fiz referência quando tratei do vocábulo *bêldros*. O *g* epentético (?) ⁽¹⁸⁴⁾ também aparece no galego *abrótiga* ⁽¹⁸⁵⁾).

almotriga (s. f.) — Almotolia (Creio ter sido esta a evolução dêste vocábulo: *almotolia* ⁽¹⁸⁶⁾ > **almot'lia* > **almotria* > *almotriga*. (Não sei como explicar a epêntese do *g* que também se observa em *fatiga* e *melanciga*).

alquedute (s. m.) — Aqueduto (Epêntese devida à influência das inúmeras palavras de uso cotidiano em que aparece *al* inicial. Assim, ficou com o aspecto árabe um vocábulo genuinamente latino. A troca do *o* final por *e* será talvez devida a dissimilação *ú-e* de *ú-o*; se não é também originada na semelhança com vocábulos de derivação árabe terminados em *e*: *almocreve*, *almude*, *alqueire*, *alvaiade*, por exemplo).

alrotar (v. i.) — Arrotar (Considero a epêntese do *l* devida à causa apontada na observação precedente e também motivada pela ênfase, sobretudo quando dão a *alrotar* a significação de *ser sovado*, como nestas frases: «*Há-des alrotar!*» <> «*Hás-de ser sovado!*» «*Se fazes isso, alrotas*». <> «*Se fazes isso, bato-te*»).

astrever-se (v. r.) — Atrever-se (Forma que aparece no português popular doutras regiões, no mirandês com a troca de *v* por *b*, e no galego com *e* inicial em vez de *a*) ⁽¹⁸⁷⁾.

bêldros (s. m. pl.) — Bredos (Epêntese do *l*. A êste vocábulo já me referi ao tratar da metátese).

bonécra, -écro (s. m. f.) — Bonéca, -éco (Forma comum ao português popular doutras localidades ⁽¹⁸⁸⁾).

brasalicão (s. m.) — Basilicão (Teria sido criada esta forma pela influência de *brasa*? de *Brasil*?)

Celestrino (s. p. m.) — Celestino (Esta forma é empregada também noutros falares populares do português ⁽¹⁸⁹⁾). Mas, em Ervedosa, observei ainda o encurtamento dela pela queda do *-l-*, e fusão dos dois *ee*, na forma *Cestrino*, e a dissimilação do segundo *e* em *ũ* — talvez por influência de *lustre* ou *lustro* — na forma *Celustrino*).

conrespondêr (v. i.) — Corresponder (Talvez não seja correcto considerar fenómeno epentético a nasalação duma vogal. Contudo incluo nesta parte este vocábulo, porque me parece ver nesta forma um pouco de ênfase, como que um desejo de acentuar a sílaba inicial que, na forma normal, tem vogal surda e passa quasi despercebida. Há, todavia, quem veja aqui um fenómeno de *recomposição* devido à consciência que o povo tem da formação dêste vocábulo).

desbulhar (v. t.) — Debulhar (Por confusão com *desbulhar* < > *esbulhar*).

despois (adv.) — Depois (Forma comum ao galego ⁽¹⁹⁰⁾ e ao português popular doutras regiões ⁽¹⁹¹⁾). Sendo esta forma derivada do lat. *de + ex + *posti* ou **pox*, segundo a opinião do Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, não pode ela ser considerada epentética, embora o pareça pelo confronto com o português normal. O mesmo se não dá, porém, com os vocábulos *asquêls* < > *aqueles* e *asquélas* < > *aquelas* — e nas suas ligações com as preposições *de* e *em* —, nos quais se realizou a epêntese do *s* por influência do *s* do plural, pois nunca ouvi pronunciar o singular *asquêl* ou *asquéla*).

dònezinha (s. f.) — Dòninha (Em galego existe a forma paralela a esta *doneciña* ⁽¹⁹²⁾). Contudo, embora esta forma possa ter influenciado aquela, em ervedosense há formas com o sufixo *-inho* não comuns ao português literário, nas quais aparece o infix *z-* — ex.: *lêvezinho* < > *levinho*, *nôvezinho* < > *novinho* —, que podem ter contaminado a forma *dòninha* do português normal).

fatiga (s. f.) — Fatia (V. *almotriga*).

fiarpo (s. m.) — Fiapo (A epêntese deve ter sido causada por

cruzamento com o verbo *fiar*, pela semelhança de som e de sentido).

incertar (v. t.) — Encetar (Por influência de *inxcertar* <> *enxcertar*, creio eu, visto que aquela palavra é geralmente empregada para designar a acção de cortar o primeiro pedaço de pão ou de qualquer outro alimento, e *inxcertar* designa uma acção complexa em que o golpe — o *côrte* — ocupa o lugar principal).

ismelindra (s. p. f.) — Ermelinda (O *r* epentético, a-pesar-de ser a consoante preferida pelo povo para a realização dêste fenómeno, pode, neste vocábulo, ser talvez devido à acção conjunta do *r* da sílaba inicial e dos vocábulos *melindre*, *melindrar* e *melindroso*. Para a mudança *Ir*- <> *Er*- em *Is*- teria possivelmente contribuído a pronúncia enfática *is* de *es* + consoante, com que principiam tantos vocábulos do português normal).

Jacindra (s. p. f.) — Jacinta (Por influência de quê? Também ouvi esta forma epentética noutras localidades).

léstro (adj.) — Lesto (Epêntese idêntica à do vocábulo seguinte).

listra (s. f.) — Lista (Forma comum ao português popular doutras regiões) ⁽¹⁹³⁾.

manclitar (v. i.) — Manquejar (Talvez por influência do verbo iterativo *saltitar*, ouvido a pessoas cultas ⁽¹⁹⁴⁾, tivesse o povo formado o verbo **manquitar* <> *manquejar*. Dar-se-ia depois a epêntese do *l*, possivelmente com fins onomatopaicos).

melanciga (s. f.) — Melancia (V. *almotriga*).

spilro (s. m.) — Espirro (Tanto esta forma como *spilrar* já se encontram no Vocabulário de Gonçalves Viana, salvo, é claro, a aférese do *e*).

sp(r)ital (s. m.) — Hospital (Estas duas formas são usadas pelo povo em várias regiões do nosso país ⁽¹⁹⁵⁾. Garcia de Diego ⁽¹⁹⁶⁾ acusa a existência, no galego, das formas *hespital*, *espital* e *spital*. Em Ervedosa ouvi pronunciar sempre *spital* na locução *p'r'ò spital* <> *para o hospital*, provavelmente por dissimilação de *prò spri-* em *prò spi-*, pois ali dizem sempre *no sprital* <> *no hospital*; ex.: «Foi *p'r'ò spital*». «Stá *no sprital*»).

zernideira (s. f.) — Brinquedo feito com a casca duma noz, dentro da qual se faz girar um pau que produz um zum-

bido característico (¹⁹⁷) (De *zenir* <> *zunir* — V. este vocábulo na parte em que trato da assimilação —. Como no português normal há *zunideira*, também pode supor-se que dêste vocábulo derivasse directamente **zenideira*, donde resultaria *zernideira* pela epêntese do *r*, fenómeno freqüente no português popular).

PARAGOGE

Excepto nas palavras *sertã* (que já está incluída, com a *sertã* no Vocabulário de Gonçalves Viana. Cfr. espanhol *sartén*, mirandês *sartiã* (¹⁹⁸) e galego *sartana* (¹⁹⁹) e *ferrã* <> *ferrã* (²⁰⁰), no advérbio *sômantes* <> *sômente* e nas locuções «*indas que*» (²⁰¹), «*de maneiras que*», «*a pontos que*» e no apelido *Metildes* (²⁰²), a paragoge mais freqüente, que chega até a constituir uma regra (sobretudo no cantar), é a do *e* nos vocábulos oxítonos que terminam em consoante lateral ou vibrante, vogal ou ditongo oral; ex.: *jornale*, *papêle*, *funile*, *róle*, *Arraule*; *falare*, *comêre*, *sáire*, *repôre*; *lâe*, *sôe*, *túe*; *maue*, *chapêue*, *voue*, etc.

O *e* paragógico também se encontra no português popular doutras regiões, no mirandês e no galego (²⁰³). Apenas se não ouve quando, por qualquer motivo, a fala seja mais apressada que normalmente.

Talvez possa explicar-se este fenómeno pela preferência que o povo dá aos vocábulos graves, em detrimento dos esdrúxulos e dos oxítonos (²⁰⁴).

AFÉRESE

bondar (v. i.) — Bastar (De *abondar*, forma comum ao galego (²⁰⁵). *Bondar* também existe noutros falares populares portugueses) (²⁰⁶).

gasalho (s. m.) — Cogumelo (Nome resultante da semelhança desta planta com um guarda-chuva aberto? Como a qualquer objecto que serve para agasalhar se dá o nome de *agasalho* (²⁰⁷), é provável que este nome também tenha servido para designar o guarda-chuva. Depois, por analogia de feitiço, passaria ao cogumelo e ficaria a pertencer-lhe).

gramasso (s. m.) — Argamassa (Nesta forma, que já aparece no Vocabulário de Gonçalves Viana, deve ter-se dado primeiramente a metátese do *r*, ficando de *argamassa* **agramassa*; a seguir a aférese do *a* — e por fim a mudança de género sob influências que não consigo descobrir. Relacionado com esta forma está o verbo *agramassar* < > *argamassar*).

Lambiqueiro (s. p. m.) — Apelido (De *alambiqueiro*, nome que terão dado a algum antepassado que fazia aguardente em *alambique*).

Lixandre (s. p. m.) — Alexandre (A passagem do *e* a *i*, foi, a meu ver, resultante da contiguidade com o fonema palatal *x*. Esta forma também existe no mirandês e no galego) (208).

masgar (v. t.) — Esmagar (Verifica se neste vocábulo a aférese mais frequente no falar ervedosense, a qual também é comum ao português popular doutras localidades (209): é a supressão do *e* antes do *s impuro* — V. o que ficou dito a respeito do vocábulo *scápula* —. Só quando desejam pronunciar enfaticamente qualquer palavra que comece por *e + s impuro*, é que os ervedosenses proferem o primeiro fonema, porém com o som de *i* — Cfr. o vocábulo *Ismelindra* —. Mas, voltemos à explicação de *masgar*: — A evolução seguida deve ter sido: *esmagar* > *smaçar* > *masgar* — por metátese do *s* —).

Mérico (s. p. m.) — Américo.

môr (s. m.) — Amor, na frase «*prò môr de*» < > «*por amor de*» (É um caso de fonética sintáctica, pois, a meu ver, a aférese aparente resultou do encontro de **pro* — *por* — e *amor*. Digo *aparente*, porque, segundo penso, o *ò* representa a contracção do *o* de **pro* e do *a* de *amor*. Eis a evolução: «*por amôr de*» > «**pro amôr de*» > «*prò môr de*»).

Quelino (s. p. m.) — Aquilino (O ensurdecimento do primeiro *i* é devido à dissimilação *e-i* de *i-i*, que ainda é de regra no português normal).

quemodar (v. t.) — Aquietar, conciliar (De *acomodar*, por dissimilação *e-o* de *o-o* e por aférese do *a* —).

tralha (s. f.) — Vocábulo que serve para designar o conjunto desordenado de vários objectos — mobília, ferramenta, etc. (Do lat. *tragula*? A uma mulher do povo ouvi eu empre-

gar *metralha* com a mesma acepção que vulgarmente dão, em Ervedosa, a *tralha*. Seria um caso de etimologia popular? É apenas para fazer notar este caso que cito este vocábulo neste lugar, pois na realidade só haveria aférese se se admitisse como recomposição do verdadeiro étimo o vocábulo *metralha*, o que, por enquanto, nada me autoriza a fazer. Também ouvi a palavra *tralha*, com o sentido que acima aponto, pronunciada por várias pessoas da Beira-Alta).

terminar (v. t.) — Determinar (Aférese da sílaba *de-*, possivelmente por dissimilação — quasi haplogogia —, se não influiu nesse fenómeno o vocábulo *terminar*, ouvido a pessoas cultas. Metátese do *r*, caso muito vulgar e já estudado. Em mirandês também se encontra este vocábulo) ⁽²¹⁰⁾.

tropesia (s. f.) — Hidropisia (Esta forma, que também se encontra no dialecto minhoto ⁽²¹¹⁾, resultou da aférese do *i*-[<>hi-] e da mudança do *d* em *t*, porventura através das seguintes formas intermediárias: **adropesia* ⁽²¹²⁾ > **dropesia* — aférese, muito frequente, do *a-* — > *tropesia* — por influência dos vocábulos que teem *trq-* —).

SÍNCOPE

açucrer (s. m.) — Açúcar (Resultante da forma paragógica *açú-care*, por síncope do *a*, em virtude da aversão aos esdrúxulos comum à linguagem popular doutras regiões. Cfr. *aljôfre* e *aljôfar*, *almiscar* e *almiscra*, no português normal; e, no galego, *sucre* ⁽²¹³⁾, *zucra* ⁽²¹⁴⁾ e *azucra* ⁽²¹⁵⁾).

àmotolia (s. f.) — Almotolia (Esta forma e *almotriga*, a que já fiz referência, coexistem em ervedosense: a primeira é preferida pelas pessoas semi-cultas ou pseudò-cultas, a segunda pelo povo analfabeto. Parece-me que se efectuou simplesmente a síncope do *t*, pois, se se tivesse dado a assimilação dêste fonema ao *m* vizinho, pronunciar-se-ia com *â* levemente nasal, em vez do *à* que ouvi regularmente proferir).

arve (s. f.) — Árvore (Forma que se emprega também noutras localidades, juntamente com *arbe* que pertence também ao mirandês ⁽²¹⁶⁾).

cartar (v. t.) — Carretar (Esta síncope foi devida à posição

protónica da sílaba, o que produziu o enfraquecimento da pronúncia dos *rr* e, por fim, a queda da sílaba).

chicra (s. f.) — Xicara (Da mudança de *x* em *ch*, falei quando me referi a estas palatais. A síncope do *a* foi causada pela conhecida aversão aos esdrúxulos).

cócras (s. f. pl.) — Cócoras (No português normal também se diz *cócaras*, como no galego. A síncope realizou-se pelo motivo exposto na observação anterior).

còldade (s. f.) — Qualidade (De *còldade* < *qualidade*. Acêrca da transformação sofrida pelo grupo *qu*, falei no lugar próprio. Como a consoante lateral é susceptível de formar sílaba com a vogal contigua antecedente, o *i* caiu, reduzindo-se o vocábulo a trissílabo).

crapuço, -uça (s. m.-f.) — Carapuço, -uça (A síncope do *a* nestas palavras resultou: α) da dissimilação dos sons vizinhos *a-a*; β) da faculdade que possui a vibrante *r* de formar grupo próprio com a oclusiva precedente; e γ) da tendência para o encurtamento das palavras que, mau grado tôda a sua lentidão de pronúncia, também se manifesta no ervedosense).

Fedrico (s. p. m.) — Frederico (Desta palavra já tratei na parte referente à dissimilação).

fincha (s. f.) — Frincha (Qual será a causa desta síncope?)

frũicho (s. m.) — Borbulha na pele (De *furuncul-* através das seguintes formas **furuncu-* > *furunchu-* — ainda existente no galego ⁽²¹⁷⁾ — > *frunchu* > *frũicho*. Acêrca do *i* anapictico, vide o parágrafo referente às palatais).

lumiôso (adj.) — Claro (Ouvi esta palavra na frase «*Hoije stá mûto lumiôso*», querendo significar que a noite não estava escura, graças à claridade que irradiavam as estrêlas. De *luminoso*, pela síncope do *n*, como no galego que também possui a forma *lumioso*) ⁽²¹⁸⁾.

Mumanta (s. p. f.) — Moimenta (Para explicar aquela forma, equivalente a *Mumenta* que se usa na Beira ⁽²¹⁹⁾, é preciso admitir a forma intermediária **Muimenta*. A passagem do ditongo *ói* a *ui* e a redução dêste a *u*, acha-se atestada em várias formas do português arcaico e do galego actual, v. g.: *coitelo* — gal. — *cuitelo* — arc. — > *cutelo*, *froita* — arc. e gal. — > *fruta* — arc. e gal. — > *fruta*, *loito* — arc. e gal. — > *luito* — arc. e gal. — > *luto*, *entroido* — arc. < > gal. *antroido* — > *entruído* — > arc. — > *entruído* ⁽²²⁰⁾, etc.).

- pampo** (s. m.) — Pâmpano, rebento (Houve síncope do *n* em *pâmpano*, mas possivelmente depois de se ter nasalado a vogal antecedente *a*, ficando a forma *pâmpão*; depois, pela tendência para a redução do *ão* átono final — através das formas — *aũ* > *-ũ* > *-u* < > *-o* ⁽²²¹⁾ —, assumiu a actual *pampo*).
- pòcurar** (v. t.) — Procurar e perguntar (Síncope por dissimilação? O mesmo fenómeno se deu em *pòcura* < > *procura*).
- própio** (adj.) — Próprio (Nesta forma, como em *propiada-de* < > *propriedade* e *apropriar* < > *apropriar*, é clara a causa da síncope: dissimilação. *Própio* é comum ao castelhano, ao galego, ao português arcaico e popular actual ⁽²²²⁾).
- sotil** (adj.) — Subtil (Síncope idêntica à de *sustar* < lat. *substare* e de *sustância* — arc. e popular em várias localidades, inclusive Ervedosa — < lat. *substância* —. *Sotil*, além de ser vocábulo arcaico e actualmente empregado pelo povo em várias regiões, é ainda comum ao galego ⁽²²³⁾. Desta palavra se derivou o verbo *sotilizar* que ouvi, em Ervedosa, empregado com o sentido de *supor*).
- sprança** (s. f.) — Esperança (A síncope do *e* explica-se pela mobilidade do *r* que foi atraído pela oclusiva vizinha, formando um grupo consonântico próprio. O mesmo aconteceu em *sprar* que, todavia, recupera o *e* nas formas rizotónicas; ex.: *spëro*, *spëre*, *spëraũ*; mas *spramos*, *spravas*, *sprei*. Tanto *sprança* como *sprar* são comuns ao mirandês) ⁽²²⁴⁾.
- sprito** (s. m.) — Espírito (À primeira vista, este vocábulo parece ter resultado da metátese do *r* em (*e*)*spírito*. Todavia, não é aceitável esta explicação, porque, na realidade, a metátese não pode dar-se em sílaba tónica. Deve ter-se dado em *spritual* (forma que, todavia, ainda não ouvi em Ervedosa) e daí ter-se depois formado *sprito*. Esta forma é usada em vários falares de Portugal ⁽²²⁵⁾. Da aférese que nela se nota, bem como nas da observação antecedente, já disse o suficiente no lugar próprio).
- superior** (adj. e s. m.) — Superior (V. *sprança*).
- ubre** (s. m.) — Carne das tetas da vaca (De *úbere*, pela síncope do *e* postónico. Causa: aversão aos esdrúxulos. Em galego também se encontra *ubre*) ⁽²²⁶⁾.

APÓCOPE

arrate (s. m.) — Arrátel (Esta forma já é considerada português normal, pois Gonçalves Viana incluiu-a no seu Vocabulário. Menciono-a aqui, porque nela se observa um caso de apócope aparente. Todavia foi a seguinte a evolução dêste vocábulo: *arrátel* > *arratle* ⁽²²⁷⁾ > *arrate* — síncope do *l*, porque o português é avêssio ao grupo *tl*—).

êl (pronome) — Êle (Quando se emprega em próclise, êste pronome sofre a apócope do *e*. No português literário faz-se normalmente a elisão do *-e*, quando a palavra que se segue a esta proclítica começa por vogal ou *h*. Daí, à apócope constante, mesmo antes de consoantes, quando êste pronome é proclítico, foi um passo pequeno e de fácil realização ⁽²²⁸⁾. Em igualdade de circunstâncias, também se diz *aquêl*, *àquêl*, *daquêl*, *dêl*, *naquêl* e *nêl* ⁽²²⁹⁾. São casos de fonética sintáctica).

fol (s. m.) — Fole (Neste vocábulo e em *pél* <> *pele* e *val* <> *vale*, observei um fenómeno inteiramente oposto à regra geral que mencionei, ao tratar da paragoge: sendo palavras que no português normal terminam em *e*, no ervedosense sofrem a apócope, e no plural apresentam a síncope do *-l*, por analogia com os nomes que no português normal acabam em *l*. Êste ouvi-o na locução «*Andar com gatos ã fóis*» <> «*Fazer o contrário do que promete; ser falsário*»).

home (s. m.) — Homem (Aparece esta forma também no português arcaico, em vários dialectos actuais, em mirandês e em galego ⁽²³⁰⁾).

-je ou **-ge** (terminação de substantivos) *-jem* ou *-gem* (No decurso dêste despretençioso trabalho, já várias vezes apareceram vocábulos com esta terminação apocopada, também comum ao galego; ex.: *barcaje*, *coraje*, *f(c)luge*, *ferraje*, *ferruge*, *fogaie*, *friaie*, *lingoaie*, *marge*, *orige*, *pasaje*, *ramaje*, *romaje*, *roupaje*, *salvaje*, *virge* ⁽²³¹⁾. É, portanto, escusado insistir mais. Sôbre a perda da nasalidade, ver Dr. Leite de Vasconcelos, «*Dialectologie*», p. 101).

onte (s. f.) — Ontem (Gonçalves Viana já apresenta a forma apocopada como português normal. Não faz, porém, o mesmo a respeito de *antonte* e *tresantonte*, formas correntes no falar ervedosense. Lúgris Freire ⁽²³²⁾ menciona

onte e *antonte* como formas galegas. Santiago y Gómez (233) cita *onte* e a sua variante *honte*. Em mirandês também há *onte*) (234).

orde (s. f.) — Ordem (Forma comum a falares portugueses doutras regiões e ao galego) (235).

pél (s. f.) — Pele (Mais que uma vez ouvi dizer: «*As péis dos cabritos [coelhos, etc.]*», por «*As peles dos cabritos [coelhos, etc.]*». Ver a observação relativa a *fol*).

vál (s. m.) — Vale (Plural *vais*; ex.: «*As augas das trevoadas arrastarã tudo por êsses vais*». V. observação precedente. *Val* também pertence ao português arcaico e ao popular doutras localidades) (236).

HAPLOLOGIA

Além do caso já citado pelo Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos (237) — *trêstões* por *três testões* (popular) —, observei, no ervedosense, três outros que vou mencionar aqui:

Chicurato (Nome por que era conhecido um homem falecido há poucos anos) < *Chico* (<>) *Francisco*) *Curato* (Ape-lido de várias pessoas ainda vivas, aparentadas com aquele Francisco).

rêcochino. -na (Expressão qualificativa que significa «*muito porco, -ca*», ouvida por mim bastas vezes, especialmente dirigida a crianças).

Como em mirandês há *cochino* e *cochina* que significam respectivamente *porco* e *porca* (ambos substantivos) e como, no dialecto transmontano, *cochina* tem o sentido de *suja* (adjectivo) (238), não me parece que me afaste muito da verdade se apresentar como étimo de *rêcochino* as duas palavras *rêco* (designa *pôrco* — substantivo —, em várias regiões de Portugal) e *cochino* (na acepção adjectiva de *sujo*).

Assim, com *reco* + *cochino* quereriam dizer *porco sujo* ou *muito porco*, significação que tem a forma haplológica *rêco-chino*.

Poderia ainda supor-se que, na locução *reco cochino*, a primeira palavra também se adjectivou, valendo então as duas por dois qualificativos *sujo, sujo*, cuja aposição os superlativa, em harmonia com um processo popular muito conhecido. Quantas vezes tenho eu ouvido: «*Êle é porco, porco!*», frase equivalente a «*Êle é muitíssimo porco!*»

Ainda antes de passar ao terceiro caso de haplogia, quero apontar aqui três adjectivos com que, em Ervedosa, é costume qualificar os porcos conforme o tamanho:

chino — pequeno, que cresce pouco;

meão — de tamanho mediano; e

varudo — grande, comprido.

Pondo de parte *meão*, adjectivo conhecido, ficam dois problemas a resolver.

Qual será o étimo de *chino*? Em ervedosense há também o adjectivo *chinchinho* (talvez derivado daquele) que significa *pequeníssimo*.

E o de *varudo*? Vara, medida? O galego *barudo*? ⁽²³⁹⁾.

O outro caso haplológico a que aludi é:

pante de rubar (Nome com que o povo designa o pente de dentes bastos destinado à limpeza da cabeça).

No meu entender, aquela frase está por *pante de derrubar* (*silicet* caspa, parasitas); e, sendo assim, ter-se-ia dado a eliminação do *de* inicial da última palavra, por dissimilação haplológica.

CRUZAMENTO

A *bêldros*, *fiarpo*, *incertar* e a mais alguns vocábulos cuja formação é possível ter resultado de cruzamento, já fiz as precisas referências nas observações anteriores. Apresentarei aqui mais dois:

impresilho (s. m.) — Empecilho (Creio que a epêntese do *r* e a passagem a sonora da sibilante surda de *empecilho*, foram devidas a cruzamento com o adjectivo e participio *prêso* — se não com *presigo* ou *presilha* —, porque não é pequena a semelhança de sentido entre *prender* e *estorvar*).

pròguntar (v. t.) — Preguntar e procurar (Parece-me que, passando-se facilmente do sentido de *preguntar por alguém ou algo* para o de *procurar alguém ou algo*, estes dois verbos cruzaram-se e motivaram a mudança do *e* em *o*, no verbo *preguntar*, ao mesmo tempo que lhe transmitiram as significações que cada um dêles tinha separadamente. Este último fenómeno estendeu-se depois a *pòcurar*, vocábulo que já ouvi empregar na acepção de

preguntar. De *pròguntar* se derivou *prògunta* que também significa *pregunta* e *procura*, ao passo que *pòcura* tem apenas o sentido de *procura*).

*

Na regularmente extensa lista de vocábulos que, até aqui, apresentei, encontram-se bastas interrogações, e locuções e advérbios dubitativos. Não deve isto causar estranheza, pois não representa mais do que o reconhecimento e a confissão das dificuldades inerentes nos estudos filológicos e da minguada cultura e duvidosa competência explicáveis num principiante.

II

MORFOLOGIA

Não me alongarei tanto nesta parte, porque são muito poucas e pequenas as diferenças que, na morfologia se notam entre o português normal e o falar ervedosense. Nem outra coisa era de esperar, visto que esta linguagem é apenas uma variedade do falar português.

NOME

Pouco há que dizer a êste respeito.

Sôbre plurais, mencionarei: *fóis* <> *foles*, *péis* <> *peles* e *vais* <> *vales*, a que já aludi ao tratar da apócope; *cóses* <> *cós*, *filhóses* <> *filhós*, *nóses* <> *nós* e *póses* <> *pós*, formas que também se encontram no português popular doutras regiões e que o Sr. Dr. José Joaquim Nunes explica como plurais duplos ⁽²⁴⁰⁾; em *riles* ⁽²⁴¹⁾, plural de *ril* <> *rim*, mantém-se o *l* intervocálico, semelhantemente ao que acontece noutros falares portugueses ⁽²⁴²⁾, igual fenómeno se observando em *barris* <> *barris*, possivelmente por influência daquela forma, pois o plural de *funil* são *funis*.

O vocábulo *(e)iró(s)*, plural *(e)irós(es)*, aparece com a forma *iról*, no plural *iróis*, por motivos que desconheço.

Dos nomes terminados no singular em *-ão*, ouvi os seguintes plurais, diferentes do português normal: *alamões* > *alemães*, *chões* <> *chãos*, *grões* <> *grãos*, *irmões* <> *irmãos*, *scrivões* <> *escrivães*.

No falar ervedosense, nota-se grande confusão no em-

prêgo da metafonia que, no português normal, se dá no plural dos nomes que teem o fechado tónico no singular. Assim, observei muitos casos como os que seguem: *ovo* — *ôvos*, *pôço* — *pôços*, *osso* — *ôssos*, *pôvo* — *pôvos*, *ólho* — *ólhos* (e *ólho* — *ólhos*, quando se referem a plantas, na acepção de rebento, *botão*, parte central mais tenra da couve e da alface, etc.), *repólho* — *repólhos*, *tóijo* (<> *tójo*) — *tóijos*, *fôrno* — *fôrnos*, *córno* — *córnos* (e *córno*, na acepção de marido de adúltera, ou como epíteto injurioso — *córnos*); *dôno* — *dônos*, *môno* (boneco; pessoa taciturna) — *mônos* ⁽²⁴³⁾; de adjetivos: *tórto* — *tórtos*, *pórco* — *pôrcos*, *mórto* — *mórtos*, *nôvo* — *nôvos*, mas *amerôso* ⁽²⁴⁴⁾ (<> *macio*) — *amerôsos*, *cheirôso* — *cheirôsos*, etc.; *infadônho* — *infadônhos*.

Na observação referente a *tanazas* (assimilação), já aludi aos outros dois *pluralia tantum* que encontrei no falar ervedosense: *tisoiras* e *truquêsas*.

*

Acêrca do género, apontarei sòmente a preferência dada à terminação *-oua*, para a formação do feminino dos nomes terminados em *-ão*; ex.: *anão* (s. e adj.) — *anoua*, *Assunção* (apelido) — *Assunçoua*, *meão* (adj.) — *meoua*, *Paixão* (apelido) — *Paixoua*, *Passarão* ⁽²⁴⁵⁾ (alcunha) — *Passaroua*, *Sandão* (apelido ou alcunha) *Sandoua*. E, a propósito, direi que o masculino de *boua* (<> *boa*) sôa sempre *bô* (<> *bom*). Todavia *boua* é muitas vezes reduzida a *bô* em próclise; ex.: «*Ah! bô rapariga!*» «*Que bô mulher!*»

Síncope idêntica se nota no adjectivo *má*, por *mau*, em frases como estas: «*Tãr má génio*». «*Que má jeito*». «*É má home*» ⁽²⁴⁶⁾.

*

Relativamente à gradação do adjectivo, citarei o emprêgo da conjunção comparativa *ca*, nas locuções «*mais ca mim*» <> «*mais do que eu*» e «*mais ca ti*» <> «*mais do que tu*» ⁽²⁴⁷⁾. Não consegui notar esta conjunção em mais nenhuma frase, pois com os outros pronomes e com os substantivos ouvi sempre *que* e *de que* (<> *do que*); ex.: «*manos (<> menos) qu'eu*», «*mais* ⁽²⁴⁸⁾ *que nós* (ou *vós*)», «*manos qu'él(es)*», «*mais de qu'ela(s)*», «*mais qu'o Antónho*», «*manos qu'o Chico*», etc.

Também ouvi empregar a conjunção comparativa *cuma* (<> *como*) antes de *mim* e *ti* (e até antes de substantivos,

embora muito menos vezes que *cuma*); ex.: «*Alão êl nũ é cuma mim?*» «*Eu sou cuma ti*». «*O burro dêl nũ faz os serviços cumà* (<> *cuma a*) *burra*» ⁽²⁴⁹⁾.

Não me lembro de ter ouvido os comparativos *maior* e *menor* da bôca dos ervedosenses analfabetos; substituíram-nos pelas formas analíticas *mais grande* e *mais picâno* (-a) (<> *mais pequeno* (-a)) ⁽²⁵⁰⁾. Até pessoas semi-cultas empregaram *mais grande*, na minha presença.

Em duas palavras comuns ao mirandês e ao português popular doutras regiões ⁽²⁵¹⁾, observei o sufixo superlativo -*íssemo* (<> *íssimo*), simples e duplicado na forma -*essíssemo*: — *Ŝantissemo* (s. p. m.) — Cristo; — *grandessíssemo* (adj.) — muitíssimo grande.

*

No capítulo nomes numerais, apenas encontrei dignas de menção as seguintes locuções multiplicativas: «*dois tantos*», a-par de *dóbro*, e «*três tantos*» (<> *tríplo*) ⁽²⁵²⁾.

PRONOME

Do emprêgo de *mim* e *ti* por *eu* e *tu*, falei no parágrafo anterior.

As formas do pronome pessoal da 3.^a pessoa *lhe* e *thes* estão representadas, no ervedosense, por *le* e *les*. Por vezes, *le* desempenha as funções de *les* ⁽²⁵³⁾.

A *êl*, proclítico, já me referi ao tratar da apócope, e a *asqueles*, *asquélas* quando me ocupei da epêntese.

*

Dos possessivos, encontrei o peor nome *minha* abreviado na forma *nha* ⁽²⁵⁴⁾, mas só em próclise; ex.: «*Ó nha mãĩ!*» «*Vêu cá onfã nha filha?*!»

Vössemecê, fórmula de tratamento muito empregada em Ervedosa, é suficientemente conhecida para que se justifique esta simples menção. A *você* dão sentido depreciativo.

*

Os ervedosenses pronunciam *êsta(s)* (<> *esta(s)* e *êssa(s)*) (<> *essa(s)*). Será êste facto devido à manutenção do som *ê* < lat. *i*, pois, segundo o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos ⁽²⁵⁵⁾,

esta vem de ista e essa de ipsa? ⁽²⁵⁶⁾ Ou por contaminação das formas masculinas *êste, êsse?* Mas, admitindo qualquer destas hipóteses, por que razão o mesmo fenómeno não atingiu *éla* e *aquéla*? Pela influência das inúmeras palavras terminadas em *-éla?* ⁽²⁵⁷⁾

Como é natural relacionar-se o artigo definido com os pronomes demonstrativos, apontarei aqui duas frases em que aparece a forma arcaica daquele artigo: «*Vinha i éla mai lo* (<> *mais o*) *home*». «*Incontrei-a n'Antre las Casas* (nome duma propriedade rústica)» ⁽²⁵⁸⁾.

•

Outro sôa sempre *ôitro* ⁽²⁵⁹⁾, pois, como já disse ao tratar do ditongo *ou*, no ervedosense há forte tendência para transformar êste ditongo em *ôi*.

Êste vocábulo é também empregado como pronome indefinido nas frases: «*Cumo diz o ôitro*», «*Cumò* (<> *Cumo o*) *ôitro que diz*» equivalentes a «*Como se diz*» «*Como dizem*» ⁽²⁶⁰⁾.

Ambos aparece quasi sempre nesta locução: «*ambos de dois*» ⁽²⁶¹⁾.

Muito, quer como pronome indefinido quer como advérbio, é sempre pronunciado *mûto*. Sucedeu, neste vocábulo, ao ditongo nasal *ui* (pois, como se sabe, no português normal *muito* sôa *mûito*) o que se deu com o oral *ui* em várias palavras que citei a propósito de *Mumanta* (sineope) ⁽²⁶²⁾.

Muitas vezes êste pronome é substituído pela locução pronominal indefinida «*qu'eu sei lá*», a qual é muito frequentemente transformada em «*ca sói lá*»; ex.: «*Tã prédios e dinheiro ca sói lá!*» <> «*Tem muitos prédios e muito dinheiro*».

Antes de *tempo* preferem, às vezes, a locução «*mais de canto*» <> «*mais de quanto*» a êste mesmo pronome; e chegam até a suprimir a palavra *tempo*, ficando «*mais de canto*», a significar «*muito tempo*»; ex.: «*Stou à tua spêra há mais de canto [tampo]!*»

Mais duas locuções pronominais indefinidas, muito usadas em Ervedosa, são: «*uns cantos*», «*uns poucos*». Teem ambas a significação de *alguns* e formam o feminino regularmente.

De *cal* <> *qual*, *calquar* <> *qualquer* (pl. *cais*, *caisquar*) e *canto* ⁽²⁶³⁾ <> *quanto*, já falei quando tratei do grupo *qu*.

Resta-me apontar as seguintes frases, cuja explicação per-

tence à fonética sintáctica: «*Qu'a dël?*» «*Qu'a dèla?*» equivalentes a «*Que é [feito] dêle (dela)?*» «*Onde está êle (ela)?*»

VERBO

Parafraseando a conhecida afirmação de Diomedes, posso dizer afoitamente «*est verbum velut sermonis anima*»; e, como tal, devo consagrar-lhe algumas páginas para ficarem bem vincadas as diferenças que, na flexão verbal, se notam entre o português normal e o falar ervedosense.

Começarei por enunciar os tempos simples de três verbos regulares, um de cada conjugação:

Intrar(e)

Indicativo

	PRESENTE	intrâmos intrástâis intrárû
antro antras antra intrâmos intrais, intraides ântraũ		MAIS QUE PERFEITO intrara intraras intrara intráramos intrárâis intrárû
	IMPERFEITO	
intrava intravas intrava intrávamos intrávâis intrávaũ		FUTURO intrarei(e) intrarás intrará(e) intrarâmos intrareis, intrareides intrarão
	PERFEITO	
intrei(e) intrastes introu(e)		

Condicional (265)

intraria	intraríamos
intrarias	intraríais
intraria	intraríaũ

Imperativo

antra intrai(de)

Conjuntivo

	PRESENTE	FUTURO (E INFINITIVO PESSOAL)
antre		
antres		intrar(e)
antre		intrar(e)s
ântremos		intrar(e)
ântrâis		intrarmos
ântrâi		intrárâis
	IMPERFEITO	intrárâi
intrasse		GERÚNDIO
intrasses		intrando
intrasse		
intrássemos		PARTICÍPIO PASSADO
intrássâis		
intrássâi		intrado

Bobêr(e)

Indicativo

	PRESENTE	bobêstâis
bêbo		bobêrũ
bébes		
bébe		MAIS QUE PERFEITO
bobâmos		
bobéis, bobéides		bobêra
bébâi		bobêras
	IMPERFEITO	bobêra
bobia		bobêramos
bobias		bobêrâis
bobia		bobêrũ
bobiamos		
bobíais		FUTURO
bobfaũ		boberei(e)
	PERFEITO	boberás
bobí(e)		boberá(e)
bobêstes		boberâmos
bobêu(e)		bobereis, bobereides
bobâmos		boberão

Condicional

b _o beria	b _o beríamos
b _o berias	b _o beriaís
b _o beria	b _o beriaũ

Imperativo

bébe	b _o bei(de)
------	------------------------

Conjuntivo

	PRESENTE	FUTURO (E INFINITIVO PESSOAL)	
bêba		b _o bêr(e)	
bêbas		b _o bêr(e)s	
bêba		b _o bêr(e)	
bêbamos		b _o bêrmos	
bêbais		b _o bêrâis	
bêbaũ		b _o bêrãĩ	
	IMPERFEITO		GERÚNDIO
bobêsse		b _o bando	
b _o bêsses			
b _o bêsse			
b _o bêssemos			PARTICÍPIO PASSADO
b _o bêssâis			
b _o bêssãĩ		b _o bido	

*Partir(e)**Indicativo*

	PRESENTE	partiamos	
parto		partiaís	
partes		partiaũ	
parte			
partimos			PERFEITO
partis, partides		partí(e)	
pártãĩ		partistes	
	IMPERFEITO	partiu(e)	
partia		partimos	
partias		partistâis	
partia		partiraũ	

MAIS QUE PERFEITO

FUTURO

partira	partirei(e)
partiras	partirás
partira	partirá(e)
partiramos	partirâmos
partirâis	partireis, partireides
partiraũ	partirão

Condicional

partiria	partiríamos
partirias	partiriâis
partiria	partiriaũ

Imperativo

parte	partide
-------	---------

Conjuntivo

	PRESENTE	FUTURO (E INFINITIVO PESSOAL)
parta		
partas		partir(e)
parta		partir(e)s
pártamos		partir(e)
pártâis		partirmos
pártaũ		partirâis
		partirái
	IMPERFEITO	GERÚNDIO
partisse		partindo
partisses		
partisse		
partissemos		PARTICÍPIO PASSADO
partissâis		
partissâi		partido

*

Para evitar repetições escusadas, apresentarei aqui, num só conspecto, as terminações dos verbos regulares das três conjugações, a fim de fazer a devida análise das que não são comuns ao português normal.

TERMINAÇÕES

<i>Indicativo</i>	I	II	III
PRESENTE	— o	— o	— o
	— a-s	— e-s	— e-s
	— a	— e	— e
	— â-mos	— â-mos	— i-mos
	{ — a-is — a-ides	{ — e-is — e-ides	{ — i-s — i-des
IMPERFEITO	— a-ũ	— â-ĩ	— â-ĩ
	— a-va	— i-a	— i-a
	— a-va-s	— i-a-s	— i-a-s
	— a-va	— i-a	— i-a
	— á-va-mos	— i-amos	— i-amos
PERFEITO	— á-vã-is	— i-ã-is	— i-ã-is
	— á-va-ũ	— i-a-ũ	— i-a-ũ
	— ei(e)	— i(e)	— i(e)
	— astes	— êstes	— istes
	— ou(e)	— êu(e)	— iu(e)
MAIS QUE PERFEITO	— âmos	— âmos	— imos
	— ástâis	— êstâis	— ístâis
	— árũ	— êrũ	— íraũ
	— a-ra	— ê-ra	— i-ra
	— a-ra-s	— ê-ra-s	— i-ra-s
FUTURO	— a-ra	— ê-ra	— i-ra
	— á-ra-mos	— ê-ra-mos	— i-ra-mos
	— á-rã-is	— ê-rã-is	— i-rã-is
	— á-rũ	— ê-rũ	— i-ra-ũ
	— ar-ei(e)	— er-ei(e)	— ir-ei(e)
CONDICIONAL	— ar-ás	— er-ás	— ir-ás
	— ar-a(e)	— er-á(e)	— ir-á(e)
	— ar-âmos	— er-âmos	— ir-âmos
	{ — ar-eis — ar-eides	{ — er-eis — er-eides	{ — ir-eis — ir-eides
	— ar-ão	— er-ão	— ir-ão
	— ar-ia	— er-ia	— ir-ia
	— ar-ias	— er-ias	— ir-ias
	— ar-ia	— er-ia	— ir-ia
	— ar-íamos	— er-íamos	— ir-íamos
	— ar-íais	— er-íais	— ir-íais
	— ar-iaũ	— er-iaũ	— ir-iaũ

IMPÉRAT.	{	— a	— e	— e
		— a-i(de)	— e-i(de)	— i-de

Conjuntivo

PRESENTE	{	— e	— a	— a
		— e-s	— a-s	— a-s
		— e	— a	— a
		— e-mos	— a-mos	— a-mos
		— â-is	— â-is	— â-is
		— â-i	— a-û	— a-û
IMPERFEITO	{	— a-sse	— ê-sse	— î-sse
		— a-sse-s	— ê-sse-s	— î-sse-s
		— a-sse	— ê-sse	— î-sse
		— á-sse-mos	— ê-sse-mos	— î-sse-mos
		— á-ssã-is	— ê-ssã-is	— î-ssã-is
		— á-ssã-i	— ê-ssã-i	— î-ssã-i
FUTURO (E INFINITIVO PESSOAL)	{	— a-r(e)	— ê-r(e)	— î-r(e)
		— a-r(e)s	— ê-r(e)s	— î-r(e)s
		— a-r(e)	— ê-r(e)	— î-r(e)
		— a-r-mos	— ê-r-mos	— î-r-mos
		— á-r-âis	— ê-r-âis	— î-r-âis
		— á-r-âi	— ê-r-âi	— î-r-âi
GERÚND.		— a-ndo	— a-ndo	— i-ndo
PAR. PAS.		— ado	— ido	— ido
INF. IMP.		— a-r(e)	— ê-r(e)	— î-r(e)

OBSERVAÇÕES

1.^a

A transformação em *â* (com ténue ressonância nasal) do *e* da 1.^a pessoa do plural no Indicativo Presente e Perfeito da II conjugação e Futuro das três conjugações, bem como do *â* da mesma pessoa do plural no Indicativo Perfeito da I conjugação, é devida à acção da nasal *m* que se encontra imediatamente após aqueles fonemas, fenómeno a que já aludi ao tratar da vogal nasal *ã*.

2.^a

A 2.^a pessoa do plural aparece-nos com duas formas no Indicativo Presente e Futuro das três conjugações e no Imperativo da I e da II.

A génese da forma não comum ao português normal efectuou-se, a meu ver, do seguinte modo:

No galego, são usadas para a formação da 2.^a pessoa do plural do Imperativo, nos verbos de tema em *a*, quatro terminações: *-ade* (< lat. *-ate*), *-ai* (< **-ae* < *-ade*), *-á* (< *ai*, pela contracção do ditongo), e *-aide* (resultante da fusão das duas primeiras) ⁽²⁶⁶⁾.

Ora, no ervedosense, a terminação correspondente de que estou tratando é também *-aide* e a do mesmo modo e pessoa dos verbos de tema em *i* é *-ide*, como no galego. É fácil de supor que estas duas terminações tivessem contaminado a paralela dos verbos de tema em *e*, gerando, a-par dessa comum ao português normal, outra *-eide* que pode assim considerar-se terminação anológica.

Para, conforme creio, evitar confusão com a 1.^a pessoa do singular do Indicativo Perfeito dos verbos de tema em *i*, o povo deixou de empregar a 2.^a do plural do Imperativo dos mesmos verbos, homónima daquela ⁽²⁶⁷⁾, servindo-se apenas da forma terminada em *-ide*, comum ao galego.

Criadas dêste modo as terminações da 2.^a pessoa do plural do Imperativo *-aide* *-eide* e *-ide*, e existindo já no galego e no minhoto a terminação *-ides* na mesma pessoa do Indicativo Presente, não é de estranhar que no ervedosense surgissem, ao lado das formas comuns ao português normal, na 2.^a pessoa do plural do Indicativo Presente, as terminações *-aides*, *-eides* e *-ides*. Esta criação anológica foi ainda reforçada pelo seguinte confronto, inconsciente embora:

-ai está para *-ais*, e *-ei* está para *-eis* (formas primárias), como *-aide* para *-aides* e *-eide* para *-eides* (formas secundárias).

Mas a analogia ainda não ficou por aqui; estendeu-se ao Indicativo Futuro das três conjugações regulares. Como a terminação da 2.^a pessoa do plural, neste tempo, acabava em *-eis* tónico, a pessoa correspondente do Indicativo Presente dos verbos de tema em *e*, que, como acima disse, já possuía duas terminações simultâneas (*-eis* e *-eides*), actuou sobre aquela e gerou nova forma, igual à sua secundária.

Foi assim, em meu entender, que se originaram as terminações duplas, patentes no quadro que estou analisando ⁽²⁶⁸⁾.

3.^a

Acêrca do ditongo *ãũ* átono que termina a 3.^a pessoa do plural de vários tempos, bem como da sua redução a *ũ* no Indicativo Perfeito e Mais que Perfeito dos verbos de tema em *a* e em *e*, já discorri o suficiente na parte da Fonética dedicada ao ditongo.

4.^a

Como já disse na parte que acabo de citar, a nasalação da subjuntiva do ditongo *ãi* foi resultante do som nasal da base. A passagem de *em* (< lat. *-en(t)*) a *-ãi* observa-se no português normal, porque, como muito bem nota o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos ⁽³⁶⁹⁾, «a orthographia litteraria *-em* é apenas para os olhos, pois a pronúncia culta é *ãi*, por ex.: *devem* pronuncia-se *dévãi* (com *a* fechado, já se entende).» Ora foi a base dêste ditongo *-ãi* que assimilou a subjuntiva, nasalando-a, do que resultou a forma *-ãĩ* que é um ditongo nasal completo.

5.^a

Antes de *s* manteve-se aquele ditongo semi-nasal que constitúi uma outra característica da flexão verbal ervedosense ⁽²⁷⁰⁾:— Excepto no Indicativo Presente e Futuro e no Imperativo, a terminação da 2.^a pessoa do plural acaba sempre em *-ãis* átono.

Na minha desautorizada opinião, a génese desta forma efectuou-se no Conjuntivo Imperfeito, sob a acção da terminação da 3.^a pessoa do plural. O contágio da nasalidade da 3.^a para a 2.^a pessoa é compreensível: talvez quando ainda diziam *êls chamássai, batêssai, pedissai*, os ervedosenses fôsem levados a dizer, por analogia, *vós chamássais, batêssais, pedissais*, em vez de *vós chamásseis, batêsseis, pedisseis*.

A passagem de *eis* e *ais* não é difícil de conceber-se nem de realizar-se, sobretudo quando os ditongos *ei* e *ãi* se encontram no mesmo tempo e em formas tão semelhantes como as que acabo de mencionar.

Depois de alterada assim esta terminação, outros tempos a adoptaram, por analogia; para o que não foi de pequena monta a influência da nasalidade existente em tôdas as terminações da 3.^a pessoa do plural. E, a meu ver, esta contamina-

ção de formas deu-se quando o actual ditongo átono *-aũ* ainda não perdera a nasalidade do *a*, soando, por isso, *-ãũ* ou *ãũ*.

Os tempos contagiados em primeiro lugar foram aqueles cuja 2.^a pessoa do plural terminava em *-eis* (como ainda actualmente no português normal): Indicativo Imperfeito e Mais que perfeito; Condicional e Conjuntivo Presente. Nêste último tempo, só se deu a nasalação depois da mudança do acento para a penúltima sílaba; enquanto fôsse tónico, o ditongo *ei* não sofreria aquela contaminação.

No Indicativo Perfeito, houve primeiramente a ditongação do *e* da terminação *-stes*, fenómeno comum a vários outros falares portugueses ⁽²⁷¹⁾ e que eu próprio observei na pronúncia de pessoas dotadas de razoável cultura. A mudança para *ã* do *e* da terminação *-steis* efectuou-se depois pela influência da terminação *-ãis* dos outros tempos.

E foi tal o poder desta influência que, no Conjuntivo Futuro (e Infinitivo pessoal), fêz desaparecer a desinência *-des* e ocupou o seu lugar

Dêste modo chegou a dominar em todos os tempos, salvo nos que indiquei no começo desta observação.

6.^a

Aludi ainda há pouco à terminação *-steis* da 2.^a pessoa do plural do Indicativo Perfeito. Segundo o Sr. Dr. J. J. Nunes ⁽²⁷²⁾, é ela de criação anológica resultante do confronto com as terminações em *-eis* da mesma pessoa, predominantes na flexão verbal.

A 2.^a do singular do mesmo tempo, aparece-nos terminada em *-stes*. O *s* final poderá, a meu ver, explicar-se também pela analogia com a terminação sigmática da mesma pessoa em todos os outros tempos, o que também acontece nas terminações de igual tempo, no galego, *-ches* e *-stes* ⁽²⁷³⁾.

7.^a

Outra alteração devida à analogia é o recuo do acento para a sílaba anterior, observado nas 1.^a e 2.^a pessoas do plural do Conjuntivo Presente. Como as outras quatro formas são rizotónicas, aquelas duas acompanharam-nas, porque neste caso teve mais força a analogia do que a lei da persistência do acento e a aversão aos proparoxítonos manifestada pela *ervadosense* ⁽²⁷⁴⁾.

No dizer dos gramáticos que consultei, o galego mantém ainda, nestas formas, o acento latino. Mas igual afirmação teur sido feita a respeito do Indicativo Imperfeito ⁽²⁷⁵⁾ e, todavia, Lugris Freire ⁽²⁷⁶⁾, na sua gramática, publicada em 1922, apresenta como esdrúxulas a 1.^a e a 2.^a pessoas do plural dêste tempo. São palavras dêle: «Adoptamos a forma esdrúxula neste tempo despois de estudiálo ben e de consultalo con persoas peritas na nosa fala.»

Sinal de que a analogia segue triunfante.

8.^a

Nos três verbos que apresentei como paradigmas e neste quadro das terminações, escrevi entre parêntesis o *-e* paragógico a que já me referi na Fonética, ao tratar da paragoge.

Também coloquei entre parêntesis o *e* da terminação da 2.^a pessoa do singular do Conjuntivo Futuro (e Infinitivo pessoal), para indicar que, no falar ervedosense, é muito freqüente a supressão daquele fonema.

Mas nas formas verbais que ainda tiver de citar neste trabalho, não tornarei a mencionar o *-e* paragógico, nem a encerrar em parêntesis o *e* do Conjuntivo Futuro (e Infinitivo pessoal), a que fiz referência nesta observação.

*

Para terminar estas anotações à flexão verbal regular ervedosense, resta-me apontar três casos que observei naquele falar:

1.^o — Sempre que ouvi empregar o Indicativo Mais que perfeito foi com a função de Condicional;

2.^o — Na posposição do pronome *o* (*a*, *os*, *as*), nunca notei a transformação em *l* do *-s* final das formas verbais, como no português normal. Em vez da manutenção desta assimilação antiga, intercalam a semivogal *i* do seguinte modo: — *comâ-mos-i-o* <> *comêmo-lo*, *tu chamas-i-a* <> *tu chama-la*, *partistâis-i-os* <> *partiste-los*, *comprariâmos-i-as* (o povo nunca intercala os pronomes) <> *comprá-las-iâmos*, etc., etc. ⁽²⁷⁷⁾;

3.^o — O sufixo verbal *-iar* é muito freqüentemente substituído pelo *-ear*, do que resulta ouvirem-se a cada passo frases como estas: «*Agoneia-se m'o 'stâmago*». «*O lampeão nũ alumeia nada*».

*

Passemos agora aos verbos irregulares ⁽²⁷⁸⁾.

abrir

IND.-PRES.: aibro <> abro.

CONJ.-PRES.: aibra, aibras, aibra, áibramos, áibrâis, áibrañ.

(Diz o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos que *aibro* assenta no lat. *ap'rio* (< *ap'rire*). Do mesmo modo, se podem explicar pelas formas sincopadas do Conj. lat. *ap'ria(m)*, etc. as restantes formas dialectais).

amuar-se

Nas formas rizotónicas, muda o *u* em *ô*, por analogia com os verbos terminados em *-oar* (*atroar*, *doar*, *soar*, etc.)

Igual fenómeno se verifica nos verbos *consuar* e *suar* (<> *transpirar*). Ex.: *êl amôa-se*, *que nós consôemos*, *eu sôo*, etc. ⁽²⁸⁰⁾.

c'rêr <> querer

Indicativo

PRESENTE		PERFEITO	
<i>quero</i>		<i>quije</i>	
{ <i>quers</i>		<i>quijestes</i>	
{ <i>quês</i>		<i>quije</i>	
<i>quar</i>		<i>quijâmos</i>	
<i>c'râmos</i>		<i>quijéstâis</i>	
{ <i>c'reis</i>		<i>quijerũ</i>	
{ <i>c'reides</i>			
{ <i>c'randes</i>			
<i>querâi</i>			MAIS QUE PERFEITO
IMPERFEITO			
<i>c'ria</i>		<i>quijera</i>	
<i>c'rias</i>		<i>quijeras</i>	
<i>c'ria</i>		<i>quijera</i>	
<i>c'riamos</i>		<i>quijéramos</i>	
<i>c'riâis</i>		<i>quijerâis</i>	
<i>c'riaũ</i>		<i>quijerũ</i>	

	FUTURO	querâmos
quereĩ		{ quereis
querás		{ quereides
querá		querão

Condicional

(Igual ao IND.-IMPERFEITO)

Conjuntivo

	PRESENTE	<i>quijar</i>	
<i>queira</i>		<i>quijermos</i>	
<i>queiras</i>		<i>quijerâis</i>	
<i>queira</i>		<i>quijerãĩ</i>	
quéiramos			
quérâis			INFINITIVO PESSOAL
quéiraũ		c'rêr	
	IMPERFEITO	c'rêrs	
<i>quijêsse</i>		c'rêr	
<i>quijêsses</i>		c'rêrmos	
<i>quijêsse</i>		c'rêrâis	
<i>quijêssemos</i>		c'rêrãĩ	
<i>quijêssãis</i>			GERÚNDIO
<i>quijêssãĩ</i>		c'rando	
	FUTURO		PARTICÍPIO PASSADO
<i>quijar</i>			
{ <i>quijars</i>			
{ <i>quijàs</i>		c'rido	

(A síncope do *e* no Infinitivo, no Gerúndio, no Particípio, no Indicativo Presente — formas arrizotónicas — e Imperfeito, e no Condicional, teve a mesma causa que a já observada no vocábulo *sprança* (V. Síncope). Da mesma síncope na 2.ª pessoa do singular do Ind.-Presente, Conj.-Futuro e Inf.-pessoal, falei na Obs. 8.ª à flexão verbal regular. Emprego o apóstrofo nestas formas sincopadas, para evitar confusão com as do verbo *crer*.

Sôbre as formas *quas* e *quijàs*, e tôdas as outras que teem *-j-*, cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 438, e « Dialectologie », p. 140; e Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 340.

Nas formas *quas*, *quijàs*, *dixas*, e semelhantes, houve assimilação do *r* ao *s*.

No português arcaico, bem como no galego, encontra-se o futuro *querrei*, *querrás*, etc. ⁽²⁸¹⁾.

A forma *c'randes*, do Indic.-Presente, deve ser — como *sandes* do verbo *ser* — resultante de analogia com *tandes*, 2.^a pessoa do plural do mesmo tempo e modo do verbo *ter*).

dar ⁽²⁸²⁾

CONJ.-PRESENTE: *deia*, *deias*, *deia*, *déiamos*, *déiãis*, *deiaũ*.

(Em galego, também há, no Conj.-Presente, *dea* = *dia* = *deña*, *deas* = *dias*, *dea* = *dia* = *deña*, e, no Imperativo, 3.^a pess. sing. *dea* = *dia*, e 3.^a pess. pl. *dean* = *dian* ⁽²⁸³⁾).

Segundo o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos ⁽²⁸⁴⁾, «estas formas explicam-se pelo lat. vulg. **deam*, alongamento de *dem*.»

São também quasi tôdas comuns ao português popular doutras localidades) ⁽²⁸⁵⁾.

dezêr

Indicativo

	PERFEITO	<i>dixera</i>	
<i>dixe</i>		<i>dixêramos</i>	
<i>dixêstes</i>		<i>dixêrãis</i>	
<i>dixe</i> ⁽²⁸⁶⁾		<i>dixêrũ</i>	
<i>dixâmos</i>			FUTURO
<i>dixêstãis</i>		<i>dezerei</i>	
<i>dixêrũ</i>		<i>dêzerás</i>	
		<i>dêzerá</i>	
	MAIS QUE PERFEITO	<i>dêzerâmos</i>	
<i>dixera</i>		{ <i>dêzereis</i>	
<i>dixêras</i>		{ <i>dêzereides</i>	
		<i>dêzerão</i>	

Condicional

<i>dezeria</i>	<i>dezerfamos</i>
<i>dêzerias</i>	<i>dêzeriãis</i>
<i>dêzeria</i>	<i>dêzerfãũ</i>

MAIS QUE PERFEITO	FUTURO
<i>fijera</i>	fazerei
<i>fijeras</i>	fazerás
<i>fijera</i>	fazerá
<i>fijéramos</i>	fazerâmos
<i>fijerâis</i>	{ fazeréis
<i>fijerû</i>	{ fazerídes
	fazerão

Condicional

fazeria	fazeríamos
fazerias	fazeriâis
fazeria	fazeriaû

Conjuntivo

IMPERFEITO	FUTURO
<i>fijésse</i>	fijer
<i>fijesses</i>	{ fijers
<i>fijésse</i>	{ fijes
<i>fijéssemos</i>	fijer
<i>fijessâis</i>	fijermos
<i>fijessãĩ</i>	fijerâis
	fijerãĩ

(Cfr. o que, sôbre estas formas irregulares, diz o Sr. Dr. J. J. Nunes, na p. 335 da sua citada obra.

Sôbre a forma *fijês*, cfr. as observações ao verbo *c'rer* < > *querer*).

haver

Notei o emprêgo das formas contractas *hâmos* e *heis*, de preferência às formas plenas *havemos*, *haveis*.

ir

Em lugar de *vades* (2.^a pess. pl. do Conj.-Presente), usam a correspondente forma do Indicativo *ides* (cfr. n. 274).

mintir

Indicativo

	PRESENTE	
minto		mintimos
mantes		{ mintis
mante		{ mintides
		mântai

Conjuntivo

	PRESENTE	
mintá		mintá
mintas		mintamos
		mintâis
		mintau

Nas formas arrizotónicas mantém-se o fonema *i* átono.
De igual modo se conjuga o verbo *sintir*.

(Os infinitivos *mintir* e *sintir* são comuns a falares portugueses doutras regiões e ao galego; no mirandês também se encontra *mintir*. Ver, a este respeito, Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 57 e 347; e Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 238, 239, e II, p. 198).

ouvir

PARTICÍPIO PASSADO: ouvido.

(Por analogia com *visto*, igual forma do verbo *ver*, segundo o Sr. Dr. J. J. Nunes) (289).

pôr

IND.-PRESENTE: *pujámos*, por pômos.

PERFEITO	MAIS QUE PERFEITO
pus (290)	pujara
pujéste	pujeras
pôs	pujera
pujámos	pujaramos
pujéstâis	pujardâis
pujêrũ	pujerũ

Conjuntivo

IMPERFEITO	FUTURO
<i>pujésse</i>	<i>pujər</i>
<i>pujésses</i>	{ <i>pujərs</i>
<i>pujésse</i>	{ <i>pujəs</i>
<i>pujéssemos</i>	<i>pujər</i>
<i>pujéssais</i>	<i>pujərmos</i>
<i>pujéssai</i>	<i>pujərāis</i>
	<i>pujərāi</i>

PARTICÍPIO PASSADO: pósto.

(A respeito destas formas, ver Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 338-339.

O emprêo de *pujamos* por *pómos*, no Ind.-Presente, resulta da confusão entre o Presente e o Perfeito que, nesta pessoa, se dá também nos verbos *ver* e *vir*.

Acêrca de *pujəs*, ver o que fica dito nas anotações ao verbo *c'rər* <> *querer*).

rejestir*Indicativo*

PRESENTE	
rejesto	rejestimos
rejestes	{ rejestis
rejesto	{ rejestides
	rejestāi

Conjuntivo

PRESENTE	
rejista	rejista
rejistas	rejistamos
	rejistāis
	rejistaū

Nas formas arrizotónicas mantem-se o *e* na sílaba *-jes-*.

(O infinitivo *rejestir* é comum ao mirandês ⁽²⁹¹⁾; Diego menciona, como forma galega e castelhana arcaica, *registir* ⁽²⁹²⁾. Cfr. também a forma alentejana *rezestex*) ⁽²⁹³⁾.

sabêr

IND.-PERFEITO: 1.^a pess. sing. sube <> soube.

(Forma comum a falares portugueses doutras localidades) ⁽²⁹⁴⁾.

screvêr

PARTICÍPIO PASSADO: screvido.

(Forma analógica devida à tendência para a regularização das flexões que se nota na linguagem infantil e na das pessoas incultas).

sêr

Indicativo

PRESENTE: sâmos <> sômos, seis e sandes <> sois.

PERFEITO: foi (em próclise) <> fui, fumos ⁽²⁹⁵⁾ <> fômos.

Nunca ouvi empregar a 2.^a pess. sing. do Imperativo; a do plural é *seide*.

(As formas *sâmos* e *sandes* são analógicas ⁽²⁹⁶⁾; e creio que ã mesma categoria pertencem *seis* — Ind.-Pres. — e *seide* — Imperativo —. As primeiras, por influência das correspondentes pessoas dos verbos *têr* e *pôr*; as segundas, pela acção das mesmas pessoas dos verbos regulares de tema *e*.

A forma *foi* <> *fui* é comum a outros falares portugueses ⁽²⁹⁷⁾.

Fumos aparece também no galego) ⁽²⁹⁸⁾.

suprir

IND.-PRESENTE: 3.^a pess. sing. sopra; 3.^a pess. plural sóprai.

(Estas formas são muito empregadas com referência a qualquer alimento; ex.: «*Êstes feijões sóprai mais qu'aquêls*». A *suprir* dão a significação de *aumentar* ⁽²⁹⁹⁾).

Esta metáfora é devida a analogia com os verbos em que se dá o mesmo no português normal: *cobrir*, *dormir*, etc. Terá também influido nela o verbo (*as*)*soprar* ?) ⁽³⁰⁰⁾.

têr

IND.-PRESENTE: tâno, tâis, tãl, tâmos, tandes e tândâis, tãlâl.

IMPERATIVO: tãl, tande.

(Desprezando as particularidades fonéticas de que tratei na parte a elas referente, quero notar aqui apenas a manutensão do ditongo *ãl* antes de *s*, na forma *tãis* ⁽³⁰¹⁾, e a dualidade de pronunção da 2.^a pess. pl. do Ind.-Presente.

A forma *tandes*, depois de ter contribuído para a génese das formas *c'randes* e *sandes*, respectivamente dos verbos *c'rêr* <> *querer* e *sêr*, sofreu já a influência da terminação átona *-âis*, predominante na flexão verbal ervedosense. Assim, muito poucas vezes ouvi a ervedosenses incultos pronunciar *tandes*, sendo *tândâis* a forma corrente na bôca do povo) ⁽³⁰²⁾.

trazêr

Indicativo

	PERFEITO	<i>troixêra</i>	
truxe ⁽³⁰³⁾		<i>troixêramos</i>	
<i>troixêstes</i>		<i>troixêrâis</i>	
<i>troixe</i>		<i>troixêrũ</i>	
<i>troixâmos</i>			FUTURO
<i>troixêslâis</i>		trazerei	
<i>troixêrũ</i>		trazerás	
		trazerá	
	MAIS QUE PERFEITO	trazerâmos	
		{ trazereiis	
<i>troixêra</i>		{ trazereides	
<i>troixêras</i>		trazerão	

Condicional

trazeria	trazeríamos
trazerias	trazeriâis
trazeria	trazeriãũ

Conjuntivo

IMPERFEITO		FUTURO
<i>troixésse</i>	<i>troixar</i>	
<i>troixésses</i>	{ <i>troixers</i>	
<i>troixésse</i>	{ <i>troixes</i>	
<i>troixéssemos</i>	<i>troixar</i>	
<i>troixéssais</i>	<i>troixermos</i>	
<i>troixéssai</i>	<i>troixerâis</i>	
	<i>troixerã</i>	

(Acêrca de *truze*, ver Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 340, n. 2; e Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., 1, p. 393, n. 3, e 439. Sobre *troixe*, ver p. 141 da «Dialectologie» deste último autor.

De *troixês* nada mais há que dizer, além do que anotei na observação relativa a *c'rêr* <> *querer*.

A respeito de tôdas as outras formas, cfr. as obras citadas de Diêgo e do Sr. Dr. J. J. Nunes, p. 145 e 342-343, respectivamente).

vêr

IND.-PRESENTE: *veijo*, *vês*, *vê*, *vimos*, *veis* e *veides*, *véiãl*.

IMPERATIVO: sing. *vê*; plural *vei* e *veide*.

(Como nos verbos *ter* e *vir*, se menciono tôdas as formas do Ind.-Presente, é apenas para indicação da sua pronúncia.

De interêsse morfológico é o emprêgo das formas *veis* e *veides* no Ind.-Presente, e *vei* e *veide* no Imperativo. São formas analógicas, devidas à influência da conjugação regular.

Vimos, por *vemos*, é resultante de confusão entre o Presente e o Perfeito do Indicativo, idêntica à que se deu nos verbos *pôr* e *vir*).

vir

IND.-PRESENTE: *vânho*, *vâs*, *vâl*, *viâmos*, *vindes*, *vâiãl*.

PERFEITO: *vi*, *viêstes*, *vêu*, *viâmos*, *viéstais*, *viêrũ*.

(A respeito de *-ãis*, na forma *vãis*, ver o que ficou dito na anotação ao verbo *ter*.

À confusão entre o Presente e o Perfeito que se nota em *viâmos* — Ind.-Presente —, por *vimos*, já aludi ao tratar dos verbos *pôr* e *vêr*.

Acêrca da forma *vêu*, por *veio*, cfr. Dr. Leite de Vas-

concelos, F. P., p. 374, F. M., I, p. 441, e «Dialectologie», p. 141).

*

E foram estas as observações que pude realizar acêrca da flexão verbal ervedosense.

PARTÍCULAS

Neste capítulo terei de restringir-me a citações avulsas, o que, diga-se, não destôa muito da indole dêste trabalho que deve considerar-se mais como repositório de observações dialectais do que como estudo filológico propriamente dito.

a) Advérbios

Locuções dubitativas muito freqüentemente empregadas:

Por i; ex.: «São por i coranta». <> «São talvez quarenta». «É por i algum bicho» (por i <> talvez).

As vezes; ex.: «Nũ vá às vezes êl chigare...» (às vezes <> por acaso), «Pode, às vezes, ser êle» (às vezes <> talvez).

Com o sentido de *não*, ouvi muitas vezes empregar a palavra *âgora* ⁽³⁰⁴⁾; ex.: — «Stás doante, repuz? — *Âgora! Stou aqui a descansare*».

Também, em ervedosense, é usado o pronome *isso*, como negação enfática; ex.: — «Olha qu'o cachôrro com'o coêlho! — *Isso com'êlê!*» ⁽³⁰⁵⁾.

A propósito dêste emprêgo adverbial, citarei ainda aqui o seguinte trecho dum diálogo que ouvi: — *S'eu nũ quijêsse, havias de ver s'eu te davô (<> dava o) dinheiro! — Ó milagre de dars!*» (<> *Havias de dar, custasse o que custasse!*)

Não, em próclise, sôa sempre *nũ*; em pausa, sempre *não* ⁽³⁰⁶⁾.

É muito usado o advérbio *bem*, para designar quantidade; ex.: «É *bãĩ alto!*» <> «É muito alto», «Nũ é *bãĩ branco*» <> «Não é suficientemente branco».

Chegam a torná-lo adjectivo pronominal indefinido; ex.: «*Havia lá bãĩ hómãis*» <> «*Havia lá muitos homens*».

Este mesmo advérbio seguido de *feito* constituiu uma locução adverbial de modo, muito em voga na linguagem ervedosense. Significa *bem*, *com precisão*, *com exactidão*; ex.: «*Nũ l'acertei bãl feito*», «*Se l'apanho bãl feito, sgano-le!*», «*Chigastes lá bãl feito?*» (<> «*Chegaste mesmo lá?*»). «*Nũ s'ouve ali bãl feito*» (<> «*Ali não se ouve bem*») (307).

Então está representado, no ervedosense, por *antão* e *atão* (devido a dissimilação *a-ã* de *ã-ã*). Esperar-se-ia *intão*, segundo a regra que mencionei na Fonética (308).

O advérbio *onde*, quer só quer nas suas ligações com as preposições *a* e *de*, foi por mim várias vezes ouvido pronunciar com *d* inicial (cfr. o castelhano *donde*); ex.: «*Donde stavaras?*», «*Adonde fostais?*», «*De donde vên ele?*», «*Na casa donde morava...*», etc.

Além de vários advérbios comuns ao galego que já foram mencionados nas páginas antecedentes, como *despois*, *onte*, *sòmantas*, etc., quero ainda aqui citar as locuções seguintes: *a eito*, *òs poucos* (<> *a pouco e pouco*), *de scãicha pernas* (com as pernas afastadas, como quando se vai a cavalo; gal. *a canchapernas*), *a valer*; *ò cabo* (<> *por fim*), *ĩ diante* (gal. ant. *yndiante*, mod. *endiante*); *arriba*, *ĩ rìba* (<> *acima*, em cima; gal. *arriba*, *enriba*).

O galego e português *amiúdo* é quasi sempre substituído por *a-miúdo* também galego.

Semelhante à galega *de cote* é a locução ervedosense *a cote* (<> *a uso*, *diariamente*; ex.: «*Agora trago esta roupa a cote*». *De cote* passou a locução adjectiva; ex.: «*Esta é u a minha roupa de cote*» (*Roupa de cote* (<> *roupa de uso*, em contraposição a *roupa de ver a Deus* (<> *roupa dominigueira*) (309).

As arrastras (gal.) corresponde a *d'arrastos* (erv.); ex.: «*Alão andas d'arrastos?*»

Caje (gal.), em ervedosense *caije*, *caijo* e *acaijo*, já foi citado na Fonética (310).

De rompão (<> *subitamente*) tem o equivalente galego *de romplón*.

E muitos mais.

Mas já bastam estas ligeiras anotações, para se ver como, também neste capítulo, se mantem a par o galego e o português popular falado em Ervedosa do Douro.

b) Preposições, conjunções e interjeições

Quási tôdas as preposições galegas teem forma idêntica à das que existem no português normal.

De *antre*, *despois* e *scontra*, já falei noutro lugar. Aqui mencionarei apenas as locuções prepositivas *enriba de* (<> *erved. ã riba de*), *rente de* (*erv. rante de* <> *junto de*), comuns ao *ervedosense* e ao *galego*.

Na locução *por via de* dá-se um caso de fonética sintáctica, semelhante ao de *ca sói lá*, a que já aludi, ao tratar do pronome. A situação das palavras, nessas frases como que estereotipadas, faz com que se modifiquem reciprocamente, sobretudo aquelas em que não recai o acento da frase. Assim, na locução *que eu sei lá*, só a última palavra se manteve inalterada por ter em si o acento; na *por via de*, como é pronunciada rapidamente e subordinada ao acento da palavra que a segue, deu-se um ensurdecimento da única sílaba acentuada que ela tinha e transformou-se em *por vê de*, com o *ê* quasi átono, como o *è* de *pêgada* e o *a* de *activo*.

Outro caso de fonética sintáctica se nota nas locuções adverbiais: *ò pa trás* (<> *para trás* e *ò pa riba* (<> *para cima*; ex.: *andar ò pa trás* (<> *recuar*, *caminhar ò pa riba* (<> *subir* (uma encosta). Nestas locuções, o *r* de *trás* e *riba* fêz cair, por dissimilação, o da preposição *p'ra* (<> *para*. Com *baixo* e *diante*, nunca se verifica esta síncope; ex.: *caminhar ò p'ra baixo* (<> *descer* (uma encosta), *stá lá p'ra diante* ⁽³¹¹⁾.

Das conjunções citarei quasi só as que, sendo comuns ao *galego* e ao português popular falado em Ervedosa, não são usadas no português literário, pelo menos na forma em que as apresento aqui.

ca (comparativa. V. as linhas concernentes aos adjectivos), *coma* (*erv. cuma*, também já referida), *cando* (<> *quando*, *desque* ⁽³¹²⁾, *en canto* (*erv. ã canto*) ⁽³¹³⁾, *despois que*.

Observei a transformação em *a* da conjunção copulativa e na frase *còrtilho a meio* (<> *quartilho e meio*, ou *um e meio quartilho*) ⁽³¹⁴⁾.

Em «*cheira mal ca pésta!*» verifica-se outro caso de fonética sintáctica; esta frase significa «*cheira muitíssimo mal*» e deve ser corrupção de «*cheira mal, que é peste!*» (<> «*cheira tão mal que parece peste!*»

Entre as interjeições galegas, aparecem duas que muito amiúde ouvi em Ervedosa, exactamente com a mesma significação: «*ei* para animar a â los bueyes», diz García de Diego ⁽³¹⁵⁾; e «*xó!* para deter as bestas», *apud* Lugris Freire ⁽³¹⁶⁾.

Para enxotar os porcos, usam naquela povoação a interjeição *côche!* (Cfr. as palavras galegas *cocha* e *cocho*, respectivamente *porca* e *porco*, em português) ⁽³¹⁷⁾.

As interjeições empregadas para o chamamento dos porcos são, pelo que observei, as seguintes:

réco! *réca!*, nomes com que designam, em algumas províncias, o *porco* e a *porca*;

vicá! e *quidá!*, que podem considerar-se locuções interjectivas, pois são, respectivamente, resultantes da alteração de *vem cá* e de *aqui há* (*silicet vianda* <> alimento, em grande parte liquido, destinado aos porcos). A formação destes dois vocábulos é explicável pela fonética sintáctica.

Já na Fonética tratei de *ô-lho!* e de *úlha!* Devo aqui indicar outra interjeição de emprêgo muito freqüente para chamar a atenção de alguém; é ela *ôr'olhe!* (e *ôr'ólhã!*), também pronunciada *ôr'olha!* (e *ôr'olhai!*) ⁽³¹⁸⁾, quando o tratamento tido para com a pessoa ou pessoas a quem ela é dirigida, assim o permite. Como é composta de *ora* + verbo *olhar*, será mais exacto denominá-la locução interjectiva. Também ouvi empregar *ôr'úlha!* para chamar a atenção e manifestar simultaneamente grande admiração.

III

COMPOSIÇÃO E DERIVAÇÃO

Meia dúzia de observações, apenas.

Talvez por analogia com as palavras de origem arábica que começam por *al-*, e talvez também por ser mais sonoro que *ar-* este prefixo, encontram-se no ervedosense alguns vocábulos com *al-* inicial que não o possuem no actual português literário.

Cito cinco: *almário* (comum ao galego) ⁽³¹⁹⁾, *almazã* (*almazém*, no português arcaico); *alquedute* <> *aqueduto* (V. epêntese), *alvidar*, por *olvidar*, e *Alvira* (subs. próprio feminino), por *Elvira*.

O prefixo *des-* aparece, como intensivo, na palavra *desin-*

quéto <> *muíto inquiéto*, vocábulo que, com leves alterações, aparece noutros falares dialectais ⁽³²⁰⁾.

Como exemplo de combinação de prefixos, menciono a palavra *desiôlhado* <> *desôlhado*, que tem olheiras.

*

A-par com o sufixo aumentativo *-ão* (feminino *-ôna*), é usado *-órro* (feminino *-orra*) em *grandórro*, *grandorra* ⁽³²¹⁾. O aumentativo *Grandão* aparece como alcunha posta a um homem de estatura superior à média, o qual, por êsse mesmo motivo, também é chamado *Comprido*. A propósito, direi que a terminação *-ão* em *Sandão* (que eu já considero apelido, pois não envolve ideia depreciativa) foi resultante de assimilação realizada pela nasal *-an-*; a meu ver, foi esta a evolução seguida: *sandêu* > **sandêu* > **sandêu* > **sandêu* > *sandêu* que ortografo *sandão*, pelos motivos que expuz na Fonética.

Dos sufixos diminutivos dignos de nota, mencionarei *-ôlo* ⁽³²²⁾, *-ôto* e *-êto*; ex.: *terreôlo*, pequena propriedade rústica, e *casinhôlo*, casebre pequenino; *spigôto*, pequeno espigo, ou grêlo, de couve (cfr. *perdigôto*); já citei *coirêlo* e *panêlo*, a propósito de Madanêlo (V. metátese); *cadêlo* é outro exemplo típico, pois, além de diminutivo (como no lat. *catellus*), é depreciativo; juntar-lhes hei ainda *codêlo* (< *códea*), pequeno pedaço de pão, e *cancêlo* que é usado como diminutivo de *cancela*, com uma acentuada modalidade depreciativa, portanto de significação diferente da do étimo lat. *cancellus*.

Um exemplo de composição de sufixos vê-se em *pequerri-chinho* ⁽³²³⁾ e em *beberrichar*, verbo diminutivo-freqüentativo. De *chinchinho* já falei na Fonética (V. haplologia).

Como já disse ao tratar de *dônezinha*, o infixo *-z-* é mais empregado no ervedosense que no português normal; aos dois exemplos ali apontados, acrescento aqui *môlzinho*, que tem o sentido de *muíto mole* ⁽³²⁴⁾.

Sôbre os sufixos *-issemos* e *-essissemos*, ver o que ficou dito no capítulo em que tratei do NOME.

Em duas palavras observei o sufixo depreciativo *-ête*: *cheirête*, mau cheiro (cfr. *reizête*), e *lamb(a)rête*, repreensão (< *lamber*?)

A *-aige* <> *-agem* aludi ao tratar da apócope. Talvez por influência desta terminação, ouvi mais do que uma vez dizer, em Ervedosa, *corje* e *forje*, por *corja* e *forja*.

Ao rematar estas breves anotações, direi ainda que observei, no ervedosense, uma acentuada predilecção pelo sufixo *-eiro*; ex.: *viageiro* <> amigo de viajar, *preguiceiro* <> preguiçoso, *trabalhadeira* <> amiga de trabalhar, etc. (325).

IV

SINTAXE

Mal valeria a pena iniciar mais uma parte neste despretencioso estudo, se eu não tivesse observado, no ervedosense, uma construção sintáctica que, por analogia, pode contribuir para a explicação da génese do Infinitivo pessoal (326).

É a posposição da terminação *-mos*, desinência da 1.^a pess. pl. (327), ao gerúndio, quando se refere a esta pessoa; ex.: «*Nũ sei cumo tanto devâmos, ganhando-mos tanto dinheiro!*» <> «*Nem sei como, ganhando tanto dinheiro, devemos tanto!*», «*Nũ saindo-mos de casa, morrâmos à fome*». <> «*Se não sairmos de casa [para trabalhar], morreremos de fome*».

Para poder estabelecer-se o confronto entre as combinações do gerúndio com as várias pessoas gramaticais, dou, a seguir, alguns exemplos, nos quais aquela forma verbal aparece precedida da preposição *ĩ* <> *em*, construção de uso frequentíssimo no falar ervedosense: «*Ĩ comando, lá irei*». <> «*Quando eu acabar de comer, lá irei*». «*Ĩ tu vindo, te coçarei*». <> «*Quando vieres, te darei o castigo*», «*Ĩ êl chigando, t'ô direi*». <> «*Dir-to hei, logo que êle chegue*», «*Ĩ STANDO-MOS co êle, le pedirâmos contas*». <> «*Quando o encontrarmos, lhe pediremos contas*», «*Ĩ vos levantando, m'assantarei*». <> «*Quando vos levantardes, me assentarei*», «*Ĩ êls te chamando, nũ faltes*». <> «*Quando êles te chamarem, não faltes!*» ou, melhor, «*assim que êles te chamarem, vai logo!*»

A observação aí fica. Que a aproveite quem souber e puder, se ela fôr digna de prender, por alguns instantes, a atenção dos estudiosos de filologia.

*

Ânalogamente a outros falares portugueses, no ervedo-sense faz-se grande uso do pronome *êl* <> *êle* com os verbos impessoais e até como sujeito pleonástico ⁽³⁸⁸⁾; ex.: «*Êl cho-verá hoije?*» «*Êl sampre há cada burro!*» «*Êl a jante sampre faz cada asneira!*»

*

O emprêgo do presente pelo futuro é comum ao português normal (ex.: «*vou lá amanhã*»); mas julguei dignas de serem aqui mencionadas estas duas expressões: *que vem* <> *vindoiro*, e *que nasce* <> *nascituro*. A primeira ouvi-a bastas vezes nestas frases e idênticas: «*P'r'ò ano (ou mês) que vãi*». «*P'r'à semana que vãi*». A segunda ouvi-a apenas uma vez e nesta frase: «*Isto (fazenda que estava comprando uma mulher grávida) é p'r'ò que nasce*».

*

Dois exemplos de mudança de significação, de passiva para activa, notam-se nos seguintes participios, o primeiro dos quais já ouvi empregar noutras localidades: *poupado* <> *que poupa*, e *aproveitado* <> *que aproveita*. Há ténue gradação no sentido dum para o outro: «*F. é poupado*» quer dizer «*F. não é pródigo do que possui*»; «*F. é aproveitado*» significa «*F. não deixa perder-se a oportunidade de aumentar o que possui*» (isto é, *poupa o que tem e procura aumentá-lo*) ⁽³²⁹⁾.

*

Findas estas observações principais, agora só casos avulsos poderia anotar, como, por exemplo, a estranha construção do verbo *chamar*, nesta frase: «*Chamei-me a S. Gonçalo e casei*» <> «*Pedi a S. Gonçalo e êle ateudeu-me: deu-me marido*»; — a significação de *estar*, neste passo: «*Stou que são ciganos*». <> «*Creio que são ciganos*»; — o emprêgo pleonástico do pronome complemento *o*, nesta locução: «*Mal o haija o home!*»; — e inúmeros *bordões* a que se arrima, no seu falar vagaroso, a gente inculta: *ò depois, ò depois agora, ò depois antão, i agora*, etc.

Mas isto ficaria melhor num estudo lexicográfico metódicamente organizado, que nestes apontamentos de dialectologia apressadamente alinhavados.

Vamos, portanto, às conclusões.

CONCLUSÃO

De tudo o que fica exposto, parece-me poder salientar-se:

1.º — Que a linguagem falada pelo povo inculto, em Ervedosa do Douro, constituiu uma variedade local que estabelece a transição entre os dialectos beirão e duriense, tendo, portanto, características próprias que justificam a expressão com que a designo — *falar ervedosense*;

2.º — Que as principais destas características são: *a)* representação de *ē* por *ī* quando átono, e por *â* quando tónico; *b)* transformação de *e* em *ɛ* antes de *r*; *c)* redução constante de *qu* e *gu* a *c* e *g*, respectivamente; *d)* existência dos ditongos *ãi*, *ãĩ* e *au* e da terminação *-ũ* (<>-*am*) na flexão verbal; *e)* desenvolvimento de *i* antes das palatais *ch*, *x*, *j* e *g=j*; *f)* confusão, na pronúncia, de *ç* com *ss* e de *z* com *-s*; *g)* terminação em *-de* e *-des* da 2.ª pessoa do plural do Imperativo e do Indicativo Presente e Futuro, respectivamente; *h)* retracção do acento, na mesma pessoa do Conjuntivo Presente; *i)* substituição da desinência *-des* pela *-âis*, na mesma pessoa do Conjuntivo Futuro e do Infinitivo Pessoal; *j)* confusão constante entre o Presente e o Perfeito do Indicativo, na 1.ª pessoa do plural dos verbos *pôr*, *ver* e *vir*; e *l)* uso de várias palavras e locuções próprias daquela localidade, algumas das quais se podem ver no presente ensaio dialectológico.

NOTAS

(¹) Costumavam estas ranchadas vir no princípio de Novembro (pelos Santos) e regressar à Galiza desde meados de Março. Galegos havia, porém, que se demoravam pelo Douro até princípios de Junho, dirigindo-se então a Castela, a fim de tomarem parte nas ceifas.

(²) É curiosa a proporção existente entre o número de habitantes de origem galega e a totalidade da população de Ervedosa do Douro.

Pelo último censo da população (1921), reconheceu-se ter esta povoação mil e quinhentos habitantes (números redondos).

Ora, por informações fidedignas, colhidas naquela localidade, da bôca de pessoas cuja idade ia de 60 a 70 anos, consegui apurar que estas se lembravam da residência ali de cinquenta e quatro galegos, nos últimos cinquenta anos, e que os descendentes ainda vivos dêsses galegos atingem o número de trezentos!

Nos registos paroquiais encontrar-se hão, sem dúvida, os nomes dos que ali casaram ou deixaram descendência. Na impossibilidade de consultar presentemente o arquivo paroquial, limito-me a registrar, tais quais os ouvi, os apelidos que mais rescendem a exotismo ou os nomes dos que são dignos de nota como troncos de famílias relativamente numerosas:

Árias — trabalhador rural	11
Camoeira — trabalhador rural	5
Crucho — trabalhador rural	16
Góro — trabalhador rural	0
Lamês — trabalhador rural	5
Loisana — trabalhador rural	1
Massaira — trabalhador rural	7
Maranhau — taberneiro	4
Miragato — trabalhador rural	15
Rey — empreiteiro e, depois, taberneiro .	12
Roixo — sapateiro	8
Sandão — pedreiro	4
Vales — trabalhador rural	18
Varela — trabalhador rural	14
Aquilino Leguíssimo — trabalhador rural.	7
Bento Galego — sapateiro	4
Bento Galego — taberneiro	0
Bértelo Galego — trabalhador rural . .	4
Bértelo Galego — hortelão	0
Domingos Rodrigues — proprietário . .	46
Pedro Fernandes — lojista	40
Romão Gordo — sapateiro	0
Romão Regalo — trabalhador rural . .	2
Serafim Vasques — trabalhador rural . .	10
Zé (<> José) Alfaiate Galego — alfaiate.	12

Os algarismos indicam o número de descendentes conhecidos pelos meus informadores até à data. Alguns dos apelidos serão, porventura, alcunhas, o que, só pelo confronto

com os lançamentos nos registos paroquiais, se poderá saber. Também muito útil seria a consulta destes registos para se averiguar a naturalidade, o estado, a progénie, etc. Infelizmente, não pude ainda efectuar essa consulta; mas espero poder algum dia realizá-la.

Aquilino Leguissimo casou com uma filha do sapateiro Roixo, também mencionado.

Bértelo virá de Bártolo? de Humberto? de Alberto? Por obsequiosa informação dum amigo, professor, soube eu que, no concelho de Lousada, o povo transforma o nome Alberto em Bértelo. Em Ervedosa, porém, não observei a supressão do *al-* em nenhuma palavra; e sempre ouvi pronunciar Alberto como no português normal.

Como pode verificar-se, dos vinte e cinco galegos, que cito, houve, pelo menos, duzentos, quarenta e cinco descendentes. Digo *pelo menos*, porque é muito provável que, por esquecimento (aliás bastante justificável em quem rememora factos passados há dezenas de anos), tenha havido omissão de alguns que já morreram ou que emigraram de Ervedosa.

E repare-se que todos estes galegos se estabeleceram naquela povoação de meados do século XIX em diante, alguns mesmo já depois do aparecimento da filoxera (1877-1878, segundo informes ali obtidos). Três ainda eram vivos quando comecei a alinhar estes apontamentos.

Quão mais numerosa não seria a colónia galega nos tempos que medearam entre as medidas pombalinas protectoras do Douro e a morte das vinhas pelo ataque da filoxera!

Deviam, pois, ter razão de sobejo as raparigas e os rapazes ervedosenses — os poucos ainda incontaminados de sangue galego — quando, aí por 1875, cantavam a seguinte cantiga — aquelas para se esquecerem do frio na apanha da azeitona, estes para alegrarem a povoação nas *ruadas* nocturnas dos sábados:

« Irvedosa era bô terra,
Se nũ tivera dois êrros:
Passeada de magânos,
Rodeada de galêgos. »

Tendo a população aumentado de então para cá, implicitamente foi aumentando o número de habitantes com ascendência galega. E não é de estranhar que actualmente o número destes seja computado num quinto daquela.

(3) Por exemplo, em Soutêlo do Douro, povoação limítrofe de Ervedosa, pronunciam igualmente *tampo* <> *tempo*, mas, em dadas condições, ditongam os fonemas *a* e *e*. Eu próprio ouvi *quiebrito* <> *cabrito* e *guiânho* <> *gânho*; e afirmaram-me que lá também dizem *quiabra* <> *cabra* e *quieijo* <> *queijo*. É um caso a estudar.

Em S. João da Pesqueira, sede do concelho e também limítrofe de Ervedosa, ouvi pronunciar *tiêmpo* <> *tempo*, *Sarmiêto* <> *Sarmento*, *Antônho* <> *António* (ervedosense *Antônho*), *dôno* (erv. *dôno*).

Por motivos alheios à minha vontade, não pude fazer destes falares o estudo que tencionava. (Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Esquisse d'une dialectologie portugaise», p. 90 ss.)

(4) Subentende-se, é claro, que, além destes, empregarei todos os sinais e combinações usados na representação gráfica do português normal, oficialmente adoptada.

Por *português normal* entendo a língua falada pelos portugueses cultos e ensinada nas escolas oficiais; por *ervedosense*, o português popular falado em Ervedosa do Douro.

(5) Acerca das transformações que, no ervedosense, sofre a vogal nasal *ẽ*, cfr. Dr. José Leite de Vasconcelos, «Estudos de Philologia Mirandesa», I, p. 239, n. 1 e «Esquisse d'une dialectologie portugaise», p. 93. 100-101 e 149.

D'ora-avante, quando citar estas obras, fá-lo hei abreviadamente: a primeira, por F. M.; a segunda, por «Dialectologie».

(6) Provavelmente, é por influência desta modificação regular que, em Ervedosa, se pronuncia *intigo* <> *antigo* e *ingorêta* <> *ancoreta* (barril chato).

Sobre êste assunto, ver o «Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa» (Fonética-Morfologia) do Sr. Dr. José Joaquim Nunes, p. 60-61, e a «Dialectologie», do Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, p. 98.

(1) F. M., II, p. 153.

(2) D. Vicente Garcia de Diego, «Elementos de Gramática Histórica Gallega», p. 65-5.

(3) «Lições de Philologia Portuguesa», p. 473. Para

maior brevidade, designarei este livro por F. P., nas citações subseqüentes.

(10) Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 475.

(11) Cfr. Diego, ob. cit., p. 62 e 71.

(12) Cfr. Diego, ob. cit., p. 64-3. Cfr. também as vogais nasais átonas mirandesas *ã-* (< *ẽ-*, *ĩ-*) e *-ẽ-* (< *-ẽ-*). Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 237-239.

(13) Diego, ob. cit., p. 21 e 64. O autor indica comumente com ' o som fechado e com ` o aberto.

(14) «Nena em galego significa «menina»; corresponde-lhe *neno* no masculino «menino». Dr. Leite de Vasconcelos, «De Campolide a Melrose», p. 44, n. 1.

(15) Diego, ob. cit., p. 65, 90 e 192.

(16) Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 339. V. ainda, *ibidem*, p. 475, *maroiço*, *maravilha*. Em *ery.* também encontrei *americano* (carro eléctrico e bacêlo), *Mérico* < > *Américo* e *jeração* < > *geração* (Cfr. F. P., p. 150; e, sôbre e tónico antes de *r*, comparar a mesma obra, p. 470 com o citado livro de Diego, p. 65, n. 1. Cfr. ainda Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 57, e n. 1: *farramenta*, *tarramoto*, etc., e Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 100 e 123).

(17) Diego, ob. cit., p. 64-65.

(18) Loc. cit., p. 65.

(19) Consultar o «Dicionário Galego» de Cuveiro.

(20) Cfr. *õ* aberto, no sub-dialecto *baixo-duriense*. V. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 102 e 149.

(21) Cfr. Diego, ob. cit., p. 85.

(22) O mesmo sucede se estão em contacto *a* e *é*: ex.: *uma i égua*.

(23) Do encontro de *a* e *o* átonos resulta *ò*; ex.: *p'r'ò repaz* < > *para o rapaz*, *ò pai* < > *ao pai*.

(24) Cfr. gal. *renger*. Diego, ob. cit., p. 35, 48 e 112.

(25) Ao tratar das palatais apresentarei mais exemplos.

(26) Cfr. gal. *gesta*. Diego, ob. cit., p. 30, 41, 55 e 86.

(27) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 25, obs. II.

Também se diz *quêdo* <> *quiêto*, em ervedosense, vocábulo de formação anterior a *quéto*, pois ainda sofreu o abrandamento da dental intervocálica. A forma *quêdo* é comum ao galego (V. Diego, ob. cit., p. 169).

(28) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 87.

(29) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 173 e 178.

(30) V. Diego, ob. cit., p. 19, 58, 62 e 111.

Este verbo entra numa locução adjectiva muito usada no ervedosense: quando se diz de alguém «*F. é um (ou uma) nũ vou lá nã faço minga*» pretende-se significar que «*F. é um homem (ou mulher) indolente, sem préstimo*».

Minga <> *falta*, como *mingar* <> *faltar*. Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 146.

(31) Cfr. Diego, ob. cit., p. 58, 64, 80, 96-98, 100 e 102, e Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 302 e 463, e «Dialectologie», p. 104.

(32) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 183-184.

No ervedosense, este último ditongo, quando tónico é sempre nasal completo; ex.: *mão*, *mandarão* sôam, respectivamente, *mãũ*, *mandarãũ*. Como, porém, esta pronúncia é comum ao português normal, represento sempre por *ão* este ditongo tónico, para maior facilidade de grafia e leitura.

(33) Em mirandês *-rũ*, em galego *-ron*. Cfr. as obras citadas sobre estes dois idiomas, na parte em que tratam da flexão verbal. Acêrca desta terminação, cfr. também Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 102 e 137.

(34) V. Diego, ob. cit., p. 31. Nesta mesma página e na 168 veem os nomes galegos citados no período antecedente.

(35) Sobre a redução de *ão* átono a *o*, ver êsse mesmo

livro, p. 80, e a «Dialectologie», do Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, p. 110-111.

(36) É crença popular que a não satisfação d'êste ardente desejo pode originar uma doença que é designada pela locução «andar ougado».

(37) Nestes verbos, a vogal temática deve, talvez, também ter contribuído para a manutenção inalterada do ditongo *ou*. Cfr. as formas que na Morfologia, cito dos verbos *amuar*, *consuar*, *suar*, e *doer*, *moer*, *roer*.

Sôbre a metafonía nos verbos de tema em *e* e *i*, ver Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 290 ss.

(38) Cfr. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 80.

(39) A manutenção de *ou* em *Oufâmia*, *Sant' Oufâmia*, explica-se por influência do galego *Oufemêa*, *Sta Oufemêa* (V. Diego, ob. cit., p. 76) e doutros dialectos portugueses, nos quais soa *Ofema* (V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 75).

(40) Cfr. gal. e port. popular *vigairo*. V. Diego, ob. cit., p. 37.

(41) V. «Filologia de la Lengua Gallega», de D. José de Santiago y Gómez, p. 235.

(42) V. Diego, ob. cit., p. 41. Cfr. também Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 119, n. 2.

(43) V. Diego, ob. cit., p. 65.

(44) V. Diego, ob. cit., p. 26 e 170; e M. Lugris Freire, «Gramática do Idioma Galego», p. 198.

(45) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 126, n. 1.

(46) Em gal. *bisabó*. V. as citadas obras de Diego e Lugris Freire, p. 182 e 138, respectivamente.

(47) V. Diego, ob. cit., p. 92 e 170.

(48) Cfr. mirandês *burméilho* (V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 172 e 289) e gal. *bermello* (V. Lugris Freire, ob. cit., p. 138).

(⁴⁹) Cfr. alentejano *familha*, V. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 111.

(⁵⁰) Deve notar-se que esta forma está de acôrdo com a etimologia, pois deriva do lat. **vir'dia*, segundo o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos.

(⁵¹) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 193, e «Dialectologie», p. 112.

(⁵²) V. F. P., p. 431, n. 7.

(⁵³) Forma portuguesa do séc. x, segundo o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos (V. «Dialectologie», p. 12).

(⁵⁴) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 133-4.^o

Em ervedosense também se diz *carumba* por *caruma* (fô-lhas de pinheiro sêcas). Não a citei no texto, por já ser considerada português normal.

(⁵⁵) Cfr. *caíbaro* <> *caibro*, *queredo* (em exclamações) <> *credo*, *lúcaro* <> *lucro*.

(⁵⁶) V. as ob. cit. de Diego e Lugris Freire, p. 49, e 75 e 101, respectivamente.

(⁵⁷) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 222.

No português popular doutras localidades encontra-se, igualmente, *tamén*. O Sr. Dr. Leite de Vasconcelos (V. «Dialectologie», p. 119) explica esta síncope pela absorpção do *b* pelo fonema nasal precedente.

(⁵⁸) V. Diego, ob. cit., p. 57.

(⁵⁹) V. «Dialectologie», p. 89.

(⁶⁰) V. Lúgris Freire, ob. cit., p. 15 e 151, *sapo concho*.

(⁶¹) V. Diego, ob. cit., p. 35, 40, 55, 74 e 166.

(⁶²) Classificação do Sr. Dr. J. J. Nunes. V. ob. cit., p. 28.

(⁶³) Cfr. gal. *caje*. V. Diego, ob. cit., p. 39.

(⁶⁴) Cfr. gal. *lingoaje*. V. Diego, ob. cit., p. 58 e 185.

(65) Cfr. gal. *f(e)luge*. V. Diego, ob. cit., p. 35, 39, 69, 70, 166 e 190.

(66) Cfr. port. normal *graxa* <> *graxa*, *coixa* <> *cóxa*, etc. V. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 122.

(67) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 60.

(68) V. Diego, ob. cit., p. 34 e 125.

(69) Já depois disto escrito, vi que Garcia de Diego (V. ob. cit., p. 66, n.) é da mesma opinião.

(70) Cfr. gal. *resester* = *resistir*. V. Diego, ob. cit., p. 112.

(71) Sobre estes fonemas palatais, cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 114-115.

(72) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 160, e «Dialectologie», p. 111.

(73) Digo que este vocábulo deriva do primeiro e não o primeiro deste, porque de *gomitar* o povo não faria *gómilo*, visto que, no verbo, o *g* é sempre átono e, portanto, fácil de confundir-se com *u*.

Cfr. gal. *gumitar* (V. Diego, ob. cit., p. 62) e *gomitar* (V. Lúgris Freire, ob. cit., p. 145).

V. também Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 112.

A propósito, notarei que os ervedosenses também empregam, na aceção de *vomitar*, a locução *lançar fora* ou mesmo apenas o verbo *lançar*.

(74) Cfr. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 170.

(75) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 20-21 e 206.

(76) Viterbo, «Elucidário»; transcrito pelo Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, no loc. cit. na nota precedente. V. também a «Dialectologie» deste último autor, p. 147.

(77) V. Diego, ob. cit., p. 39 e 63.

(78) V. Diego, ob. cit., p. 183.

- (79) V. Santiago y Gómez, ob. cit., p. 94.
- (80) V. Diego, ob. cit., p. 63.
- (81) V. Diego, ob. cit., p. 20, 31, 37, 42, 77, 171 e 182.
- (82) V. Diego, ob. cit., p. 77, n. 3.
- (83) «Dialectologie», p. 103.
- (84) V. Diego, ob. cit., p. 77.
- (85) V. Diego, ob. cit., p. 19 e 63.
- (86) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 99.
- (87) V. Diego, ob. cit., p. 62 e 186.
- (88) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 296 e 351, e II, p. 116-118, 120 e 210.
- (89) V. Diego, ob. cit., p. 63 e 183.
- (90) V. Diego, ob. cit., p. 63 e 183.
- (91) V. Diego, ob. cit., p. 183.
- (92) Vocábulo comum ao galego. Cfr. Diego, ob. cit., p. 166.
- (93) V. Diego, ob. cit., p. 19 e 63, e Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 123.
- (94) F. P., p. 375.
- (95) V. Diego, ob. cit., p. 19, 62 e 64.
- (96) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 152, e F. P., p. 122.
- (97) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 61.
Em galego também se diz *arrincar*. V. Lúgria Freire, ob. cit., p. 127.
- (98) V. Diego, ob. cit., p. 63, 169 e 183.
- (99) «Dialectologie», p. 123.

(¹⁰⁰) A não ser quando se tem a intenção de os repetir (sentimento do ritmo — V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 156 —, ou processo onomatopaico) como em *cuco* ou nas interjeições *piu, piu, piu, piu!* usadas para o chamamento de aves domésticas, sobretudo dos *pintainhos*. Para chamarem galinhas, também em Ervedosa se emprega, repetida, a interjeição *pelinha!* (Vocabulo formado por influência da terminação de galinha? Mas o povo designa esta ave geralmente por *pita...*).

(¹⁰¹) E talvez esta atracção tenha sido reforçada pela comparação dêste vocabulo com o nome *castinceira* <> *castanheiro bravo*.

(¹⁰²) V. Lúgris Freire, ob. cit., p. 140. É também forma usada no port. arcaico, pois já aparece na carta de Pero Vaz de Caminha a D. Manuel I anunciando-lhe o *achamento* do Brasil (1 de Maio de 1500).

(¹⁰³) Ob. cit., p. 66. V. também, *ibidem*, p. 180.

(¹⁰⁴) V. Diego, ob. cit., p. 62 e 71.

(¹⁰⁵) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., p. 188.

(¹⁰⁶) Ob. cit., p. 62.

(¹⁰⁷) Acerca dêste vocabulo, ver Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 214-215.

(¹⁰⁸) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 189.

(¹⁰⁹) V. Diego, ob. cit., p. 19 e 67.

(¹¹⁰) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 58. Segundo o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, o *-ê* é devido à palatal *nh*, fenómeno que êste filólogo também observou em *Lourinhê*, nome com que os naturais da Lourinhã designam esta localidade.

(¹¹¹) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 475.

(¹¹²) F. P., p. 293.

(¹¹³) Ob. cit., p. 64.

(¹¹⁴) Ob. cit., p. 149, n. 3.

(115) V. Dr. J. J. Nunes, loc. cit. na nota precedente. Outra forma arcaica que perdura no ervedosense é o substantivo *fin*, com o género feminino na locução «*Stamos na fin do mundo*».

(116) V. Diego, ob. cit., p. 68.

(117) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 218.

(118) Também designam por *comédias* (sempre no plural) qualquer representação falada (comédia, drama, tragédia, opereta, etc.) executada por amadores ou por profissionais ambulantes.

(119) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 333.

(120) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 272.

(121) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 217.

(122) Asseguraram-me, em Ervedosa, que esta palavra é um eufemismo de *pediculus capitis*.

(123) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 82.

(124) V. Diego, ob. cit., p. 39, 40 e 67.

(125) Ex.: *Rabaçal* (nome de propriedade rústica), *rabiça*, *rabisco*, etc.

(126) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 216, e F. M., II, p. 212.

(127) «La forme *rezão* se trouve déjà au xvi^e siècle», diz o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, a p. 98 da sua «Dialectologie».

(128) Cfr. Diego, ob. cit., p. 65-5, e Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 57.

(129) Cfr. galego *saloucar* (V. Diego, ob. cit., p. 65 e 73) e *salouzar* (*ibidem*, p. 73 e 169).

(130) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 58, onde se indica esta palavra como pertencente ao português popular.

- (131) V. Diego, ob. cit., p. 68.
- (132) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 219, e «Dialectologie», p. 98. Ai se verá quão vulgar é a dissimilação vocálica em que o fonema *e* substituí a vogal dissimilada.
- (133) V. Diego, ob. cit., p. 183.
- (134) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 219, e «Revista Lusitana», iv, p. 233.
- (135) P. 64, 73 e 170.
- (136) P. 154.
- (137) P. 94.
- (138) V. Diego, ob. cit., p. 182.
- (139) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 125, 126, 142, 144 e 165.
- (140) V. Diego, ob. cit., p. 26, 58 e 184; e Lúgris Freire, ob. cit., p. 15 e 137.
- (141) V. Diego, ob. cit., p. 91; e Lúgris Freire, ob. cit., p. 15.
- (142) V. Diego, ob. cit., p. 165.
- (143) Por influência das palavras em que há o grupo *-dr-* (ex.: *adro*, *vidro*, *pedra*, *medrar*, etc.)? A várias pessoas semi-cultas ouvi proferir *bêdros* por *brêdos*.
- (144) V. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 123. Cfr. também Diego, ob. cit., p. 63, e Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 56-57.
- (145) V. Diego, ob. cit., p. 65 e 69.
- (146) Diego, ob. cit., a p. 35, 70 e 190, menciona *feluge* e, a p. 12, 35 e 190 da mesma obra, *fluge* (sincope do *e*); Lúgris Freire, ob. cit., a p. 18, ortografa *feluxe*. Como o idioma galego não tem a merecida protecção oficial nem uma literatura

regular e tradicional, nota-se grande instabilidade na forma de o ortografar.

Nas obras a que tenho aludido, Garcia de Diego que admite «la etimologia como critério ortográfico» (ob. cit., p. 11), emprega as letras *g* e *j* para a representação gráfica do fonema palatal correspondente ao nosso *j*, ainda que um pouco diferente, pois para a sua prolação é necessário procurar uma posição intermediária entre as que tomamos para proferir o *x* de *xicara* e o *j* de *já* (Valadares, no seu dicionário representa-o algumas vezes por *ch*). Lugris Freire e Santiago e Gómez adoptam exclusivamente o *x* para tal representação; o primeiro diz: «O son do *x* é igual á *ch* francés» (ob. cit., p. 1) e... «debemos de escribir con *x* o son galego semellante á *ch* francés» (ob. cit., p. 12); o segundo, em vários passos do livro citado, compara aquele fonema ao *j* francês — transcreverei alguns: «En los antiguos monumentos de la lengua gallega aparece escrita la *j*, y con igual pronunciación que la *j* francesa;...» «La *x* en gallego es un poco paladial y su empleo en el gallego moderno se debe para diferenciar el sonido de *j* francesa con la *j* castellana» (p. 113). «El sonido de *x*, o sea la *j* francesa, en *Jean, joie, jardin*, etc., y el de la *g* cuando le siguen las vocales *e, i*, como *général, gilet, gendre*, es en gallego *Xoan, xardin, xeneral, xenro*, etc.» «En gallego la *j* o la *g* fuerte, delante de las vocales *e, i*, se representa por *x*, y se pronuncia, como hemos dicho, igual que la *j* francesa e italiana, bien se encuentre en principio de dicción, como *xardin, xente*, ya en medio, como *laranxa, laxe, exido*, etc.» (p. 114). O Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos (F. M., I, p. 438) também diz: «*x* gall. <> *j* port.»

(¹⁴⁷) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P. p. 219; e Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 58.

(¹⁴⁸) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 189.

(¹⁴⁹) V. Diego, ob. cit., p. 67.

(¹⁵⁰) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 58.

(¹⁵¹) V. Diego, ob. cit., p. 69.

(¹⁵²) V. Diego, ob. cit., p. 69.

(153) Cfr. o gal. *fiestra*. V. Diego, ob. cit., p. 35, 41, 69, 166 e 184.

(154) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 25.

(155) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 151.

(156) V. Lúgrís Freire, ob. cit., p. 143.

(157) V. Diego, ob. cit., p. 182.

(158) V. Diego, ob. cit., p. 175, n. 1.

(159) Outro exemplo de masculinização de apelidos observa-se ainda em *Maleiro* <> *Mêleiro* (< *mel*), nome dado aos filhos duma proprietária que, em Ervedosa, possuía grande número de colmeias (*cortiços*), das quais extraía grande quantidade de mel. Ficou-lhe o nome de *Maleira* <> *Mêleira* e dela passou aos filhos do sexo masculino, sob a forma já exposta.

(160) Talvez também tenha contribuído para isto a influência dos sons vizinhos semelhantes *a a*; contudo acho mais provável aquela explicação.

(161) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 120.

(162) V. Diego, ob. cit., p. 70, e o «Diccionario Gallego» de Cuveiro.

(163) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 198.

(164) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 145.

(165) Cfr. Diego, ob. cit., p. 77.

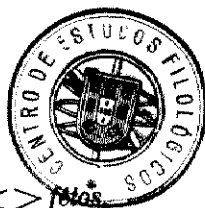
(166) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 151.

(167) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 210, e as obras citadas de Diego, p. 79, n. 2, de Lúgrís Freire, p. 27, e de Santiago e Gómez, p. 112.

(168) V. Lúgrís Freire, ob. cit., p. 115.

(169) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 300, e II, p. 221, onde vem a sua explicação.

- (170) V. Diego, ob. cit., p. 26.
- (171) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 151.
- (172) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 351.
- (173) Cfr. mirandês *retrocido*. V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 300.
- (174) V. Diego, ob. cit., p. 73, 78, 181 e 182.
- (175) V. Lúgris Freire, ob. cit., p. 135.
- (176) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 297, e II, p. 152.
- (177) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 121.
- (178) V. Diego, ob. cit., p. 70.
- (179) Cfr. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 396.
- (180) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 361, e Diego, ob. cit., p. 152.
- (181) V. Diego, ob. cit., p. 72.
- (182) Ob. cit., p. 35, 42, 49 e 166.
- (183) No port. arcaico aparece a forma *feeytos* <> *feitos*, como pode ver-se na carta de Pero Vaz de Caminha, a que me refiro em a nota 102.



(184) Faço esta interrogação porque se *-iga* vem de *-ica*, como parece depreender-se do que diz Diego (ob. cit., p. 67), não há epêntese: há apenas abrandamento normal de *-c-* em *-g-*, e, na forma portuguesa *abrótias*, queda desta consoante após o abrandamento.

(185) V. Diego, ob. cit., p. 67.

(186) Ou directamente do árabe *al-motli*, forma que o Sr. Dr. J. J. Nunes dá no seu citado livro (p. 182), a par de *al-mataria* que apresenta na página 164?

(187) V. Diego, ob. cit., p. 114; Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 121; e Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 462-463, e II, p. 107, 122 e 165. Êste último procura dar-lhe uma explicação cabal.

(188) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 153.

(189) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 151.

(190) V. Diego, ob. cit., p. 78 e 149; e Lúgris Freire, ob. cit., p. 74.

(191) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 354; e Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 450; para o mirandês *despuis*, ver esta mesma obra, I, 449-450, e II, p. 184.

(192) V. Diego, ob. cit., p. 70, 76, 165 e 191.

(193) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 153.

(194) Cfr. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 396.

(195) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 97.

(196) Ob. cit., p. 46, 77 e 183.

(197) Cfr. «História do Museu Etnológico Português» do Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, 392-393, *réla* ou *arréla*.

(198) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 319 e n. 4.

(199) V. Diego, ob. cit., p. 30, 34, 39 e 169.

(200) Derivado dêste vocábulo, encontrei o adjectivo *aferanhado* que significa *basto*; mas só ouvi empregá-lo com referência a forragem e a gramíneas. A paragoge do *i* deve ter resultado da influência das palavras que terminam em *-ãĩ* tónico, muito mais numerosas que as terminadas em *-ã*.

(201) Comum ao mirandês. V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 90.

(202) Sôbre o *s* paragógico, ver Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 442, e «Dialectologie», p. 143, e Dr. J. J. Nunes, ob.

cit., p. 153 e 360. Acêrca da passagem do *a* a *e*, ver Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie» p. 99.

A-par dêste apelido, há em Ervedosa o vocábulo *Metilde* <> *Matilde* como nome de baptismo. Cfr. o que fica dito sôbre *Madanêlo*.

(203) Cfr. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 153; Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 143, n. 1, «Dialectologie», p. 113, 116 e 121, e F. M., I, p. 266 e 268; e Diego, ob. cit., p. 23 e 72.

(204) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 86.

(205) V. Diego, ob. cit., p. 182.

(206) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 152.

(207) Gonçalves Viana, no seu Vocabulário, já dá a forma *gasalho*; e no galego também se encontra *gasallo* (V. Diego, ob. cit., p. 192).

(208) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, 298, e II, p. 196; e Lúgris Freire, ob. cit., p. 115.

(209) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 93, obs. I.

(210) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 462, e II, p. 224.

(211) V. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 102 e 119.

(212) Em Ervedosa, ouvi uma vez pronunciar *apotecar* <> *hipotecar*. É possível que o *i* seja de existência precária na bôca do povo, quando não tenha a reforçá-lo uma nasal ou outra consoante (sibilante, vibrante ou lateral), com a qual forme sílaba.

(213) V. Diego, ob. cit., p. 165 e 180.

(214) V. Lúgris Freire, ob. cit., p. 154. Como já ficou apontado, a propósito do fonema representado por *j* e por *x*, há grande instabilidade na ortografia do galego. Uns autores preferem o *s*, outros o *z*, para a representação gráfica da sibilante surda, e, por vezes, até o mesmo autor adopta as duas

grafias; ex.: Diego, ob. cit., p. 34, 57 e 169, *sanfona*, p. 19 e 64 *zanfona*; p. 19, *tanasas*, p. 62 e 64 *tanazas*.

«La pronunciación caracterizada del gallego es *s* por *s* y *z*; todo lo más *z* o bien *s* apical por *z*;... La *z* paladial se representa e pronuncia por *s* paladial», diz Santiago y Gómez, a p. 84 da sua já citada «Filologia de la Lengua Gallega» (Santiago, 1918). Devo, porém, acrescentar que as afirmações dêste último autor não podem ser aceites sem exame prévio, tão deplorável é a falta de critério científico que se patenteia nêsse livro de titulo pretencioso e enganador.

(²¹⁵) V. Lugris Freire, ob. cit., p. 138.

(²¹⁶) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 87 e 216, e F. M., II, p. 153.

(²¹⁷) V. Diego, ob. cit., p. 35, 40, 55, 74 e 166.

(²¹⁸) Cfr. Diego, ob. cit., p. 41.

(²¹⁹) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 123.

(²²⁰) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 51, 77-78 e 147; Diego, ob. cit., p. 29 e 166; e Lugris Freire, ob. cit., p. 136, 145 e 147.

(²²¹) Cfr. *oirégos*, *Stêvo*, *orfo*, a que já aludi.

(²²²) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 149; Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 116; e Diego, ob. cit., p. 26, n. 1.

(²²³) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 122; e Diego, ob. cit., p. 31 e 89.

(²²⁴) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 220.

(²²⁵) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 97.

(²²⁶) V. Diego, ob. cit., p. 92.

(²²⁷) Por metátese (ou síncope) idêntica à de *cadavre* e *miseravite*, já citados. Esta forma intermediária foi por mim ouvida em localidade que não consigo precisar.

(²²⁸) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», páginas 128-129.

(²²⁹) Cfr. Diego. ob. cit., p. 99 e 107; e Lugris Freire, ob. cit., p. 32 e 34.

(²³⁰) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 127; Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 203; Diego, ob. cit., p. 21, 23, 41, 81, 85 e 88; e Lugris Freire, ob. cit., p. 146.

(²³¹) V. Diego, ob. cit., p. 185; 92, 185; 35, 39, 70, 166, 190; 92, 185; 39, 62, 63, 166; 185; 58, 92, 185; 30, 39, 190; 21, 30, 190; 92; 185; 30, 33, 39, 88, 190.

(²³²) Ob. cit., p. 74, 136 e 149.

(²³³) Ob. cit., p. 231 e 232.

(²³⁴) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 449.

(²³⁵) V. Diego, ob. cit., p. 71 e 168; e Lugris Freire, ob. cit., p. 149.

(²³⁶) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 110, e «Dialectologie», p. 124.

(²³⁷) F. P., p. 219.

(²³⁸) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 457, e II, p. 45.

(²³⁹) V. Lugris Freire, ob. cit., p. 128.

(²⁴⁰) V. ob. cit., p. 229.

(²⁴¹) Plural comum ao galego. V. Diego, ob. cit., p. 41 e 191.

(²⁴²) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 228, n. 3; e Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 170-171, e «Dialectologie», p. 104.

(²⁴³) Cfr. o que, na Fonética, ficou dito sobre a vogal *o*.

(²⁴⁴) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 101.

(245) Por me parecer curiosa a história desta alcunha, vou reproduzi-la aqui, tal como a ouvi da boca de pessoas merecedoras de todo o crédito!

— Por ocasião duma festa religiosa realizada em Ervedosa do Douro, o *juiz* (<> presidente da irmandade que promove a festa) convidou para jantarem com êle alguns amigos.

Como, porém, em dada altura do repasto, notasse que os convivas eram mais vorazes do que imaginara, a ponto de nem sequer lhe deixarem alimento suficiente para os criados, lembrou-se de empregar um estratagemma para salvar alguma coisa da boca daqueles *tubarões*. Assim, quando chegou o último prato, anunciou êle em voz alta que após êste viria ainda um *passarão*. Todos supuseram que se tratava dum peru, a ave doméstica maior nesta região, e mal tocaram na iguaria que acabava de ser servida, reservando a voracidade para o *passarão* prometido. Mas, logo que os criados retiraram as travessas, desta vez quâsi intactas, exclamou o anfitrião galhofeiramente: «Pois, meus senhores! Por hoje, *passarão!*» (*silicet*, sem mais iguarias). Os convivas compreenderam imediatamente o lôgro em que tinham caído; mas, por maior que fôsse a decepção sofrida, julgaram que era melhor associarem-se às risadas do dono da casa e retiraram-se amigavelmente.

A historieta correu de boca em boca...

Tempos depois, estando um proprietário rural com os seus obreiros em determinado prédio, quando chegou a hora da merenda notaram todos pesarosamente que esta lhes tinha sido comida por um cão, que descobrira o cesto onde estava guardada. Lembrou-se o proprietário da partida pregada pelo juiz e repetiu a frase: «Pois, meus senhores! Por hoje, *passarão!*» Em má hora a proferiu. Os jornaleiros, azedados pelas exigências do estômago insatisfeito, não levaram a bem a aplicação daquele dito. E, como vindicta, crismaram de *Passarão* êste proprietário. Depois, por meio do sufixo feminino preferido dos ervedosenses, formaram o nome *Passaroua* com que passaram a designar a mulher e as filhas do proprietário referido. —

E aqui está como o povo cria nomes.

(246) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 87 e 104.

(²⁴⁷) Estas mesmas locuções se usam na Galiza, como pode ver-se nas seguintes frases: «*A miña nena é mais xeitosa ca mín, e o meu fillo é menos carraxudo ca ti*» (Lugris Freire, ob. cit., p. 28).

Estas formas encontram-se também noutros falares populares portugueses. V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 239; e Dr. Leite de Vasconcelos, «*Dialectologie*», p. 143.

(²⁴⁸) Cfr. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 235.

(²⁴⁹) Em galego, *coma*. V. Lugris Freire, ob. cit., p. 90. Cfr. também, Dr. Leite de Vasconcelos, «*Dialectologie*», páginas 143-144.

(²⁵⁰) Cfr. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 234, n. 2; e Dr. Leite de Vasconcelos, «*Dialectologie*», p. 125.

(²⁵¹) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 307, 345, n. 1, e II, p. 191, e «*Dialectologie*», p. 125.

(²⁵²) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 311.

(²⁵³) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 352, n. 1, 354, e II, p. 106, e «*Dialectologie*», p. 128.

(²⁵⁴) Cfr. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 244 e n. 2; e Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 56, e «*Dialectologie*» p. 131.

(²⁵⁵) F. P., p. 58.

(²⁵⁶) Outro caso de pronúncia popular exacta, em conformidade com a etimologia, é o do apelido *Guedes* que todos os ervedosenses incultos pronunciam *Guêdes*. Isto, se, como suponho, este vocábulo deriva de **Guīdici*, genitivo medieval de *Guidu*.

(²⁵⁷) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «*Dialectologie*», p. 129.

(²⁵⁸) Cfr. as formas galegas correspondentes (Diego, ob. cit., p. 104-105; e Lugris Freire, ob. cit., p. 11), e mais estas duas frases, numa das quais o *a* é pronome e na outra artigo: «*Él vên cá pola ver*» <> «*Éle veio cá para a ver*», «*Fui pela carta*» <> «*Fui por a carta*», isto é, «*Fui buscar a carta*».

(²⁵⁹) Cfr. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 250, n. 3.

(²⁶⁰) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 130.

(²⁶¹) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 302.

(²⁶²) Esta pronúncia já vem apontada pelo Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, a p. 110 e 143 da sua «Dialectologie».

(²⁶³) Estas três formas são comuns ao galego (V. Diego, ob. cit., p. 58, 100 e 101; e Lúgris Freire, ob. cit., p. 35). O Sr. Dr. J. J. Nunes aponta, como pertencentes ao português arcaico e ao popular moderno, as formas *cal* e *canto* (V. ob. cit., p. 94, 141 e 268).

(²⁶⁴) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 131.

(²⁶⁵) Devo aqui dizer que emprego, a respeito dêste tempo, a nomenclatura mais vulgarmente adoptada, embora não concorde com esta designação. A indole dêste trabalho, já de si tão longo, não me permite entrar em explanações sôbre êste assunto.

(²⁶⁶) V. Diego, ob. cit., p. 116.

Acêrca das terminações *-ades*, *-edes* e *-ides* do português e do espanhol arcaicos, ver Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 370.

(²⁶⁷) Na verdade, como no Imperativo muitas vezes se não emprega sujeito vocativamente expresso, havia locuções (ainda existentes no português normal) cujo sentido só pela modulação da voz se podia conhecer; ex.: «*Sai daí!*» que tanto pode significar «*Sai vós daí!*», como «*Eu sai daí!*». No primeiro caso, o ervedosense diz sempre «*Saide daí!*».

(²⁶⁸) A p. 135-136 e 138 da sua «Dialectologie» apresenta o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos as terminações *-aide*, *-eide*, *-ide*, e *-aides*, *-eides*, como empregadas, respectivamente, no Imperativo e no Indicativo Presente, pelo povo do Minho, a-par com as terminações *-ande*, *-ende*, *-inde*, e *-endes*, usadas nos mesmos tempos, em várias regiões de Portugal. Não, estende, porém, estas terminações ao Indicativo Futuro. o que, como se vê no texto, já se verifica no falar ervedosense.

(²⁶⁹) F. M., I, p. 240.

(²⁷⁰) O que não quiere dizer que seja privativa dêste falar, pois encontra-se também na linguagem doutras localidades. V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 315, n. 1; e Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 136.

(²⁷¹) Cfr. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 315, n. 1.

(²⁷²) V. loc. cit. na nota precedente.

(²⁷³) V. Diego, ob. cit., p. 115. Devo, porém, acrescentar que o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos («Dialectologie», p. 133) diz que, nesta pessoa, «au parfait de la 1^{re} conjugaison, on ajoute -s, à peu près dans tout le pays, à la voyelle finale, par analogie avec les autres personnes, parce que toutes se terminent par -s.»

Seja-me permitido dizer que só li esta última obra depois de ter redigido o amontoado de notas que constitúi êste pequeno ensaio.

(²⁷⁴) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 34, onde se indica já a retracção do acento na 1.^a pessoa do plural do Conjuntivo Presente, notada na linguagem popular. O mesmo faz o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, a p. 135 da sua «Dialectologie».

Mas, a respeito da 2.^a do plural, diz apenas êste último (ob. cit., p. 136): «Le peuple remplace souvent la 2.^e pers. du subjonctif par celle de l'indicatif.» Ora, nos meus cadernos de apontamentos, só encontro anotado êste fenómeno como observado no verbo *Ir* (V. o parágrafo a êle referente) e, por vezes, na forma negativa do Imperativo (ex.: «*Nũ fazeide isso!*» «*Nũ bõbeide aí!*», mas «*Nũ vos riãis dêle!*»); o que, todavia, não quiere dizer que tal não suceda noutros verbos e em determinadas frases.

A forma que mais me prendeu a atenção foi a rizotónica terminada em *-ãis*, bastas vezes ouvida em frases como estas: «*Quero que façãis isto.*» «*Nũ quero que lo pécãis.*» «*Isso é p'ra que lo dêiãis.*»

(²⁷⁵) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 387; Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 35; e Diego, ob. cit., p. 123.

(²⁷⁶) Ob. cit., p. 47 e n.

(²⁷⁷) Sobre estas formas, cfr. Dr. Leite Vasconcelos, F. P., p. 354, F. M., II, p. 301 e 308, e «Dialectologie», p. 88 e 128.

A mesma intercalação se verifica nesta frase: «*Há-des-i-a pôr!*» <> «*Hás-de pô-la!*»

Acêrca de *há-des* <> *hás-de* e *há-dãĩ* <> *hão-de*, formas comuns ao ervedosense e a outros falares portugueses, ver, do autor citado nesta nota, F. P., p. 354, F. M., I, p. 401 e 413, e «Dialectologie», p. 139; ver, também, Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 335, n. 3.

(²⁷⁸) Devo advertir que, com raras excepções, mencionarei apenas as formas diferentes do português normal. Além disto, para poupar tempo e espaço, irão em *itálico*, nos quadros da flexão, tôdas as formas semelhantes às galegas (isto para simples comparação), subentendendo-se que o confronto deve ser feito principalmente com as formas citadas por Diego na parte consagrada à flexão verbal da sua «Gramática Histórica Gallega».

(²⁷⁹) F. M., I, p. 404.

(²⁸⁰) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 97.

(²⁸¹) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 111, 281 e 282; e Diego, ob. cit., p. 143.

(²⁸²) Relacionado com êste verbo, existe em ervedosense o adjectivo *daimôso* (< *dai-me* + *ôso*? Cfr. *dixe-mo*, na nota referente ao verbo *dezêr*) <> *generoso*, *amigo de dar*.

(²⁸³) V. Diego, ob. cit., p. 138.

(²⁸⁴) F. M., p. 430-431.

(²⁸⁵) V., dêste último autor citado, F. P., p. 301 e 308, e «Dialectologie», p. 138.

(²⁸⁶) Com esta forma criou o ervedosense a locução «*dixemos, dixemos*» (< *dixe-mo*) que significa *bisbilhotice*; ouvi-a em frases como estas: «*Nũ gosto de dixemos, dixemos.*» «*F. anda sempre com dixemos, dixemos.*»

(²⁸⁷) Não consegui ouvir esta forma; contudo acho muito provável a existência dela em frases como esta: «*Eu lamãĩ me dôio (<>ressinto) do mal que me fázãĩ*». *Moër e roër teem*, nesta pessoa, respectivamente, *môio e rôio*.

(²⁸⁸) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 334.

(²⁸⁹) V. ob. cit., p. 348, n. 1. Cfr. também Dr. Leite de Vasconcelos, «*Dialectologie*», p. 141.

(²⁹⁰) Também se usa a forma *puje*, quando leva o pronome enclítico *o* (*a, os, as*); ex.: «*eu puje-os lá*» <> «*eu pú-los lá*». Nas mesmas circunstâncias, acrescentam à 3.^a pess. sing. um *e* (Cfr. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 339, n. 1) ou o *-i-* a que me referi ao terminar as observações à flexão verbal regular; ex.: «*êl pôse-a* (ou *pôs-i-a*) *aqui*» <> «*êle pô-la aqui*».

(²⁹¹) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 213.

(²⁹²) Ob. cit., p. 39 e n. 4.

(²⁹³) V. Dr. Leite de Vasconcelos, «*Dialectologie*», p. 142.

(²⁹⁴) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 340, n. 2; e Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 393, n. 3.

(²⁹⁵) Esta forma é comum ao verbo *ir*.

(²⁹⁶) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 341, n. 1; e Dr. Leite de Vasconcelos, «*Dialectologie*», p. 140.

(²⁹⁷) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «*Dialectologie*», p. 110 e 140.

(²⁹⁸) V. Diego, ob. cit., p. 144 e n. 1.

(²⁹⁹) Também é usado o verbo *abonar*, com o mesmo sentido.

(³⁰⁰) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «*Dialectologie*», p. 142.

(³⁰¹) É isto, em meu entender, devido a ser tónico o ditongo nesta forma.

O mesmo fenómeno se observa em igual pessoa do Ind.-Presente do verbo *vir*.

(302) Relacionado com êste, está o verbo *intretêr* que ouvi empregar como regular, nas frases seguintes e noutras idênticas: «*Intreti-me lá.*» «*Êl intreteu-se a ouvir tocar.*» «*Êls intretêrũ-se a jogar.*» Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 377.

(303) Nas formas dêste verbo que teem *x*, êste sôa como em *xicara*.

(304) Esta partícula já se encontra mencionada na p. 108 da «Gramática Portuguesa Elementar» (2.^a edição — Pôrto, 1901) de José Domingos de Azevêdo, natural de Ervedosa do Douro e tio-avô do autor dêste acervo de apontamentos dialectais.

(305) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P.

(306) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 142. Quando aos advérbios *não* e *bem* se segue o pronome *o* (*a, os, as*), desenvolve-se um *n* antes dêste; ex.: «*Nũ na incertárũ?*» «*Se bãĩ no dixê, milhor o fêz.*»

(307) Esta mesma locução ouvi em Penela da Beira na seguinte frase: «*Nũ foi capaz de lhe meter a gadanha bem feito.*»

(308) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 44, n. 2 e 143.

(309) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 354 e n. 3; e Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 143.

(310) Cfr., também, Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 41 e 103.

(311) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 143.

(312) V. Dr. J. J. Nunes, ob. cit., p. 361.

(313) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 144.

(314) Cfr. a formação, no português normal, de *dezasseis*,

dezassete, dezóito e dezanove. V., também, Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 39 e 144.

(315) Ob. cit., p. 154.

(316) Ob. cit., p. 84.

(317) V. «Diccionario Gallego» de Juan Cuveiro Piñol.

(318) Já depois de alinhavados estes apontamentos ouvi esta locução pronunciada *æ'olhai!*, para exprimir admiração de que um facto se realizasse.

Também notei a locução interjectiva *ah! feito!* empregada com a significação admirativa de *ora essa!*

(319) V. Diego, ob. cit., p. 68.

(320) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 461-462, e II, p. 40.

(321) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. P., p. 421, F. M., I, p. 341, e «Dialectologie», p. 126.

(322) V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 90 e 293, e F. P., p. 164.

(323) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 341.

(324) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 125 e 145.

(325) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, «Dialectologie», p. 125.

(326) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 374.

(327) Cfr. a transformação desta desinência em pronome, no mirandês (V. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., I, p. 40 e 354).

(328) Cfr. Dr. Leite de Vasconcelos, F. M., II, p. 293 e 307, e F. P., p. 325. Cp, também com estas frases dum diálogo a que assisti:

« — *Atão a i auga nũ falha?*!

— *Êl não!* »

(329) Cfr. *esquécido*, com a significação activa nesta frase: «*F. é muito esquecido*», isto é, «*F. esquece-se muito*».

Em Ervedosa, diz-se também «*F. é mûto squècido*»; e, às vezes, «*F. é mûto squècediço (<> esquecidiço)*», quando se quer significar com maior intensidade que «*F. é muito atreito a esquecer-se, muito desmemoriado*».

ÍNDICE DOS VOCÁBULOS

A

a = e

abixeiro

abrir

abrótigas

acaijo

acipreste

«a cote»

açucrer

adevertimanto

adevertir

adonde

adumar-se

«a eito»

afavorecer

aferranhar

agonear

agora

àgora

agramassar

Àgusto

«ah! feito!»

-ãi (átona)

ãicho

-aide(s)

-aije

ãijo

-airo

-âis (átona)

al-

alambarar

alambrar

alantejano

aldravão

aldravar

aldrave

aldravice

alfazâma

alfonête

almário

almazãl

almotriga

alquedute

alrotar

alumear

Álvano

alvidar

Alvira

àmanhê

«ambos de dois»

americano

amerôso(s)

amíúde

a-miúdo

àmotolia

amuar-se

anagalhar

anão, -oua

Anivle

anoz

a(n)tão

Antónho

antonte

antre (prep.)

antremôço(s)
 -ão
 apresentação
 apresantar
 apropriar
 aproveitado
 aquecular
 aquegular
 aquêl
 àquêl
 aquestumar
 arrâijo
 arrate
 Arraúl
 arreceber
 arrecuar
 arrelantar
 arriba
 arrigar
 arromedar
 arve
 asqueias
 asquêis
 assantar
 (as)soprar
 astrever-se
 Assunção, -oua
 « às vezes »
 atanrar
 atansilhos
 atopar
 atromantar
 -aũ (átona)
 -ãũ (tónica)
 auga
 augårdante

B

bãi
 «bãi feito»
 baldroegas
 bancêlho

banzer
 baranho
 Bárbara
 barrer
 bassoirá
 beberichar
 bêdros
 belador
 bêldros
 belusa
 borborêta
 berrão
 berter
 bicabornato
 bisabô
 bisabó
 bitabernaque
 bitabornaco
 bitabornaque
 bô
 boar
 bober
 bondar
 borborêta
 boua
 brasalicão
 brilhas
 bromêlho

C

ca (comp.)
 ca < > que é
 cadavle
 cadêlo
 cáibaro
 caije
 caijo
 cal, cais (pron.)
 calquer, caisquer
 cambóio
 cancêlo
 cando

canto	coranta
capão	côresma
cardãoho	corje
cartar	córno(s)
casinhôlo	côrno(s)
« ca sôl lá »	còrtilho
castinceira	cóses
castinheiro	crapuça
catro	crapuço
catroçantos	c'rer
Celestrino	cuma
Celustrino	cumo
cereija	Curato
Cestrino	curjidade
chamar-se a	curjidoso
cheirête	curzidade
cheirôso(s)	
chêpa	
Chica	
Chico	
chicolate	
chiera	
chinchinho	
chino	
côche!	
cócras	
côdêlo	
côicho	
coirêlo	
coive	
coland(r)ário	
côl(i)dade	
cómbaro	
comédias	
Comprido	
condanar	
cóngaro	
conresponder	
consuar	
contia	
conveniância	
conveniançudo	

D

daimoso
daquêl
dar
« d'arrastos »
dávida
de (enclítica)
« de cote »
« de donde »
dêl
Deluvina
demónho
dereito
« de rompão »
des- (intensiva)
desbulhar
« de scâicha pernas »
desinquêto
deslôlhado
dêsmãicho
desougar
despois
dês-que
« de ver a Deus »
dezer

díxemos-díxemos
doer
« dois tantos »
doitor
donde
dõnezinha
dóno(s)
dromir

E

e (verbo *ser*)
-ear
ei!
-eide(s)
-eiro
êl(s)
e-lho!
-êlo
era < > era (sub.)
« er olhai!
-errichar
-errichinho
êssa(s)
-essissemo
êsta(s)
-ête

F

fanasco
fantesia
fatiga < > fatia
fazer
Fedrico
felor
feluige
fênesim
fênétigo
fêrracho
ferrâl

ferrãicho
ferramanta
ferruige
fertuna
fêteiceira
feturar
fêturo
fiarpo
Fieiteira

feito
filhóses
fim
fincha
fol
forje
formantar
formanto
fôrno(s)
Freistêvo
fremoso
friesta
friolanto
frũicho
fugir

G

gãicho
gardar
gasalho
gázia
gesta
gomitar
gómito
gorrêta
gorvata
gramasso
Grandão
grandessissemo
grandôrro, -ôrra
grovata

Guêdes
gurrinha

H

hástia
haver
home

I

-i-

i<>em

«i agora»
«i canto»
-ide(s)
«i diante»
igal
igaldade
Igualdino
imbigo
immeroiçar
impresilho
incavar
incertar
incher
«indas que»
infadónho(s)
ingorêta
ingquanto
ingurrinhar
intigo
intrar
intreter
inxàbido
inxada
inxaugar
inxuto
ir
«i riba»
Ismelindra
-issemo
isso

Jacindra
-je
jentar
jentiaga
jeração
jinêla
jinêlo
jólho

J

L

la(s)
laija
lamb(a)rête
Lambiqueiro
lambra
lambrança
lançol
lavoeira
le(s)
lêstro
lêvezinho
Lisboua
listra
Lixandre
lo(s)
lóija
Loimil
lõreiro
louquinho
lovar
lúcaro
lumioso

M

má
Madanêla
Madanêlo
magano
«mais de canto»
«mais grande»

«mal o haija»

maleiro

manclitar

«maneiras que (de)»

manhê

manhezinha

manos

mantrastos

masgar

meão, -oua

Merico

mærmurar

meroíço

Metildes

milagre

mim

minga

mingar

mintir

misæravle

moer

mòlzinho

móno(s)

«môr de (p'r'ò)»

mórto, môrtos

-mos

movilha

movilhar

Mumanta

mûto

N

nagalho

nambro

nâna

naquêl

nêl

nha

nóses

nòvezinho

nóvo, nòvos

nũ

númaro

O

«ò depois»

«ò depois agora»

«ò depois antão»

ódio

oirégos

oirina

oitro

ólho(s)

ôlho(s)

-ôlo

óndua

onduar

onte

«ò pa riba»

«ò pa trás»

«ò pa baixo»

orde

orfo

òr'ólha

òr'ólhai

òr'ólhãl

or'ólhe

-ôrra, -ôrro

òr'úlha

«òs poucos»

ósso, ôssos

-ôto

-oua

Onfâmia

ougar

ouvir

óvo, ôvos

P

Paixão, -oua

pampo

pançoeirada

panêlo

pantomina

pantomineiro

pantomínice

partir

Passarão, -oua

pél

pelinha!

pequerrichinho

pertandante

pertander

pertansão

Pertugal

pertuguês

pessoa

piadade

pindurar

píruia

piu, piu!

píveda

pôço(s)

pôcura

pôcurar

« pontos que (a) »

pôr

pôrco, pôrcos

« por i »

« por vê de »

póses

poupado

pôvo(s)

« p'ra diante »

pracípio

preguiceiro

premeter

presante

profeição

prófeito

prògunta

pròguntar

prômeiro

propiadade

própio

prove

Q

quecote

queculo

quêdo

quegulo

quelha

quêlho

Quelino

quemodar

« que nasce »

quercova

queredo

questumar

questume

quéto

« que vâi »

quíá!

Quietano

quintura

R

Rabaçal

Rabolêdo

râichada

râicho

râiger

ralo

rebervério

réca, -o

redadeiro

rejestir

repaz

repôlho(s)

represantação

represantar

resestir

retrocer

rezão

roer

romandar

romando

romedear
 romedeio
 romédio
 rôr
 Rosaira
 rubar

S

saber
 saluçar
 saluço
 samear
 Sandão, -oua
 Santíssimo
 «sapo cõicho»
 sastifeito
 savão
 scãicha
 scairrar
 scairro
 scândola
 scápula
 scontra
 screver
 secorrer
 secôrro
 selada
 semante
 semanteira
 ser
 sertai
 sintir
 somana
 sòmantes
 sonoranto
 soparar
 sotil
 sotilizar
 sóto
 spigôto
 spilrar

spilro
 sprança
 sprar
 sp(r)ital
 sprito
 squècediço
 squècido
 -stâis (átona)
 stâmago
 stampoeirar
 stauta
 stepôr
 -stes
 Stêvo
 stordegar
 strovar
 strôvo
 strumo
 suar
 suprior
 suprir

T

tamãl
 tampo < > tempo
 tanazas
 ter
 terra
 terreôlo
 testão
 ti
 tisoiras
 tóijo
 tórto, tórtos
 trabalhadeira
 tralha
 trabalhar
 trabalho
 trazer
 treceiro
 treminar

tresantonte	vantaneira
« três tantos »	vanto
trêstões	varudo
trevão	velho
trêvoadã	ver
trêvoar	véspera
trocedela	viageiro
trocer	vicá!
tromanto	Vintura
tropesia	vir
truquêsas	vôcê
	vôssemecê

U

-u-	X
úbre	
ulha!	xó!

« uns cantos »

« uns poucos »

Z

V

vacalhau	-z-
val	zenir
	zernideira

Lisboa.

CELESTINO MONTEIRO SOARES DE AZEVEDO

Licenciado em Filologia Germânica.

RETALHOS DE UM ADAGIÁRIO

(Continuação do vol. XVI, págs. 211-246)

CXV

Tantas vezes vai o cântaro à fonte, até que lá fica

Var.: a) Tantas vezes vai o cântaro à fonte, até que se quebra; b) Tantas vezes vai o púcaro à fonte, até que lá fica; c) Tantas vezes vai a infusa ao poço, || até que lá lhe fica o pescoço; d) Tantas vezes vai o caldeiro ao poço, || até que lá lhe fica o pescoço; e) Tanto vai a bilha ao poço, || que lá lhe fica o pescoço; f) Tantas vezes vai o cantarinho ao poço, || até que lá lhe fica o pescoço; g) Tantas vezes vai o cântaro à bica, || até que lá fica; h) Cântaro que vai muitas vezes à fonte, || ou deixa a asa ou a frente.

Num códice do séc. XVI: *Tantas vezes vai o cantarinho...* (1).

Alem.: *Der Krug geht so lange zum Wasser bis er zerbricht.*

Franc.: a) (séc. XVI) *Tant va la cruche à l'eau, qu'à la fin elle se brise*; b) *Tant va la cruche à la fontainette, qu'elle y laisse la manche ou l'oreillette*; c) (séc. XIII) *Tant va pot à l'ere, que brise*; d) (séc. XIII) *Tant va le pot au puis, qu'il quasse.*

Hesp.: a) *Tanto va el cântaro à la fuente, hasta que se rompe*; b) *Tantas veces va el cântaro à la fuente, que deja el asa ó la frente*; c) *Cantarillo que muchas veces va al agua, alguna se quiebra*; d) *Tantas veces va el cântaro à la fuente, que alguna se quiebra.*

Hol.: *De kruik gaat zo lang te water dat zij eindelyk breckt* (Tantas vezes vai o cântaro ao poço, que se quebra) (2).

Ingl.: *The pitcher that often goes to the well, gets broken*

(1) Apud Sousa Viterbo, in *Portugália*, I, p. 534, n.º 510.

(2) Bohn, *A polyglot of foreign proverbs.*

at last; ou: *The pitcher that goes too often to the well, comes home broken at last.*

Ital. (do séc. XVIII): a) *Tanto va l'orcio per l'acqua, ch'egli si rompe*; b) *Tante volte al pozzo va la secchia, ch'ella vi lascia il manico, o l'orecchia.*

Lat.: *Cantharus assidue gestatus perdit ansam* ⁽¹⁾.

CXVI

**Tanto se me dá que a água corra para baixo,
como para cima [ou como que corra para cima]**

Tanto me importa uma coisa como outra. Tudo me é indifferente; nada me preocupa: «... uma criatura de Deus, que tanto se lhe dava que a água corresse para baixo, como para cima.» (Augusto Sarmiento, *Contos ao Soa-lheiro*).

A um individuo natural de Vinhais (Trás-os-Montes) e com setenta anos de idade, ouvi o seguinte conto, que êle me disse conhecer desde a sua infância e ser ali tradicional:

Um rei, andando à caça, encontrou um velho a chorar, e perguntou-lhe qual a causa da sua dor.

— Que fôra castigado pelo pai, respondeu o velho.

O rei, informado de que o pai do velho andava trabalhando numa horta próxima, foi aí procurá-lo, e perguntou-lhe porque batera no filho.

— Por êle ser teimoso, real senhor.

— Então tu nunca teimaste?

— Não, real senhor.

O rei, indicando ao velho um regato que corria próximo, perguntou-lhe:

— Para que lado corre a água?

— Para baixo.

Diz-lhe o rei, para o experimentar:

— Não é tal; a água corre mas é para cima.

O homem, percebendo a intenção do rei, retorquiu-lhe:

— Olhe, real senhor, na idade em que estou, *tanto se me dá que a água corra para baixo, como para cima.*

⁽¹⁾ Bento Pereira.

CXVII

Tenho um dedo que adivinha

Diz-se para significar o pressentimento de um acontecimento, ou a posse do dom da presciência: «Tenho um dedo que me adivinha que ainda há-de ser coisa por aí além.» (Castilho, Casamento de oiro). — Diz-se às crianças, para as convencer a confessar uma maldade, fazendo-lhes crer que se possui um dedo revelador das suas acções.

Popular:

*Tenho um dedo que adivinha,
um dedo que me diz tudo;
preguntei-lhe se me amavas,
mas o ladrão ficou mudo.*

A locução parece fundar-se numa crença, que bem pode ser a de que os pactos com o diabo são firmados com sangue do dedo mínimo — que é «o que adivinha» (cf. neste artigo a locução *ter pacto com o diabo*), ou a que se narra na *Enciclopédia das Famílias*, 23.º ano (1909), p. 818, por êste teor: «Nos tempos que vão correndo, uma pessoa com seis dedos numa mão ou num pé, não passa de um fenómeno mais ou menos desagradável à vista; mas antigamente não era assim. Na idade-média acreditava-se em que o individuo que tinha um dedo a mais, possuía um sexto sentido, de que eram privadas as outras pessoas; êsse sexto sentido consistia na faculdade de poderem decifrar os sonhos proféticos. Tão enraizada estava a crença neste privilégio dos polidáctilos que, quando um artista queria representar a figura duma personagem dotada do dom dos sonhos proféticos, nunca deixava de lhe pôr seis dedos numa das mãos, ou num dos pés. Os documentos iconográficos desta natureza vão já sendo muito raros, infelizmente. Os mais notáveis são dois dos mais famosos quadros de Rafael. Na «Madona Sixtina», que se conserva em Dresde, o papa Sixto IV aparece com seis dedos na mão direita. O detalhe está pintado com tal arte e tanta naturalidade que, não o sabendo, se pode ver o quadro cem vezes sem se notar a existência do sexto dedo.

O outro quadro em que o grande artista de Urbino im-

primiu a referida superstição, é o célebre «Sponsalizio», que representa o matrimónio da Virgem. A figura de S. José tem o pé esquerdo descalço, não por simples capricho do pintor, mas para mostrar um sexto dedo, o qual, como o da mão de Sixto IV, não se distingue sem prévio conhecimento da sua existência.

Que o artista attribuisse a S. José o sexto sentido, nada oferece de extraordinário, pois que a própria História Sagrada nos diz que o pai putativo de Cristo recebia em sonhos as instruções e os avisos celestes.

A origem de tão curiosa crença remonta, sem dúvida, à infância da humanidade, pois entre os antigos Caldeus já era opinião corrente que tódta a pessoa que possuía um dedo supranumerário, podia adivinhar o futuro dos reis. Esta superstição de-certo se relaciona também com o costume dos Índios, que indicam a sabedoria e o poder sobrenatural dos seus deuses consoante lhes multiplicam os braços e, portanto, os dedos.

Seja como for, essa crença é das que mais depressa caíram no esquecimento, e bem o demonstram alguns infelizes que a natureza dotou com dedos a mais e boa sorte a menos.

Se a posse de mais um dedo significasse dom sobrenatural, êsse dom serviria aos seus possuidores de talisman, pelo menos, para não lutarem com as correntes agruras da vida. Contudo não se pode negar que alguns polidáctilos tenham exercido uma influência misteriosa sôbre os que os rodeiam. Ana Bolena, por exemplo, tinha seis dedos, o que não diminuiu, um ápice sequer, a sua celebridade.

Há pouco tempo ainda, havia na Arábia uma tribo, a dos hiabitas, de que talvez haja restos, a qual considerava uma desonra ter só cinco dedos. Todos os indivíduos dessa tribo tinham seis dedos em cada mão e em cada pé, e, como apenas contraíam matrimónio entre si, o fenómeno ia-se perpetuando de pais a filhos.»

Dizem os Ingleses: *A little bird told me.*

O dic. de Larousse insere a locução francesa *mon petit doigt me l'a dit*, e diz que, provavelmente, esta locução vem do hábito de se levar ao ouvido o dedo mínimo, chamado «auricular.» Esta origem é também admitida, como provável, por Afonso Mariette, na sua obra *French and english idioms and proverbs*, Paris, 1896, II, p. 54.

Não vejo relação entre o dom de presciência — a que as locuções portuguesa e francesa se referem — e o acto de se

coçar a orelha com o dedo mínimo, o que, aliás, se pode fazer com qualquer outro dedo.

CXVIII

Ter Espírito-Santo de orelha

Ter quem lhe diga o que não sabe, para o repetir diante de outrem; ter quem lhe inspire ou sugira alguma ideia; repetir o que outrem lhe disse ou lhe está soprando ao ouvido: «... isto de falar a hora tôda com dez minutos de Espírito-Santo de orelha, não passa de uma irresponsabilidade de papagaio.» (Fialho de Almeida, Saibam quantos...)

Entre outros dons, o Espírito-Santo possui o de profecia e o de actuar sobre a nossa vida, esclarecendo a nossa inteligência e fortalecendo a nossa vontade. Com o seu auxílio podemos levar a cabo as obras mais difíceis ⁽¹⁾.

Foi o Espírito-Santo quem inspirou à Virgem de Nazaré o voto de castidade, quem com suas luzes a iluminou para que pudesse penetrar os segredos do futuro ⁽²⁾, e quem esclareceu S. João, profeta desde o ventre materno ⁽³⁾.

Os livros evangélicos foram escritos pela inspiração do Espírito-Santo. (*S. Mateus*, x, 19-20, e *S. João*, xiv, 26 e xvi, 12-13) ⁽⁴⁾.

Todos os que teem a graça santificante recebem do Espírito-Santo os seus sete dons, isto é, sete aptidões da alma, que são: sabedoria, inteligência, ciência, conselho, fortaleza, piedade e temor de Deus ⁽⁵⁾.

⁽¹⁾ *Catecismo popular católico*, por Francisco Spirago, trad. de Manuel Abúndio da Silva, Pôrto, 1908, I, 275.

⁽²⁾ *O Evangelho, explicado, defendido, meditado*, pelo padre Dehaut, trad. do padre António Gomes Pereira, Pôrto, 1905, I, 165, 181.

⁽³⁾ *Idem*, I, 180.

⁽⁴⁾ *Idem*, I, 123 e seg.

⁽⁵⁾ *Ob. cit.* na nota 1, I, 293-294.

CXIX

Ter o diabo [ou o demónio] no corpo

Estar enfurecido, ser insuportável; ser mau, inquieto, travêso:

« Ah! conte-me isso... ela tinha o demónio no corpo? Note você, padre Bento, que os espiritos maus quasi sempre se ferram nos bons corpos! » (Camilo, *Maria Moisés*). — *Fazer coisas extraordinárias; mostrar ligeireza, actividade, doçice ou valentia:* « ... um tal Anibal... que parece que tinha mesmo o diabo no corpo, bate os Romanos aqui, derrota-os acolá, escangalha-os mais além... » (Pinheiro Chagas, *Hist. alegre de Portugal*).

Esta locução é vestígio dos tempos da grande efflorescência mística, em que a medicina estava ainda bem atrasada e os fenómenos da patologia do sistema nervoso eram frequentemente tidos como obra do diabo.

O P.^o Manuel Bernardes n-*Os últimos fins do homem* (Lisboa, 1728, p. 421), apresenta estes dois casos de energúmenos — como antigamente se chamava aos possessos ou endemoninhados: « Em hum logar de França, estando à mesa hum a mãy com hum a filha sua de quinze annos, esta lhe irritou a paciencia de sorte, que de palavra em palavra, veyo a dizer-lhe: Tantos demonios te entrem no corpo, quantas ervilhas agora comeste. Mal o tinha dito, quando na pobre moça entrou hum a caterva de espiritos immundos, os quaes não sahirão senão passados tres annos, sendo levada à cova de Santa Maria Magdalena, que he muy celebre naquella região. Vejão, que caro lhe custou à filha o jantar, que o não pode esmoer, nem vomitar senão dali a tres annos; e quantas molestias e incommodidades padeceria esta mãy, por não saber refrear hum a só palavra impaciente. Semelhante he o caso, que refere Cesario, de hum a menina de cinco annos, a quem o pay achou bebendo hum pouco de leite furtivamente; e subitamente irado lhe disse: Bebe, bebe, o leite, e mais o diabo. Elle o disse, e Deos assim o permittio; porque logo immediatamente lhe entrou o inimigo no corpo, donde não sahio, senão depois que sendo já de idade adulta, foy levada a Roma ao sepulchro de S. Pedro, onde por merce de Deos, e meritos do Principe dos Apostolos, ficou livre de tão molesto hospede. »

Wedal e Hoffman acreditaram nas doenças demoníacas. O P. Gassner, de Bludenz, no Tirol, atacado por dores de cabeça, supô-la obra do demónio e deu-se a ler todos os livros de exorcismos; depois exerceu a arte que aprendera, curando em nome de Jesus os possessos ⁽¹⁾.

Franc.: *Avoir le diable au corps*.

CXX

Ter pacto [ou partes] com o diabo

*Ser levado da breca, ser muito endiabrado; fazer coisas maravilhosas, extraordinárias; conseguir coisas que parecem impossíveis de realizar ou de obter: «As feiticeiras defumam sempre as casas, fingindo louvar o Santíssimo Sacramento, quando por fim de contas, dizia a velha com entono, o que elas teem é pacto com o diabo, a quem rezam como a gente reza a Deus Nosso Senhor.» (Maximiliano de Azevedo, *Histórias das Ilhas*).*

Segundo as crenças supersticiosas da idade-média, aquele que fazia pacto com o diabo, entregava-lhe a alma em troca de benefícios terrenos.

Nos pactos com o diabo lavrava-se um documento, que se assinava com sangue do braço — ou, segundo Teófilo Braga ⁽²⁾, com sangue do dedo mínimo, que é o que, na credulidade infantil, adivinha. (Cf., neste artigo, o adágio — *Tenho um dedo que adivinha*).

No *Fausto*, de Goethe, e no *Mágico prodigioso*, de Calderon de la Barca, há pactos com o diabo. Teófilo Braga, nas *Lendas cristãs*, p. 363, fala do relato de Guibert de Nogent (*De vita sua*, liv. I, cap. XXVI) acerca do pacto de um monge com o diabo. O inquisidor Cumanos diz que se podem fazer dois pactos com o diabo — um solene, e outro particular.

Vendendo a alma ao diabo, cada um pedia a realização do sonho da sua vida. Alberto Magno queria interpretar os

(1) César Cantu, *Hist. Univ.*, trad. de M. Bernardes Branco, Lisboa, 1878, IX, p. 406.

(2) *Povo Português*, II, 94.

segredos da natureza; o padre Trytheim, no século XIV, a chave dos mistérios humanos; Cornélio Agripa quer atingir os fins dos problemas da alquimia; Falstaff vende a alma, numa sexta-feira de Paixão, por uma coxa de capão e uma garrafa de vinho, diz Louandre; Luis Gauffredi vende-se para que as mulheres, só com o assoprar-lhes, fiquem perdidas de amor por êle. Em 1778, um lacaio vende-se, só para poder jogar; o inglês Ricardo Dugdale vende-se por uma lição de dança, pois queria ser o melhor dançarino, de Lancaster ⁽¹⁾.

Nas lendas portuguesas há, pelo menos, um destes pactos — o de S. Frei Gil, que cede à promessa de ser senhor da *arte magica*, a primeira de tôdas as sciências, que não só alcançava o presente, mas antevia o futuro ⁽²⁾.

A essa lenda alude Garrett, no seu poema *D. Branca*, canto VI, p. 165:

... Frei Gil. Do diabo a quem vendera
a alma pelo poder da bruxaria,
o escrito cobrou que lhe fizera
de obrigação, lavrado com seu sangue.

Diz-se que Simão Mago fêz pacto com o diabo.

Até na classe sacerdotal se encontram destes pactos, como succedeu com o papa Sixto V, por exemplo, do qual diz Thou, na sua *História*, que pactuara com o diabo entregar-lhe a alma se fôsse eleito papa, e o seu pontificado durasse seis anos, findos os quais o diabo viera exigir o cumprimento do contracto ⁽³⁾.

Na sentença que condenou Luis de la Peña por feitiçaria (1626), descreve-se assim o seu pacto com o diabo: «Eu sou o espírito que te appareceu, e te digo que se quiseses adivinhar tudo o que te preguntarem, hás de deitar três pedras, em meu nome, em um poço, e quando elas saírem dêle, e as tornares a ver na tua mão, então não adivinharás.» ⁽⁴⁾

A pedra que se emprega no pacto com o diabo, da feiti-

(1) V. José de Sousa, *O misticismo*, Lisboa, 1895, p. 101.

(2) Pode ler-se a lenda nos *Monumentos e lendas de Santarém*, de Zeferino Brandão.

(3) Teófilo Braga, *Lendas cristãs*, p. 363, 385.

(4) A pud Teófilo Braga, *Povo Português*, II, 60.

çaria do século XVI, ainda se conserva nos costumes da Ilha de S. Tiago, de Cabo Verde, onde se dá o nome de *fetal* a uma pedrinha mágica, do tamanho de um grão de mostardeira, que as pessoas que fazem pacto recebem no sítio chamado *Água-de-Má-Morta*. A pedrinha é metida debaixo da pele, e aquele que a trás em si — o *fetalista* — fica para sempre livre de desgraças, embora não chegue a ser rico ⁽¹⁾.

Alexandre Herculano, no artigo *Superstições populares*, publicado no *Panorama*, IV (1840), p. 162, descreve assim a solenidade da instituição de qualquer feiticeira ou bruxa: «A adepta é levada alta noite pelas feiticeiras professas a um lugar ermo, onde o diabo aparece transformado em bode negro. Começa a cerimónia, como é razão pela matrícula, e a noviça escreve o termo de venda da sua alma com o próprio sangue; então o diabo lhe entrega um novelo e um pandeirinho, que são os símbolos da nova dignidade que recebe, e pelo que fica hábil para fazer os seus malefícios, e para se transformar no que quiser, quer sejam corpos animados, quer inanimados. Depois disto o demónio, *bodificado*, se assenta no seu trono cercado de candeilhas, e por baixo d'este trono passa a noviça três vezes; acabado o que, a nova feiticeira dá um beijo na proximidade da cauda ao transformado rei do inferno.»

No seu livro *As superstições e o crime*, p. 59 ⁽²⁾, diz o Visconde de Carnaxide: «Dos processos arquivados da Inquisição e das listas dos autos de fé, que suprem em parte muitos dos processos perdidos, se vê, que, em geral, as variedades da feitiçaria e encantamentos eram pela hermenêutica do Santo Officio subordinados à classificação de pactos com o diabo. Por estes se explicava tudo: desde as acusações com provas, em que se baseavam as sentenças condenatórias, de uma mulher ir a uma ilha encoberta falar com D. Sebastião, até às de várias outras terem cópula com o seu contratante, o próprio diabo, havendo este tomado várias formas, de bode, de frade, de estudante, etc. O número das feiticeiras (sendo em toda parte o contingente das mulheres na feitiçaria muitíssimas vezes maior do que o dos homens) relaxadas

(1) Apud Teófilo Braga, *Povo Português*, II, 65.

(2) Ed. da Academia das Ciências de Lisboa, Coimbra, 1916.

em Portugal à justiça secular e condenadas à fogueira, não foi muito considerável. Eram, geralmente, pessoas humildes, benzedeiros, e que a tortura obrigara à confissão de relações e pactos demoníacos.

Da crença dos pactos com o diabo e do poder, que daí vinha aos contratantes, é frisanste exemplo o de em 1724 um rapaz prêso em Cascais fazer um escrito ao diabo, sendo a tinta sangue seu, propondo-lhe entregar-se-lhe em troca de o livrar da prisão.»

Em nota cita o Visconde de Carnaxide as fontes de que recolheu estas informações.

Em Inglaterra, pelo Estatuto 33.º de Henrique VIII, c. 8, e depois ainda pelo Estatuto 1.º de Jacob I, c. 12, foi decretada a pena de morte contra aqueles que invocassem, consultassem, empregassem, sustentassem ou recompensassem os demónios, fazendo pactos com êles (1).

CXXI

Ter sete fôlegos

Var.: a) **Ter sete fôlegos como os gatos;**

b) **Ter fôlego de gato**

Diz-se de uma pessoa dotada de força ou energia bastante para resistir a grandes incómodos ou trabalhos físicos ou morais: «É preciso que êle tenha sete fôlegos, como o gato, para resistir a uma coisa assim!» (Augusto Sarmento, Contos ao Soalheiro).

O povo diz *sete foles*.

Efectivamente os gatos teem mais resistência, mais vida, do que muitos outros animais. Muitas vezes, engalfinhando-se lá no alto dos telhados de um terceiro ou quarto andar, êles aí veem pelos ares, de encontro ao solo, deitando cada um a correr para o seu lado.

(1) Blackston, *Comentário aos Cód. crim. de Inglaterra*, tómo I, c. 4, p. 56, cit. por Pereira e Sousa, *Classes dos crimes*, p. 267 (Lisboa, 1816).

O *Alm. Bertrand*, de 1911, a pág. 106, nota: 1.º — Colocados um gato e um cão da mesma idade em um recipiente carregado de ácido carbónico, no seu natural estado gazoso, ver-se-há o primeiro sobreviver ao segundo, tendo-se observado em uma experiência que o cão morreu em cinco minutos, e o gato ainda respirava quarenta minutos depois; 2.º — Um gato, depois de estar duas horas submergido em água fria, restabeleceu-se completamente; 3.º — Outro voltou a si passadas oito horas da morte aparente produzida por uma dóse de ácido prússico. Um célebre experimentador belga, Filips Bellings, que passou a vida a efectuar tôda a espécie de provas fisiológicas com animais domésticos, averiguou por diferentes vezes que os gatos resistem a causas mais sérias de destruição três vezes mais de que os cães.

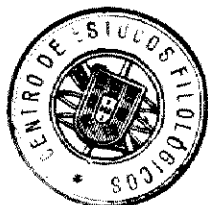
Alem.: *Eine Katze hat neun Leben, wie die Zwiebel sieben Häute.*

Hesp.: *Tiene sete vidas, como los gatos.*

Eugène Rolland recolheu a superstição de Castelnaudary, de que «os gatos teem nove vidas.» (*Faune Populaire de la France*, IV, 107).

CXXII

Ter varinha de condão



Ter a virtude, o dom, a maneira de atrair, de vencer dificuldades, de fazer ou conseguir coisas extraordinárias, de desvendar coisas secretas, de adivinhar. Ter tudo quanto deseja, ser feliz: «Adivinha-me o coração que vou achar um grande casamento... Pois se o pai já sabe que tenho varinha de condão...» (Camilo, Santo da Montanha).

O uso de adivinhar pela vara, ou de conseguir com ela outras coisas extraordinárias, parece ter sido inspirado pela virtude de Aarão e Moisés, que — principalmente o primeiro — com suas varas operaram prodígios no desenvolvimento das pragas do Egito. Vejam-se, entre outros passos do *Êxodo*: cap. IV, 2 e 3; VII, 9, 10, 19 e 20; VIII, 16 e 17; IX, 23; X, 13; e XIV, 16.

Lê-se também no *Êxodo*, VII, 11, 12 e 15, e VIII, 18, que os magos de Faraó se serviram de varas.

Estrabão, no liv. 15, diz que os brâmanes da Pérsia adi-

vinhavam tendo na mão pequenos ramos de árvores. Heródoto escreveu que entre os Scitas havia muitos adivinhos que tinham aprendido com os seus antepassados a arte de adivinhar com varas de salgueiro. Cícero, aludindo a este uso, disse: *Se alguma vara, divina, segundo o provérbio comum, nos fornecesse o que nos é necessário.*

Filóstrato (in *Apollonius*, lib. 3, cap. 5) conta que os brâmanes das Índias se serviam de varas para predizerem o futuro. Deus censura esta superstição do seu povo em *Oseas*, IV, 12 ⁽¹⁾.

Era com uma vara de aveleira que antigamente se pretendia descobrir nascentes de água, minas, tesouros enterrados e, até, o rasto de ladrões e assassinos. O operador conservava a vara horizontalmente, mas dando-lhe completa liberdade de movimento; e, quando elle se aproximava de local onde houvesse uma nascente, ou um tesouro, a vara voltava-se por si própria entre os seus dedos.

É desta operação que fala B. Pereira, na *Anecephaleosis*, p. 118, quando diz: «A varinha do condão, ou vara de Aveleyra, conforme se inclina ou torce para a parte onde ha ouro, assim mostra os thesouros escondidos nos montes e minas» ⁽²⁾.

Tal sistema de pesquisas era defeso pelas Ord. Filip., liv. 5.º, tit. 3.º, § 2.º, onde se prescrevia: «Outro-si, não seja algũa pessoa ousada, que para adivinhar deite sortes, nem varas para achar thesouro...»

A pena ali cominada para os infractores, era: «seja publica-mête açoutado com baraço, e pregão pela Villa, ou Lugar onde tal crime acontecer, e mais seja degradado para sempre para o Brasil, e pagará tres mil reis para quem o accusar».

Para se inspirarem nas suas mais importantes pesquisas, os alquimistas da idade-média empunhavam uma vara.

A *varinha de condão* é o instrumento mágico e dotado de poderes sobrenaturais que nos contos de fadas e feitiçarias simboliza o poder delas. É por meio da *varinha de*

⁽¹⁾ V. M. Gilbert — Charles le Gendre, *Traité historique et critique de l'opinion*, Paris, 1741, VII, 224 225.

⁽²⁾ Apud Leite de Vasconcelos, *Trad. Pop. de Portugal*, p. 285.

condão que elas teem o poder de transformar tudo e de se transformarem a si.

Os prestidigitadores ainda hoje usam uma *varinha de condão*, por cuja virtude pretendem fazer aparecer e desaparecer objectos aos olhos maravilhados dos espectadores.

É vulgar dizer-se que uma pessoa *tem o condão de fazer tal ou qual coisa*, dando-se a *condão* o significado de «dom, prerrogativa» e, às vezes, o de «poder sobrenatural, prodigioso, inexplicável».

CXXIII

**Tirar a castanha [ou a sardinha] do fogo [ou do lume]
com a mão do gato**

Ou: a) Tirar as castanhas do borralho com a mão do gato;

b) Tirar a castanha [ou a sardinha] com a mão do gato

Tratar de obter um resultado ou um proveito, sorrateiramente, servindo-se de uma terceira pessoa, e pondo-a em risco ou causando-lhe incómodo.

Na fábula de La Fontaine, *Le singe et le chat* (liv. ix, fáb. 17), o macaco, lisonjeando astutamente a habilidade e a ligeireza do gato, incita-o a furtar as castanhas que estão a assar na lareira.

O gato, assim lisonjeado, escalda-se ao afastar a cinza, e, sacudindo as patas, lá vai conforme pode tirando das brazas as castanhas, que o macaco só tem o trabalho de trincar.

O *Atm. Hachette*, de 1907, tratando, a pág. 305, da origem da locução *tirer les marrons du feu*, transcreve um pequeno trecho da referida fábula, e acrescenta: «Cette fable n'est pas de l'invention de La Fontaine. On la trouve avant lui, sous des formes diverses, dans Simon Maioli, Noël du Fail, Le Noble, Benserade. Le conte de Simon Maioli est particulièrement savoureux en ceci qu'il donne à la petite scène une apparence historique. Selon lui, un soir, les camériers du pape Jules II mirent des marrons au feu avant d'aller coucher son maître. Ils laissaient derrière eux un singe et un chat qui se chauffaient. Le singe empoigna le chat et se servit de sa patte comme des pincettes pour tirer les marrons

des cendres brûlantes. Aux miaulements furieux du chat, les camériers accoururent... et mangèrent les marrons ».

Efectivamente La Fontaine viveu no século XVII, e já no século anterior o nosso Jorge Ferreira de Vasconcelos, a pág. 111 da *Eufrosina* ⁽¹⁾, empregara a locução *tirar a castanha do borralho com a mão do gato*, porventura extraída de algum conto ou fábula dêle conhecida.

Franc.: *Tirer les marrons du feu avec la patte du chat*.

Hesp.: *Sacar el ascua con la mano del gato* [ou *con mano ajena*].

Ingl.: *To take the nuts from the fire with the dog's foot* ⁽²⁾.

Ital.: (séc. XVIII) *Cavar la castagna colla zampa altrui*.

CXXIV

Tirar carta de seguro

Acautelar-se, precaver-se contra um mal que se receia.

Pereira e Sousa, nas suas *Primeiras linhas sobre o processo criminal* (Lisboa, 1827), p. 73, define: «Seguro he a promessa judicial pela qual o Réo, debaixo de certas condições se exime da prisão até à conclusão da causa».

Êste seguro era, nos seus efeitos, pouco mais ou menos o mesmo que é hoje a fiança judicial, e dêle se passava carta ao réu, para sua salvaguarda. (V. *Ord. Filip.*, liv. 5.º, tit. 130).

Não é, porém, a tais *cartas de seguro* que alude a locução, como alguns supõem e já li algures (creio que n-*O Elvense*, em artigo de A. Tomás Pires), mas sim às *cartas de segurança real* de que tratam as citadas *Ord.*, liv. 3.º, tit. 78, § 5.º, e liv. 5.º, tit. 128, as quais eram concedidas pelos Juizes das Terras, não aos criminosos, mas — como diz Pereira e Sousa a pág. 74 da citada obra — «aos innocentes que temem com justa causa ser inquietados por outros, e buscão o abrigo da

⁽¹⁾ Ed. de Lisboa, 1616.

⁽²⁾ Vem na *Faune populaire de la France*, de Eugène Rolland (Paris, 1877), IV, p. 120, onde também se regista a forma hespanhola: *Con ajena mano sacar la culebra del horado*.

Justiça para que reporte aquelles que os vexão, e os cohiba de lhes fazerem mal, precedendo para isso breve e extrajudicial Informação».

As *cartas de seguro* foram requeridas pelos povos do reino a D. Pedro I, nas Côrtes de Elvas. *Ord. Afons.*, liv. 5.º, tit. 57, §§ 1.º e 2.º. Procurou-se, com elas, obstar à vindicta pessoal, então permitida; com o andar do tempo, porém, foram tendo o restrito fim de eximirem os réus da prisão, para se livrarem soltos dentro do tempo por elas concedido.

V., além de Pereira e Sousa, A. M. Seabra de Albuquerque, *Lições de direito criminal português* (Coimbra, 1861), pág. 29.

Fernão Mendes Pinto, nas *Peregrinações*, p. 103, fala em *carta segura* ⁽¹⁾.

CXXV

Tôda a gente come [ou todos comem] palha — o caso é saber-lh'a dar

Todos se deixam iludir, se para o conseguir se sabem empregar os meios.

Jacome Ratton — cidadão francês, que residiu em Lisboa no tempo do Marquês de Pombal — conta, no seu livro *Recordações*, o seguinte, referido àquele estadista: «Um outro facto notável se conta dêste género, tal é o de que, queixando-se êle marquês a um individuo, que o visitava, do alto preço a que tinha chegado a palha naquele ano de carestia dêste artigo, o dito individuo se lhe ofereceu para lh'a mandar vir de Abrantes, onde dizia achar-se por metade do preço, que lhe indicava, proposta que o mesmo marquês aceitou, de que resultou encherem-lhe o palheiro a abarrotar, e quando alguém lhe notou que isto não fôra mais do que um meio de que se serviram para o obsequiar, a resposta que deu a isto foi o dito que ficou em provérbio, que *todos comem palha, o caso é saber-lh'a dar*» ⁽²⁾.

⁽¹⁾ Apud dic. de Fr. Domingos Vieira, s. v. «seguro».

⁽²⁾ Apud Pinheiro Chagas, *Hist. de Portugal por uma sociedade de homens de letras*, VIII, pág. 16.

CXXVI

Todos os caminhos vão dar a Roma

Ou: Por diferentes caminhos se vai a Roma

Estes adágios veem dos tempos em que grande multidão de peregrinos ia, de todos os pontos da Europa, visitar os túmulos de S. Pedro e S. Paulo, em Roma, especialmente nos anos santos.

Era tal a multidão, que tôdas as casas eram albergues, e não bastavam; e muitos romeiros ficavam nas ruas, expostos às intempéries.

Só o Hospital da Santissima Trindade albergou pelo jubileu de 1575, sob o pontificado de Gregório XIII, em todo o ano, 360:000 peregrinos ⁽¹⁾.

Dessas grandes peregrinações derivam também os adágios *caminho de Roma, nem mula manca, nem bolsa vazia, e quem tem boca vai a Roma*.

Também se diz: *Todos os caminhos vão dar a Belém* ou: *por diferentes caminhos se vai a Belém*, aludindo à povoação de Bethlém, na antiga Palestina, tribu de Judá, onde nasceram Jesus Cristo e David.

La Fontaine escreveu *tous chemins vont à Rome*, na fábula *Le juge arbitre, l'hospitalier et le solitaire*:

Trois saints, également jaloux de leur salut,
Portés d'un même esprit, tendaient à même but.
Ils s'y prirent tous trois par des routes diverses:
Tous chemins vont à Rome; ainsi nos concurrents
Crurent pouvoir choisir des sentiers différents.

Pensaram tornar-se agradáveis a Deus: um julgando gratuitamente as demandas; o segundo tratando os enfermos, e o terceiro vivendo na solidão.

Franc.: *Tout chemin mène à Rome*.

⁽¹⁾ Marco Besso, *Roma nei proverbi e nei modi di dire* (Roma, 1889), p. 4.

Hesp.: a) *Todos los caminos van à Roma*; b) *Por todas partes se va à Roma*; c) *Muchos caminos van à mi casa*.

Ingl.: *Every road leads to Rome*.

Ital.: *Tutte le strade conducono a Roma*.

CXXVII

Toma casa com lar, || e mulher que saiba fiar

Desde remotíssimos tempos, o saber fiar foi considerado como um dos mais apreciáveis predicados da boa dona de casa.

A mulher hebreia fiava o linho e tecia os estofos destinados ao vestuário e mais alfaias caseiras, e ao fabrico de velas e faixas, que vendia aos Fenícios, procurando assim aumentar o património de seus filhos, que eram para ela o que havia de mais santo sobre a Terra. Dessa actividade fala Salomão, *Prov.*, xxxi, 10 e seguintes.

O fiar e o tecer completavam a educação das Atenienses e das Romanas. As ocupações da mulher grega consistiam em fiar lã, tecer, bordar, dirigir as servas e ir ao rio lavar a roupa da família; e assim fazia Nausicaa, a-pesar-de ser de estirpe real ⁽¹⁾.

Do aprêço em que entre os Romanos era tida a fandeira, diz J. Boissier, num artigo intitulado *La journée d'une Romaine*, publicado na rev. parisiense *Lectures pour tous*, 1.º ano (1899), n.º 12, pág. 1064: «On mettait sur la tombe des Romaines de la bonne époque ces mots, qui, croyait-on, reufermaient l'éloge le plus délicat qu'on pût leur adresser: «Elle resta chez elle et fila de la laine». Cet éloge, quoiqu'on ait continué par tradition à l'inscrire sur quelques tombes,

(1) Fernando Nicolay, *Historia de las creencias, supersticiones, usos y costumbres* (trad. hespanhola de Juan Bautista Ensañat, Barcelona, 1904), vol. 3.º, pág. 279.

O *Dictionnaire complet illustré*, de Larousse, fala assim de Nausicaa: «Fille d'Alcinoüs, roi des Phéaciens, qui accueillit Ulysse après son naufrage. Homère la représente allant elle-même avec ses femmes laver ses robes et celles de ses frères».

É na *Odisseia* que Homero fala assim daquela princeza.

les femmes cessèrent bientôt de le mériter. Déjà, au lendemain des guerres puniques, Lucilius se plaint qu'elles saisissent tous les prétextes pour quitter leur maison. Quant à filer de la laine, c'était aussi une habitude qu'on avait un peu perdue. Celles que n'y renonçaient pas tout à fait, le faisaient pour avoir l'air de conserver les vieilles mœurs et obtenir un meilleur renom. C'est en vain qu'Auguste affecta de ne porter des vêtements que ceux que sa femme et sa fille avaient travaillés de leurs mains, nous ne voyons pas qu'on ait beaucoup suivi son exemple. Il ne réussit jamais à remettre les anciens usages à la mode».

Na Noruega, ainda modernamente é tida em grande apreço a mulher que sabe fiar.

O *Mundo Legal e Judiciário*, 15.º ano (n.º 20, de 25 de Julho de 1901), pág. 328, dá noticia de uma lei, então recente, promulgada naquele país, e segundo a qual nenhuma mulher podia contrair matrimónio sem provar, por certidão devidamente legalizada, que sabia coser, fazer meia, cozinhar, e *fiar*.

*

Os historiadores e os poetas da alta antiguidade atribuem ao fuso e à roca o simbolismo de um labor honroso, a que se entregavam não só as simples mulheres do campo, mas, também as rainhas e as princezas, que em algumas novelas populares aparecem fiando em rocas de oiro, como, por exemplo, na novela *O rei Sardão*, publicada in *A Tradição*, I, 12.

É bem conhecida a locução francesa *du temps où la reine Berthe filait*, ou *du temps que la reine Berthe filait*, correspondente à italiana *non è più il tempo che Berta filava*.

Segundo L. Martel ⁽¹⁾, esta rainha Berta era a mãe de Carlos Magno, à qual um poema da idade-média chamava a *Fiandeira*.

Sobre a sepultura da filha de Otão, o *Grande*, em Mogúncia, vê-se uma roca e um fuso, sem dúvida para mostrar que a princeza fôra uma boa fiandeira ⁽²⁾.

No interior dos castelos medievais, ou à tarde nos seus eirados, viam-se a roca e o fuso nas mãos das mais nobres

(1) *Petit recueil des proverbes français*, § 62.

(2) V. *Abn. Lemb.* de 1891, pág. 313.

donas e donzelas; e no século XVIII, e, mesmo, nos princípios do XIX, ainda muitas damas portuguesas não desdenhavam o título de fiandeiras, podendo dizer-se que havia sempre entre as suas alfaias uma roca, um fuso e uma baraça de esquisitos labores.

*

As mulheres do norte de Portugal ainda hoje se occupam muito em fiar na roca, sendo vulgar encontrar-se às portas das casas, principalmente no Minho, velhas fiando. A esse antigo costume se refere Fr. João dos Santos (séc. XVII), na sua *Ethiopia Oriental*, liv. I, cap. XII: «... tão propria he a enxada nas mãos dos Cafras como a roca na cinta das molheres de Entre Douro & Minho» (1).

Em recordação das fiandeiras jovens ficou a quadra popular:

Quem me dera ser tão fino
como o linho que fiais,
que vos dera tantos beijos
como vós no linho dais.

*

A roca apparece na Fábula como distintivo das Parcas, acompanhada do fuso e da tesoura, e nas mãos de Hércules que, tendo perdido os seus attributos e a sua fôrça, e subjugado pela paixão, chegou a fiar aos pés de Omfale, rainha da Lídia.

Na *Iliada*, canto 6.º, Heitor tranquilliza Andrómaca, sua esposa, dizendo-lhe:

Amor meu, não te aflijas sem medida:
Ninguém me dará morte prematura,
do fado contra as leis: das leis do fado
nenhum dos homens, que nascido tenha,
valente ou sem valor, pode esquivar-se.
Volta, portanto, ao sólito aposento,
na roca, no tear, em teus labores,
entende, e as servas ao trabalho obriga (2).

(1) Apud Leite de Vasconcelos, in *Rev. Lus.*, v, 311.

(2) A *Iliada*, de Homero, trad. do original por João Felix Pereira. Lisboa, 1891, I, 164-165.

No romanceiro português encontram-se às vezes passos referentes às fiandeiras.

Assim, no da *Nau Catrineta*, exclama o gajeiro:

Alviçaras, capitão,
meu capitão general!
Já vejo terras de Hespanha,
areias de Portugal;
mais enxergo três meninas
debaixo de um laranjal:
uma sentada a coser,
ontra *na roca a fiar*,
a mais formosa de tôdas
está no meio a chorar.

E no romance da *Bela Infanta*:

Dera-te as minhas jóias
que não teem pêso e medida;
dera-te o meu *tear* d'oiro,
roca de prata pulida.

A roca aparecia como símbolo nas cerimónias nupciais dos Romanos. Quando a esposa era conduzida para o domicílio conjugal, seguia-a no cortejo um mancebo, que levava uma roca com lâ e um fuso, para lhe recordar o trabalho a que habitualmente devia dedicar-se, pois era o labor em que se ocupavam as mais ilustres Romanas, tais como Lucrécia, e tantas outras, como refere Tito Lívio (I, 57). Também Suetónio nos diz que Augusto (*vida de Augusto*, cap. LXXII) vestia túnicas fiadas por sua mulher ⁽¹⁾.

O dic. de Bescherelle, s. v. «quenouille», também diz, aludindo aos Romanos: «Dans les cérémonies du mariage on

(1) *Ob. cit.* na nota 1, a pág. 214, vol. 3.º, pág. 286-287.

portait derrière la nouvelle mariée une quenouille garnie de laine, pour lui rappeler ses occupations futures ».

Procedia-se identicamente nas cerimónias nupciais entre os Francos. Segundo César Cantu ⁽¹⁾, os parentes da recém-casada recebiam no altar de Maria uma roca benzida, e apresentavam-na à esposa, que nela fiava um pouco para indicar as occupaões e cuidados que a esperavam.

Em Portugal existe uma forma simbólica semelhante, que Leite de Vasconcelos narra assim nas suas *Trad. pop.*, § 333, a): « Em Marco de Canavezes os noivos passam por debaixo de três arcos. No primeiro está uma roca e papel e tinta: a noiva fia, e o noivo escreve alguma coisa. No segundo está um livro e uma almofada: a noiva cose, e o noivo lê. No terceiro está uma meia e uma espada: a noiva faz meia (isto é, trabalha na meia) e o noivo desembainha a espada ».

A actividade da mulher, se refere o nosso velho adágio *a fiar e a tecer, ganha a mulher que comer*; e, a censurar a sua negligência pelos trabalhos caseiros, diz estoutro: *Perdi a roca, e o fuso não acho; três dias há que lhe ando pelo rasto*.

*

Em Portugal, Santa Iria é tida como advogada das tecedeiras, porque o povo diz que ela foi também tecedeira. Em Rôças (Minho — Cabeceiras de Basto) as mulheres levam-lhe um *novelinho de fiado* para o altar, afim de que as teias saiam boas para se poderem vender.

Além de Santa Iria, também a Virgem, que é Mãe dos homens, protege as tecedeiras, que cantam, no Minho:

Nossa Senhora m'ajude
ela me queira ajudar
a spiar a minha roca
e a torná-la a carregar ⁽²⁾.

Hesp.: *Toma casa con hojar, y mujer que sepa hilar.*

⁽¹⁾ *Hist. Universal*, trad. de Manuel Bernardes Branco, IV, 385.

⁽²⁾ Apud Leite de Vasconcelos, in *Rev. Lus.*, I, 307.

CXXVIII

Tomar Deus [ou o Céu] por testemunha

Invocar o nome de Deus, para provar o que diz.

Desde a origem das sociedades — diz Fernando Nicolay ⁽¹⁾ — o homem sentiu a necessidade de buscar fora de si uma testemunha da sua própria consciência; e a experiência das suas fraquezas pessoais, e a observação dos desfalecimentos alheios, haviam-no ensinado a pôr-se em guarda contra a palavra humana, convertida em instrumento do êrro e da mentira, e então se formou de uma maneira lógica o racional juramento, isto é, êsse modo especial e solene de afirmação ou de promessa, que comunica à palavra um carácter sagrado, uma virtude sôbre-humana.

A invocação do *testemunho de Deus, dos Céus e da Terra*, data dos mais remotos tempos.

Dos Céus e da Terra a faz Moisés, no *Deuteronomio*, xxx, 19.

S. Paulo chama o *testemunho de Deus* em *Aos Romanos*, I, 6; *Aos Coríntios* (2.^a epist.), I, 23 e XII, 19, e *Aos Tessalonicenses* (1.^a epist.), II, 10.

São interessantes as seguintes considerações de Francisco Spirago, professor do Seminário Imperial e Real de Praga, no seu *Catecismo Popular Católico* ⁽²⁾:

«Há casos em que a palavra de um homem não basta para lhe darmos crédito. Mas se êle traz consigo uma testemunha, que diz: «Sim, isso é verdade, eu vi» — então já nos achamos mais dispostos a dar crédito ao primeiro: e tanto mais crédito daremos quanto maior fôr o valor moral das testemunhas invocadas. Pode, porém, suceder, que o homem chame a Deus por testemunha, isto é, que invoque a Deus, que sabe tudo, para que dê a conhecer, pela sua onnipotência, a verdade do que jura. Neste caso, as suas palavras

⁽¹⁾ *Historia de las creencias, supersticiones, usos y costumbres* (trad. hesp. dê Juan Bautista Enseñat, Barcelona, 1904), I, p. 33.

⁽²⁾ Trad. de Manuel Abúndio da Silva. Pôrto, 1908, p. 104 a 107.

consideram-se como se fôsem palavras de Deus. Assim como o sêlo real serve para dar autenticidade aos régios decretos, assim o juramento é como o sêlo de Deus para confirmar a verdade (Marchant). O juramento é uma peça de ouro, de grande valor, que traz o cunho de Deus vivo (Stolberg.)...

«No juramento podemos invocar directamente a *Deus* ou às *coisas sagradas*. Invocamos directamente a Deus quando dizemos, por exemplo: *Por Deus; tomo a Deus por testemunha; assim Deus me salve; isto é tão certo como Deus estar nos céus*, etc. — Também é costume invocarem-se as coisas sagradas, como o Crucifixo, o Céu, os Evangelhos, etc. — Em rigor, a quem então damos por testemunha não é a estes objectos, que não podem dar testemunho nem castigar o perjúrio, mas sim o próprio Deus (S. Thom. d'Aq.). Jesus ensina-nos que também se pode jurar pelo Templo, pelo Céu e pelo trono de Deus (S. Mat., XXIII, 21) ⁽¹⁾ O juramento, disse Cristo, provém do *mal*, isto é, tem a sua origem nas inclinações do homem. Com efeito, se o homem perseverasse na justiça e na santidade original, o juramento seria inútil: só se recorreu a êle quando a sinceridade e a fidelidade se tornaram cada vez mais raras. «Só quando o mal corrompeu o universo — diz S. João Crisóstomo — se introduziu o costume do juramento; como a mentira e a malícia geral destruíram a confiança dos homens nos seus semelhantes, êles começaram a tomar a Deus por testemunha das suas palavras».

Entre os Romanos, as declarações de guerra eram precedidas da ida de um dos feciais á fronteira da nação que dava motivo à queixa, e aí aquele sacerdote expunha os agravos, e tomava os deuses por testemunhas. Depois de esperar a resposta durante trinta dias, declarava que ia informar o Senado da denegação de justiça. Resolvida a guerra, o fecial voltava à fronteira e, em presença de três testemunhas, declarava a guerra, com a fórmula e nos têrmos consagrados a esta cerimónia religiosa, e arremessava um dardo sôbre o território da nação inimiga ⁽²⁾.

(1) A citação está incompleta, porque se trata dos versículos 21 e 22.

(2) V. M. Gilbert-Charles le Gendre, *Traité historique et critique de l'opinion* (Paris, 1741), 3.º vol., p. 500.

Nos nossos mais antigos diplomas, sobretudo em actos de doação, encontram-se obrigações contraídas com invocação de Deus, ou por outra forma solene consagrada pela religião. Proibiu D. Denis que nos contractos se exarasse aquella fórmula religiosa de lhes segurar a execução, sob pena de nulidade do acto, da perda do dinheiro recebido ou de multa; e a lei passou para o código de D. Afonso v, onde se declara que ella esteve sempre em vigor ⁽¹⁾.

Na Guiné, sob a iminência de um perigo, numa grande afflicção, ou quando se teme uma injustiça manifesta, toma-se Deus por testemunha, dizendo-se: *Olorún ri mi* (Deus me vê) ou *Olorún mo pe emi ko puro* (Deus sabe que não minto) — levantando-se ao mesmo tempo as mãos ao céu ⁽²⁾.

CXXIX

Três, || é a conta que Deus fêz

Por mais remota que seja a época a que nos transportemos, encontramos a crença de que certos números — principalmente o 3 e o 7 — teem uma virtude misteriosa.

O número três, de que cabe aqui tratar agora em especial, parece ser, na Natureza, o número por excelência. Dêle diz Chateaubriand, no *Génio do Cristianismo*, cap. 3.^o ⁽³⁾, que não é gerado e gera tôdas as outras fracções, e dai vem chamar-lhe Pitágoras o número *sem mãe*.

Efectivamente, o número três — místico em alto grau — tem uma propriedade singular, por virtude da qual, em cada um dos seus múltiplos, a soma dos algarismos tomados isoladamente dá sempre 3, ou um múltiplo de 3. Por exemplo: 12, somados os seus algarismos, dá 3; 15 dá 6, múltiplo de 3; 18 dá 9; 24 dá 6; 27 dá 9, e assim sucessivamente.

O número impar é o mais perfeito, segundo Macróbio ⁽⁴⁾;

⁽¹⁾ V. Gama Barros, *Hist. da administração pública em Portugal nos séculos XII a XV*, tom. 3.^o, p. 121.

⁽²⁾ Apud loc. cit. na nota 1 da pag. 219.

⁽³⁾ Trad. de Camilo Castelo Branco, Lisboa, 1860, p. 15.

⁽⁴⁾ Impar numerus mas est, par foemina vocatur: item arithmetici imparem patris & parem matris appellatione venerantur. *Macrob. in somn. Scipion*, lib. 1. e. 6., *Plutarch. quest.*

simboliza a concórdia, por ser indivisível, ao passo que o número par é facilmente sujeito à divisão, da qual é símbolo. O número impar é consagrado às divindades celestes, o número par às infernais (1).

O número três é o principal dos impares, e parece imperar sobre todos os outros números porque, tomando-se dois números quaisquer, elle é sempre o divisor ou de um dêles em separado, ou da sua soma, ou da sua diferença.

É o resumo da Natureza, tendo a vantagem de reunir em si um principio, um meio e um fim. *Fazei três laços de três côres*, disse Vergilio, *porque a divindade apraz o número impar* (2).

O número três — que os antigos consideravam como sagrado — aparece de um modo notável nos mistérios e ritos da antiguidade profana, da religião cristã e de outras, na História Sagrada, nos fenómenos da Natureza, na legislação, nas tradições do povo, etc.

*

Nas crenças pagãs greco-romanas encontram-se a cada passo applicações dêsse número místico.

Três deuses tinham o govêrno do mundo: Júpiter, Neptuno e Platão.

Diana tinha três caras, e Cerbero — o cão monstruoso que exercia as funções de vigilante porteiro da região infernal — tinha três cabeças.

Os ministros de Platão, os juizes do Inferno, eram três: Minos, Eaco e Radamanto.

O Inferno dividia-se em três partes: Érebo, Tártaro e Campos Elísios.

Rom., 102. (Apud M. Gilbert-Charles le Gendre, *Traité historique et critique de l'opinion*, Paris, 1741, VII, p. 252).

(1) Loc. cit. na nota 4 da pág. anterior.

(2) *Necte tribus nodis ternos Amarylli colores.*

... numero Deus impare gaudet.

Virg.

Quæ laborantes utero puellas

Ter vocata audis.

Horac.

(Apud ob. e vol. cit. na nota 4 da pág. anterior, p. 253).

César deu apenas três divindades aos povos do norte e aos antigos Germanos: O Fogo, o Sol e a Lua.

Eram três as Parcas, as Fúrias, as Gorgonas e as Harpias.

Um tridente era o sceptro de Neptuno.

Na mitologia dos povos do norte encontram-se as três deusas, que teem exactamente as mesmas atribuições que as Parcas: São as *Nornas*, deusas do passado, do presente e do futuro (1).

Na mitologia dos Hindus aparecem três deuses: Brahma, Siva e Vichnu; o primeiro é o organizador do mundo; Vichnu é o conservador da criação; Siva é o deus destruidor. A reunião destas três divindades compõe a *Trimurti* na trindade indiana.

Representa-se a *Trimurti* por três cabeças num corpo só. A primeira, com uma longa barba, figura Brahma; numa das mãos tem a cadeia dos seres, na outra a urna contendo a água, que fecunda a Terra. À sua esquerda está Vichnu, de fisionomia joven e amável; à sua direita, Siva, com uma expressão de barbaria feroz.

Segundo os ritos hebraicos de Leão de Módena, em certos dias solenes o livro da lei é lido por três pessoas, e nesses dias devem tomar-se três refeições; mas nos dias de jejum não é permitido comer senão depois de ter visto no céu três estrélas, pelo menos.

Está também prescrito que se deve louvar a Deus três vezes por dia, e inclinar-se, também por dia, outras tantas vezes, à triple elevação do livro da lei.

Os Caldeus e os Egípcios acreditavam que todos os attributos da divindade se resumiam em três: *poder*, *inteligência*, *amor*. Distinguiam também três espécies de mundos: terrestre, aéreo e intelectual; e três propriedades principais: corpo, luz e movimento (2).

(1) Os seus nomes são: *Urdhr*, *Verdhandi* e *Skuld*, isto é, «era», «é», e «será» (Leite de Vasconcelos, *Ensaaios Etnográficos*, III, 149).

Há a respeito destas deusas uma lenda, que pode ler-se no *Alm. Bertrand*, de 1904, p. 29.

(2) Ob. e vol. cit. na nota 4 da pág. 221, p. 253-254.

*

A respeito do número três nos mistérios e ritos da religião cristã, como vislumbre da Trindade, e em passos da História Sagrada, seriam inúmeros os casos a citar. Indicarei alguns.

São três os grandes nomes que dominam o Cristianismo: Deus, Jesus, Maria.

Há três habitações da alma depois da morte: Céu, Purgatório, Inferno.

Há três elementos em cada sacramento.

Jesus Cristo foi crucificado às três horas e com três cravos; permaneceu três dias na cruz, e ressuscitou ao terceiro dia; a sua vida pública durou três anos, e esteve revestido da triplice dignidade de pontífice, de rei e de profeta ⁽¹⁾.

São três as pessoas da Santíssima Trindade; por isso as Trindades se tocam três vezes ao dia, e a cada vez se dão três badaladas.

São três: — as virtudes teologais (fé, esperança e caridade); as cruzes do Calvário; os inimigos da alma (mundo, diabo, carne); e as potências da alma (memória, entendimento, vontade).

S. Pedro negou o Cristo três vezes.

Três vezes perguntou Jesus Cristo a Pedro se o amava, e à terceira resposta lhe conferiu o primado.

Três dias andou o Menino Jesus perdido em Jerusalém, disputando com os doutores, e na idade de três vezes quatro anos.

Três Marias acompanharam Jesus na sua Paixão; e três mulheres, e todas Marias, foram ao seu sepulcro com os aromas, e foram igualmente as três primeiras testemunhas da sua Ressurreição.

Dão testemunho no Céu: o Padre, o Filho e o Espírito Santo; e dão testemunho na Terra: o espírito, o sangue e a água.

As leis que Deus comunicou ao mundo, são três: lei natural, lei escrita, lei da graça.

A túnica do Senhor foi jogada com três dados.

(1) V. Francisco Spirago, *Catecismo popular catolico*, trad. de Manuel Abúndio da Silva. Porto, 1908, I, 109.

Os reis Magos, que procuraram Jesus, eram três; e ofereceram três coisas: oiro, incenso e mirra.

O Cristianismo, religião revelada por Jesus Cristo, divide-se em três ramos: Religião Católica Apostólica Romana ou Igreja Latina ou Ocidental; Religião Grega; Religião Protestante.

Três são os conselhos de Cristo: pobreza voluntária, obediência inteira, castidade perpétua.

As partes da penitência são três: contrição de coração, confissão de boca, satisfação de obra.

Os doze artigos que se conteem no Credo, e que são as doze partes principais da fé católica, declaram-nos os três mistérios da Santíssima Trindade: Encarnação, Redenção, Salvação nossa.

O sino chama três vezes para a missa.

Missa de pontifical é celebrada por três padres.

Em dias de Natal e de finados, dizem-se três missas.

À sagração da hóstia conservam os padres os dedos polegar e index unidos, e com os outros três fazem o sinal da cruz três vezes sobre o cálice; toca-se a campainha três vezes no momento da elevação, para advertir os assistentes de que o Senhor está presente.

Cada vez que batemos no peito, à missa, são três pancadas.

O trespasso é o jejum de três dias seguidos.

Baptizando-se uma criança, o padre faz três cruces com a concha da água ⁽¹⁾.

Para o casamento são necessários três pregões.

Sábado de Aleluia aparece uma vela grossa dividida em três, do meio para cima.

Quando se incensa o altar, a cerimónia é feita três vezes, com o turíbulo suspenso por três correntes.

⁽¹⁾ Santo Ambrósio, *de Myst.*, descrevendo a maneira como se administrava o Sacramento do baptismo nos primeiros séculos da Igreja, diz que, adoçadas as águas pelo sinal da cruz, mergulhavam nelas três vezes o catecúmeno, em honra da Trindade, ensinando-lhe que três coisas dão testemunho no baptismo: água sangue e espírito. (Chateaubriand, *O génio do cristianismo*, ed. cit. na nota 3 da pág. 221, p. 30).

As lâmpadas estão suspensas também por três correntes.

O altar-mor tem muitas vezes três lâmpadas.

O galo, no officio de Trevas, é triangular.

Dentro de um triângulo se representa o olho da Providência.

Os clérigos usam chapéu de três bicos, e os seus barretes pretos, a-pesar-de quadrados, teem três pestanas, somente, no tópo.

As lanternas que acompanham os andores ou o pário, teem três vidros.

Os cerials, maçanetas do pário, pés de cruces e castiçais dos altares, tudo tem base triangular.

Os frades franciscanos, e alguns de outras ordens, usavam um cordão, cingindo o hábito, com três nós.

Três vezes se bate à porta principal da igreja, com a extremidade inferior da haste da cruz, na procissão dos Ramos.

Nas igrejas, os altares estão cobertos com três toalhas brancas, sem as quais não é permitido celebrar a missa; significam elas as três pessoas divinas, ao mesmo tempo distintas e inseparáveis.

Quando nos persignamos, fazemos três cruces: a primeira na frente, para atestar que nos não envergonhamos do Evangelho; a segunda na bôca, porque deve ser Santa para o pronunciarmos; a terceira no coração, para dêle deitarmos fora o demónio, preparando-nos assim para receber, e fazer frutificar, a palavra divina.

Os Serafins cantam a Deus três vezes santo (*Isaias*, VI, 3).

*

O número três tem certa evidência nos fenómenos da Natureza: três são os reinos da criação: mineral, vegetal e animal; três os estados dos corpos: sólidos, líquidos, gasosos; três as divisões do tempo: passado, presente e futuro.

*

Não é alheio à nossa legislação o número três.

Diz-se que *o enforcado tem três dias*, por alusão aos dias chamados «de oratório», que se concediam aos condenados à morte, mas que não chegavam a ser dois dias completos de

24 horas, como se vê do preceito das Ordenações Filipinas, liv. 5.º, tit. 137, n.º 2, que diz: «E ás pessoas que por Justiça houverem de padecer, se notificará a sentença hum dia á tarde, a horas que lhe fique tempo para se confessarem, e pedirem a Nosso Senhor perdão de seus peccados. E depois q̃ forem confessados estarão cõ elles algumas pessoas Religiosas, para os consolarem, e animarem a bem morrer, e assi mais outras pessoas que os guardem. E ao outro dia seguinte pela manhã lhes darão o Santissimo Sacramento, e se continuará em estarem cõ elles as pessoas Religiosas, e os q̃ os guardão. E ao terceiro dia pela manhã se fará no condemnado a execução de morte cõ effeito, segundo em a sentença for conteúdo».

Segundo a lei de 9-Outubro-1841, as leis deviam executar-se em Lisboa e seu tẽrmo três dias depois de publicadas no *Diário do Govêrno*. Hoje vigora o art. 1.º da lei orçamental do Ministerio do Interior, de 30-Junho-1913, que contém preceito idêntico, pois diz que as leis «entram em vigor em todo o continente, salvo declaração especial, no terceiro dia depois da publicação».

*

O número três aparece em muitas práticas supersticiosas do povo.

Em certas romarias dão-se três voltas em roda da igreja, para que as pessoas e o gado fiquem livres de mau olhado.

Há um processo de desembruxar crianças, «passando-as pelo biscoito», em que tomam parte três Marias, tôdas solteiras ⁽¹⁾.

O doente que não se levantar da cama quando à sua porta passa um funeral, morre dentro de três dias.

Para que uma galinha recolha cedo, esfregam-se-lhe três vezes os pés na lareira, e diz-se-lhe outras tantas vezes: «para casa às horas!»

Quando as bruxas querem fazer morrer alguém, reünem-se em número de três, para modelarem a sua figura e operarem o mal.

(1) V. *Alm. Lemb.*, de 1866, p. 311.

Sobre costumes idênticos na Rússia e na Polónia, v. *Mélu-sine*, VIII. 174-175.

Quer na letra, quer na forma de aplicação dos ensalmos ou orações para *talhar* doenças, aparece com frequência o número três.

Serve para talhar o *bicho* (Minho) um sarapatel de pólvora, cortiça, lascas de pinho, palhas-althas, azeite, sola e flor de sabugueiro, com o qual se unta o lugar mordido, que se benze, recitando-se a seguinte oração três vezes e pelo espaço de três dias:

Sapa, sapão,
bicho, bichão,
rato, ratão
lagarto, lagartão,
Saramela, saramelão,
aranha, aranhão,
e todos os bichos que tais,
sêcos, mirrados sejas (¹).

Contra a erisipela (Cadaval):

Indo Pedro nas estradas,
Jesus Cristo encontrou,
e Elle lhe perguntou:
— Donde vens, Pedro?
— De Roma, Senhor!
— Que viste por lá?
— Erisipela, Senhor!
— Volta atrás, Pedro,
erisipela se irá e nunca mais tornará,
erisipela se irá e nunca mais tornará,
erisipela se irá e nunca mais tornará.

Ao proferirem-se os três últimos versos faz-se uma cruz, na parte affectada do mal, com um raminho de oliveira, ou de alecrim, molhado em azeite (²).

Observa Leite de Vasconcelos (*Ensaio Ethnográfico*, III, 160) que os ensalmos se dizem ordinariamente três ou nove

(¹) V. *Alm. Lemb.*, de 1870, p. 139.

(²) Do meu artigo *Tradições populares colhidas no concelho do Cadaval*, na *Rev. Lus.*, VI, 107.

(3 × 3) vezes, e as cerimónias e rezas que os acompanham são igualmente triplicadas.

Os romances populares também aludem com persistência ao número três.

Do romance Três voltas dei ao castelo:

Três voltas dei ao castelo,	Esse soldado, senhora,
sem achar por onde entrar.	
.	três chagas tem no seu corpo
.	e tôdas três são mortais.

Manhansinha de S. João:

.	três filhos haveis de ter,
Casadinha haveis de ser,	todos de capa e espada.
muito bem afortunada;	

Cruel vento, cruel vento:

Cruel vento, cruel vento,	tôdas três em Portugal;
ah! roubador maior!	desonraste três donzelas,
Derrubaste três cidades,	tôdas de sangue real.

A nau Catrineta:

.	outra na roca a fiar,
Mais enxergo três meninas	a mais formosa de tôdas
debaixo de um laranjal:	está no meio a chorar.
uma sentada a coser,	

Estes trechos de romances são transcritos do *Romanceiro Português*, de Leite de Vasconcelos, onde se podem ver mais aplicações do número três nos romances *O maio, era no maio*. — *Oração do dia do Juizo*. — *A ressurreição*. — *Noite de Natal*. — *Olindinha*. — *D. Silvana*. — *Branca-flor*. — *D. Denis*, etc.

Seria extensíssima — senão interminável — a enumeração das aplicações do número três nas superstições populares, aplicações a que Leite de Vasconcelos dedicou um capítulo, nos seus *Ensaios Etnográficos*, III, desde pág. 148 a 163.

CXXX

Comilão de Almada

Pessoa excessivamente gluttona

Deu origem a esta locução um indivíduo chamado Francisco Fernandes, trabalhador da fábrica de tijolo de Palença, próximo de Almada, cujas proezas gastronómicas lhe angariaram a alcunha de *comilão de Almada*.

A primeira notícia que conheço âcerca dessas façanhas, é a inserta no jornal lisbonense *O Século*, de 11-Junho-1896, sob a epígrafe «barriga excepcional». Aí se refere a aposta feita com um tal António Maria, de Almada, de comer «uma arroba de batatas, dois quilos de bacalhau, três pães, sendo tudo isto ensopado em cinco litros de vinho.» Aquela notícia não cita o nome do Francisco Fernandes, que é revelado em números subseqüentes do jornal, já com o apodo de «comilão de Almada».

Segundo se vê de vários números d-*O Século* — nomeadamente dos relativos a 22, 25, 29 e 30 de Junho de 1896 — o afamado comilão exhibia as suas proezas na barraca dos Castelos Africanos, na feira de Alcântara (Lisboa), pertencente a Benjamim Cid — certamente assalariado para servir de reclame á baiúca, a qual, em tardes de comesaina, era freqüentada por algumas centenas de pessoas, cujo número chegou a exceder mil e mil e quinhentas.

Do noticiário d-*O Século* extraio os seguintes *delicados menus*:

Em 24-Junho-1896 ingeriu, por três vezes, «vinte quilos de batatas, seis quilos de bacalhau, oito pães de meio quilo, duas cafeteiras de chá, oito laranjas, uma terrina de sopa de pão, e um litro de vinho.» Para se cozinhar esta comida consumiram-se dois litros de vinagre e meio litro de azeite.

Em 28 do referido mês devorou, desde as 4 horas da tarde até ás 10 da noite: «seis fressuras de vaca guisadas com seis quilos de batatas, oito pães, onze laranjas, dez litros de vinho e seis de chá.»

Ainda no mesmo mês, no dia 29, também das 4 horas da tarde ás 10 da noite: «seis quilos de carneiro, oito quilos de batatas, oito pães, vinte e seis laranjas, sete litros de vinho, seis de chá e dois de vinagre, e gastou um quilo de açúcar.»

O *Século* de 22 daquele mês de Junho dá noticia de que — provavelmente na véspera — o Francisco Fernandes não pudera comparecer na barraca dos Castelos Africanos à hora marcada para uma aposta, a qual, por isso, se não realizára, mas que, ainda assim «e a título de experiência», comera na referida barraca, às cinco horas da tarde, dois coelhos com batatas, quatro pães, seis laranjas, uma terrina de sopa, e, ainda, na barraca «Século 77» uma terrina com sopa para oito pessoas, e bebera seis litros e meio de vinho e cinco cafés.

O *Século* do referido dia 29 publica o retrato do *comilão de Almada*.

*

Mas, que foi o *comilão de Almada* — no seu tempo muito falado, a ponto de a sua memória persistir na linguagem do povo — em comparação com os imperadores romanos Vitélio e Heliogábulo, com o faustoso Luculo e com tantos outros famigerados glutões de que nos fala a História Antiga? Nada absolutamente nada — ou, melhor, um verdadeiro «pisco».

Vejam-se ainda este famoso Gargântuas, cujas proezas gastronómicas Brás Luis de Abreu narra assim no seu *Portugal Médico*, p. 28, § 102: «Fome tão canina experimentou Cambyzes, Rey da Lydia, que em huma noute comeo sua propria Molher. El-Rey Mithridates não só comia, e bebia muyto; mas assinava grandes premios aquem comesse, e bebesse mais do que elle. Ao imperador Maximiliano se apresentou certo homem, que comia hum bezerro, e huma ovelha crua, e ficava faminto.»

Ao pé dêstes, como o *comilão de Almada* fica reduzido e ofuscado! — se aquella de Cambises ter comido a mulher não fôsse patranha ainda mais impossível de engulir.

CXXXI

Ter um T na testa

Ser tolo, parvo, estúpido

Segundo o dic. de Eduardo Faria, o motivo desta locução é ser o T a letra inicial das palavras *tolo* e *tolice* — às quais acrescentarei *tanço*, *fontice* e *tonto*.

Não tenho elementos para apreciar tal opinião, mas ver-

dade é que em França se alude à letra B como inicial de certos termos empregados depreciativamente.

Assim, diz o dic. de Bescherelle: « *Être marqué au b.* Façon de parler pour designer ceux qu'on peut qualifier d'un nom qui commence par un *b*: comme *bâtards, bossus, bigles, boiteux, borgnes, etc.* »

M. C. de Méry ⁽¹⁾ escreve: « *Il est marqué au B.* Ce prov. se prend en mauvaise part, et regarde principalement les *boiteux*, les *borgnes*, les *bossus*, dont on dit qu'ils sont marqués au B, parce que les noms qui marquent ces défauts corporels commencent par cette lettre. »

Quanto à ideia que a locução envolve de « marcar alguém com uma letra », é possível que se relacione com a antiga pena de mutilação, que, na sua forma mais suave, consistia na imposição de uma marca indelével, a qual, além do mal físico, trazia também consigo o mal moral do desprezo a que ficava exposto o condenado. Assim, os Romanos marcavam os delinquentes com um R, os Ingleses com um T, e, entre nós, marcavam-se com um L. Esta pena tornando facilmente reconhecível o criminoso, era um dique contra a reincidência ⁽²⁾.

Pelo alvará de 9 de Agosto de 1516, os feitiçeiros — além de sofrerem as outras penas da Ordenação — eram ferrados no rosto, em ambas as faces, com um ferro que para isso se fêz com a letra F.

O assento de 30 de Abril de 1613 declarou os casos em que aos condenados se devia pôr a marca P ou uma fôrca. Este último sinal fôra já mandado aplicar pelo alvará de 23 de Outubro de 1515 — mas sem letra — aos reus de furto presos na « côrte e cidade de Lisboa » e não condenados a morte natural ou civil.

Suponho que a marca a que alude aquele assento de 1613 já não era impressa no rosto, visto o alvará de 26 de Fevereiro de 1524 ter determinado que « não se ferrasse no rosto nenhum homem. »

As marcas no rosto foram proibidas por Constantino no L. 17, *cod. de poen* ⁽³⁾.

⁽¹⁾ *Histoire générale des proverbes*, Paris, 1828, II, 305.

⁽²⁾ Vid. A. M. Seabra de Albuquerque, *Lições de Direito criminal português*, Coimbra, 1861, p. 113.

⁽³⁾ Vid. Pereira e Sousa, *Classes dos crimes*, Lisboa, 1816, p. 25.

CXXXII

Conto do vigário

Sistema astucioso de roubar, que consiste, ordinariamente, em iludir a vítima com a perspectiva de um negócio excelente ou de outra origem de magníficos lucros, apanhando-se-lhe, assim, dinheiro, ou valores.

O «conto do vigário» tem muitas variantes, e consiste sempre em iludir o roubado por meio de palavras.

O jornal *O Século*, de 25-Abril-1919 diz, numa notícia intitulada «gatunos internacionais»: «Em Hespanha passavam os Portugueses por terem a especialidade do *conto do vigário*, ali introduzido por larápios lusitanos, vindos do Brasil ou da Argentina. Assim lhe chamavam «el timo del portugués», como os franceses lhe chamam «vol à l'américaine», visto que o processo de roubar por tal forma veio do Novo Mundo».

O gatuno «especializado» no *conto do vigário*, chama-se *vigarista*.

*

Na gíria popular, e na dos próprios gatunos, estes tomam diversas denominações conforme o «género» ou «especialidade» que cultivam.

Gatunos do golpe, ou *filhos de golpe*, são os que, sem serem pressentidos, roubam aos transeuntes carteiras, malinhas de mão, relógios, correntes, etc. Se, porém, o roubo é praticado rapidamente e com violência, o «operador» toma o nome de *gatuno de esticão*. Os que só furtam carteiras, teem a denominação especial de *carteiristas*. Estes gatunos manobram mais freqüentemente nos ajuntamentos de pessoas, nas plataformas dos carros eléctricos e nas gares de caminho de ferro.

Gravateiros são os que, na via pública (geralmente nas ruas mais escusas e menos iluminadas) passam ao pescoço da vítima um lenço, cujas pontas puxam até aquela cair quasi asfixiada. Também usam o processo de dar um sôco no estômago da vítima, amordaçando-a em seguida, ou applicando-lhe a «gravata».

Filhos da noite, os que altas horas, assaltam barcos e fra-

gatas atracados no Tejo, em Lisboa, para roubarem da sua carga.

Espadistas, os que se introduzem nas casas, servindo-se de chaves falsas.

Ratos de hotel, os que furtam nos quartos dos hotéis e das hospedarias.

Sovaqueiros, os que furtam fazendas e outros artigos expostos nos estabelecimentos.

Gatunos do queles, os que atacam as casas de malta, quando os habitantes delas andam no seu trabalho diário.

Corujas dos cemitérios, os que roubam nos jazigos e sepulturas.

Filhos do môsco, os que roubam com arrombamento.

Vitrinários, os que furtam das montras ou « vitrines » dos estabelecimentos.

Bate-sornas, os que recebem dinheiro ou objectos aos individuos que se deixam adormecer nos bancos das praças públicas, ou em algum outro ponto da via pública.

De mau olhado, os que roubam hipnotizando a vítima, a qual, sob o domínio da vontade do gatuno, lhe entrega dinheiro ou objectos.

Este processo foi já empregado com êxito em Lisboa, por uma quadrilha de argelinos, conforme recorda o *Diário de Notícias* de 9 de Fevereiro de 1925, a propósito de um telegrama de Roma, em que se noticia a prisão de um individuo elegantemente vestido que por tal sistema « manobrava » naquela cidade, onde roubara milhares de liras.

O caso ocorrido em Lisboa não é muito antigo visto que, segundo aquele número do jornal, à data dêle ainda os argelinos estavam presos para darem contas à justiça.

O processo do *mau olhado* é pouco usado em Portugal.

Há também as *gatunas de forasteiros* — mulheres que atraem individuos (principalmente provincianos de passagem em Lisboa) a casas onde surrateiramente lhes furtam dinheiro ou objectos de valor de que elles são portadores.

Havia antigamente os *ladrões formigueiros* — os que furtavam coisas de insignificante valor e que, juntas, não excedessem o de 400 reis ⁽¹⁾. A elles se referem as leis de 2 de Ou-

⁽¹⁾ Pereira e Sousa, *Classes dos crimes*, Lisboa, 1816, p. 323.

tubro de 1607 e 24 de Maio e 25 de Dezembro de 1608, e o alvará de 12 de Setembro de 1750 ⁽¹⁾.

O Padre Manuel Bernardes cita-os no seguinte passo, transcrito no *Dic. Contemporâneo*, s. v. «formigueiro» — «E não sòmente procediam como *ladrões formigueiros*, senão que com manifesta violência os pretendiam excluir da casa, arruinando-a.»

Segundo aquelle dicionário, o «formigueiro» é o ladrão «que se esconde para furtar e furta coisas de pouco valor.»

CXXXIII

Água rôxa, || sarna escôcha ⁽²⁾

A água rôxa figura na *Pharmacopeia Tubalense*, de Carlos da Silva Correia (Lisboa Ocidental, 1735) como específico contra as «chagas velhas, podres, fetidas, virulentas, sordidas, corrosivas, humidas, malignas e cancerosas»; contra o «calor accidental, ou preternatural e doloroso»; contra as queimaduras, inflamações externas, erisipelas, etc.; e contra as «dores artericas que procedem de humores quentes.»

A água rôxa compunha-se de «água de cal, solimão e espirito de vinho rectificado. Outra fórmula composta de «água primeira de cal e solimão» vem preceituada naquella obra, para «modificar as antigas ulceras, para confundir as carnes superfluas e para a gangrena.»

O adágio denota que a água rôxa se empregou também na cura da sarna.

⁽¹⁾ V. o loc. cit. na nota da pág. anterior, e, do mesmo autor, *Primeiras linhas sôbre o processo criminal*, Lisboa, 1827, p. 22.

⁽²⁾ Escoxar = limpar. (Dic. de Fr. Domingos Vieira e dic. de Cândido de Figueiredo).

CXXXIV

Como o outro que diz ou: Como diz o outro

Como se diz vulgarmente, como diz o provérbio: «Comecei a tirar nabos do púcaro, como o outro que diz...» (Camilo, Estrélas funestas). — «... morreu el-rei D. Afonso Henriques, depois de ter tomado Lisboa... que era, como diz o outro, a menina dos olhos dos Árabes.» (Pinheiro Chagas, Hist. alegre de Portugal).

O povo quando quer empregar um conceito conhecido, ou um provérbio, usa aquelas formas, e outras, como: — a) *bem diz o ditado...*; — b) *é bem certo o ditado...*; — c) *como se costuma dizer...*; — d) *como quem diz...*; — e) *diziam os antigos...*; — f) *é bem certo...*; — g) *há por dizer...* (ou *tem-se por dizer...*); — h) *lá diz o ditado...* (ou *o ditado velho...*); — i) *lá diz* (ou *reza*) *a história...*; — j) *lá dizia o outro...*; — k) *sempre ouvi dizer...* (ou *tôda a vida ouvi dizer...*); — l) *já a minha avó dizia...*; m) *dizia o Camões...*; — n) *dizia o Marquês de Pombal...*

Dois exemplos em canções populares:

- a) Há uma razão que diz:
bem pouco acerta quem escolhe;
tôda a vida ouvi dizer:
— quem não semeia, não colhe.
- b) Não vale o ambicioso
a casca de um limão verde,
porque *lá diz o ditado:*
— quem tudo quer, tudo perde.

Na linguagem culta diz-se: a) *como diz a sabedoria das nações*; b) *como diz o provérbio*; c) *como diz o povo*; d) *como vulgarmente se diz*.

Nos mais antigos monumentos da literatura portuguesa — os cancioneiros dos séculos XIII e XIV — aparecem já, em

alguns casos, as denominações de *vervo* e *vervo antigo*, a designar os provérbios:

Se porem, diz o *verv'antigo*:
a boy velho non busques abrigo.

(*Cancioneiro da Vaticana*, n.º 1162) (1).

No século XIV encontra-se, mas não muito vulgarmente, a referência ao *sabedor*: «E por esso diz o sabedor: O boo amigo nõ fallece aa coyta.» (2). — «E por esto diz o *sabedor*: Oo mundo, quem te ama, non te conhece.» (3)

Nos séculos XV e XVI aparece com freqüência o *exemplo* a denominar o provérbio, como neste trecho do *Leal Conselheiro*: «E na conversaçom dos amygos, o que se faz em mudança das condiçoes mostrasse per aquel *enxemplo*, vay hu vaaes, com quaaes te achares tal te faras.» (4)

D. Duarte empregou também naquela sua obra o *exemplo*, para designar uma espécie de parábola ou alegoria, como no *enxemplo do spelho, manto e pandeiro* e no das *duas barcas*.

No *Triunfo do inverno*, de Gil Vicente:

Porque diz o *exemplo antigo*:
Quando te dão o porquinho,
vae logo c'o baracinho (5).

Em Sá de Miranda lê-se:

Que vai de Pedro a Rodrigo!
Bem diz o *exemplo antigo*
— Que os dedos não são iguais! (6)

(1) Apud Adolfo Coelho in *Portugália*, I, p. 479.

(2) Num manuscrito do séc. XIV, da livraria de Alcobaça (Apud Teófilo Braga, *Contos tradicionais do povo português*, II, 37).

(3) Idem, *Ibid.*

(4) Da ed. de Paris, 1842, p. 223.

(5) *Obras de Gil Vicente*, ed. da «Biblioteca Portuguesa», Lisboa, 1852, II, p. 461.

(6) Apud Sousa Viterbo in *Portugália*, I, 480.

Gil Vicente apresenta freqüentemente o provérbio a título de *exemplo*: *exemplo da velha*, *exemplo esquecido*, *exemplo dioso*, *exemplo de mulher honrada*, *exemplo velho*, *exemplo antigo*, etc. (1).

Também escreveu:

Diz um *verso acostumado*:

Quem quer fogo, busque a lenha (2).

Segundo Sousa Viterbo (3), Gil Vicente apenas uma vez fala em *refran*. Outras vezes autoriza as suas sentenças com nomes históricos, como Salomão, Pelaio, Nabucodonosor.

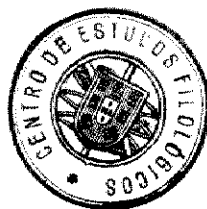
A referência a Salomão encontra-se também nos autos do Chiado.

Assim, na *Prática de oito figuras* lê-se:

«O diz muito bem Salomão.
Vaidades das vaidades,
palavras de S. João.»

E:

«Como lá diz Salomão,
não ha contentamento.»



E no *Auto das Regateiras*:

«porque diz lá Salomão
que quem não olha ao diante
do mal que vir não se espante.»

António Prestes usa muito a palavra *rifão*, que na antiga poesia portuguesa tinha um sentido diferente, parecendo significar «mote» no *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Rezende. Assim, por exemplo, vemos um *rifam* e *copras* feitos por diversos poetas a Fernam da Silveira, porque correu a carreira com um mongy de veludo preto e forrado de martas. Começa por êste modo:

Rifam

Ainda m'agora abalo
de te ver, como te vi,

vestido no teu mongy
a cavallo.

(1) V. Sousa Viterbo, in *Portugália*, I, 516.

(2) Idem, *ibid.*, I, p. 521, n.º 89.

(3) Idem, *ibid.*, I, 516.

António Prestes usa também destas frases: *verbos antigos e berbo antigo* ⁽¹⁾.

Em Jorge Ferreira de Vasconcelos encontram-se, entre outras, as seguintes formas:

Na comédia *Ulyssipo*: a) «E sabeis que *dizem as velhas*? Aquelle andarà pellas calejas q̃ não ha igual renda com as despesas»; — b) «... que *dizem la*, nunca ninguem diga por si bem estou»; — c) «Cabra mouca da na outra, *diz o texto*»; — d) *Bem dizem* que quem cre de ligeiro agoa recolhe em cesto.»

Na *Aulegrafia*: «E *como diz o exempro*, guardeuos Deos de yra do Senhor, alboroto de pouo, & de doudo en lugar estreito.»

Na *Eufrosina*: «Por isso *dizia bem Jam Despera em Deos*, que caça, guerra & amores»; — «A verdade he encomendar a Deos *como dizem* & lançar a nadar.» — «... & *como lá dizem*. Quem boca beija, boca não deseja.» — «Que *sempre ouvi* que quem sobe de pressa, de pressa cae.»

D. Francisco Manuel, na *Feira de Anexins*, Fábula 2.^a (*Dos frutos*) fala do *texto das velhas*: Nem ainda as frutas verdes pela vindima, pois chegou a dizer o *texto das velhas* «que quando ha figos não ha amigos.»

Entre os Celtas, as principais máximas eram sempre atribuidas ao Sean'ar o homem do tempo antigo: *Mur thu'irt an sean'ar* — como diz o homem dos tempos antigos ⁽²⁾.

Àcêrca da personagem anónima o *outro*, diz Quevedo: «Yo soy el Otro, y me conocerás; pues no hay cosa que no la diga el Otro. Y luego, en no sabiendo como dar razón de si dicen: Como dixo el otro. Yo no he dicho nada, ni despego la boca. En latin me llaman *Quidam*, y por esos libros me hallarás abultando renglones, y llenando clausulas.» ⁽³⁾

Franceses: a) *Comme on dit*, b) *Comme dit l'autre*.

Hespanhóis: a) *Como dijo el otro*; b) *Como el otro que dijo*; c) *Como quin dice*.

Inglês: *As the saying is* (ou *as the saying goes*).

⁽¹⁾ V. Sousa Viterbo, in *Portugália*, I, 521.

⁽²⁾ Teófilo Braga, *Povo português*, II, 356.

⁽³⁾ *Visita de los chistes*, nas *Obras de D. Francisco de Quevedo*, ed. de Bruxelas, 1660, 1.^a parte, p. 561. Apud F. Rodríguez Marin, *Comparaciones populares recogidas en Ossuna* (in *El Folk-Lore Andaluz*).

CXXXV

A Guarda é uma terra feia, fria e farta ⁽¹⁾

Variantes: a) A Guarda é uma terra feia, fria e forte ⁽²⁾; b) A Guarda é farta, feia, fria e forte ⁽³⁾; c) A Guarda é uma terra feia, fria, farta e falsa ⁽⁴⁾; d) A Guarda tem quatro «ff»: feia, fria, forte e farta ⁽⁵⁾.

⁽¹⁾ Da tradição oral.

Nesta forma, e nas suas variantes, dá-se o caso da rima aliterante, que se observa noutros adágios como por exemplo em: *Alma até Almeida, e de Almeida em diante alma sempre; Mirandela, mira-a de longe e foge dela; morra Marta, morra farta; ninguém foge ao seu fado; o sável poucos sabem ao que sabe*, e como acontece igualmente em certas locuções como: *Para o feito, facadas, mau Maria, a ferro e a fogo, por paus e por pedras, a são e salvo, rompe-ruas, troca-tintas, temo-la travada*, etc., podendo ainda comparar-se com mundos e fundos, lusco-fusco, letras e trelas, ler e estreler (neste último, estreler = tresler).

A propósito de *Rio, rey y religion, tres malos besinos son* cita F. R. Marin (*Cien refranes andaluces*, pág. 27) os seguintes ditados hespanhóis, em que há a mesma letra inicial:

Las tres *bbb* de las mercaderias; bueno, bonito y barato.

Las tres *lll* para huir de las epidemias: luego, léjos y largo tiempo.

Las tres *ppp* de los malos abogados: de *p* ..., pobres y parientes.

Las tres *ccc* que matan a los viejos: caída, catarro y c... (a).

Las quatro *fff* de las sardinas, segun el estudiante del cuento: frescas, fritas, frias y fiadas (b).

(a) O provérbio diz: *Curso, casamiento y caída* quitan al viejo da vida.

(b) Marin não refere o conto, o qual deve aproximar-se ou ser variante do conhecido conto do *peixe* de três *fff*, que

Las quatro *ssss* del perfecto amor y las tres *fff* del hombre celoso:

Cuatro <i>ssss</i> componen	Quien celos tiene
Amor perfecto:	De fiero, flaco e facil
Ser solícito, sabio,	Tiene las tres <i>fff</i> .
solo y secreto.	

Marin (loc. cit.) reproduz a copla andaluza:

Una nobia que yo amé	Francisca, franca, fregona.
las siete <i>efes</i> tenia	fea, flaca, floja y fria,

e insere os provérbios de Fabriano:

a) Da tre *C* la caduta de'giovani — cognata, comare, cameriera; b) Da tre *C* la morte del vecchio — caduta, catarro, ca...; c) L'insalata vuole 7 *p*: un povero (per coglierla), un polito (per lavarla) un perito e sapiente (per sale), un parco (per l'aceto), un prodigo (per l'olio), un pazzo (per mescolarla), un porco (per mangiarla).

Os Franceses dizem: Tout se fait dans ce monde par quatre grands *D*: Dieu, Diable, Dame, Denier.

conheço assim: Um viandante, encontrando no seu caminho uma locanda, entrou, abancou e pediu de comer.

— Há só peixe de três *fff*, diz-lhe o locandeiro.

— Peixe de três *fff*? Que vem a ser isso?

— O quê, nunca comeu?

— Nunca!

— Pois então saiba que é faneca, fresca, frita — explicou o locandeiro.

— Sim, senhor! Boa piada! Então traga de lá o tal peixe de três *fff*.

O locandeiro serviu as fanecas frescas e fritas ao freguês, o qual, terminada a refeição, disse àquele:

— Afinal de contas o senhor não disse bem, porque o peixe é de quatro *fff* e não de três?

— Essa agora!...

— É tal qual.

— Então como?

— Olhe: é faneca, fresca, frita e... fiada, porque não tenho dinheiro para lhe pagar.

Observa o sr. dr. Leite de Vasconcelos, nas *Notas filológicas* citadas na nota 3, que a tendência para a aliteração não tem nada especial em português, e se encontrava já em latim e nas línguas românicas e germânicas.

Paulo Meyer in *Romania*, XI, 579, diz que se encontram muitas vezes nas canções de gesta nomes próprios aliterantes, como *Gerins et Geriers*, *Ive e Ivorie*, *Aimes e Aindefreis ab Aimeric*, etc.

Fuchs, *Die romanischen Sprachen in ihrem Verhältnisse zum Lateinischen*, 1849, p. 249-250, menciona muitos casos de rima, tanto aliterante como de outras espécies, em antigas poesias gregas e latinas (a).

Na opinião do dr. Leite de Vasconcelos (b), há nas formas aliterantes, geralmente, um princípio rítmico, que ajuda a fixar melhor o sentido delas.

(2) De uma descrição da cidade da Guarda, n-*O Diário*, de 16-Julho-1905.

(3) Recolhido por Leite de Vasconcelos, *Notas filológicas*, in *Rev. Lus.*, I, 277.

(4) Da tradição oral.

(5) Soares de Brito, *Demosofia*, n-*O Elvense* n.º 1001, de 1890.

O Dic. de Eduardo Faria diz que «a Guarda é conhecida pelo nome de cidade dos quatro ff, isto é, *fria, farta, forte e feia*.

Na colecção de provérbios de Perestrelo da Câmara (c), a Guarda vem também designada por cidade dos quatro ff, por ser *farta, feia, forte e fria*.

De Albarracin (Teruel) dizem os hespanhóis que é a povoação dos três *ppp*: *peras, perniles y peñas*. E alguns acrescentam: *perailles*. (Marín, loc. cit., p. 28).

Loures.

JOSÉ MARIA ADRIÃO.

(a) Citação de Leite de Vasconcelos, in *Rev. Lus.*, I, 350.

(b) Loc. cit. na sub-nota anterior.

(c) *Colecção de proverbios, adagios, rifãos, anexins, sentenças morais e idiotismos da lingua portuguesa*, Rio de Janeiro, 1848.

Observações ao “Elucidario,, do P.^o Santa Rosa de Viterbo

(Vid. R. L., xxvi, 111-146)

entrementes. — Vid. nestas Observações «entramen».

envezamento, transtorno, avesso, etc. — O P.^o Viterbo remete para a Cronica de Fernão Lopes, I, cap. 85; mas o que aí se lê, na ed. de Braancamp, é: «a quall cousa era muito seu deserviço e grande *enhavessamento* do que começado tinha», p. 141.

enxeco. — Cf. *Leges*, I, 310, e II, 26.

enxerca. — Cf. *Leges*, II, 30.

enxovar. — Não é infinitivo. O texto diz: «nom enxovam os gados ..., nem os feiram». D’onde se vê que é *enxóvam*, e conjuntivo, e que o infinitivo é em *-er* ou *-ir*. O proprio Viterbo cita certos documentos em que diz ler-se *enxouvir*.

enxugar, ordenhar, mungir (no *Supplem.*). — J. P. Ribeiro, *Dissert.*, IV-2, p. 135, diz: «parece antes significar desmammar».

enzolo, anzol (no *Dicc. portatil*). — Cf. *anzolo* em Fr. Agostinho da Cruz, ed. de 1771, p. 60, e em Diogo Bernardo, *O Lyma* ed. de 1820, p. 63.

er ou **her.** — É muito inexacta o que a respeito da significação d’esta particula diz o autor. Já várias vezes se tem tratado d’ela modernamente em obras filológicas. Corresponde a «re-», «de novo». Vid. os meus *Textos arc.*, 3.^a ed., s. v. «ar», «er», e o que lá se cita.

era. — A reconquista de Coimbra por D. Fernando I, o Magno, Rei de Lião e Castela, foi em 1064: cf. G. Barros, II, 307.

erazege, herança. — Provavelmente é palavra mal escrita. Cf. fr. *héritage*, hesp. *heredaje*.

eredoro. — Será também palavra estropiada (*credeiro*).

ereo, herdeiro. — Foneticamente a palavra não se explica bem: heredem. Cf. porém *erel* no *Elucidario*, s. v. *adoutar*, num doc. de S. João de Tarouca: «meu filho adoutivo, e verdadeyro *erel*», vol. I, p. 55. Num doc. do sec. XVI leio: «em terras d’*ereos*», por opposição a terra do concelho»: vid. *Bolet.*

do *município de Beja*, 1920, p. 125. Não posso dizer se é a mesma palavra.

eres, eles (*Dicc. portat.*). — Manifesto êrro.

ergo, i. — Vid. o que se disse s. v. «eigo».

eriudos, erguidos. — Leia-se *erjudos* (de *erjer*). O verbo *erjer* ou *erger* vem no *Canc. da Vatic.*, n.º 365: cf. D. Carolina Michaëlis, *Lições práticas*, p. 151.

ermeyrmhos. — Palavra estropiada. O final pôde ser: *-inhos*.

ero. — Nas *Leges*, p. 646, lê-se: «e quem mojom alieno in suo erro mudar».

escanção. — Acêrca do etimo vid. REW, n.º 7973 e 7974.

escanho. — Se assim se lia no doc. visto por Viterbo, é fôrma hespanhola. A portuguesa, ainda hoje popular, é *escano*.

escatima. — Vid. a nota de J. P. Ribeiro.

escousar. — Certamente seria *escusar*.

escusaça. — Emende-se em *escusãça*, como já fez o S.^{or} Epiphania Dias.

esgravisar. — Aparece no mesmo texto em que vem *mansilla*. Vid. esta palavra.

espeitar. — A palavra deve relacionar-se com *peita*.

esquiro — Na *Rev. de Fil. españ.*, VIII, 351, transcreve Americo Castro o texto viterbiano («huum esquiro lavrado»), interpretando *esquiro*, como *esquilo* (nome de um conhecido mamifero roedor), vulgar em Santander, e tambem em Portugal. Mas podia *lavar-se* uma pele de esquilo, ainda junta com outras?

estanho. — Emendado em *escanho* (no sentido de «escano») por J. P. Ribeiro. Cf. supra.

estornar. — Lede *estornar* = estorvar. Emenda feita por Epiphania Dias.

estoupero, escôpro. — Lede *escôupero*, pois tomou-se c por t. Emenda já feita por J. P. Ribeiro. Do lat. *scalprum*. O pôvo diz hoje *escôparo*.

estrayo, -a, estranho, -a. — Lede *estrãyo*, como o S.^{or} Epiphania já emendou.

estremaça (*Suppl.*). — O proprio autor diz: «o mesmo que estremança», isto é, *estremãça*, tendo escapado no ms. o til.

esverdados. — Onde se lê *Corticóo* leia-se *Cortiçóo*.

evar, olhar. — Exacto?

exaveaduras. — O segundo a estará por r.

exendre. — De ex-genere.

exertado, pomar. — Ao pé de Mondim ha uma igreja arruinada chamada *igreja velha*. O orago era N. Senhora do *Enxertado*. Deve entender-se que o sitio, em que a igreja se fundou, se chamava então assim. Ha tambem varias localidades com o nome de ENXERTADO.

exquisa, enquisa. — Cf. tambem Herculano, *Hist. de Portugal*, t. IV, 5.^a ed., p. 362.

enxudrio, eixido. — Do texto aduzido pelo P.^e Viterbo não se infere aquella definição. Na lingua usual temos *enxurdeiro* «atoleiro». Na toponimia ha INXUDREIRO, e INXUDRO.

eyviçom. — Vid. o que escreven a respeito d'esta palavra e do respectivo artigo D. Carolina Michaëlis in *Rev. Lusit.*, III, 169-170.

eyviguar. — Vid. supra, s. v. «eiveger».

eyxhentios, isenções. — Faz pressupor como étimo: *exemptivus, derivado de exemptus.

F

facer, fazer. — Entenda-se que *facer* não é fôrma viva, mas puramente ortografica.

facienda. — De certo é hespanholismo.

falifa, pelica. — Cf. Pidal, *La leyenda de los inf. de Lara*, p. 441-442. Nas *Linhagens*, p. 267, lê-se: «... D. Alvar'Pirez era tam gramde e tam gordo que nom pôde teer em aquella lide senom huña *falifa* delgada e huña vara na mão».

fameliaios, serviçaes. — Deve emendar-se em *familiarios*. Em Du Cange: *familiarius* por *familiaris*. O proprio Viterbo tem noutro lugar *familiario*, e diz ser palavra vulgar em docs. do sec. XIV e XV. Cf. tambem *familiatria*, palavra resultando de cruzamento de *familiaria* ou *familiara*.

fanão, moeda de ouro tão baixa, que só valia um vintem (*Dicc. portat.*). — Da India Cf. Aragão, *Moedas*, III, 93 (Calecut), 94 (Cananor, Cochim, etc.). Da historia e étimo trata Mgr. Dalgado, *Glossario*, I, 386-387. Vid. tambem AHP, II, 423: «fanôeis de prata, que é moeda de um lugar que se chama Onor (India)», 1511; II, 355, «tres fanões», 1518.

fazonzal. — Vid. a nota de J. P. Ribeiro.

febre: moeda febre, cerceada, etc. — Desenvolvimento semantico do lat. *flebilis*, lastimavel. Tambem em Du Cange: *flebilis* = *debilis*. Cf. fr. *faible*, que tem a mesma origem.

fedegoso, mal cheiroso. — Faz pressupor com étimo *foeticus, de *foeticus ou *foetidicus, de foetidus.

fedelho, turibulo. — O P.^o Viterbo fala dos turibulos com ironia, por causa do mau incenso. O radical é o mesmo do do antecedente: foetere, cheirar mal. Na origem adjectivo: turibulo fedelho, «mal cheiroso». Cf. *anelho*, -a, também adjectivo.

feitio. — Vid. o que do artigo de Viterbo diz G. Barros, III, 596, nota 1.

ferir, demarcar. — Vid. o que escrevi nos meus *Textos arc.*, 3.^a ed., p. 126, n.^o 10.

ferrazas. — O *z* tem aqui o valor de *ç*.

ferro moludo, ou ferro mudo, o mesmo que *ferro moido*. — Cf. nas *Inquisit.*, de 1258: «plaga («chapa») de *ferro muudo*». De *moeudo, particip. em -udo, porque o ferro se *moia* em mó, ou pedra de amolar.

fetto, feito. — Decerto o primeiro *t* em vez de *i*.

filho, filho. — Por *filho* ou *filio* (latinismo grafico).

fiir, finar. — Leia-se *fïir*.

filo, filho. — Não é fôrma viva, mas êrro, ou má grafia.

fymento. Remete para *affimento*, termo, limite. — Nas *Inquisit.*, p. 326, *fimento*, de *fïir* (finire). Se *fimento* era fôrma viva, sem nasal, a fôrma primitiva deve ter sido *fïimento*. Na grafia *fymento* temos propriamente encoberto *fjmento*.

finco. — Já emendado por J. P. Ribeiro em *finto*.

firma, I. — Cf. Herculano, *Hist. de Portug.*, IV, 5.^a ed., 364 e 366.

firmideu. — Duvido da exactidão d'esta palavra.

fogueira, casal ou reguengo, Lamego. — Não só respectivamente á Beira, também ao Minho: *in ista collatione 14 fogueiras* (Basto), *Inquisit.*, I, 135; *et iste juro devem a fazer quantos morarem in na fogueira* (Entre Cávado e Minho), *ib.*, p. 300, col. 1.^a. Vid. também: pp. 555, 558, 587, 589 (... *foga-ria in que moratur Romanus Johannis* ...).

for, fôrma, fôro, etc. (*Supplem.*). — Esta palavra só devia usar-se procliticamente, como consta do exemplo dado pelo P.^o Viterbo: *a for d'antiga*.

foramontaos. — Leia-se -ãos, como já Moraes emendou.

fornaça. — Vid. a nota de J. P. Ribeiro.

foro. — Cf. G. Barros, III, 463.

fortelegar, dar firmeza. — Nas *Leges*, I, 396: *afortellegar*, isto é: «*afortellego* e confirmo».

fortealeza, fôrça, vigor. — Também nas *Leges*, I, 396.

fortiliza. — Certamente é má grafia ou má leitura por *fortealeza*.

fossadêira, II. — Tem muitos êrros este artigo, diz Herculano, III, 368, nota 1.

fraineza, penuria. — A palavra relaciona-se com *frangere*, hesp. nat. *frañer*; porém não deve estar bem transcrita.

Fraisseo, Freixo. — Leia-se com o acento no *a*.

freama, leitão, porco. — Cf. *Inquisit.*, I, 77, col. 2.^a. Vid. o que das notas de J. P. Ribeiro a este vocabulo diz G. B., III, 501, nota 1.

freitar, afruitar. — Deve estar *ei* por *ui*.

frizante, moeda. Dizem ser o mesmo que *pesante*. — Vid. a minha obra *Da Numismat. em Portugal*, p. 84.

frolyees, frolys. — Falta um til em cada *yy*, por dificuldade tipografica.

fronça. — Palavra emendada por Epiphanio Dias em *frança*.

fusta, **fustam**, castigo de açoitar com varas. — O foral de Tomar, de 1141, de que o P.^o Viterbo faz extrato, vem nas *Leges*, I, 399 sgs., e *enfustan* lê-se a p. 400, col. 2.^a. Outro exemplo de *em fustam* temo-lo nas *Leges*, II, 88 (Costumes e foros de T. Novas).

G

gaaçar, ganhar. — Emende-se em *gaãçar*. Cf. *Rev. Lusit.*, IX, 25. O proprio Viterbo tem *gançar* na ordem alfabetica.

gaaçom, ganhão. — Emende-se em *gaãçom*. Cf. o Vocabulo precedente.

gallo, vela mais alta no candieiro das trevas na semana santa. — A expressão deve ser tirada do catavento em que se figura um galo. Cf. *Portugalia*, II, 442 (R. Peixoto).

gamar, **gamar-se**, chamar. — Nunca podem ter sido fórmas portuguezas. Temos aqui *g* por *ch*.

ganado. — Tem *n* = *nh*.

gança. — Nas *Linhagens* encontra-se a cada passo *filho de gança*, por exemplo, a p. 170.

Garda. — Acêrca da doação do Castelo de Ceras por D. Afonso I aos Templarios vid. Antonio Baião, *Ferreira de Zêzere* (extr. do *Archeol. Port.*), Lisboa 1918, pp. 1 sgs. 1: onde o *Elucidario*, II, 10, col. 2, tem *Portum de Carris*, Baião lê *Cais*, p. 3; acêrca da data da doação, vid. p. 4.

ge, se. — Lede *fe*. Nada temos aqui com o hesp. arc. *ge*, *gelo*.

gener: «que não *genese* hy a auga mais». — Poderá estar por *genher*, do lat. *gignere*.

genesim, tributo. — Cf. AHP, II, 212: *genesî* (ou *genesî*), sec. XVI.

georaal de prata. — Haverá êrro? Só timidamente eu proporia *garaal* por **garanal*, *granal*, que por outro lado deu *graul*.

germaho. — Lede *germãho*.

germaia. — Lede *germãia*.

germidade. — Lede *germidade*.

gisado. — Lede *guisado*. E vid. o que escrevi nas *Lições de Filologia*, 2.^a ed., p. 95, 96, e nota 2 (onde discuto e refuto uma infeliz critica de J. P. Ribeiro). Cf. nas *Cantigas de Santa Maria*, II, glossario: «*guisado*, justo, natural, razoable», e os vocabulos que se lhe seguem.

goivo, alegria. — Cf. tambem goivo na *Lenda de Barlaam*, 23, l. 9. Do lat. *gaudium*. A par temos o adjectivo arcaico *goioso*, de **godiosus* (não *gaudiosos*).

gouvecer, gozar. — Incoativo, de **gouver* (ou *gouvir*: vid. o *Elucidario* noutro lugar; cf. fr. *jouir*), lat. *gaudere*. Vid. *goivo* supra.

gouver. — Lede *jouver* (futuro do conjuntivo de *jazer*).

govenco. — Lede *jovenco*.

granja. — Palavra vinda de França (provençal *granja*).

H

haz, batalha ordenada. Palavra mais castelhana que portuguesa, diz o P.^o Viterbo. — É perfeitamente portuguesa: do lat. *aciem*, como *assaz* de *ad satiem*.

heiradega, eiradêga, diz o P.^o Viterbo. — O acento está porém no primeiro *a*: *eirádega*.

hirivar, derribar. — Deve ser má leitura por *derribar* ou *derrivar*.

honras. — Vid. G. Barros, I, 439 ss. (honra e couto).

hum, onde. — Em português antigo temos: *hu* ou *u*, onde; e *onde*, no sentido moderno de «d'onde», isto é, no sentido do lat. *unde*.

I e J

jamar, damar. — Não é fôrma viva, é puramente grafica.
jantar, contribuição de mantimentos. — Cf. Herculano, III, 148, nota 1.

iento, herdade cultivada, fructifera. — Do lat. *genitus* (ou como subst. ou como particip.).

jeronzo. A explicação que Viterbo dá «giro, aro, vizinhança» é inexacta. O texto (de 952) foi depois publicado nos DC, p. 37, e diz: *... sunt illas villas territorio Colimbrie. et in ieronzo ad castellum de lamego ...*, d'onde se vê claramente que temos ali um nome de sitio, isto é, *Jeronzo* ou *Jeronço*, proximo do castello de Lamego. Este nome, na origem, não é mais que um conhecido nome proprio latino *Gerontius* (vid. os textos em De Vit), tornado geografico, em grego Γερώντιος (Papé), de γέρων, -οντος «velho», ainda que Schultze, *Lat. Eigennam.*, p. 271, parece que o relaciona com o etrusco. — Depois de escrito isto, vim a averiguar que o nome aparece mais vezes nos nossos documentos, como consta do *Onomastica* de Cortesão. Eis aqui os textos que colhi nos *Diplomata et Chartae*, — por ordem chronologica:

- 925: .. Alvarenga, subtus monte GERONZO, ribulo discurrere Pávia .., p. 20;
 937: .. Alvarenga, subtus monte JERONZO, in vigo que dicent Minudal;
 1076: .. in Pávia, subtus mons Ortigosa, discurrere arrogio (ou é n. proprio?), territorio GERONTIO .., p. 327;
 1099: .. subtus castro Arecos (Aregos) seu GERONZO, territorio Lamicensis .., p. 544;
 1100: .. in villa Lauredo, secus flumen Durio, in terr(itorio) GERONCI, et diocense Lamicensis æclesie .., p. 554.

Os tres primeiros nomes correspondem a um monte ou territorio situado junto do Paiva; os dois ultimos a um castro (monte) ou territorio situado junto do Douro. Não posso averiguar, nem isso me importa pelo lado linguístico, se se trata de um só sitio ou de dois, porque o Paiva desagoa no Douro.

Hoje é muito vulgar haver nomes topicos que provêm de nomes de pessoas. Este uso já porém ascende, pelo menos, ao sec. x, como vemos de *Geroncio*. Outros exemplos antigos são: *villa de Ataulfo* (nome de vila, e não ainda nome de possuidor), 959, *Dipl. et Ch.*, p. 46; *villa Martino*, 1005, p. 119; .. lárea que habeo .. in *villa Goterre*, 1070, p. 301, etc. Escolhi estes por não estarem em genetivo, mas no caso normal, como *Geroncio*; nomes em genetivo são inúmeros.

igar, igualar. — O mesmo que *iguar*, do lat. *adaequare*.

inhateza. — Talvez devesse ler-se *inateza*, de *in-aptō*.

insidios. — Exacto?

insignios. — Do proprio Viterbo?

joigadigo. — Esdruxulo de *iudicaticum.

jouvar. — Provavelmente é êrro.

jouver, I a III. — Cf. RL, VII, 308-309.

irmão pervinco. — Do lat. *propinquus*.

irmeilmente. — Parece êrro. Por germa(na)lmente? tendo-se tomado *a* por *ei*.

juderega. — Suponho que é êrro por *judenga*.

jugada. — Artigo que tem muitos êrros, diz Herculano, *H. de P.*, III, 368, nota 1. E cf. G. Barros, III, 858.

ulgajul. — Êrro por *ulgávil*. Vid. RL, VIII, 66-67.

jur. — Cf. *Leges*, II, 25, sec. XIV ou XIII.

Jurgio. — Cf. *Antroponimia portug.*, p. 524.

jussãa. — Os *ss* valiam *s* (sonoro); cf. hoje: *Vila-Jusã*, *Jusão*, *Outeiro-Jusão*, nomes geograficos.

justiça de Monte-mor. — A esta expressão popular são paralelas hoje as seguintes: *justiça do Maranhão* (RL, IV, 230), *justiça de Fafe*, *justiça do Mocho*.

K

kazimi, kazimos. — Cf. Aragão, *Moedas de Port.*, I, indice.

kemiso, camisa, etc. — Cf. REW, n.º 1550; e Savj-Lopez, *Origini neolatine*, 1920, p. 260.

L

l por *s*. — Não é bem exacto o que diz: *todos los homens* está por *todo'los, todoslos*.

lacesca, lacescat. — Esperar-se-hia *lassescat*.

ladinho, -a: legitimo, sem mistura. — O texto diz *lingoagem ladinha portugues*. D'onde se vê que *ladinha* quer dizer: latina, romanica.

lagaradiga. — O acento está no terceiro *a*; cf. o que se disse s. v. *chus*. Outros textos como *lagarádiga: Inquisit.*, I, 77, col. 1.^a; *Leges*, p. 356; Ribeiro, *Dissert. Chron.*, II, 227.

laída, laidamento, laído. — O lat. *laedere*, podia, por troca de conjugação, ter-se tornado **ledire*, sucessivamente *leir*, (ou por influencia do *l*-) *laír*, d'onde *laída*, substantivo, como *ferida*, d'onde *laidar*, *laidamento*

lealdar. — De **legalitare*.

lecco. — Diz João Pedro nas Notas ao *Elucidario* que parece palavra mal lida. O doc. tem *leccos*. Talvez por *lectôs* ou *lectões* (leitões).

legumilhas, legumes. — A palavra deve estar mal lida. Talvez fosse *legúimias*, de *legúmina* (*legumen*).

leidemo. — Lede *leidemo* (quatro sílabas).

leisar, leissar. — Por *leixar*.

leitiga. — *Passim* no sec. XIII, por exemplo, nas *Inquisit.*, I, 134, col. 2. Cf. os meus *Textos arc.*, 3.^a ed., índice,

leituairo (*Dicc. portat.*), tombo, censual, em que estão descritos os bens ou rendas de uma corporação. — Deve corresponder a um derivado de *léctus*, -*us*, no sentido de «leitura», como *promptuarium* (lat. mediev.), de *promptus*, -*us*.

lementação, alimentos. — O texto diz «pera sua lementação». Entenda-se *suálimentação* (= sua alimentação), como disse o S.^{or} Epiphanyo Dias.

leva: potro de boa leva, ou raça, diz o P.^o Viterbo, mas já Moraes corrigiu, comparando esta expressão com *de boa levada*.

levadígas. — O P.^o Viterbo acentua o *i*, mas o acento estará no primeiro *a*.

lhe-lo, lhi-lo, lhi-la: o mesmo que *lho* ou *lha*. — Nasquelas fórmulas temos o plural do primeiro pronome, e não o singular. Já Cornu disse, *Die port. Spr.*, § 312: port. arc. *lhelo lhela* contraídos, em vez de **thes lo* **thes la* ou **this lo* **this la*. O proprio P.^o Viterbo traz *this* em docs. do sec. XIV, s. v. «açalmar» e s. v. «chuveiro», e «chegar», I; e *lhys* num doc. do sec. XIII, s. v. «abbadengo». *Suppl.*, p. 2, col. 1.^a. No singular tem *li* = *lhi* num doc. de 1280, t. II, p. 97.

lia, linha. — Deve ler *lia* ou *linha*.

liagem, linhagem. — Leia-se *liagem* = *linhagem*.

libradigas. — Leia-se *librádigas*. O P.^o Viterbo compara a palavra em *dinheiradas*, etc., mas a comparação não vale quanto á forma.

lígio, *homem tigio*, etc. — Cf. fr. ant. *homme lige*.

limnar, umbral da porta. — De *liminaris*, -e.

livra. — A *livra* 'ou *libra*, que figura nos nossos documentos, era moeda de conta, e não efectiva. Cf.: Aragão, *Moe-das*, I, 18-21; Costa Lobo, *Hist. da socied.*, p. 281, nota 1.

lloo (*Supplem.*), o linho do país. — Deverá ler-se *lloo*, ou *llo*.

Locrica. — Lede *Logriça* (Lucrecia).

Logreca. — Lede *Logreça* (Lucrecia).

luario. — Posto que não se indique a data, é natural que aquella fórma esteja por *lũaio*, como já o S.^{or} Epiphany emendou no seu *Falcão*, p. 104.

Lucrica. — Lede *Lugriça* (Lucrecia).

luria. — O que diz de *luria* e *mozom* precisa de confirmação.

luscar. — A definição, que o P.^o Viterbo dá, baseia-se unicamente na suposta e incerta etimologia (*ludere*) que propõe para o verbo.

M

maladia, malado. — Vid. Fortunato de Almeida, *Hist. de Port.*, I, 391-392, e as obras lá citadas.

malfairo. — De Viterbo só aduzir um exemplo não posso concluir que a palavra esteja bem lida.

manda. — Cf. *Lições de Filol.*, 2.^a ed., 74-75.

maneiro e manerio. — Cf. *Leges*, p. 453 (*manarius*).

manho. — Certamente *manjo*.

maninhadego. — Acentue-se o segundo *a*, e não o *e*. — Ao *maninhádega* ou *maneria* se refere Herculano, *H. de P.*, IV, 297. Em hesp. *mañeria*, multa (pecuniaria) que se impunha aos solteiros, ou aos casados sem filhos, e proibição de testar ao que morria sem sucessão legitima, a cujos bens tinha direito o senhor ou o rei; *mañeros* eram os que estavam sujeitos á pena. Cf. *Boletín de Orense*, III, 333.

manu. — Lede *manõ*. A falta de til sobre o *i*, que tantas vezes observámos, deve ser devida a deficiência tipografica, o que ainda hoje ás vezes acontece.

mansilla. — O P.^o Viterbo cita uma carta de S. Antonio

em que vem esta palavra. Não posso estudar o assunto, mas o trecho tem visos de apócrifo.

mantéés, e mantens, lençoes, mallas. — Já Inocencio, na 2.^a ed., emendou a segunda palavra em *manteus*. Quanto a *mantees*, vem tambem nas *Inquisit.*, I, 341, col. 2: «et damli os *mantees* et escutellas et louza in que comia». Nas *Leges*, p. 203, lê-se: «os donzees nom seiam ante os cavaleiros aos *mantees* (var.: a *matees*)».

maravediadas. — Vid. G. Barros, II, 122 sgs.; e cf. M. Pidal, *Origenes del españ.*, p. 279 (maravidada).

maravidil, marabítimo, etc. — Vid. Nota de J. P. Ribeiro. Tambem na ed. de Inocencio vem uma nota de L. Fernandes. Do morabítimo tratou T. de Aragão, *Moedas*, I, sgs. (confusamente). Cf. os meus *Textos arc.*, 3.^a ed., glossario, s. vv. *maravedi* e *moravedi*.

marçaria, mercearia. — J. P. Ribeiro diz não ser isso, mas «o que, não sendo comestível, se não vende a peso ou por medida, como meias, barretes, etc.». Isto se confirma com as *Leges*, II, 94.

marido conuçado. — Vid. sobre o assunto: C. Moncada, *O casamento em Portug. na id. media*, Lisboa 1922; P. de Azevedo, in AHP, III, 109; e tambem uma nota de Ribeiro ao *Elucidario*.

marnoceiro. — Ribeiro já emendou em *marnoteiro*.

marrãa. — Vid. uma nota de Ribeiro a respeito de *freama*.

marrano. — Do étimo trataram alguns AA. modernos.

martineguas. — O acento está no *i*, pois se compreende que o étimo é **martinicas* (adjectivo): de Sanctus Martinus. A palavra deve pois ler-se *martinegas* (ou *martinhegas*). Do costume de designar as pensões ou foros pelo calendario nos dá outro exemplo *marceiras*, pensão paga em Março.

masaldeminis, adv. mais ou menos. — O *i* deverá estar por *e*, com quanto haja *i* no étimo latino (*mīnus*).

Materduz. — Vid. *Antroponimia portug.*, p. 354.

mazanarias, pomares de macieiras, etc. — Latinismo medieval.

mea, medida. — Cf. *remeia*, ainda hoje em Chaves, como consta da minha obra *De terra em terra*, I, 68, e 111 (nota 3).

mealha. — Cf. T. de Aragão, *Moedas*, I, índice, p. 452, e sobretudo p. 145. Provavelmente *mealha*, como bem nota o P.^o Viterbo, nunca foi «moeda cunhada de per si», mas metade de outra, corrente ou de conta (meio dinheiro, etc.).

meana, meono. — Vid. *Antroponimia portug.*, p. 19 e nota 14.

mecedura, medida. — Se o *e* não está por *d*, poderá explicar-se por influencia de *meço*.

meiagoo. — Cf. *meogo* «o meio de alguma cousa».

meiaído. — Remete para «Cabo, III», mas é «Cabo, II». A palavra estará bem lida?

meirinho. — Dos cargos designados por este nome devia tratar desenvolvidamente G. Barros no vol. v da sua monumental *Historia*.

meitega. — Cf. *Inquisit.*, I, 77, col. 1, e *passim*.

melhur, melhor. — Em varios documentos antigos acha-se ás vezes esta grafia de *u* por *o*.

meono. — Vid. *meana*, supra.

merchandias. — Vid. outro texto no *Eluc.*, s. v. *feiras franqueadas*.

merendal. — Cf. *Inquisit.*, I, 36, 522, 525.

meskinos, familia de servos que trabalhavam nas herdades dos respectivos senhores. — Cf. *Inquisit.*, I, 304 (*mezquinos*).

messar, puxar a alguem pelas barbas. — Vid. o meu livro *A barba em Portugal*, p. 102-103. E cf. *Leges*, pp. 380, 766, 794.

mesuada, escolta, etc. — Emende-se em *mesnada*. Já Moraes timidamente propôs a emenda.

metermentes. — São duas palavras: *meter mentes*.

methcaes. — Cf. tambem: L. Fernandes, *Moedas*, p. 27; Aragão, *Moedas*, I, 140; Dozy, *Glossaire*, p. 515; Yánguas, *Glosairo*, 454.

meyadade. — Cf. Menéndez Pidal, *Orígenes del español*, p. 732 sgs. — Em des. nossos do sec. XIV, a par com a fôrma citada pelo P.^o Viterbo, ha *meyatade*, e no sec. XV *meatade*: vid. textos nos *Archivos de hist. da Medicina port.*, VI, 159-160.

Mirleus. — O P.^o Viterbo não diz qual o fundamento que teve para dar este nome aos Franceses e outros Estrangeiros que nos começos da monarquia vieram a Portugal. O étimo apresentado por ele no final do artigo é muito aventureiro.

misteres. — D'este artigo diz G. Barros algures, numa nota do vol. I, que contém muitos êrros.

moçoco. — Cf. «clerigo, v» no proprio *Elucidario*.

modio. — Vid. sobre o assunto J. P. Ribeiro, *Observ. hist. e crit.*, pp. 101-104.

moeda. — Estudos modernos, que ha, dispensam-me de anotar particularmente este artigo.

moelha. — O doc. citado por Viterbo, do sec. XIII, diz: «C liuras de *moelha velha*». Evidentemente quem escreveu o documento quis escrever *moeda velha*, mas enganou-se sob influencia da terminação *-elha* da palavra seguinte. Tenho muitissimos exemplos d'este fenomeno, já relativamente á escrita, como aqui, já á pronuncia, e com eles espero escrever um artigo para mostrar que muitos casos de fonetica usual e geral assentam em casos automaticos como o de que se fala.

moio. — Vid. tambem «medida» no *Elucidario*.

moiom. — Cf. os meus *Opusculos*, I, 536 sgs.

molachinos e moozinhos. — Ambas estas palavras são transformação de *monachus*: **monachinus* > *monachino* (sec. XIV: no *Elucidario* s. v.) > *molachino* (isto é, *molakino*, na pronúncia; com *l*, por dissimilação de M-N) > **moakino* > **moacino* > **moazinho* > *moozinho*. De um lado a evolução deu-se toda; do outro, parou, por ser de epoca diferente. Á fôrma *moozinho* corresponde o arc. *moogo* < *monachus*.

molleira. — Do lat. *molinaria*. Cf. *moleiro*.

mollo, molo. — Lede *molho*.

molura. — Deve ler-se *mothura*, de *molhar*.

monachino. — Vid. *molachinos*.

monda, pão pequeno, de centeio ou milho, etc. — Outros textos os temos nas *Inquisit.*, I, 47, «et dabit (de fôro) pro inde III *mondas*»; 157, XXVII *mondas*; 325, *mondas centeas*; 511, «dabant annuatim Domino Regi VII *mundas*». O P.^o Viterbo acrescenta que os pães de que fala são como as *michas* que ainda no tempo d'ele se davam aos pobres nas portarias das Ordens monasticas. Como eu vivi em criança proximo de S. João de Tarouca, onde houvera um notavel convento cisterciense, ouvi várias vezes ao povo falar d'este costume, mas a palavra era *miccho*, no masculino. A palavra veio-nos de França com a Ordem de Cister: fr. *miche* (fem.). Entre *micha* e *miccho* ha a mesma relação morfologica, que entre *bôla* e *bôlo*, segundo a linguagem da Beira: aquella (não doce), de milho, trigo ou centeio, de fôrma achatada; este (tambem não doce), de trigo ou centeio, correspondente ao que em Lisboa se chama *pão de fôrma*, no Porto *molête*.

Monesteirol. — O texto diz: «de hereditate .. in ripa Dorii, inter *Monesteirol* et Sancto Veriximo», doc. de S. João de Tarouca, 1206. S. Verissimo é no concelho e ao pé de Ama-

rante; o *Monesteirol* de que se fala creio ser Mosteirô, que fica em Baião e na margem direita do Douro: por isso *Monesteirol* deve ser abreviatura de *Monesteirollo* ou de *Monesteriolum*, como seria melhor latim. A actual forma *Mosteirô* só pôde assentar em *Monesteriôlo*.

mongy. — Vid. a nota de J. P. Ribeiro.

montadego. — Leia-se *montádego*, e não com o acento no e, como Viterbo diz aqui e s. v. *montatico* (montático).

moolo. — Pronunciai *moolho*.

moozinho (no *Dicc. portat.*). — Vid. *molachinos*.

moradêa, moradia, etc. — No Alentejo existe *moradêa* no sentido de terreno onde há restos de ruínas romanas (paredes, cacos de vasilhas, e de tegulas, etc.), por exemplo, em Tolosa. Será a mesma palavra do P.^o Viterbo? É impossível foneticamente porém explicar *moradêa* por *moradia*. Se *pousadea* no *Eluc.*, s. v. «treusassom» está bem, seria tentador comparar esta palavra com *moradea*, por causa da relação de *morada* com *pousada*.

mordomo da curia. — Cf. G. Barros, I, 585-586.

mormulha, memoria. — Exacto? Ou estará aqui *moimenta*?

mortullas. — Bem lida a palavra? Não será *mortalhas*?

mostêa, carrada. — S. v. «fisco, I» vem outro texto com esta palavra. C. de Figueiredo dá ainda *mosteia* como do Minho, no sentido de carro.

mostil. — Viterbo define ás vezes palavras, baseando-se em etimologias inexactas que propõe, como deve ser o caso aqui.

moyer. — Nunca foi palavra portuguesa antiga. Ou é de Hespenha, ou deve ler-se *moller* = *molher*.

mozmodis. — Cf.: Dozy, *Glossaire*, p. 311; e Yanguas, *Glosario*, pp. 460 (onde remete para o P.^o Viterbo), e 440 (macomutina, mazmodina, etc.).

munga, monja. — Por *monja*, com *g=j*, e *u* por *o*, do que ha outros exemplos.

musaria. — Vid. uma nota de Ribeiro, e as *Orden. Afonsinas*, II, p. 34 (Coimbra 1786).

musitaçom, voz baixa, etc. — Cf. em lat. *mussitatio*, -onem.

muzlemo, rustico. — Cf. Dozy, *Glossaire*, p. 323, que cita Berganza, a quem provavelmente o P.^o Viterbo tomou o vocabulo, como outras vezes fez.

N

nabão, direito pago por pescadores. — Outros exemplos: *Inquisit.*, I, 104 (*de navao*), 518 (*navaos*), etc. — Porque é que o P.^o Viterbo nasala a palavra, tanto mais que logo adiante tem *nabo* como titulo de outro artigo?

nascer hida. — Seriam necessarios outros textos.

navas. — A definição que dá o P.^o Viterbo é arbitraria; aonde foi ele buscar os bosques? Cf. REW, n.^o 5858. — Palavra esteriotipada na toponomia.

neguum (no *Dicc. portat.*). — Cf. outro ex. em J. P. Ribeiro, *Dissert.*, I, 284; *neguum omem* (1255). De nec unu-.

nehua. — Lede *nehua*.

nemú. — Lede *nem u* ou *nehũ*. Viterbo não cita os textos. No primeiro caso seria «nem onde», no segundo «nenhum».

niu. — Lede *nũu* ou *niũ*: «nenhum».

Noane, João. — Cf. *Sanoane*, nome de lugar, a par de *Janhoane* < *Sã Joane*.

nomeada, moeda. — Vid. o que escrevi em *Da Numism. em Portugal*, pp. 83-84.

novea. — Cf. *Lições de Filolog.*, 2.^a ed., p. 98. No mesmo artigo menciona Viterbo *pam anneveado*. Deve ser *anoveado*: cf. *anoveas*, supra. Em G. Barros, III, 37: *noveado*.

Numam. — Da inscrição romana que traz o P.^o Viterbo, e foi depois transcrita no *Corpus*, II, 432, falo nas *Religiões da Lusit.*, II, 185 (infelizmente, por erro tipografico, ha um N de mais na transcrição da linha 1.^a da mesma).

nuncás. — Lede *nuncas*; com -s adverbial.

nuncío, luctuosa. — Vid. tambem Herculano, *H. de P.*, IV, 297.

O

Oannes. — Artigo inteiramente descabido.

obsia. — Esta palavra vem de absida, fôrma paralela a absis, apsis: -idis. A fôrma culta portuguesa *abside* ou *apside* não deve pronunciar-se com acento no *a*, como quasi toda a gente faz, mas no *i*, por ser longo o *i* latino.

ochava, tributo. — Cf. Herculano, *H. de P.*, IV, 427-428. — Palavra originariamente hespanhola. Nos *Costumes e foros da Guarda* a palavra designa um objecto material, nesta

expressão: «quen ouuer a uender ou a comprar, leue sa *ochava dereyta* de concelho. E quen *ochava dereyta* de concelho não teuer, peyte, etc. E os alcaydes fazan fazer 11 ochavas dereytas, e ponhan a 1 a Sancta Maria, e outra a San Martinho e a estas afeyran todallas outras»: *Leges*, II, 11. *Ochava dereyta*, isto é, «aferida».

olga. — O étimo proposto no Suplemento é fantastico. Esta palavra vive ainda na Beira.

omiziam. — Plur. *omiziões* nas *Leges*, II, 20, sec. XIV ou XIII.

omiziero. — Outro texto nas *Leges*, I, 601.

ordiaiyo. — Lede *ordãairo*.

ordinar. — Póde ser *ordiar*.

orgo. — Lede *orjo*.

osas. — A relação etimologica que estabelece entre *osa* (cobertura dos pés e das pernas) e *osculum* é absurda, pois *osculum* é palavra latina, e *osa* deve relacionar-se com a palavra alemã *Hose* «calças». — Do tributo de que fala Viterbo, pago pelas mulheres que se casam, e sobretudo pelas viuvas, temos outro texto: *Inquisit.*, I, 135 (... *vidue debent dare osas maiordomo* ...), etc. Vid. também: Herculano, *H. de P.*, IV, 297; G. Barros, III, 861 sgs; e ultimamente Gonçalves Cerejeira na *Bíbls*, III, 465.

ou, ao. — Outro exemplo em J. P. Ribeiro, *Dissert. chron.*, I, doc. 68, de 1298.

ou, onde. — Ha aqui êrro evidente de *u* por *n*. Cf. astur. *on*, prov. *on*. O nosso *on*, ou é paralelo a *en* (unde > *on*, inde > *en*), ou abreviatura de *onde*: em qualquer dos casos significa «dónde».

ousia, capela-mór. — O étimo dado pelo P.^o Viterbo é inexacto. Vid. *obsia*, supra. E cf. *Demanda do santo graal*, p. 40.

ouvo, -os, ovo, ovos, sec. XV e XVI. — Talvez tenhamos aqui apenas notação ortografica: *ovuo*.

P

paateira, pãdeira. — Assim define Viterbo, mas resta saber se a definição é boa. Cf. *paateiro* logo a seguir, como titulo de outro artigo. Ora dá-se a coincidência de no artigo s. v. *paateira* o texto ser: *a paateira e carniceiros*, 1300; e no artigo s. v. *paateiro* o texto ser: *assi como paateiros ou por-*

teiros ou carniceiros. É pois provavel que entre *paateira* e *paateiro* só haja diferença de genero.

paco (no *Supplem.*). — A relação entre este nome e *Paca* (nome antigo de Beja) é absurda.

paço. — Vid. a nota de J. P. Ribeiro.

padecimento. — Vid. a nota de Inocencio á 2.^a edição.

padeliças. — Viterbo não justifica a definição que dá.

padronadiga. — Acentue-se o segundo *a* (padronádiga).

palacio, III: casa de qualquer vassalo, com tanto que fosse nobre. — Acerca de *palacio* e *paço* vid. A. Sampaio, *As «villas» do N. de Portugal*, p. 57-58, e 131.

palha (no *Supplem.*). — O que o P.^o Viterbo diz (simbolismo juridico) parece referir-se só a costumes de fóra.

palhatorio. — Deve ler-se *pallatorio*.

pallatorio. — De *parlatorio*.

pam meado. — Neste artigo acentua Viterbo *eyradêga*; leia-se porém *eyrádega*.

panho, pano. — Se o texto é português, entenda-se *panno*.

papel. — Acerca do assunto vid. «*O Papel*, como elemento de identificação», por Athaide e Melo (Biblioteca Nacional), Lisboa 1926.

parada. — Cf. Herculano, *H. de P.*, IV, 148, nota 1. Nas *Leges*, pp. 425, 437, temos outros textos. No proprio *Eluc.*, s. v. «jantar», se lê: *ipsam paradam vel jantarem; pro parata, quod vulgo dicitur jantar*.

para-mentes. — Cf.: *Lenda de Barlaão*, ed. de V. Abreu, p. 18, 20, 21; os meus *Textos arc.*, 3.^a ed., p. 184, col. 2.^a; e Pidal, *Mio Cid*, *parar mientes a* «fijar-se en», pp. 760, 785. Em *mentes* temos o plural do subst. *mente*: *parar mentes*, dar atenção; tambem no plural dizemos «dar os seus cuidados a», «objecto dos meus cuidados», com quanto bastasse dizer «cuidado». Já Moraes, s. v. *mente*, diz: «*parar mentes*, reparar bem, examinar, atentar».

paranho, honrá, conto. — No doc., que Viterbo cita, deverá ler-se *paramho* = paramio, e não *paranho*, pois *paramho* apparece muito em docs. antigos: cf. D. Carolina Michaëlis, *Randglossen*, I, 22-23, e ainda hoje temos *Paramio* como topónimo no concelho de Bragança, e, a par com *Paramios*, na Galiza. No *Elucid.* lê-se tambem *paramo*, e bem assim em Fortunato de Almeida, *Hist. de Portugal*, I, 22-23: das *Orden. Afonsinas*, liv. II, tit. 65, § n.^o 10. A confusão que Viterbo fez entre *paranho* (paramho) e *paramo* ou *paramio* havia tambem já sido

feita nas *Inquisit.*, I, 19, onde mencionando-se Sancto Laurençio de *Paramios*, se cita em nota a variante *Paranhos*. Effectivamente ha *Paranho* e *Paranhos* em várias regiões. Em resumo: *paramio* ou *paramo* é uma cousa; e *paranho* é outra diferente ⁽¹⁾. A estas duas ideias correspondem na toponímia: *Paramio-Paramios*, e *Paranho-Paranhos*. Na toponímia ha igualmente *Parâmos* (Aveiro), que corresponde ao primeiro grupo, e *Paranhão-Paranhô*, que corresponde ao segundo. Como illustração do assunto acrescentarei que na Hespanha ha o topónimo *Páramo* (Burgos) e *Páramos* (Galiza), que provavelmente provêm da palavra iberica *paramus*, que aparece no *Corpus*, ainda hoje em hesp. corrente *páramo*. Em Portugal existe *Paramó*, *Paramô*, que serão deminutivos de *paramus*.

pardo. — Cf. *Antroponímia*, p. 152, nota 1, ainda que eu não ligo grande peso á hipotese que aí apresento.

paredeiro. — Vid. RL, VII, 72 (= *Opusc.*, I, 551).

partija. — Incerto.

passal, medida. — João Pedro Ribeiro, *Dissert.*, IV-2 (2.^a ed.), diz: «Em hum unico doc. achei accrescentado á medida *passal*: manu erecta supra caput, o que parece designar a altura de um homem, contando tambem a altura da mão levantada». Pag. 136. Temos aqui um muito curioso modo de contar, de character primitivo, como outros que se baseiam na extensão ou disposição de partes do corpo humano.

pea, pena. — Póde ser assim, ou *pêa*. Num doc. do sec. XIII, no *Instituto*, XLVI, 946, lê-se respectivamente *so pêa*. Nas *Flores de dreyto*, ed. de Merêa, porém, *pêa*, p. 29, etc. — O artigo viterbiano, que se segue a este, epigrafa-se: *pear*, castigar, com remissão para as *Ordenações Afonsinas*; e o seguinte: *peadoiro*. Sem duvida *pêa* podia dar *pea*, como *cêa* deu *cea*.

(1) No concelho de Celorico da Beira chama-se *paranho*: 1) á cobertura de um cortelho, feita de gestas, com disposição não cónica; 2) á lenha que se amontoa num pátio sobre duas paredes paralelas, apoiadas em traves ou caibros, a qual serve para se queimar na cozinha, e se vai reformando á maneira que se vai gastando (lenha quasi sempre de giestas). Cf. no Novo Dicc.: «*paranheira*, padiera ou verga da porta do forno (Minho)», e em galego *parañoa* «espacio detrás del hogar, con una piedra para sentarse la gente» (*Dicc.* de Valladares).

O ser de 1378, e portanto um pouco tardio, o doc. em que vem *pea*, pôde levar a crer que a forma esteja realmente já desnasalada.

peccar. — Emende-se em *pectar*, e no texto citado *pectavi*, como já fez o S.^{or} Epiphânio Dias. — Vid., quanto á data, uma nota de Inocencio á 2.^a edição.

peceno, -a: pequeno, -a. — Evidentemente está *c* por *q*.

pedida, ¹ (tributo). — Cf. *Inquisit.*, I, 12, 548.

pegorar, peyorar. — Com *g* por *y*, ou por *j* = *i*.

peitu. — Lede *peita*.

peixe-escolar. — Cf. uma nota de João Pedro Ribeiro nas *Dissert. chron.*, IV-2, 2.^a ed., p. 136.

peixotas. — Cf. *Inquisit.*, I, 330.

pelago. — É latinismo, pois vem em documentos latinos. A forma portuguesa é *pego*, de **péago*, *pêlago*, *pelagus*.

pelhos. — Lede *pel-hos* ou *pellos*.

pellioa, mulher rixosa (*Dicc. portat.*). — C. de Figueiredo, *Novo Dic.*, supõe estar por *peleôa*. Eu penso porém estar por *pelejoa* = *peleioa*, tendo-se tomado o segundo *e* por *l*, e estando escrito *i* = *j*; seria o f. de *peleção*, que não conheço, mas se deduz de *pelejar*; cf. *brigão* de *brigar*.

pelote. — Vid. uma nota de Ribeiro, e *Orden. Afons.*, liv. II, tit. 59, § 4.^o.

peneira d'antemaom, peneira fina. — Confirmação em G. Barros, III, 624, nota 2.

Penella. — Bastava que o P.^o Viterbo dissesse que *Penela* é diminutivo de *Pena*.

pentes lááres ou pentees laares, isto é, *pentêes*, como se lê no texto. — Como muitas vezes faz, Viterbo espraia-se em hipóteses infundadas, pois *lááres* está por *lääres*, isto é, *pecti-* *nes lanares*, de *lana* «lã». O texto não diz que fossem da cabeça!

perciçoeiro. — Por *percissoeiro*. Forma um tanto plebeia.

Perencia. — Não se funda em sufficiente documento.

perfia, I. — Cf. *Dipl. et Ch.*, n.^o 217.

pergamilheiro. — Talvez engano por *-nheiro*, pois ás vezes na escrita encontra-se *nh* por *lh*.

permedida, permidiva, perniviva (sic), o primeiro sável ou lampreia que saia no Tamega e no Douro. — Das tres formas indicadas por Viterbo, e encontradas em tres documentos que cita, é a segunda, *permidiva*, a melhor, pois corresponde a primitiva. E vid. *primariças* no proprio *Elucid*. Cf., quanto

ao sentido, e um pouco quanto á fôrma, *primicias*. As outras são deformações de escriba, ou devidas a etimologia popular. Em todo o caso *permidiva* não é continuação directa do latim vulgar, por não acabar em *-ia*. Cf. *Primitius* no *Corpus*, II, 319 (= RL, XXV, 17), em vez de *Primitivus*.

peroom. — De prono, com suarabacti de *e*.

perpunto, capa militar. — Cf. «Maria Fernandi, a *perponteira*», nas Inquis. de Afonso III, p. 393: isto é, a que faz *perpontos*.

persigal, pocilga. — Correspondendo a palavra *pocilga* a *porcilica (de *porcile), que muito que se formasse outro derivado, *porcilicale, que explicava *persigal*, isto é, *percigal*? Viterbo escreveu *s* porque tomou de outiva a palavra em Alcobaça, e não em documento. Diz ele que de *persigal* veio *persigo*, «carne de porco já assada». A definição não estará exacta: cf. *Opuscul.*, II, 112, e M. Boaventura, *Vocabular. minhoto*, s. v. «apresigar»; esta palavra relaciona-se certamente, não com a primeira, mas com *prehensus* ou *prensus*: *pre(n)sicare > *presigar*, d'onde saiu o substantivo verbal *presigo*. Depois Viterbo fala tambem de *apeguilhar* (*apeguilho*), vocabulo da Beira: comer carne de porco com pão; mas *apeguilhar* deve ter provindo de *apegar*.

pés, peixe. — Não me parece que seja uma palavra; talvez abreviatura.

pesante, moeda. — Vid. *Da Numismatica em Portugal*, p. 84, e cf. *frisante*, supra.

pescota, pescada. — Lede *pexota* (peixota).

essoadego (acentuado o *e* no *Dicc. portat.*). — Lede *essoádego*. Viterbo acentua sempre esta terminação, como já temos visto, quando o que é certo é que ela vem de -áticum.

essoadigo. — Acentue-se tambem o *a*, pois a palavra é a mesma que a antecedente.

pressoeiro, cabeça de casal, etc. — Nas *Flores de dereyto*, ed. de P. Merêa, *pressoeyeiro*, p. 26 (fôrma semi-popular), que corresponde, quanto ao sentido, ao lat. *procurator*: ibidem.

petegar, cortar de rijo com um machado. — Moraes aclara: com a *peta* do machado, pois *pêta* é a parte saliente das costas do podão. Tambem ha *pêto*.

petintal, calafate, etc. — Cf. *Leges*, p. 476 (*pintyntal*).

péyouga, pé de porco. — O texto citado por Viterbo diz: «*peyouga do cyoado* (1304: Bragança). A ultima palavra deve

emendar-se em *cycado* «cevado». A primeira não parece também estar exacta.

picota, pelourinho. — Ha muitos textos; por exemplo *Leges*, p. 744.

pilarte (*Suppl.*). — O pilarte era de *bolhão*, não de *prata*.

pinaça, embarcação. — Cf. *Leges*, p. 663.

pindra, penhor. — Cf. *pindre* nas *Leges*, p. 663, e *pendrar* (penhorar), *ibid.*, p. 418, e em português moderno *prender*.

pipiam, moeda. — Vid. *soldos pipiones* em T. de Aragão, *Moedas de Portugal*, I, 19 e 155.

poner. — Lede *põer*.

Ponte pedrinha. — Ha varias povoações e sitios com este nome (cf. *Eira pedrinha*): *Pedrinha* é adjectivo. *Ponte pedrinha* por opposição a *Ponte das taboas*, por exemplo, sobre o rio Barosa, no concelho de Tarouca; ainda em pequeno a vi, desmantelada, sem já por lá se poder passar.

pôr tentações. — Vid. nota de J. P. Ribeiro,

porrina, porrinha. — Cf.: Herculano, *H. de P.*, IV, 378; *Leges*, p. 373.

portadigo. — Outra acentuação errada, em vez de *portádigo*.

portático. — A data de 1279 é errada, em vez de 1179. Já Inocencio justamente a emendou na 2.^a edição. O doc. é de Fernando II de Lião, e este reinou de 1157 a 1188.

portazem. — Êrro por *portagem*.

portello. — *Leges*, II, 15.

pousa, aposentadoria do cobrador real. — Nas *Leges*, 693, diz Afonso III: «salua . . *ipsa mea pausa* cum meis casis de Prado».

pousada. — Cf. Herculano, *H. de P.*, III, 84 e 418. Nas *Leges*, no foral de Urros: non dent *pousada*, p. 418; no de Celorico da Beira, non dent *pousada*, p. 445; etc. A palavra, além do sentido que tem nesses textos, tem outro no seguinte: «a Dona Abril doou todo o concelho de Numão huma grande herdade . . ut faciatis ibi moratam et *pousatam*»: *Elucid.*, s. v. *visinho*.

pousadouro. — Ha, de facto, vários lugares no N. e Centro assim chamados, e no plural.

pragamyó. — Lede *pragamão*.

prazentim: mercadores *prazentins*, o mesmo que estrangeiros. — São de Placencia (Italia), nota de J. P. Ribeiro. E cf. *Orig. do povo portug.*, p. 18.

Prazida. — Na edição da *Cronica do Conde D. Pedro*, feita na *Collecç. de Ineditos da Hist. Portug.*, o capitulo que corresponde ao citado por Viterbo é o 81 do liv. 1: o texto vem a p. 477.

pregallas, pregações feitas ao povo (*Dicc. portat.*). — Já J. J. Nunes, *Gram. hist.*, p. 149, nota 2, emendou justamente em *pregalhas*. Outro texto: «a vosso rogo, a vossas *pregalhas*», isto é, a vossos pedidos (sinonimia vulgar em docs. antigos), sec. XIII, nas *Dissert. chron.*, v (2.^a ed.), 356.

preregalhas, suplicas. — Deve ser erro por *pregulhas*, vid. supra. Por influencia de *pre-* repetiu-se *re-*.

prestimonio. — Cf. *Leges*, p. 724.

presuria. — Cf. G. Barros, II, 11-13, 60-62, e Nota II no fim do volume.

preto (*Suppl.*). — Cf. Aragão, *Moedas de Portug.*, I, 166, nota 3.

prigom. — Lede *prijom*.

principe, de algum territorio, rico-homem, etc. — Outro exemplo: *Principe de Celorico*; vid. *Dissert. chron.*, I, 277.

prividas, particulares; *pessoas prividas*. — Suponho que deve ser erro por *privadas*.

prouguer. — Não é infinitivo, é futuro do conjuntivo. Já emendei na RL, VII, 308.

provinco. — *Leges*, 268 (parente). Já noutro lugar tem Viterbo *pervinco*. Do lat. *propinquus*.

pudaduyra. — É outro exemplo de *u* por *o*: *podadoyra*. Cf. no *Elucidario*: *depus*; e *pus*, s. v. «molleira».

pulgeco. — Certamente erro por *público*, vel simile. Cf. *pulvigo* noutro lugar do *Elucidario*.

punar, pagnar, numa carta de D. Denis. — Lede *punhar*, de que ha outros exemplos no *Cancioneiro* do mesmo Rei.

purgamilheiro, o que compõe ou vende pergaminhos. — Este artigo é igual ao que tem o titulo de *pergamilheiro*, e a palavra já foi discutida supra.

puzal. — O *z* vale por *ç* (*puçal*, mencionado noutro lugar do *Elucidario*).

Q

quabeça, cabeça. — O *qua* valia *ca*. E o mesmo se entende de outras palavras. O *u* fazia corpo com o *q*. O mesmo se pôde aplicar a *quo* em vez de *co*.

quebrada, II e IV. — G. Barros corrige na sua *Hist. da adm.*, III, 835.

queixo, queijo. — Será *x* por *j*. Contudo no Alto Minho dizem *queijo* no sentido de «queixo».

R

R (3.º artigo). — Saiu por êrro tipografico *rocatizein* em vez de *rotacizein*, infinitivo de ρωταίζω (neologismo).

rabalha. — Vid. a nota de J. P. Ribeiro.

rabiável. — Vid. a fulminante nota de J. P. Ribeiro.

rabudos. — Vid. a nota de J. P. Ribeiro.

rallan. — Em vez de *real*, talvez escrito originariamente *rreal*, etc., pois *rallan* não é nada.

ramada. — Vid. também *Inquisit.*: I, 91, col. 1; 152, col. 2; etc.

rancoura. — Ou melhor *rancura*, como se lê noutro lugar. Cf. Herculano, *H. de P.*, IV, 196, nota 1.

ranhoad, fressura. — Diz J. P. Ribeiro, *Dissert.*, IV, 2.ª parte, 2.ª ed., p. 138, que ser *ranhoad* fressura não se prova, e que esta palavra só a achou no doc. citado por Viterbo; todavia eu acheia-a também nos seguintes textos: *Inquisit.*, I, 7, col. 1, *ranoadas* de cabrito, em texto latino; p. 12, col. 2, *ranuadas* de cabrito. Nas *Leges*, I, 473: *raniada* de cordeyro, var. *ranhoad*.

rapazia (*Dicc. portat.*). — Não se pôde aceitar sem mais o que o A. diz.

rascar, das vozes, etc. — Nas *Leges*, 425 (foral de Urros): «si fuerit puella in capillo aut cum touca et venerit *rascando per illa cal*» (*cal* «rua». O foral tem influencia hespanhola na linguagem).

raso. — Diz Viterbo: «*raso*, medida ou alqueire, que, segundo o *Censual dos vot(ões) do Porto*, leva $\frac{3}{4}$ de alqueire corrente, menos $\frac{1}{2}$ çalamim». Mas nas *Inquisit.*, I, 129 (Aguiar de Riba de Lima), lê-se: «... dant pro fossadeira ... j. alqueire a *raso*».

rausador. — O «antiquissimo poema da perda de Hespanha», isto é, o célebre poema de Cava, de que o P.º Viterbo fala, ninguém já hoje o cita, por ser apócrifo.

ray'a, rainha. — Entenda-se: *raña*.

royal, real. — Lopes Fernandes, *Moedas*, p. 49, referin-

do-se ao texto viterbiano, transcreve *royal d'ouro*, por se referir a moeda francesa.

real. — Vejam-se as notas de L. Fernandes á 2.^a ed. do *Elucidario*, e sobretudo Aragão, *Moedas*, indice.

rebentina. — Vid. *rebentinha*.

rebora, I a IV, e **reborar.** — Cf. as minhas *Lições de Filologia*, 2.^a ed., p. 79-86.

reconecer. — Lede com *nh*.

rega. — Deve ser erro em vez de *regra*.

regaengo. — Do assunto tratou desenvolvidamente G. Barros, III, 462 sgs.

relhinquir. — Deve estar em vez de *relinquir*, que também no *Elucidario* encabeça um artigo.

render, pagar rendas e pensões. — Também por «arrendar»: *banhos rendados*, sec. XIV, nos *Archivos de hist. da Med.*, VI, 157.

resaiu, rocio. — Talvez em vez de *ressiu* (ressio).

reto, desafio, etc. — Cf. Herculano, *H. de P.*, IV, 375.

rigo. — Pronunciai: *rijo*.

rotela, rompimento. — Cf. *Leges*, p. 362.

ruxoxô, voz com que se enxotam as aves. — Isto é, *ru-xô-xô*. Cf. *Trad. pop. de Portugal*, p. 166.

S

sacaria. — Viterbo refere-se á Cronica de D. João I, por Fernão Lopes (I, cap. 91), mas na ed. de Braancamp Freire lê-se *sajaria*.

Sacramor (*Dicc. portat.*), nome de homem. — No *Memorial* de Jorge Ferreira de Vasconcellos lê-se *Sagramar*, rei cavalheiresco e lendario.

sal finto. — Vid. a nota de J. P. Ribeiro.

salvagina. — Vid. a nota de J. P. Ribeiro.

Sandeto, bispo, sec. X. — O doc., de que Viterbo se serviu, foi depois publicado nos *Dipl. et Ch.*, p. 48, linha 3, e aí se lê *Sandecus*, com a var. *Sandetis*. O P.^o Viterbo faz no artigo muitas considerações impertinentes.

sanhoanesios. — Vid. uma nota de J. P. Ribeiro. Cf. *Leges*, p. 192.

Sanomede. — Suponho não será *Sã Omede*, mas *Samamede*.

santoane. — Vid. a observação de J. P. Ribeiro.

sayom. — Acêrca do «antiquissimo poema da perda de Hespanha» falou-se supra, s. v. *rausador*; e vid. já tambem o que disse J. P. Ribeiro nas *Dissert. chron.*, I, 181.

scaan, certa medida. — Nas *Inquisit.*, I, 543, lê-se *scaa* (=scãa) *butiri*, isto é, «de manteiga».

scolfito, vaso *scolfito*, que tem scultura. — Deve ser *scolpito*, do lat. *sculpere* (*sculptus*).

scorzo, corticeira, vasilha de cortiça (*Dicc. portat.*). — Cf. *Inquisit.*, I, 543, col. 1.º (1258).

secunda. — Diz J. P. Ribeiro que é mais natural entender-se por centeio.

see. — Diz Viterbo que *seer* faz no imperativo (quis dizer: conjuntivo) *segaa*. Claro está que *g* vale por *j* aqui.

seenda. — No fim do artigo lê-se: «O hespanhol diz *senda* por *entrada*, ou caminho». Erro tipografico por *estrada*.

segitorio. — Entenda-se *sagittario* ou *sagitario*.

sem, não. — O texto é: *sem declarando*, melhor seria traduzir por «sem declarar», pois temos aqui *sem* com participio. Cf. Epiphanio Dias, *Synt. hist.*, p. 250.

Sem, sobrenome de familia. — Viterbo tira de *Senso* ou *Acenso* a palavra. Num dos documentos, que cita, lê-se *Joham d'Osem* (sec. xv), o que destroa a hipótese.

semedeiro, caminho estreito. — Não de *semi-iter*, como o A. diz, mas de *semitarius* (de *semita*). Cf. hesp. *sendero*. — Talvez a nossa palavra seja *sendeiro*.

senhos. — O proprio Viterbo dá outro exemplo d'esta palavra s. v. *alganame*, sec. XIII.

Sepulcro. — Menciona Viterbo o rio *d'Om*. Acêrca d'este nome vid. a minha obra *De terra em terra*, I, 154-155.

sergente. — Vid. *Leges*, p. 357.

sêriga. — Já Candido de Figueiredo emendou no *Novo Dicionario* para *sêsiga* (sêssiga).

serviçal. — Vid. *Leges*, 462 (*servicialis*).

séssega (sêssega), assento .. não só de qualquer edificio, mas tambem de arvores. — J. P. Ribeiro, *Dissert. chron.*, IV, pt. 2.^a. 2.^a ed., p. 140, anotou que *sêssega* se chamava o direito que tinha o dono de uma arvore em terra alheia de plantar outra, mas Gama Barros objectou, em conversa comigo, que o que diz Viterbo está bem, e que o que diz Ribeiro está mal. O proprio Ribeiro fala de *sêssega de moinho*. Vid. tambem Herculano, *H. de P.*, I, 539 (nota XXI do fim do volume).

sesmar, repartir as terras que deviam ser dadas de

sesmaria. (*Dicc. portat.*). — Cf. *sesmo* e *sesmar*, no *Suppl.*, s. v. *dizima*; e no Alentejo *sêsmo* «limite».

sesmaria. — Cf. Herculano, *H. de P.*, IV, 243 sgs.; e G. Barros, III, 699 sgs. Da etimologia de *sesmo*, etc., tratei nas *Lições de Filolog.*, 2.^a ed., p. 300. A data «1475» do doc. citado por Viterbo a p. 320 está errada (G. Barros, III, 709, nota 1); provavelmente, digo eu, é «1415», tendo-se tomado «1» por «7».

sipres, simples. — Lede *sîpres*.

sobrelhas, sobre as. — Por *sôbrelas* ou *ôbrellas*.

sobresever. — O doc. diz *sobresevéram*, que é preterito-perfeito de *sobreseer* ou *sobresseer*, e Viterbo fez de *sobresever* erradamente infinitivo.

soeira. — Quanto á fôrma, cf. *solaria* em Du Cange.

soffraganya. — Pronunciai *soffragãia*, pois falta til, como o S.^{or} Epiphanio já lembrou. Neste doc. menciona-se *Santo Tisso*, que na 2.^a ed. Inocencio pergunta se deverá ler-se *Santo Tirso*. Não, porque *Tisso* é fôrma arcaica, foneticamente regular, e bem documentada: cf. *Antroponimia*, 533.

soeira, officio de caçador de coelhos, a que chamam *espera*. — Cf.: «conilarius qui fuerit ad *sogeiram*», nas *Leges*, p. 407, col. 1, e «coelheyro que for a *sugeyra*, e aló maer», p. 408, col. 2, o que se repete a p. 713; «coelheiro que for a *çugueira*, e alá dormir, dê um fole de coelho», p. 642, col. 2. Etc.

solairo. — Lede *salairo*.

solam, prazer. — Deve ser *solaz*.

solar. — Em dois sentidos tomou o P.^e Viterbo a palavra *solar*: 1) berço de familia nobre; 2) herdade etc. em que seu dono tinha homens assalariados. Sobre o sentido d'esta palavra vid. tambem: Villasboas, *Nobiliarchia port.*, 1.^a ed., p. 148 sgs. (cap. 16); e Godoy y Alciolára, *Apellidos*, p. 47 e nota.

solaroso. — Emende-se em *solazoso*, pois vem de *solaz*. Cf. ainda em hesp.: *solazoso*.

soldo. — O soldo entre nós era moeda de conta, e não efectiva.

sortelas, I e II. — Lede com *lh*: cf. os meus *Opuscul.*, I, 566.

spremuntar. — No mesmo doc. em que se lê *spreguntar*. Provavelmente erro em vez d'esta palavra: com *m* em vez de *g*, por influencia do *m* de *spreguntamos*, pois o verbo se cita na 1.^a pessoa do plural.

stevadamente. — Cf. a nota de J. P. Ribeiro.

subricio. — O nosso A. faz neste artigo uma das suas frequentes e pouco apreciáveis divagações. Se Viterbo, a propósito de *gallinarius*, diz que esta palavra pôde ser alteração de *gillonarius*, official palatino no tempo dos Godos, porque é que insiste em explicar literalmente *gallinarius*?

subrregano. — Cf. *Inquisit.*, I, 133, col. 2.^a, onde vem tres vezes *subregao* (sem til).

summario, besta de carga. — Cf. em fr.: *bête de somme*.

T

talha de fuste, cavaco ou ramo em que se gravavam sinais, como documento de divida, ou recibo. — É uma das formas de escrita, de character primitivo, de que tenho reunido muitos exemplos portuguezes. Em Trás-os-Montes chamam a estes objectos *talas*, os quais são destinados a marcar coimas do gado. Cf. *Hist. do Museu Etnologico*, p. 235-236.

talhante. — Lede *talante*. Cf. os meus *Opuscul.*, I, 567.

talho de peixes. — O foral de Atougua, a que o P.^o Viterbo se refere, foi depois publicado nas *Leges*, p. 452. Explicar *tuphis* por *thunus* é absurdo. O A. é quasi sempre infeliz nas explicações etimologicas, porque muito gosta de explicar.

tambeira, e tameira, madrinha das esposadas, sec. XIV, e ainda no tempo do autor. — De *tamo* ou *tumbo*, como este diz. Étimo: *thalamus*. O *b* explica-se como em *tombo* (arquivo etc.) de *tomus*, e em *primbo* (pop.) de *primo*.

Tampelo. — Pronuncie-se *támpelo* (Templo).

tausar. — Foneticamente explica-se bem por taxare, embora devamos admitir que não provém dos primordios da lingua, senão terminaria em *-eizar*.

teeya, tinha. — Entendei *teeia*.

tegeremo, trigessimo. — Certamente é palavra não bem lida; talvez abreviatura.

telga, em seis artigos. — Cf. *taiga*, 1224, nas *Leges*, p. 600, e *ataigar*, supra, s. v. «ateigar».

tempam, tempo. — Não haverá erro de leitura?

terradeço, terradigo. — O acento tónico é no *a*. Vid. sobre a materia: G. Barros, III, 473, nota 2. E cf. *Inquisit.*, I, 128, col. 2.^a, sec. XIII.

terreo, terra inculta, etc. — Póde ser que seja *terrêo*, palavra arcaica já conhecida.

testaçom. — Cf. *testazom britada* nas *Leges*, p. 628.

testemoyo. — Entende-se que *y* tinha til.

tia. — Entende-se *tĩa*.

tiraz. — Cf. *pannos tirazes* no *Dipl. et Ch.*, n.º 168.

todolhos. — Lede *tódolos*.

tômboro: «no dialecto da Terra de Bragança era antigamente o mesmo que *comoro*». — De *tumulus*, no sentido de «eminencia de terra». Abstraindo do *t*, a relação fonetica é a mesma de *cômore* com *cumulus*.

tornar hi. — Cf. *Dissert. Chron.*, II, 247 (D. Denis).

trabolar. — Deve ser má escrita de *traballar*.

tralhado. — Isto é: *trallado*.

trastempar, passar além do tempo. — Cf. *tras tempo e tempo traspassado* nas *Leges*, II, 25; e no Canc. da Bibl. Nac. (ant. CCB), 397:

ca passou temp'e *trastempados* son.

trebelhos, peças de jogo de xadrez; jogo, desenfado, etc. — Cf. *Demanda do santo graal*, p. 14: como rey Artur fez armar o *trabelho* em campo de Camaalot; como el rey partio aquel *trebalho* (trebelho).

trebolas. — Cf. G. Barros, III, 632, nota 5.

troucar, trouciar. — Cf. *Leges*, p. 465 e 601.

troxel. — Cf. *Leges*, pp. 261 (*trosello*), 427, 371 (*troseleiro*).

V

varga. — O *g* vale *j* aqui.

vassallo. — Cf. também Fortunato de Almeida, *H. de P.*, I, 379.

vedro, vala, tapume. — Infelizmente o P.º Viterbo não menciona nenhum documento.

veiza, hortaliça, etc. — Emende-se em *verza* «verça».

venda, percentagem que se pagava. — Cf. G. Barros, III, 596, nota 1.

vendima, vendimha. — Pela segunda fôrma entenda-se *vendímia*.

ventes. — É participio do presente, no plural: lat. *vi-dentes*.

verede. — O doc. em que o P.º Viterbo se funda vem nos *Dipl. et chart.*, n.º 53, p. 31; mas a etimologia que ele dá, e a

explicação baseada nesta, não vejo que fundamento tenham, ainda que *verede* se leia *vérede* (viride).

vermem. — Leia-se *vérmem* («verme»). Cf. em ital. *vérmine*.

vessada. — O P.^o Viterbo propõe freqüentemente, como já sabemos, várias explicações de uma palavra. No presente caso, a primeira é que é a boa (versata). Cf. *Inquisit.*, I, 544; e G. Barros, III, 847.

via. Preterito de *venia*. — Lede *vīa*.

via e vīa, vinha. — Lede: *vīa* e *vinha*.

vida, direito que consistia numa porção de victualhas para o rei. rico-homem, etc. — Cf. Herculano, IV, 148, nota 1. Outro exemplo: .. se el Rey for a Toy (Tuy) .. darẽm li meio maravedi et *vida* [para a mesa d'ele] e cevada [para os cavalos], *Inquisit.*, I, 308, e seguem-se outros exemplos. Vid. a mesma collecção, p. 125, 307, 313.

villiar, desprezar. — Emende-se em *viltar*. Cf. o proprio *Elucidario*, s. v. *villa*, e *viltança*.

viner. — Vid. RL, VII, 309.

vinho mole, mosto. — Cf. *Inquisit.*, I, 325, sec. XIII.

vio, 1308. — Lede *vīo*, como o S.^{or} Epiphanio já emendou

viso. — Vid. a nota de J. P. Ribeiro.

untre, «entre». — Cf. noutros textos antigos *ontre*. Se não ha erro de letra, isto é, *u* por *e*, temos ali *u* por *o*, como já vimos noutros artigos.

volta, briga. — Cf. *Leges*, II, 3 e 4. — Cf. *revolta*.

voz e coima, VII. — Cf. *Inquisit.*, I, 3, col. 1.^a: *cum voce et calumpnia*.

vozeiro, advogado, etc. — Cf. nas *Flores de dereyto*, p. 17 (ed. de P. Merêa): .. uozeyros .. en latin advocati ..

uxi. — Isto é: *u-xi*.

Y

yxeco, molestia, etc. — Vid. *execo*.

Z

Zaadona, senhora, mulher livre, forra, ingenua. — Para dar esta definição alega o P.^o Viterbo um doc. de Salzedas, de 1258, que diz: «Se quiser ser Zaadona Christiana, que a bapti-

zem, e lhe dem de vestir, e lhe fação bem». Mas é claro que temos ali: se *Zaadona* (escrava não batizada) quizer ser cristã, etc.

zegoniar. — Este artigo dá, só por si, exacta ideia do metodo que o P.^o Viterbo, por outro lado tão benemerito, falsamente e a miudo adopta nas suas obras, quanto ás ideias, e quanto ao estilo. — A proposito do que ele diz do uso de freio como castigo, vid. os meus *Opusculos*, I, 473-474.

Não farei deminuir os meritos de Viterbo, assinalados no comêço do presente trabalho, se eu acrescentar que temos visto no decorrer d'este: 1) que o autor do *Elucidario* tem pouca critica; 2) que architecta definições, partindo de etimologias arbitrárias; 3) que gosta de apresentar, ao mesmo tempo, várias hipoteses arbitrárias e desconexas; 4) que não raramente sái do seu campo especial, difundindo-se em invectivas morais, por exemplo, s. vv. *scola* e *vontades*, até parecendo ás vezes que está a fazer sermões. Ainda assim deixei de anotar muitas palavras suspeitas de não estarem bem lidas, por exemplo: *desarro*, *descadamente*, *tepés*, e outras que estão manifestamente mal ortografadas, mas que o proprio autor se encarrega de fazer seguir da lição boa, por exemplo: «*toler*, o mesmo que *tolher*». Aos êrros ou lapsos do *Elucidario* adicionou Inocencio na 2.^a ed., por exemplo, outro, fundindo num só artigo, s. v. *canhamação*, o que o P.^o Viterbo dissera em dois: s. v. *canhamação* e s. v. *canistel*.

*

Em todo o decurso do *Elucidario* transparece certa candura ou pureza d'alma, e certa idealização dos primitivos tempos e costumes da Igreja. O P.^o Viterbo era um *laudator temporis acti*! um fantasiador da perfeição da vida monastica! D'aqui nasceram as invectivas a que me referi acima, disparadas contra os abusos do clero e o luxo mundanal.

Além do valor lingüístico, a obra de que estou falando é indispensavel fonte de Etnografia, pois nela se mencionam muitos usos antigos que ao investigador do nosso *Folk-lore* importa conhecer. A obra seria ainda maior, se muitos vocabulos que aparecem nos textos, e não foram alfabetados na série geral, se adicionassem aos que o foram. Tambem o P.^o Viterbo dá noticia de muitos vocabulos dialectais arcaicos e modernos.

O *Elucidario* deveria sub-intitular-se de *palavras que antigamente se usaram*, e não *das palavras*, pois não estão lá todas, só algumas, embora muitas.

APENDICE AO TRABALHO PRECEDENTE

I

Correcções feitas ao “Elucidario,, por Epiphanio Dias

Nos magníficos «Excursos», que o S.^{or} Epiphanio Dias juntou á sua edição das *Obras* de Ch. Falcão, Porto 1893, edição de que o S.^{or} Theophilo Braga, aí justamente censurado, chasqueia sem reboço (1), ha umas dezenas de correcções feitas ao *Elucidario*, que devem ser tomadas em consideração por quem se abalança a reimprimir criticamente esta obra. Algumas das correcções mencionei-as já na 1.^a parte das minhas «Observações» (vid. RL, vol. XXVI), por exemplo, s. vv. *apeiro*, *badounas* (alfás *bandounas*), *breviorio*. Outras escapou-me mencioná-las, s. vv. *afruitenegar*, *antreluiado*, *ávi-*

(1) O S.^{or} Th. Braga, apesar de nos seus primeiros tempos de escritor haver publicado uma Gramatica portugueza, e de propor a cada passo nas suas obras explicações etimologicas (fantasticas! note-se de passagem), nunca perde ocasião de dizer mal da Filologia (porque não a conhece! já se vê). Também se tem metido a fazer edições de autores antigos, a que chama *criticas* («edições criticas», em sentido filologico, isto é, relativamente ao texto): e assim, fez uma das *Obras* de Falcão em 1871. O S.^{or} Epiphanio, na ed. a que me refiro no texto, notou muitos êrros naquela, e emendou-os. Th. Braga sentiu-se ferido, e procurou despicar-se, como costumava. Em 1915 fez nova ed. das *Obras* de Falcão, e a p. 187, referindo-se a Epiphanio Dias, diz que o texto se fragmenta aí «ao grado de variantes e anotações grammatologicas que prejudicam o encanto da leitura». Na *Atlantida*, ano I, p. 809, torna a falar d'essas «inuteis anotações gramaticais». Ora, sem as tais anotações, que tão rude e inconscientemente julga, o texto ficaria por vezes ininteligivel! Mas o mais curioso é o seguinte. Th. Braga na sua ed. de 1915 aproveitou todas ou

das, bragel, compoondor, consolar, cigo, pois as minhas correções fi-las espontaneamente; mas aqui fica reparada a omissão. Outras, emfim, vão notadas nesta 2.^a parte.

O S.^{or} Epiphanio, por se servir da 2.^a ed. do *Elucidario*, á qual Inocencio acrescentou arcaismos colhidos noutros vocabularios (como declara na advertencia preliminar), attribuiu

quasi todas as emendas que Epiphanio fizera em 1903 á ed. de 1871, por exemplo:

Edição de Th. Braga de 1871	Emendas de Epiphanio em 1903	Adopção das emendas de Epiphanio por Th. Braga em 1915
<i>serviam</i> , est. 12	<i>servirão</i> , p. 29	<i>servirão</i> , p. 69
<i>o fim</i> , est. 15	<i>a fim</i> , p. 31	<i>a fim</i> , p. 70
<i>virgula</i> , est. 18	corrige-se em «?»	aceita-se «?»
<i>disse</i> , est. 35	<i>dixe</i> , p. 42	<i>dixe</i> , p. 76
<i>diria</i> (2 vezes), est. 39	<i>dezia</i> , p. 44	<i>dezia</i> , p. 78
<i>he hi</i> , est. 45	<i>ha hi</i> , p. 48	<i>ha 'hy</i> , p. 80
<i>em outro tempo</i> , est. 49	<i>em outros tempos</i> , p. 50	<i>em outros tempos</i> , p. 81
<i>para</i> , est. 57	<i>pera</i> , p. 54	<i>pera</i> , p. 84
<i>em o sentir</i> , est. 64	<i>em sentir</i> , p. 57	<i>em sentir</i> , p. 85
<i>recca</i> , est. 68	<i>desseja</i> , p. 58	<i>deseja</i> , p. 86

O leitor que busque outras. — Por tanto: se Th. B. tinha como inuteis as correções, para que foi que as aproveitou? E se as aproveitou, porque foi que lhes chamou inuteis? Não póde sair do dilema.

porém sem razão ao P.^e Viterbo erros que este não cometêra, pois pertencem aos acrescentos de Inocencio, por exemplo: *demoes* (demões), *duicidoe* (-õe), *jazeo* (jazco), *tortozes* (tórtores).

II

ADITAMENTO ÀS «OBSERVAÇÕES»:

alças. — Cf. G. Barros, iv, 225, e nota 4.

arenzada, na 1.^a parte das «Observações». — Também em des. latinos de Hespanha: *arenzata* (sec. XI), etc., mod. *aranzada*, «primitivamente cantidad que se puede comprar por un arienzo»: Pidal, *Orígenes del español*, p. 279.

arenzo, na 1.^a parte das «Observações». — Cf. Jud in *Zs. f. rom. Philol.*, XXXVIII, 34.

boas «bens». — Já o S.^{or} Epiphanio emendou esta palavra em *bôas*, ed. de Falcão, p. 104.

bravidoe. — Emende-se em *bravidõe*, como o S.^{or} Epiphanio já fez, *loc. citato*.

cagem (no *Dicc. portat.*). — Emende-se em *cajem*.

capdal. — Cf. Herculano, *H. de P.*, III, 368, nota.

censo. — Cf. Herculano, III, 368, nota.

ciclatom. — O doc. mencionado na 2.^a ed. do *Elucidario* como de 1145, é de 1147, como eu disse na 1.^a parte das «Observações», RL, XXVI, 137, consoante está na 1.^a edição. — A respeito d'esta palavra vid. *Zs. f. rom. Philol.*, XLVII, 438, onde Dimitri Scheludko estuda a correspondente palavra provençal *sisclaton*.

coleiça, na 1.^a parte das «Observações». — Emende-se em *coleita* «colleita», como propõe o S.^{or} Epiphanio Dias, ed. de Falcão, p. 100.

colheiceiro. — Emendado em *colheiteiro* pelo mesmo sabio filólogo, *ibidem*.

decimas. — Vid. Costa Lobo, *Hist. da socied.*, p. 281, nota 1.

desamão, na 1.^a parte das «Observações». — É palavra mui usada, eu proprio assim digo frequentemente.

dieiro, «dinheiro». — Isto é: *dieiro*, como o S.^{or} Epiphanio também já emendou, *Falcão*, p. 104.

encarar, fazer concluso (o feito). — Leia-se *ençarrar*, como o S.^{or} Epiphanio, *loc. cit.*, emendou.

Eidaya (Idanha), na 1.^a parte d'estas « Observações ». — Emende-se em *Eidāya*, como o S.^{or} Epiphanio já fez.

nabão. — Com a variante *nabalum* lê-se nas *Inquisit.*, I, 34, *navaum* (= navão), e 114: *novao*. A lição *navaum* apparece tambem noutros lugares: vid. A. Sampaio, *Estudos hist. e econom.*, I, 329 (nota), 331, 334, etc. Mas cf. p. 339.

III

ERRATAS DA 1.^a PARTE:

— A p. 116, s. v. « Alcobaça », linha 1.^a do artigo, emende-se « inscrições *romanicas* » em *romanas*.

— A p. 124 imprimiu-se *badounas* em vez de *bandounas*. Esta palavra é do *Supplemento do Elucidario*.

— A p. 141, linha 30.^a, emende-se *do artigo* em *dos artigos*.

IV

Não pareça dos meus reparos criticos (mais uma vez o digo!) que desejo apoucar os reconhecidos meritos do P.^o Viterbo. Muito longe d'isso! Como poderia eu pensar em tal, se freqüentemente, e de ordinario com proveito, consulto o *Elucidario*? Criticar não é depreciar, é fazer esforços para atingir a verdade.

Lisboa, 1929.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

Sur l'origine de quelques coutumes portugaises populaires

I

Roulement sur le sol

Au Portugal, comme dans beaucoup d'autres pays, le roulement sur le sol est un des procédés de la médecine populaire; ainsi pour se débarrasser des maux d'estomac, il s'agit de se rouler sur la terre au moment où le coucou commence son chant ⁽¹⁾. Hermann Urtel, *Beiträge zur portugiesischen Volkskunde*, Hamburg 1928, 59, explique cette coutume comme un acte d'absorption de la force curative de la terre. Il est possible pourtant que le fond de l'usage en question consiste dans la tendance de faire passer au sol la maladie, envisagée dans la pensée populaire comme un principe matériel. La transmission de la maladie par contact à un objet quelconque est un procédé fort répandu dans la superstition primitive ⁽²⁾. H. Urtel présume (ib.) qu'en tout lieu et en tout cas le rite du roulement sur le sol se réduit à l'acte de l'absorption de la force de la terre (Kraftübernahme). Il repousse l'interprétation de Wilh. Mannhardt, qui voit dans ce geste un procédé de la magie agricole, dont le but est de communiquer de la fertilité au champ: l'homme qui roule représente l'esprit de la fertilité. Il me semble que H. Urtel confond deux actions différentes: le roulement comme moyen médical populaire de transmission de la maladie au sol et le même mouvement comme magie de fécondité, qui consistait autrefois dans le rapport sexuel au champ en vue de communiquer de l'abondance à la végétation (au blé, aux graminées). La conjecture d'Urtel que le roulement poursuit l'assimilation des forces bienfaisantes de la terre trouve sa réfuta-

(1) *A Tradição* (Serpa), III, 176.

(2) Frazer, *The Golden Bough*, third edition, Part VI, The Seagoat L. 1925, p. 1-71.

tion dans la coutume russe — on fait rouler les prêtres en vêtements sacerdotaux dans le champ — en ce cas il est évident que c'est du prêtre remplaçant l'ancien sacrificateur ou le chaman, que s'exhale la force magique et passe dans la terre ⁽¹⁾.

II

Superstitions rattachées aux balayures

D'après une croyance populaire portugaise il ne faut pas balayer les ordures hors la cabane à midi ou le soir, mais il faut les laisser à la porte, car avec les balayures on pourrait jeter dehors le bonheur (Urtel, 77). Urtel se demande à ce sujet si les ordures ne représentent pas la demeure des esprits de la fécondité. La plupart des peuples indo-européens considèrent les ordures comme résidence des esprits domestiques ou celle des âmes des aïeux ⁽²⁾. Ceux-ci protecteurs reconnus des parents restés en vie, ayant l'habitude de se réunir aux coins de la chambre et ailleurs aux moments déterminés (à midi, à minuit), il ne convient pas alors de jeter les ordures hors la maison.

III

Dangers du miroir

En 1403 encore la loi D. João interdisait aux chrétiens « lance varas, nem faça circo, nem veja em espelho » (Urtel, 77). Les tout petits enfants ne doivent pas se regarder dans la glace, sinon ils apprendront tard à parler (ib). Nous trouvons une superstition analogue en Allemagne ⁽³⁾. Urtel croit

(1) Du roulement dans les champs de la Russie voir D. Zélénine, *Etnograficznyj Visnyk* (Messager ethnographique), v, 1927, 1-10 (en ukrainien); en Pologne: Bystron, *Zwyczaj e zniwiarskie W. Polsce*, Kraków 1916, 93 ss., 242 ss. Sur l'usage en général — Frazer, *The Golden Bough*, Part I, 2, 102 ss.

(2) *Handwörterbuch des deutschen Aberglaubens*, I, 1927, 132; E. Fehrle, *Hess. Blätter für Volkskunde*, XI, 1912, 215 ss.; P. Sartori, *Sitte und Brauch*, III, 114, n. 7.

(3) Wuttke, *Der deutsche Aberglaube*, 3^e éd., 3, p. 392, § 600.

que le peuple attribue à l'influence diabolique la propriété des miroirs de réfléchir l'image des objets. En réalité dans la croyance populaire l'image de l'homme dans la glace, n'est autre chose que *l'âme* de celui qui se regarde; tout pareillement certains peuples voient dans la photographie, ou dans le portrait, l'âme de l'homme, son sosie. Il ne faut pas se regarder sans besoin pressant dans la glace — cette prescription se répand surtout sur les enfants et les femmes en couches etc. — pour ne pas exposer l'âme aux dangers suscités par les mauvais esprits. L'interprétation populaire enchaînant le miroir avec le diable est une rationalisation plus tardive ⁽¹⁾.

IV

La grenade comme symbole du bonheur et de la fertilité

Il existe au Portugal un usage de servir à l'Épiphanie, le 6 Janvier, une grenade, dont une moitié est consommée, et les pépins, en guise de porte-bonheur, partagés entre convives, tandis que l'autre partie est suspendue avec une pièce de monnaie enfoncée dans sa chair et rest ainsi jusqu'à l'année prochaine ⁽²⁾.

Urtel n'explique pas pour quelle raison la grenade est considérée comme symbole de l'abondance et de la fécondité. Je présume que ce fruit aux multiples pépins, semblable au pavot et à d'autres plantes pourvus de nombreuses graines, a inspiré l'imagination populaire à en créer le symbole de la fécondité et le moyen de relever la productivité de la nature et de l'homme ⁽³⁾. D'après Hippocrate la grenade contribue à

(1) Du miroir dans la superstition populaire voir: Haberland, *Der Spiegel im Glauben und Brauch der Völker*, Zeitschrift für Völker-psychologie, XIII, 1882; v. Negelein, *Bild, Spiegel und Schatten im Volksglauben*, Arch. für Religionswissenschaft, v, 1902, 1-37; Samter, *Geburt, Hochzeit, Tod*, Leipzig 1911, 134 s.; Frazer, *The Golden Bough*, third edition, Taboo, etc., 94 ss.; Röheim, *Spiegelzauber*, Leipzig-Wien, 1919.

(2) Urtel, 35, 45.

(3) Murr, *Pflanzenwelt in der griech. Mythol.*, Innsbruck, 1890, 50 s.

la conception ⁽¹⁾. Dans la noce antique grecque le grenadier jouait un rôle connu ⁽²⁾. En général cet arbre est lié avec le culte d'Aphrodite ⁽³⁾.

V

Saint Hilarion (Santo Hilario) et les vierges défunes

Conformément à la croyance populaire St. Hilarion déflore les jeunes filles mortes sans avoir connu l'amour (Urtel, 49). Comment a pu surgir une telle croyance? Je la rapproche à la coutume de célébrer la noce aux funérailles des jeunes filles et garçons morts non mariés. Cet usage a été étudié par Otto Schrader dans son livre «Totenhochzeit», Jena 1904. En Ukraine le rite funéraire a conservé jusqu'à nos jours les éléments de la solennité nuptiale qu'il faut voir dans la robe et la coiffe particulières aux mariées, dans l'anneau de mariage, etc. (De nombreux matériaux ont été recueillis par Tsherwiak dans ses articles imprimés dans les revues scientifiques ukrainiennes). O. Schrader établit un lien entre les nocces posthumes de femmes non mariées ou des célibataires et la foi primitive de l'obligation absolue du mariage aussi bien dans l'existence d'ici-bas que dans celle d'outre-tombe ⁽⁴⁾. Il me semble que le même principe ait donné naissance à la croyance populaire de St. Hilarion dépouillant les vierges mortes de leur chasteté.

VI

Monceaux de pierres comme sépulture

L'usage répandu au Portugal de jeter des cailloux, du bois mort, des brouilles sur les tombeaux des morts est traduit par Urtel, p. 52-53, comme un sacrifice aux âmes des

⁽¹⁾ Hippocr., III, 580, Fuchs.

⁽²⁾ Eriph. ap. Athen, II, 84c.

⁽³⁾ Baudissin, *Studien zur Semit. Religionsgesch.* München, 1906, 1369.

⁽⁴⁾ Voir aussi E. Fehrle, *Kultische Keuschheit*, Giessen 1910, 19, n. 2.

défunts. Il me semble que cette coutume a pour origine l'ancienne institution de la lithobolie, c'est à dire celle de la lapidation des criminels ⁽¹⁾; primitivement les monceaux de pierres s'érigeaient au-dessus des tombeaux des hommes périssant d'une mort violente ou prématurée.

En effet la Bible mentionne déjà la coutume de jeter des pierres sur les tombeaux des criminels ⁽²⁾. Les pèlerins des premiers siècles du christianisme décrivent les amas de pierres qui recouvrent en Palestine les tombeaux des morts odieux au peuple: chaque passant lance un caillou dans le tas ⁽³⁾. Ce n'est pas en vain qu'à l'heure actuelle en Grèce le voyageur passant devant un tas de pierres y lance un caillou en prononçant une malédiction à l'adresse de l'ennemi ⁽⁴⁾. Chez les Slaves il existe l'usage de jeter des cailloux, des branches de la paille sur les tombeaux de défunts périssant d'une mort violente ⁽⁵⁾, dans le but de détourner leur colère et vengeance. La coutume portugaise qui consiste à jeter une pierre en passant devant la croix, indiquant un lieu de meurtre me semble refléter la plus ancienne phase de développement de l'usage en question. Ce n'est que plus tard qu'il acquit la signification d'un sacrifice propitiatoire à l'âme du mort. Celui qui lance la pierre participe pour ainsi dire à l'inhumation du dangereux défunt: criminel, suicidé, noyé, etc.

EUGÈNE KAGAROV,

Professeur à l'université de Leningrad.

⁽¹⁾ Sur l'institution de la lapidation voir R. Hirzel, *Die Strafe der Steinigung.*, Abh. d. Sächs. Gesellschaft d. Wiss., XXVII, 1909, 255 ss.

⁽²⁾ Josua, VII, 2, Regum 18, 17.

⁽³⁾ *Archiv für Religionswissenschaft*, XII, 1912, 137.

⁽⁴⁾ B. Schmidt, *Steinhaufen als Fluchmale*. Jahrbücher für Philologie, CXLVII, 1893, 369, 395, par le même auteur, *Neugriech. Volkskunde*, Neue Jahrbücher für d. kl. Alt., 1911, 662 ss.

⁽⁵⁾ Zélénine, *Etudes de la mythologie russe*, 1916, 29 ss. (en russe); Murko, *Wörter und Sachen*, II, 1910, 159 ss.

A língua portuguesa na nossa Índia

Muitas são as variantes — gramaticais, semânticas e simplesmente vocabulares — que apresenta o português da nossa Índia, e lógico é na realidade que assim aconteça. Em homens distanciados da metrópole centenas de léguas, e sem comunicações directas com ela, difficilmente lá se fará sentir a influencia das cambiantes que successivamente vai mostrando a lingua-mãe na sua constante evolução; em regiões de clima muito diverso do português, com fauna e flora em nada semelhantes às da Europa, habitadas por povos bastante afastados dos latinos, com usos, tradições e costumes completamente diferentes dos nossos, é-se lá obrigado ao emprêgo de nomes de muitíssimos objectos, actos e cerimónias que em Portugal nem sequer se conhecem, ao passo que têrmos de uso trivial entre nós não-de forçosamente desaparecer nos territórios indianos pela desnecessidade do seu uso. Tudo isso concorre naturalmente para que as diferenciações lingüísticas se vão avolumando cada vez mais, muito embora o nunca desmentido patriotismo dos habitantes da Índia Portuguesa reaja sem cessar no sentido de não haver divergências na lingua que todos nós, Portuguezes, falamos.

Como o conhecimento das variantes de uma lingua pode prestar valiosos serviços à Filologia, aqui deixo arquivados, satisfazendo os desejos do Sr. D.^{or} Leite de Vasconcelos, alguns têrmos ainda não recolhidos nos nossos dicionarios, e modos de dizer que diferem dos que usamos na metrópole. Junto umas nótulas elucidativas dos textos transcritos, baseadas nas informações que me foram prestadas por alguns Indianos, nomeadamente pelo S.^{or} Mariano Gracias, o inspirado poeta da *Terra de Rajáhs*, Revisor da Imprensa Nacional de Lisboa, natural de Goa, onde residiu até os 20 anos, tendo depois voltado à terra natal e lá permanecido cêrca de quatro anos; as suas explicações foram para mim preciosissimas, e deixo-lhe aqui consignado o meu profundo reconhecimento.

Nos textos que reproduzo ocultei propositadamente os nomes das pessoas, com as quais nada têm os assuntos que verso.

*

* *

«O Sr. F..., festejando a tornaboda de suas filhas D. R... e D. F..., teve em suas casas, em Navelim, uma *matinée* muito animada e bem servida, dançando-se os convidados a valer entre finos serviços e aos acordes da conhecida orquestra da Banda Central.»

(*A Índia Portuguesa*, n.º?)

tornaboda. — Assim se denomina entre os católicos da Índia a repetição dos festejos comemorativos do casamento, o que se efectua em regra uma semana depois da celebração do matrimónio, mas às vezes, mormente nas aldeias, bastante tempo depois, em geral com o fim de fazer coincidir êsses festejos familiares com qualquer festa religiosa e popular da localidade. O baile e o banquete de núpcias são tradicionalmente dados em sua casa pelos pais de um dos recém-casados — quasi sempre pelos pais do noivo —, e a tornaboda é da praxe realizar-se em casa dos pais do outro nubente.

em suas casas. — Quere dizer: nos compartimentos ou, mais rigorosamente, nalguns dos compartimentos da casa onde reside. Em Portugal usa-se essa expressão no singular: *em sua casa*, tomando-se *casa* na acepção de residência.

dançando-se. — Trata-se de um arcaísmo. Em Portugal diz-se presentemente *dançando os convidados* e não *dançando-se os convidados*, mas atente-se que o emprêgo da forma reflexa do verbo *dançar*, em vez da intransitiva, ainda perdura no português metropolitano actual, em frases como esta, por exemplo: *É fraco cavaleiro: dança-se muito em cima do cavalo.*

entre finos serviços. — Significa que os convidados aproveitaram na dança o tempo que mediou entre as diversas refeições ou, melhor, distribuições de iguarias e bebidas que é de uso haver em tais festas. Em Portugal escrever-se-ia: *dançando os convidados animadamente e havendo nos intervalos um fino serviço de...*, o que é mais lógico porque a maior parte do tempo é sempre o ocupado na dança e não na comida. No citado jornal *A Índia Portuguesa*, n.º 3049, de 15-5-1926, encontro a mesma expressão *entre finos serviços*:

«Findo o acto o Sr. F... abriu as suas salas para uma animada *conversazione*, que decorreu alegre por entre serviços finos e profusos.»

«F..., herbolar e droguista, possui segredos eficazes sobre varias doenças consideradas difíceis de cura.

Cura febres palustres e outras de mau character com o inofensivo emprego dos medicamentos aiurvédicos.»

(*Bharat*, n.º 48, de 26-2-1925).

«... venho por este meio cumprir o grato dever de manifestar o meu sincero e profundo reconhecimento aos Ex.^{as} médicos F... e F... bem como ao diplomado aiurvédico Sr. F...»

(*A India Portuguesa*, n.º 2995, de 4-3-1925).

«Imensamente nos magoou o falecimento ocorrido em Cortalim do Sr. F... , herbolário muito procurado e acertado.»

(*A India Portuguesa*, n.º 3045, de 10-4-1925).

herbolar. — O mesmo que herbolário ou ervanário.

aiurvédicos, ou **ajurvédicos.** — Subordinados aos preceitos dos *Veda* ⁽¹⁾.

aiurvédico (substantivo). — Curandeiro que aplica os preceitos dos *Veda*.

diplomado. — Versado, experiente. A frase *diplomado aiurvédico* entenda-se que não quer pois dizer aiurvédico que possua qualquer diploma, mas sim aiurvédico com competência para o exercício da sua profissão.

(1) *Wêda* — Collecção de composições poeticas lyrico-epicas, composta, na sua maxima parte, de hymnos. A palavra *Wêda* quer dizer «sciencia, saber por excelencia». Escreve-se *Wêda* no sing. e no plur. Livros sagrados dos hindús, base da sua religião, directamente revelados pelo seu Deus. São quatro: *Rignêda*, *Samavêda*, *Yajurnêda* e *Atharvanêda*. Compõem-se de *shástras*, *purânas* e *agmans* — rezas, orações e canticos religiosos.

(*Terra de Rajáhs*, Bombaim 1925, pp. 133-134),

acertado. — Tem o significado de seguro, que sabe o que faz.

«Está de mudança, nas praias de Zalôr, a Sr.^a D. F... Mudou-se para vilegiatura anual o Sr. F...»

(*A Índia Portuguesa*, n.º 3048, de 8-5-1926).

«No dia 1 do corrente, seguiu para Matheran, para a sua mudança anual, S. Ex.^a o Sr. F...»

(*A Índia Portuguesa*, n.º 3049, de 15-5-1926).

«... achando-se agora de mudança na sua vivenda do campo de Mormugão.»

(*A Índia Portuguesa*, n.º 3046, de 17-4-1926).

estar de mudança, mudar-se. — Passar a estação calmosa. **mudança.** — Veraneio.

«Consta que tem subido uma reclamação à Câmara, assinada pelos habitantes de Velim, Assolnã e Chinchinim, porque a estrada é de máxima utilidade aos habitantes dessas freguesias, pedindo à mesma que se faça urgente concôrto dessa estrada — que está a morrer — antes que se construam novas estradas, como é natural.»

(*A Índia Portuguesa*, n.º ?)

que está a morrer. — A estrada está de tal modo intran-sitável que quasi se pode considerar como já não existente.

«A Sr.^a D. F..., teve o seu feliz desembaraço, dando à luz um menino...»

(*A Índia Portuguesa*, n.º 2995, de 15-3-1925).

«Após um parto laborioso, desembaraçou-se...»

(*A Índia Portuguesa*, n.º 2997, de 28-3-1925).

desembaraço. — Parto.

desembaraçar-se. — Dar à luz.

Não se devem considerar estes termos como galicismos adoptados pela redacção do jornal — simples traduções do francês *délivrance* e *délivrer* — porque são correntios na bôca do povo, não se empregando vulgarmente outros vocábulos na *India Portuguesa*.

«Convenço-me de que não tenho os requisitos necessários a uma conferente, mas, confiada na extrema benevolência de V. Ex.^{as}, atrevo-me a dizer-vos umas poucas palavras, começando por vos saudar e agradecer cativada a imensa honra que me dispensastes vindo aqui escutar-me.»

(*A India Portuguesa*, n.º 3047, de 24-4-1926).

atrevo-me a dizer-vos. — Atrevo-me a vir falar perante vós, a vir apresentar-me perante vós.

«Na igreja Cuncolim, verificou-se, sob os mais fagueiros auspícios, o casamento da Sr.^a D. Matildes...»

(*A India Portuguesa*, n.º 3049, de 15-6-1926).

Matildes. — É forma arcaica, ainda muito em uso no povo em Portugal, mas os cultos só dizem hoje *Matilde*; na Índia até literariamente se emprega *Matildes*.

«Tendo não poucos as suas contas muito atrasadíssimas, devendo uma razoável importância...»

(*A India Portuguesa*, n.º 3045, de 10-6-1926).

muito atrasadíssimas. — Duplo superlativo, inadmissível em Portugal como linguagem de pessoas cultas.

«... a referida Comissão, depois de discutido e ponderado o assunto, resolveu que a importância do fundo exis-

tente em poder do tesoureiro da Comissão encarregada de coalhar o mesmo fundo.»

(*A Índia Portuguesa*, n.º 3049, de 15-5-1926).

coalhar. — Reunir.

«... enaltecendo os relevantes serviços que o ilustre homenageado, como médico muito recorrido, vem prestando à sua aldea natal...»

(*A Índia Portuguesa*, n.º 2995, de 4-3-1925).

recorrido. — A cujo conselho muita gente recorre, consultado.

«... por ser muito perto às repartições públicas e às escolas inglesas...»

(*A Índia Portuguesa*, n.º 3049, de 15-5-1926).

perto às. — Em Portugal diz-se sempre *perto das*.

«F..., moradora de S. Tomé de Salcete, por estar desviado um título n.º 316 compreendendo 10 acções da Comunidade de Seraulim dos n.ºs 1630 á 1639, averbadas em nome do seu finado pai F... e por lhe haverem sido applicadas no inventário a que se procedeu por óbito do dito pai, pretende renovar e averbar a seu favor as referidas 10 acções.»

(*A Índia Portuguesa*, n.º?)

applicadas. — Na linguagem judicial da metrópole empregar-se-ia neste caso a expressão *adjudicadas* ou *partilhadas* ou ainda *aformaladas* (em virtude dos bens que depois da partilha ficam pertencendo aos diversos interessados constarem do respectivo formal).

«... vão ser arrematadas as obras de construção dum

paredão sôbre a sangria do aludido caminho ligado à loja dos herdeiros de...»

(*A India Portuguesa*, n.º 2996, de 14-3-1925).

sangria. — Vala ou riacho que atravessa uma estrada.

ligado à loja. — Que passa junto à loja, que serve a loja.

«Até que finalmente, está designada em 9 de Março, a arrematação para se concluir a paroquial desta freguesia, paroquial que, não sei há quantos anos, está meio-hirta, dando o triste aspecto, principalmente aos estranhos, para se rirem dos habitantes desta freguesia, por não se importarem com ela.»

(*A India Portuguesa*, n.º 2996, de 14-3-1925).

designada em. — Em Portugal emprega-se a preposição *para* em vez de *em*; *está designada para 9 de Março*, escrever-se-ia aqui.

está meio hirta. — Apenas se encontra meio edificada.

«... e bem assim da caiadura, remendaria, retelhadura e reparos invernaes dos edificios a cargo do Municipio.»

(*A India Portuguesa*, n.º 3048, de 8-5-1926).

remendaria. — Rebocos.

retelhadura. — Nova colocação de telhas, e por extensão qualquer consêrto no telhado.

reparos invernaes. — Resguardos, feitos de fibra de palmeira ou esparto, que se applicam às janelas dos prédios, a fim de defenderem as habitações das chuvas torrenciais que costumam cair na Índia, por vezes ininterruptamente durante dias successivos, e que tudo inundam.

«... arrematou a sacadoria da comunidade desta aldeia...

Na qualidade de fiador de um arrematante de umas var-

zeas de Colvá, por falecer o mesmo arrematante, requeri quita de uma varzea arrematada.»

(De um manifesto acêrca da administração da Comunidade de Salcete, datado de 14-3-1925).

Sacadoria. — Cargo do sacador, que é uma espécie de recebedor dos réditos da Comunidade. O exercício dêsse cargo é adjudicado em hasta pública, mediante determinadas condições.

Quita. — Corresponde aos nossos termos *quitação* ou *desobriga*.

«... raro nestas paragens, onde actos religiosos desta natureza fazem-se muito necessários...

É destino dos homens pagar a finta ou o tributo à morte quando o Criador nos seus insondáveis segrêdos marca-lhes o termo da sua existência.»

(*A Índia Portuguesa*, n.º 3049, de 18-5-1926).

«Não se pode contestar que a junta estava no seu direito de exigir que o arrematante da sacadoria, ao se apresentar para entrar na gerência do cofre exhibisse documento...»

(Do manifesto atrás indicado).

Fazem-se, marca-lhes, se apresentar. — Colocação arcaica dos pronomes pessoais, usada em Portugal só até o século XVI, mas ainda persistente na linguagem do Brasil.

«Colégio em Assolná, sê-lo há aberto sob a direcção de...»

(*A Índia Portuguesa*, n.º 3049, de 15-5-1926).

Sê-lo há. — Gramaticalmente não se compreende neste caso o seu emprêgo em vez de *será*. Na Índia porém é costume dizer-se assim.

*

* *

Na metrópole empregam-se hoje indiferentemente, na maior parte dos casos, as formas reflexas e intransitivas do verbo *casar* e assim tanto se diz *casei-me* com fulana como *casei* com fulana. Na Índia porém não se admite a forma intransitiva como equivalente à reflexa. É vulgar mesmo que pessoas idas de Portugal ao empregarem diante de indianos a expressão *casei a tantos de tal* oiçam como réplica, umas vezes dada ingênuamente, outras vezes por ironia e como correctivo ao que se reputa um crasso êrro de linguagem:

— *Quem casou?*

— *O senhor é sacerdote ou official do registo civil?*

*

À frase *Tens demora?* responde-se muitas vezes na metrópole: *Já vou*. O indiano — qualquer que seja o seu grau de cultura — diz habitualmente neste caso: *Já venho*. Há aqui uma confusão entre o verbo *vir* e *ir*, hoje muito difficil de corrigir, dada a freqüência do emprêgo da frase em todas as camadas sociais.

*

A *banana* é vulgarmente designada na Índia por *figo*, talvez porque certas bananas teem semelhança com um grande figo. Ao doce tendo por base a *bananu* dá-se o nome de *figada*.

*

Não se emprega na Índia o termo *cocheiro*. É sempre substituído por *bolieiro*.

*

São também lá completamente desconhecidos os termos *chapéu de chuva* ou *guarda-chuva* e *chapéu de sol* ou *guarda-sol*, ambos substituídos por um único vocábulo: *sombreiro*. Por *chapéu* só se designa o da cabeça.

*

Melancia é termo desconhecido na nossa Índia, a-pesar-de lá se cultivar a planta que dá êsse fruto. Em seu lugar emprega-se *pateca*.

*

Judia é o termo por que se designa o *casaco*. Para o *casaco* de senhora a expressão mais adoptada é *casabeque*.

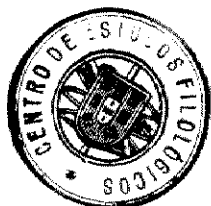
*

Diz-se *mais antes* em vez de *mais cedo* e *outro um* em vez de *um outro*. Só as pessoas que tenham tido permanência em Portugal ou então os que cultivam com esmero a lingua portugueza se expressam como na metrópole.

(Comunicações verbais do Ex.^{mo} Sr. Mariano Gracias).

Lisboa.

VICENTE DE SOUSA.



ERRATA

A p. 286, l. 10, onde se lê: «atrevo-me a dizer-vos *umas* poucas palavras,», deve ler-se: «atrevo-me a dizer-vos, *mas* poucas palavras,».

MISCELANEA

Outeiros de abadessado

Talvez alguns leitores ignorem o que tenham sido os outeiros de abadessado — torneios poéticos, que se realizavam durante três noites nos conventos de freiras, por ocasião de ser eleita a prelada.

Nos velhos tempos, e ainda depois de 1834, alguns dêsses certames foram na realidade brilhantes. Uma espécie de jogos florais dum raro pitoresco.

No século XVIII colaboraram nessas festas muitos poetas célebres. Bocage, Filinto Elisio, Tolentino e o próprio José Agostinho de Macedo terçaram aí galhardamente as armas.

Em Chelas entrou lindamente nesses concursos D. Leonor de Almeida, depois marquesa de Alorna — a nossa illustre *Alcipe*.

Os outeiros faziam-se á noite, nos pátios dos conventos. Eram abertos pomposamente — conta-nos a primor Alberto Pimentel — em saudação á prelada, por um dos mais qualificados entre os assistentes, e, para tal fim, preferia-se a ode ou o soneto.

O terreiro regorgitava de gente. Havia lutas porfiadas entre os vários citaredos, rodeados dos seus admiradores. As janelas, as tórres, as cornijas iluminavam-se. Das reixas, as monjas mais letradas proferiam os motes, que se diria esvoaçarem na noite estrelada como borboletas de papel de sêda. Eram versos conceituosos ou alambicados, de sabor arcádico, dignos em geral da *Fénix Renascida* ou das páginas do *Ramalhete*. Em baixo o improvisador batia palmas e declamava a glosa. Outros, de inspiração mais morosa, escreviam os versos á luz de rôlos de cêra... É claro que havia bardos enamorados, que sacrificavam a Apolo atraídos por alguma freira ou noviça, e os versos eram como falenas tontas que se iam queimar na luz de certos olhos... Pobres Tântalos, semeadores de quimeras, que afogavam os queixumes e as mágoas em vinho generoso, no doce de ovos e amêndoa ou nos rebuçados que a inspiradora lhes descia da grade — como

se viessem do céu. O maior número era, contudo, de glutões e gozadores.

Alguns aproveitavam os outeiros para desferirem flexas, que feriam e ás vezes faziam sangue; as décimas enquadravam no mote alusões epigramáticas.

Camilo descreve nos deliciosamente um desses outeiros em Vairão, em 1825. O mosteiro todo embandeirado. Desde a madrugada o repique festival dos sinos. O convento enchia-se de flores, de mirto, de plantas aromáticas. Monjas, noviças, criadas, tôdas andavam numa azáfama, chilreando como aves presas e alegres. Postergavam-se as praxes hierárquicas.

A prelada consentia que lhe desfolhassem rosas sôbre a touca. Ás vezes representavam-se entremezes. Certas noviças mascaravam-se: «esta remedava um alferes de milícias, aquela um desembargador». Era natural que depois os desembargadores, em grande parte amorosos das Musas, se vingassem á noite no outeiro com alguma décima que zumbisse como as vespas.

A essa festa de Vairão concorreram, diz Camilo, «três poetas de Guimarães; do Pôrto um, que valia por muitos, o celebrado Ferro; de Rraga dois cónegos em Apolo e alguns abades circunvizinhos; de Vila Real o famigerado Mormo, e o não menos conhecido Mesquita, cujo nome se laureára entre os contemporâneos da Universidade. Quási todos convidados.

O chá fôra servido na espaçosa grade da abadessa, primeiro aos vates e seus amigos, depois aos notáveis das cercanias».

Ora o abade Mormo detestava o bacharel Mesquita, filho dum magarefe. E á noite, na décima em que no outeiro glossava o mote *A melhor de entre as preladas* — crivou-o de ironias insultuosas. O Mesquita esmurrou o satírico abade, mas ficou com o nariz em mísero estado; os partidários dum e de outro socaram-se heroicamente; e a festa terminou numa balbúrdia tremenda, até que a prelada mandasse apagar as luzes e tocar a silêncio!

*

Depois de 1834 ainda houve no Pôrto alguns outeiros de nomeada. Ao pátio do mosteiro de S. Bento (onde hoje está a estação dos caminhos de ferro), ao de Santa Clara, ao das dominicanas de *Corpus Cristi*, em Gaia, concorreram muitos dos nossos poetas de maior facilidade repentista — e os que já haviam combinado com alguma doce freira o mote e a

improvisação... Camilo frequentou-os muito e glosou vários motes. Duma vez, em Santa Clara — conta-nos no *Cancioneiro Alegre* — « puséramos as nossas melhores décimas (êle e António Girão) á disposição inteligente das criadas do mosteiro, ás quais os nossos émulos em Apolo, com aristocrático desdém, chamavam *tachos*. Estas criadas entendiam-se connosco em assuntos métricos, num bêco para onde talvez davam as grades da cozinha. Enquanto as velhas filhas de Santa Clara gosmavam motes heróicos para sonetos a Xavier Pacheco, a Nogueira Gandra e a Ferreira Rangel, Girão e eu, no quinchoso escuro e pedregoso, recebíamos colcheias cantadas em vozes frescas, e com os motes uns vinhos velhos e os conhecidos pastéis de Santa Clara ».

Além daqueles poetas, muitos outros levavam as suas redondilhas e decassilabos aos outeiros de abadessado. Augusto Luso e Faustino Xavier de Novais eram certos. Dêste há várias glosas célebres e engraçadas. Guilherme Braga, muito moço ainda, era um dos mais aplaudidos. O admirável poeta improvisava com rara facilidade e elegância: nunca precisava de escrever os versos.

A partir de certa época, porém, terminaram os outeiros ao ar livre, para o grande público — e reduziram-se a festas dentro do mosteiro, com entradas por convites, e um sério cuidado com as pessoas que iam chegando. Vão saber a razão.

Já por 1850, num abadessado em Gaia, poetastros de mau gosto obrigaram as religiosas a retirarem-se das janelas, e a numerosa concorrência a debandar vexada. Camilo censurou-os num artigo dêsse tempo, incluído depois nas *Horas de Paz*. Mas, segundo creio, a causa definitiva de acabarem os outeiros públicos no Pôrto deve-se a uns versos do poeta Diogo Souto, que fôra em rapaz desmarcadamente estúrdio.

Num outeiro (talvez em S. Bento) «Souto Cartola» — como lhe chamavam em virtude duns «Carmes bexigueiros do cidadão Cartola», de sua autoria — apresentou-se com outros estoira-vêrgas. Havia muita gente. A noite era de luar.

Parece que já se receava desacato, porque os versejadores estavam pécos e retraídos. Então uma voz clara lançou das grades êste mote: *Não há versos, nem há nada*. E Diogo Souto rompeu logo com uma décima de tal maneira escandalosa, dirigida ás freiras, que me não é possível — imaginem! — transcrever-lhes aqui um único verso... As glosas fesceni-

nas de Bocage (que aliás nunca proferiu nos outeiros) eram licor de rosa ao pé daquilo! Esses torneios públicos foram depois proibidos.

Em 1863, Diogo Souto recitou no Teatro Baquet uns versos dirigidos ao rei D. Luís, que assistia ao espectáculo, e que arrancaram um desfôrço, em duas quadras, ao vate Pinheiro Caldas. Dessa vez não havia razão para desfôrço: Diogo Souto apenas aconselhava ao soberano que seguisse as pisadas de D. Pedro v. Mas o nome do glosador do outeiro era um nome pânico. Em 1880, Souto recitou no Palácio de Cristal, em pleno esplendor das festas camonianas, uma poesia que levantou escarceu. Também não havia motivo para isso — e talvez fôsem justos êses versos. Dizia aos entusiasmados que, se o grande poeta voltasse a existir, o deixavam outra vez morrer de fome.

Camilo escreveu-lhe de Seide, aplaudindo-o: «Em um obscuro escrito que imprimi a respeito de Camões, tive desejos de dizer em prosa o que v. ex.^a apreçoou em valentes versos».

Dois anos depois Diogo Souto deu á estampa um volume de líricas — *Amores* — em que tem lindas páginas.

Conheci-o já velho, janota, afável, um *gentleman* de maneiras distintas.

Quantum mutatus ab illo!

*

Depois da extinção dos outeiros ao ar livre, realizaram-se ainda em S. Bento algumas festas magníficas. Alberto Pimentel conta-nos que foi a uma delas em 1868: «A grade já estava muito concorrida. A meio da casa abria-se a mesa das iguarias e dos vinhos finos. Eram áureos promontórios de gemas de ôvo, desgrenhadas em farripas, recortadas em estrêlas, aboladas em castanhas ou recurvadas em meias luas, surgindo de entre fantasiosas rendas de papel multicolor e boninas artificiais. Eram taças e garrafas de translúcido cristal, onde o Pôrto, o Madeira e o Champagne se irisavam á luz dos candelabros como se fôsem pedras preciosas liquefeitas. Eram montanhas de rebuçados e *bonbons* desmoronando-se sôbre as bandejas de prata, a cada momento, sempre que os poetas queriam aromatizar a bôca para dulcificar os madrigais. Eram bules de prata e châvenas da Índia para chá e café, torradas loiras com polvilhos de canela, bôlos sécos, palitos rendilha-

dos, guardanapos de Bretanha, lavavos de vidro e porcelana, jarros e ânforas com água».

Tocou piano o maestro do «Eurico»; Marques Pinto fez-se ouvir no violino. Lá estava Guilherme Braga, gentilissimo e em plena juventude. Ao retirar-se, uma voz doce gorgoeou-lhe numa súplica: «Espere um bocadinho!» E o poeta, imediatamente:

Nesse *«espere um bocadinho»*
— Se ilusão minha não fôsse —
Parece que vem mais vinho,
Parece que vem mais doce...

Em 1871 ainda houve outra festa de abadessado em S. Bento. Junqueiro e Alberto Braga, de passagem no Pôrto, queriam assistir — mas as entradas eram cada vez mais difíceis.

Valeu-lhes Camilo, que os levou lá. A porta abria-se-lhes logo, desde que fôsem apresentados pelo grande romancista. Mas êle não entrou — explicando a ausência pela sua incompatibilidade com freiras velhas...

Dessa vez foram deliciosas, como sempre, as glosas de Guilherme Braga. Junqueiro também saiu vitoriosamente do torneio festivo. Para êste, o mote derradeiro foi assim:

A borboleta travêssa
Voeja por sôbre as flores

a que Junqueiro retorquiou, despedindo-se:

Que grande dor de cabeça!
Adeus, Senhora abadessa,
Boa noite, meus senhores.

Dos dois grandes poetas, o autor do *Bispo*, de *Heras e Violetas* e de *Cadáveres* morreu poucos anos depois... E ainda hoje pesa á Poesia de Portugal que êsse malogrado homem de génio não pudesse continuar a sua obra, onde há fulgores que não se extinguem nunca.

JÚLIO BRANDÃO.

Correcções ao Canc. Geral

No CG, II, 434, lê-se:

Cume, em que sa linhage
dos da Silva *mays e Pina*:

leia-se no fim: *mays epina* = mais empina: se eleva (*empinar* intransitivamente).

CG, II, 470: *pollo*: deve ser *poilo* = poíllo. No original *poilo*, com *i* sem ponto, que parece *l*. — Emenda já feita pelo S.^{or} Epiphânio, que no v. 18 emendou também *yor* em *por*.

— J. L. DE V.

Poesia popular local e regional

*Ao seu prezado primo D.^{or} José
Crespo, da Casa da Lageosa.*

Se com a expressão *poesia local e regional* queremos significar composições de especial forma, usadas apenas em certas localidades ou regiões, encontra-las-hemos, por exemplo, em Trás-os-Montes, nos trabalhos agrários, respectivos ao centeio; refiro-me ás *cantigas retornadas*, que já vêm da Idade-Média, e, posto que sejam comuns á Galiza e ás Astúrias, cá sòmente se cantam naquela provincia. Em analogia condição está a perlanga dos figos:

Figos das hortas
São para as cachopas

Figos nigeis
São pr'ós Maneis

etc., que ainda não ouvi, até hoje, senão na Beira Baixa, por estes sitios donde escrevo. *Nigeis* é um derivado do latim *niger* ou «preto», isto é, de *nigellus*.

Querendo porém entender por *poesia local e regional* cantigas geograficas, elas não faltam em parte alguma, mas devemos distinguir dois grupos:

1.º — Cantigas que revelam alguma feição local, quer

física quer devida ao trabalho do homem; por exemplo, esta verdadeiramente admirável:

Alentejo não tem sombra Assenta-te aqui, menina,
Senão a que vem do céu: Debaixo do teu chapéu...

onde o poeta popular dá ideia da vasta planura transtagana, coberta de trigais, em contraste com os montados de sôbro e azinho que formam a outra parte do Alentejo, e ao mesmo tempo, com lírica ternura para com a mulher amada, a quem convida a livrar-se do sol escaldante, alude a uma particularidade etnográfica do Sul, qual a imensidão do chapéu campestino.

Outra cantiga, não tão bela, porém igualmente descritiva, e muito exacta, temo-la em:

Adeus, cidade da Guarda, Adeus largo dos quarteis
Adeus, chafariz da Dorna, Onde o regimento forma...

que se nos apresenta com uma elegância de estilo chamada pelos retóricos anáfora, e introduzida por uma interjeição que muitas vezes inicia as nossas quadras, como feitas por gente que a cada passo se sauda entre si, e traz sempre na boca frases de affecto e religiosidade:

Adeus, meu amor, adeus, Adeus, adeus, Antoninho,
Até quarta ou quinta-feira... És uma linda figura...

Ora adeus, que eu vou-me embora,
Para onde não te digo.

Mais dois exemplos de poesias descritivas:

a) Oh! que lindos arrabaldes
Tem Celorico da Beira:
Santa Maria na praça,
Santo António na ribeira...

isto é, a igreja de Santa Maria, uma das matrizes da vila, e a capela de Santo António, ao pé do ribeiro de Mões, á qual capela vão em romaria os habitantes de Celorico e arredores, cada ano, no dia do Santo.

Para que a quadra de que estou falando não pareça sem logica, pois que a praça não é arrabalde, como do preludio se inferiria, ha-de interpretar-se assim: Oh! que arrabaldes tem Celorico: Santo Antonio, que em lindeza corresponde á praça. Em todo o caso não negarei que, se ás poesias cultas não póde exigir-se rigor logico absoluto, muito menos ás populares.—O povo, na lingua quotidiana, não diz Santo Antonio da Ribeira, diz Santo Antonio do Rio. A palavra *Ribeira* foi provocada pela rima, como em muitos casos semelhantes.

b) Altas serras, abaixai,
Que eu quero vêr Lageosa:
Quero vêr os meus amores
Pela folhinha da rosa.

A quadra ouvia-a na Rapa, d'onde a Lageosa fica separada por outeiros. O poeta fez de outeiros *altas serras*. Um pouco de hyperbole, desculpavel em quem ama, e vê diante de si folhas de rosa, através das quais perpassa a mulher amada...

2.º — Cantigas que, por exprimirem ideias gerais ou vagas, se applicam indifferentemente a varias terras, apenas com mudança do nome d'estas:

Não me lembrava <i>Pinhel</i> ,	Oh! <i>Idanha</i> oh! <i>Idanha</i> ,
Nem que tal cidade havia;	Oh! <i>Idanha</i> roubadora,
Agora me não esquece	Se tu não fôras <i>Idanha</i> ,
Nem de noite nem de dia!	Nunca o meu amor lá fôra!

Adeus, *Castelo Rodrigo*!
Logo ali á entrada
Ficaram meus olhos presos
Numa rosa encarnada.

Já se vê que quem canta estas e outras semelhantes supõe em regra que cada uma se refere apenas á terra cujo nome lá se indica.

Ha cantigas que pertencem, sem distincção, aos dois grupos anteriores, por lembrarem caracteres comuns a muitas terras, ou parecidos, v. g., uma fonte no interior da povoação

e um cruzeiro num extremo, ou a situação proxima de um rio e de um monte.

*

A poesia tradicional acompanha os costumes e vida do povo; exprime os sentimentos d'este, ora amorosa, religiosa, plangente, ora sentenciosa ou satirica; tanto se apraz de frisar com breves traços caracteres de povoações, sitios e pessoas, como de se levantar acima da realidade das cousas em typicos lances de imaginação, e continuado gôsto de alegorias. É por isso que o seu estudo, feito scientíficamente, tem muita importancia.

Casa da Lageosa, 1-IX-1929.

J. L. DE V.

Cajon ou ocajon?

(A propósito do verso 12 do n.º 186
do C. V.)

Entre os processos de derivação, existentes no latim, um dos mais prolificos foi sem dúvida aquele que consistia em juntar ao tema do particípio passivo o sufixo *-is*; foi d'aqui que, com adição da letra final d'aquelle, *-l* ou *-s*, resultaram os sufixos *-ção* e *-são*, de uso muito freqüente, sobretudo o primeiro, nas línguas românicas. No número dos vocábulos assim formados figura *occasio* que, consoante a sua origem, significava em latim: a acção de *cair*, coisa que cai, de aí oportunidade, successo, etc.; com sentido mais ou menos igual passou para as línguas românicas, achando-se representado na nossa pelas formas: literária *ocasião* e populares *ocajon*, *oqueijon* e *cajon*. Destas afigura-se-me a 1.ª a mais antiga, que terá resultado da atracção pela tónica da semi-vogal e conseqüente fusão d'esta com o *j*, resultante do *s*; na segunda, a tónica, em contacto com a semi-vogal, aproximou-se dela, resultando de aí o ditongo *ei* como em *aleijão*, *beijo*, etc.; a 3.ª deve ter resultado da 1.ª mas em época mais tardia, como leva a crer a perda da vogal inicial, regular em casos tais, isto é, quando não protegida por consoante. Todas estas três formas existiam já no século XIII, tanto em português como em galego, segundo se deduz do seu emprêgo pelos escritores do tempo.

Nas *Cantigas de Santa Maria* de Afonso x figuram as duas primeiras formas, embora a 1.^a com mais freqüência; nos *Cancioneiros trovadorescos* e outros escritos contemporâneos ou posteriores, são a 1.^a e a 3.^a as mais usadas ⁽¹⁾, mesmo essa última foi a que persistiu, vivendo ainda no povo. Gil Vicente, nos seus *Autos*, serve-se também de *cagião*, que deve representar pronúncia popular de *casião* (cf. *heregia*, etc., por *heresia*, etc.), de que igualmente usa, com a mesma aférese de *cajão*.

Restringindo-nos ao rei trovador, vemos que êle, embora dando talvez preferência à forma *cajon*, pois que a emprega em duas das suas cantigas de escárneo e maldizer (as n.^{os} 409 e 415 do C. B.), não desdenhava *ocajon*, de que se serviu numa de amor (a n.^o 96 do C. V.). Ora acontece que noutra de amigo (a n.^o 186 do C. V. e 583 do C. B.) os códices nos transmitiram *cajon*, o verso, porém, em que êste vocábulo se encontra carece de uma sílaba para não ficar amétrico. Devemos contentar-nos com a lição transmitida? Se atendermos a que casos dêsses se observam na antiga poesia, tanto nacional como castelhana, segundo dêmonstra Ureña no seu livro. *La versificación irregular en la poesia castellana*, seria isso preferível, atendendo porém, a que essa omissão pode talvez ser devida a lapso dos copistas, como nos leva a crer nalgumas cantigas o confronto dos dois manuscritos, o da Vaticana e o de Colocci-Brancuti, os que teem ultimamente dado a lume parte dessas trovas, entenderam por melhor completar a sílaba ou sílabas que faltam. Assim procedeu o D.^{or} Lang no verso indicado, completando pela adjunção no princípio dela, do pronome *vós*; D. Carolina Michaëlis, porém, tanto no vol. III, pág. 130, da *Rev. Lusit.*, em que se ocupa do vocábulo e suas

(1) Parece que, no sentido do actual *ocasião*, a forma *cajom* já era obsoleta em 1565, porquanto fr. Guilherme da Paixão, ao copiar por esse tempo uma *Regra de S. Bento*, escrita século e meio antes, a substituiu por aquela: cf. *Evolução da língua Portuguesa*, etc., por mim publicada no *Boletim da 2.^a classe* da Academia das Sciências. Noutra tradução da mesma regra, a mais antiga que se conhece e inserta no mesmo volume há *ocajom* e *cajom*. Na cantiga n.^o 365 do C. V. lê-se *acajon*, com a mesma troca por *a* do *o* inicial que pratica o povo, dizendo *acasião* (*acasion* na Galiza).

variadas formas, como na análise crítica da edição de Lang ⁽¹⁾ era de parecer que antes deveríamos substituir *cajon* por *oção*. A competência incontestável que ela tinha no assunto, adquirida pelo estudo aturado, durante dezenas de anos, da nossa mais antiga poesia, levou-me a seguir a sua opinião, na edição que dei dessa e de mais *Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses*, imprimindo [o]cajon, isto é, mettendo entre colchetes a vogal adicionada. O D.^{or} Silvio Pelligrini, entre várias trovas de D. Denis, que há pouco publicou, em um estudo que leva por título o nome d'êste rei, inseriu aquela e por forma idêntica à que eu entendera dever seguir, isto é, consoante o parecer da citada senhora, regulando-se igualmente pela crítica mencionada, como me deu a conhecer.

Últimamente o snr. Rodrigues Lapa, numa apreciação crítica que faz do trabalho do D.^{or} Pellegrini e publicou nesta mesma *Rev. Lusit.* a pág. 306 do vol. XXVI, desaprova a lição [o]cajon, por êle dada e que diz haver tomado de mim, propondo que a adição a fazer-se deve antes recair no adj. *tal*, que ocorre no mesmo verso, preferindo-se a forma *atal*, que nos mesmos textos êle por vezes tem, dando como razão aliás não verdadeira, como já mostrei, que D. Denis só empregava essa forma ⁽²⁾. É outra maneira de completar o verso referido, que, se satisfaz, não pode contudo ter-se por decisiva, e, como tal, a única a seguir-se. Embora não tendo procedido assim, pela razão exposta, estou quasi em admitir a opinião de Ureña, que os poetas mais antigos se regulavam, sobretudo pelo ritmo, tanto mais que, como é sabido, a poesia nesse tempo era cantada; se a falta ou adjunção de uma sílaba não o alterava, não se preocupavam com a medida rigorosa. E que alguns trovadores, sobretudo os jograis, caíam nesse defeito, leva-nos a crer a acusação de *não saber iguar*, que por vezes uns aos outros se dirigem. Não é todavia crível que D. Denis, que devia conhecer bem os preceitos da arte, caísse em tal

⁽¹⁾ Apareceu no vol. XIX, 4, da *Zeitschrift für Romanische Philologie*. Ai diz ela: *sicherer ist caestes em tal ocajom* (wu v, 347). Na *Rev. Lusit.* tinha dito: o verso exige que se leia: caestes en tal [a]caion ou [a]caion.

⁽²⁾ O mesmo repetiu êle numa critica, a *O texto das cantigas d'amigo*, que publicou em *A lingua portuguesa*, n.º II, pág. 57, na qual correm parelhas a fantasia e o pedantismo.

deslize, tanto mais que, nas suas 138 composições, o caso dá-se apenas em mui poucas, parecendo que se deverá atribuir antes a desleixo ou incúria de quem as lançou ao papel; no entanto já do próprio Homero dizia o poeta romano Horácio *quandoque bonus dormitat Homerus* ⁽¹⁾. Não aconteceria isso também uma ou outra vez ao rei trovador?

J. J. NUNES.

Jôgo da Pela

Apontamentos ethnographicos recolhidos no Alcaide, aldeia situada na encosta do norte da Serra da Gardunha.

É este um dos jogos mais arraigados nos costumes da gente dos meus sitios, extensivo ainda a todas as classes, ás crianças e aos adultos.

Pelas suas características de acção e movimento, parece-me que possui certos merecimentos como exercicio fisico. Entendo até que, esta disposição alegre dos jogadores, vivacidade, atenção e destreza com que geralmente é praticado, devia ser objecto de cuidadoso estudo, — o que não está no proposito das breves notas que passo a resumir.

O unico material de jôgo requerido consiste numa bola pequena — a *Pela* —, e tres pedras — a *Marra*.

A *Pela* mais usada é a de coiro, e o artista especializado na sua manipulação encontra-se geralmente entre os sapateiros locais. O tamanho aproxima-se do da bola normal de bilhar. O recheio vulgarmente empregado consta de fragmentos de cortiça, trapos e serradura.

As condições de pêso e elasticidade, para uma bola perfeita, são proficientemente observadas.

A *Pela de azougue*, ou seja a bola comum de borracha, tambem se empregou nos ultimos tempos. Todavia, não se tendo adiantado satisfatoriamente às condições do jôgo — por excessiva leveza, tendencia para saltar e facilidade de escoriação — só a ela se recorre na falta da primitiva e tradicional.

(1) *De arte poetica*, v, 359.

É, porém, a bola de «tennis» a que se me afigura mais propria para este jogo, em virtude do revestimento de tecido que lhe dá resistencia e a torna mais suave ao contacto da mão.

Ha anos fiz experimentar algumas dessas bolas, que não tardaram a conquistar a preferencia sobre todas as outras, tendo o seu aparecimento despertado entusiasmo.

Não deve ficar esquecida a humilde *Pela de farrapos*, que a gente pobre utiliza, à falta de melhor. O envolvero é feito de retalhos de pano, de variadas côres e qualidades, recortados em forma de triangulos mais ou menos regulares, e dispostos em obediencia ao efeito do colorido que mais fôr do agrado da costureirinha que fabrica a *Pela*. O recheio é exclusivamente de trapos.

A *Marra* — compõe-se de tres pedras — uma central, a de maiores proporções, cujo pêso maximo é em geral fixado pelo jogador mais robusto, que, para a transportar e colocar no local previamente designado, precisa quasi sempre de pôr em acção o mais e o melhor das proprias forças. Fica posta verticalmente sobre o terreno, e com a face mais regular, e tanto quanto possivel lisa, voltada para o campo do jogo, — em regra uma estrada ou um terreiro, planos ou suavemente declivosos. — Duas laterais, chamadas *braços*, menores, e encostados à pedra-mestra no mesmo plano vertical.

A uma distancia de cêrca de 5 metros à frente da *Marra*, e paralelamente a esta, traça-se uma linha recta, que tem o nome de *raia* ou *muda*, e que o jogador não deve ultrapassar, no momento de atirar a *Pela*.

O numero de jogadores não costuma ser inferior a quatro, e o jogo será tanto mais animado, quanto maior for esse numero e mais atraente a representação de individuos de ambos os sexos.

Conhecidos os jogadores, fazem-se parceiros, isto é, dividem-se em dois grupos de igual numero, cada um dos quais irá *para baixo* — longe da *Marra* — ou *para cima* — proximo da *Marra* — conforme a sorte, de começo, e o seguimento regular do jogo, no decorrer do mesmo, o for indicando.

Após, faz-se a escolha dos campos, deitando sortes pelos dois modos seguintes: com uma moeda que se deita ao ar depois de cada grupo se ter manifestado por *caras* ou *cunhos*, ou, na falta da moeda, por meio de um pedaço de telha, qualquer caco, ou pedra achatada que se humedece numa

das faces com *cuspinho* — saliva — e da mesma maneira se atira ao ar, depois de se interrogarem os jogadores sôbre a sua preferéncia, com estas palavras sacramentais: « *Queres seco ou molhado?* »

Distribuidos os dois grupos conforme lhes competir, inicia-se o jôgo pelos que ficaram *de cima* — os favorecidos — colocando-se todos estes ao lado da *Marra*.

Quando ha mulheres são estas as primeiras a jogar, salvo se houver crianças porque então o jôgo começa por elas. Os homens entram em ultimo lugar.

A partida tem 24 pontos ou tentos, sobressaindo os 12 primeiros como *meio-jôgo*. Dizem-se tantos *por cima* ou tantos *por baixo* segundo o número de pontos vai além ou está aquém do *meio-jôgo*.

Colocado o primeiro jogador entre a *Muda* e a *Marra* em posição de jogar, os jogadores do lado contrário afastam-se ou aproximam-se conforme as probabilidades de boa ou má *jogada*, isto é, segundo a classe do jogador.

A maneira de atirar a *Pela* varia de homem para mulher. Esta, joga em postura calma, delicada, tirando mais partido do geito do que da fôrça, apenas empregando a mão e o braço direitos, sem deslocação de pés no momento de atirar. A *Pela* fica geralmente a pouca distancia. Aquele, movimenta-se energicamente, num ritmo de certo modo parecido ao do lançador do pêso. Com a mão esquerda lança a bola um pouco acima da cabeça e, de seguida, ataca-a vigorosamente com a palma da mão direita, centrando o melhor possível e combinando o golpe do braço direito com movimentos de flexão do tronco e das pernas.

Ha daquelas jogadas que deixam a mão a arder e que não são de preferir a uma palmatoada bem puxada.

Quando ha crianças ou noviços na prática do jôgo, pode ser-lhes concedida a permissão de jogarem *de pedrada*, sendo porém obrigados em casos tais, a fazê-lo por detraz da *Marra*.

Impelida a bola, os adversarios, a conveniente distancia do jogador, tratam de fazer, o mais rapida e eficazmente possível, a barragem á *Pela*, no sentido de evitar que esta se afaste consideravelmente, ou procuram apanhá-la no ar em qualquer posição, em regra com uma ou as duas mãos ao alto, recebendo a bola directamente das mãos do atirador sem tocar o solo. É isto o que se chama *apular*.

Apanhada a *Pela* no chão e em determinado ponto sem

ser nas circumstancias do que se diz *apular*, desse mesmo local o jogador de mão mais certa aponta a *Pela* em direcção á *Marra*, rasteira ou por alto, conforme a vocação da sua pontaria.

Se bater no alvo diz-se que *matou* o jogador de cima, o que corresponde á sua derrota e á perda da mão que passa a outro jogador.

O acertar da bola na *Marra* chama-se *marrar*.

Quando a *Pela* passa por fóra, isto é, sem tocar na *Marra*, o partido que está a jogar marca um tento.

Matar e *marrar* empregam-se no mesmo sentido.

O acto de *apular* implica a morte de um jogador, quer dizer, tem o mesmo efeito de uma *marrada*.

Quando todos os jogadores de cima foram mortos ou fizeram os 24 tentos da partida, os grupos ou *partidos* mudam de campo e o jôgo continúa.

Ha jogadores especializados em bem *apular*, *atirar* e *marrar*.

Este jôgo tem a sua epoca propria durante a Quaresma e no decorrer da Pascoa.

Pratica-se, sobretudo, aos domingos.

Por este tempo os automobilistas esbarram com grandes pedregulhos no meio das estradas, ao aproximarem-se da minha terra. São as *Marras* do jôgo da *Pela*, imprudentemente desamparadas ao cabo do jôgo e que, de noite, chegam a oferecer serio risco.

José Germano da Cunha, no seu livro *Apontamentos para a historia do concelho do Fundão — 1892 —* refere-se perentoriamente ao jôgo da *Pela* nos seguintes termos:

«Em diversas povoações do concelho era costume, e ainda é, embora tenha perdido muito do seu antigo entusiasmo, o jôgo da *Pela* e o tanger dos adufes.»

Aparecem aqui baralhados não sei a que proposito, o «jôgo da *Pela*» e o «tanger dos adufes». Pelo menos na minha aldeia, a cinco quilometros apenas da séde do concelho, ainda hoje ha *Pelas* e *adufes* mas são coisas absolutamente distintas.

Lenda popular

A truta de Celorico da Beira

Crê-se geralmente em Celorico da Beira que quando D. Afonso III cercava o castelo, que estava a favor de D. Sancho II, o cêreo foi levantado por ter o alcaide mandado de presente a D. Afonso uma truta caída casualmente do bico de uma águia, dentro das muralhas, o que dava a entender que os sitiados possuíam abundancia de mantimentos para resistirem muito tempo. Esta crença tem apoio na tradição literaria, que ascende a tempos antigos: vid., por exemplo, A. Brandão, *Monarchia Lusit.*, 4.^a parte, liv. XIV, cap. 30, o qual traz á colação narrativas da historia de Roma.

Já, todavia, Herculano, numa nota da *Historia de Portugal* (5.^a ed.), II, 436, disse que no caso da truta havia tal sabor de novela, que lhe falecia o animo para o mencionar no texto; e a pag. 538 chama-lhe positivamente «anecdota» e «lenda», ao mesmo tempo que refuta o que sobre o assunto se lê em D. Rodrigo da Cunha, *Hist. Eccles. de Braga*, II, 129.

Herculano falou no campo historico. Se percorrermos o campo etnográfico, chegamos a conclusão analogá.

Temos lendas semelhantes em Abedim, no Minho, e em Monsanto da Beira: vid. o *Arch. Port.*, II, 64, e V, 301. A proposito da lenda de Abedim já eu me referi á de Celorico: *ibidem*, II, 64, nota, e citei um trabalho do etnografo siciliano G. Pitré, publicado em 1872. Cf. tambem P. Azevedo, no *Arch. Port.*, III, 196, nota 2. Em Silves ouvi ha anos outra lenda do mesmo género, só em vez de uma truta caída do bico de uma águia, cai uma sardinha do bico de uma gaivota.

Podem os de Celorico alegar-me que o que nas outras terras se conta é imitado de Celorico da Beira. Não o negarei de todo, tanto mais que o caso da truta do seu castelo é o que tem noticia literaria mais antiga; respondo porém que, quer de tempos modernos, noutras nações, quer da antiguidade classica, sabemos de lendas análogas: umas vezes os sitiados atiram ao arraial dos inimigos o unico pão que lhes restava, outras vezes um queijo feito de leite de mulher, outras vezes um animal farto com o ultimo trigo que lhes

restava. O citado etnografo Pitré tratou largamente d'isto nou-
tro seu trabalho, publicado no *Archivio per le tradiz. pop.*,
XXII, 193-211, onde se refere a uma obra do escritor romano
Frontino, sec. I-II da era cristã, que escreveu um livro ácerca
de estratagemas militares; no cap. 15 do livro III encontra-
mos os protótipos da lenda de Celorico. A ela se pode agre-
gar a de Deulladeu Martins, de Monção, referida piamente no
Port. Ant. e Mod., v, 425-426.

Não me sendo possível agora, por falta de tempo, desen-
volver o assunto, parece-me, no entanto, que quem a respeito
da truta de Celorico tiver ilusões, as dissipará perante o que
acima escrevi.

O figurar nas armas de Celorico a truta, nada vale como
informação historica, em vista do que fica dito. E elas não
devem ser muito antigas. O mais remoto testemunho que
conheço data do sec. XVII (R. Mendes Silva).

J. L. DE V.

(Do *Correio*, de Celorico da Beira, de 6-x-1929).

Gestos, sons, palavras, expressões, etc. que fazem "dar sorte",

Por tôdas essas cidades, vilas, aldeas, lugares e campos
de Portugal, são conhecidos uns infelizes que «dão sorte»,
quando se lhes diz ou ouvem certa palavra ou expressão, e
até, às vezes, quando vêem um simples gesto. O *dar sorte* é a
mesma coisa que zangar-se, irar-se, encolerizar-se; zanga, ira
ou cólera, que se manifestam por modos diversos, como va-
mos ver.

Ainda não lemos nos jornais, revistas ou livros de Etno-
grafia — fora um ou outro raro excerto descritivo da boémia
académica coimbrã — qualquer explicação de tais palavras
ou expressões que, por paralelismo e comodidade scientifica,
poderíamos denominar *melancologénicas*. Como nos pareceu
que tal estudo era indispensável na nossa Filologia, e sôbre-
tudo, Etnografia: aproveitámos estas últimas férias passadas
no Ribatejo e no Algarve, para ai, *in loco*, estudarmos cos-

tume tão vivaz, tão geral — tão triste! — e por isso, por pre-sunção fácil, já multissecular. Calculámos então que, no país inteiro há, tal e qual como o número de leprosos, 2.000 a 3.000 dêesses desgraçados ostensivos que, sôbre tantas outras tortu-ras da vida, sofrem mais esta, a maior de tôdas para êles. Baseámos o cálculo em 4 a 5 mártires por cada 10.000 habit. Mas... vamos à invenção quási diabólica, algo cabalistica, ocultando, por razões óbvias, o nome das vítimas já falecidas ou não, autores, a final, da sua própria cruz.

*

* *

- 1 — a) *Cão baço* — É um pobre homem de 75 anos, sol-teiro, indigente e mendigo, que
 b) *Ão... ão* trabalhou no campo até poder,
 c) *Ūūūū* hà um ou dois anos. O dinheiro
 d) *Mulher-homem* da fêria entregava-o sempre, du-rante muitos anos, à mãe, enquanto foi viva — trabalha-dor e filho exemplar, querido por tôda a gente da vila ribatejana.

Cala-se, apressa o passo, ou tem breve linguagem, sacudida, quando lhe chamam *Cão baço*. Se porém ouve *ão... ão* ou *ūūūū*... põe logo no chão a sacola de pe-dinte, volta-se para o interpelante, injuria-o, de punhos fechados, e, no fim, lagrimoso, em forma de jeremiada, acusa a mocidade de uma educação péssima, amoral e — o que é curioso — de fraqueza física.

Quando, finalmente, lhe chamam *mulher-homem*, o desespero, a dor da impotência atinge o auge, o rictus colérico é horrível, todo o corpo lhe estremece num ven-daval nervoso arripiante, e todo o palavreado sujo e torpe lhe sai da boca em catadupa escaldante, sem lhe esquecer, no fim, ainda mais acentuada e longa, a sua jeremiada.

Obs.: — Em conversa com pessoas que acha caridosas e lhe não «chamam nomes», diz que é um infeliz, que até o com-bóio (quando apita) faz pouco dêle (*ūūū*) e que, emfim, não é *Cão baço*, mas *Cabaço*, que foi assim que o alcunhou o arrais de um barco, quando era pequeno. Quando lhe observam que não deve fazer caso de tais nomes, cala-se...

*

Tal qual como o *mulher-homem*, com idênticas ou semelhantes manifestações coléricas que o povo, na sua linguagem sedutora, traduz pelas seguintes ou semelhantes expressões: «diz tudo quanto é mau», «quanto lhe vem à bôca»; «até treme», «ferve», «arde», «se dana», «se derrete»; «parece uma árvore de fogo»; «chama tudo o que há de pior»; «diz tudo quanto há no mundo»; «não tem raça de vergonha de ninguém»; «ah!... homem, perde-se»; «perde a cabeça»; «endoidece mesmo», etc., etc. — um escabujar agonizante, horripilante do farrapo humano — é cada um dos seguintes:

- 2 — *Ti-Tuda*. — Velhinha ainda rija, de uma aldeola extrema, outrora talvez bem formosa.
- 3 — *Sapo... saparrão... apareça aqui o mē João*. — Pobre mendigo de naturalidade ignorada.
- 4 — *Pé-curto*. — Trabalhador, inválido, sem família, da referida aldeola.
- 5 — *Parūstes no chôco*. — Moço de barco, solteiro, que acompanhava o pai. Deu sempre sorte, desde novo.
- 6 — *Mata-burros*. — Moço de padeiro, já velho, sem família. Chamavam-lhe assim por êle ser casmurro.
- 7 — *Tito... tito... chim... chim... chim... chim*. — Era um barqueiro, solteiro, homem sério, mas o mais desavergonhado de todos no palavreado.
- 8 — *Dr. Formiga*. — Trabalhador rural, velho, com família, sério.
- 9 — *Fusas*. — Lembrou-se êste, que era ainda novo, de aprender música. Um dia, diz-lhe o mestre que, no dia seguinte, passariam às «fusas». Êle então volta-se para o mestre e diz-lhe — «tamēi v.^{cei}, em vez de se dar ô respêto!... ora vá à fava v.^{cei} e a músoca». E nunca mais lá foi.
- 10 — *Óálhūinho... Zé camponês*. — Era irmão do *parūstes no chôco*, doente, morreu muito novo, tísico. Por fim, já sem forças, irritava-se pouco, limitava a sua cólera quasi ao estribilho monocórdico, em rima: «vá p'rà grande, grandessissima p. que (o, a, os, as) fez».
- 11 — *É boi... qui i há?* — Era pastor e parece que dizia tal expressão quando transportava o gado para o matadouro. Pois fôsse a quem fôsse, devesse ou não os maiores favores, respondia invariavelmente, em tom baixo, cavo: «*cabrão*».

- 12 — *Menina Matildes...* *piu, piu*. — Velhote, mendigo, muito sério. Se não dissessem o *piu, piu*, remordia, mas escapava. Com o *piu* «dava porém tôda a casca», e tinha a especialidade de fazer aos «metediços» uma espécie de exortação moral, admoestando-os para que trabalhassem, que não explorassem os outros, a mulher ou os filhos; no tempo da guerra, chamava-lhes cobardes por não estarem nela. Outra especialidade era deitar-se no chão, a chorar.
- 13 — a) *Guerrilha* — Homem sério, muito conceituado, duma vila algarvia. A principio chamavam-lhe o «garrilha». Depois, por conselho dos filhos e amigos, já pouco caso fazia, mas continuava a desesperar-se, quando lhe chamavam o 33 (1833, ano da guerra civil) e por fim, só se ralava com o gesto.
- b) 33
- c) [*Só um gesto, levantando ao ar dois dedos, indicando os dois 33*]
- 14 — *S.^o Penetra*. — Homem ainda novo, remediado, que se apelidava *Projecta*. Em grupo de gente remediada, se acertava de entrar algum amigo, logo um dos circunstantes se levantava, dizendo-lhe: «apresento-lhe o meu amigo *S.^o Penetra...*». Pois antes de acabada a resposta de: «estimo muito conhecer...», já o *Penetra* gesticulava furiosamente e saía para a rua, dizendo que era *Projecta*, não *Penetra*, e desafiando para pugilato, um a um, ou logo todos, pois era homem para eles e que saltassem.
- 15 — *Trautear o hino da carta*. — Era só fazer isto quando avistavam um lavrador remediado, baixo, gordo, a cavalo de um cavalicoque preto, guedelhudo, de chouto trotante (o que originou o som cabalístico) para o tal lavrador (o Antõninho) se descer imediatamente e, em altos berros, começar a desafiar para a luta, os circunstantes, ou um a um, ou todos, como quizessem.
- 16 — *Bisouro*. — Era um garoto de instrução primária. Os colegas batiam-lhe à porta, chamando-o para a escola e ao mesmo tempo *bisouro*. Pois não era só o rapaz que se desesperava; era a mãe, o pai e até os irmãos que prorrompiam, à porta e na rua, em invectivas contra a garotada.

*

Não só descompunham, mas tornavam-se perigosíssimos, atirando com o que tinham à mão, os seguintes:

- 17 — *Cachapim, cachapim... pim, pim.* — Era um velhote, moço de recados, que tinha sido trabalhador rural, parece que com o apelido de *Calhapim*. Terrível em atirar pedras.
- 18 — *É misso... é misso.* — Velhote que fôra barqueiro.
- 19 — *Ó que fedor a cera.* — Mendigo.
- 20 — *Desanda lá ó pau fino.* — Era um sapateiro que ao ouvir a expressão fatal, saía da loja como leão de uma jaula e atirava ao rapazio com todos os objectos do ofício que podia agarrar, espalhando-os pela rua.
- 21 — *Ladrão dos chouriços.* — Tinha a especialidade de atirar com um grande cachimbo que tinha.
- 22 — *Mééééi... mééééi.* — Mendigo que carregava água, de boas famílias.
- 23 — (*Id.*) — Êste segundo era chefe de uma estação de caminho de ferro ribatejana. A causa da sua cruz foi a seguinte: tinha êle uma bela cabra que só se deixava ordenhar pela mulher. Como a mulher nem sempre estava disponível para tal serviço, nas horas devidas, o nosso chefe, um belo dia, depois de várias tentativas e de matutar, foi ordenhar a cabra, vestindo previamente a bata da esposa. Pois bastou verem-no assim, em tal operação.
- 24 — *Ó Mari Rôla... Mari Rôla.* — Era um guarda campestre, casado. Ao ouvir o nome fatal, agarrava logo na espingarda e era capaz de dar um tiro, fôsse em quem fôsse. A origem da expressão cabalistica está na oferta de um cordão de ouro que êle fez a uma tal Maria Rôla para casar com ela. Mas... ela deixou-o.
- 25 — *Mija a burra.* — Considerado lavrador da citada vila algarvia. Procedia exactamente como o *Mari Rôla*. A sua cruz também êle a arranjou, por costumar dizer, quando chovia: «já a burra tá a mejar».
- 26 — *Ó Zé não vás à Moita?* — Homem de uns 40 anos, da cidade sadina. Não descançava sem dar uma bofetada a quem lhe fazia tal pergunta.

27 — *O Cardoso tem na vinha,* — É desnecessário encarecer
Tem um cão que la vindima; a curiosidade desta. A
Tem um burro laparoso, verdade é que o Car-
Arre burro... chó Cardoso. doso que nunca na sua
 vida se calçou e rara-
 mente se lavou, deixava logo o burro carregado de pi-
 nhas e perseguia os « metediços », às vezes, mais de uma
 légua.

*

* *

Como se vê, as vítimas são crianças, homens, mulheres, especialmente, velhos. Escusado é lembrar que também é, às vezes, a população de uma cidade, uma vila, etc., vg., Lagos, Olhão, Palmela. Conclue-se ainda que às autoridades compete a *repressão sistemática* de tais « brincadeiras » que originam tanta dor e tantas lágrimas, índice vergonhoso de uma civilização semi-selvática, tanto mais que os « metediços brincalhões », são, sobretudo, a população das escolas, especialmente os rapazes e ainda muitos e muitos quasi-homens, homens e até já às vezes com cabelos brancos.

Por outro lado se repararmos na curiosíssima circunstância de que as vítimas são celibatários (excepto os n.ºs 8, 13, 14, 15, 24 e 25) e bêbados (excepto os n.ºs 1, 6, 9, 10, 12, 14, 15, 19, 23, 25, 27), teremos bons argumentos contra o álcool e o celibato.

Não conseguimos desvendar a origem de tôdas as fórmulas melancologénicas. Uma compilação mais vasta, em que estas origens se expliquem com minúcia, formará curioso capítulo da nossa Filologia e do mesmo passo um belo estudo da nossa Psicologia (inventiva e reagente).

ESTANCO LOURO.

BIBLIOGRAFIA

LIVROS

De terra em terra (excursões arqueologicas e etnograficas) por J. LEITE DE VASCONCELLOS: 2 volumes, que formam o 1.º e o 2.º da Colecção de estudos começada a publicar pela Imprensa Nacional de Lisboa, com o titulo de *Historia, Sciencia, Arte*. — 1.º volume, de VIII-236 páginas, illustrado com 82 gravuras no texto; 2.º volume, de 300 páginas, illustrado com 255 gravuras no texto.

1

Nestes dois volumes considera-se o Continente português dividido em *Norte* (Trás-os-Montes e Entre-Douro-e-Minho), *Centro* (Beira), e *Sul* (Estremadura, Alentejo e Algarve). Em cada uma d'estas partes admitem-se sub-divisões, como: Beira-Alta, Baixa e Ocidental, Estremadura Cistagana e Transtaganana, Alentejo Alto, Central e Baixo, Além-Guadiana, etc.

Aí se consignam antigualhas, costumes, panoramas, caracteres, que o autor observou nas suas caminhadas, por exemplo:

1. O Minho com a frescura de seus campos e a alegria de seus habitantes. — Casamento poetico em Soajo. — Festa da Senhora da Peneda.

Trajos serranos de Castro Laboreiro. — Casas cobertas de colmo. — Vasilhame e colhéres de madeira. — Lexico popular.

Uma feira em Vila do Conde. — Marcas de pescadores da Povoa.

2. Cantos populares trasmontanos nas segadas e malhas. — Como se viaja pelo interior de Trás-os-Montes. — Lendas beocianas da Mõfreita.

Mulheres que fiam e lavram, levando os filhinhos ás cos-

tas metidos numa especie de sacco formado pelo chaile. — *Capa de honras* de Miranda do Douro.

Uma rua etnografica em Chaves. — Varandas soalheiras. — Uso de rótula em vez de vidros. — Engenhos de tirar agua, e sua origem. — Um arraial.

O deus *Larocus* de Curral das Vacas. — Fabrica de loiça de Vilar de Nantes, e origem d'esta denominação.

Vida familiar de Barroso: habitação, vestuario, costumes.

Lendas e poesias populares do Norte de Trás-os-Montes. — A cidade de Bragança e arredores.

3. Serranias penedosas da Beira Alta. — Lendas, e importancia do seu estudo. — Uma *venda* em Forninhos. — A Senhora dos Verdes. — Orcas ou sepulturas prehistoricas. — Romagem de Santa Eufemia. — O S.^o Abade da Matança. — O tio-Brites.

Ditado do rio Dão. — Torres antigas. — O P.^o Santa Rosa de Viterbo, grande benemerito da nossa historia medieval. — Penalidades antigas.

Divisão geografico-popular da Beira-Baixa. — Idanha-a-Velha e suas antiguidades. — Um *chôço* em Medelim. — Almoço etnografico. — Uma procissão no Fundão.

A Serra da Estrela, a principal serra de Portugal, majestosa na sua solidão, seus penedos, seus vales cobertos de *ser-tum*, seus pastores, tipicamente trajados.

Passagem por Coimbra.

Feição supersticiosa, mas hospitaleira, dos Beirões.

4. Na Estremadura:

Arredores de Tomar. — Lenda da Senhora de Covões. — Margens do Zêzere. — Origem dos *cirios* estremenhos.

Estremadura Transtagana: Antiguidades de Alcacer-do-Sal. — Os Pretos do Sado. — Cornelio Boco, escritor lusitano. — Torrão e Alcáçova. — Uma cozinha nas Alcáçovas. — Antiguidades de Grandola, S. Tiago de Cacem, Sines. — Lenda que se apossou de um dolmen prehistorico da beira-mar.

5. Cidade de Elvas e seu museu. — Campo-Maior e Ouguela.

Evora e arredores (antigualhas diversas). — André de Rêzende. — As vilas de Extremoz, Vila-Viçosa, Alandroal, Terena. — O deus *Endovellicus*.

No Baixo-Alentejo: *castelinhos* do interior do sertão. — A Senhora da Cola. — Museu de Beja. — Antigualhas de Mertola e da Vidigueira.

Além-Guadiana: Serpa e seu aro.

Maravilhas artisticas dos pastores alentejanos. — O coração na arte e poesia populares: observações feitas a proposito da arte pastoril do Alentejo.

A *pádeirinha* de Fronteira (semana-santa). — Vestuario alentejano, feito todo ele de peles. — Asseio e compostura da casa do Alentejo.

Character grave dos Alentejanos.

6. O reino do Algarve. — Castro-Marim e seu cais. — Restos que os Mouros deixaram em Faro e Silves. — Viagem de Silves a Portimão, pelo rio. — Ilha desencantada. — Romanos nos arredores de Portimão e no Algôz. — Açoteias de origem arabica. — Mulheres de biôco. — Rudeza agreste do Cabo de S. Vicente, em contraste com os amendoais floridos do resto da provincia.

O que fica dito é incompletissimo sumário, pois nos dois volumes dão-se muitas mais noticias archeologicas e ethnograficas das terras mencionadas e ainda de outras, e até se declararam os nomes de algumas das pessoas com quem o autor tratou ou que lhe ofereceram objectos para o Museu Etnologico de Belem.

A obra não é meramente um repositorio de factos. Estes, nos varios ambitos em que se expõem, estão coordenados, metodizados, e em regra submetidos a ideias gerais, e no que toca á parte archeologica apresentados segundo a natural sucessão dos tempos.

(De um prospecto publicado pela
Imprensa Nacional de Lisboa).

The author of this book says that Portugal is possessed by a fury of destruction. It has always been so, and those who attempt to pull against the tide of destruction and save something of a constructive and efficient nature are themselves destroyed. A few exceptions are endowed with the ne-

cessary resistance to emerge from this democratic cult of incompetence and to survive; the greater the difficulties they encounter the greater they themselves become. This accounts for the solitary peaks in Portuguese literature and history — a statesman like Albuquerque, a poet like Camões, a mystic like Frei Thomé de Jesus, a historian like Herculano, an archaeologist like Dr. Leite de Vasconcellos towering above the rest, strengthened by the very obstacles that overwhelm lesser spirits. This celebrated archaeologist is one of those who have survived, thriving on the general indifference, like one of those luxuriant Southern plants which prosper in a parched and apparently barren soil. He frequently laments the indifference towards things of the past to which he has devoted a long life, but it has not succeeded in dulling his own enthusiasm. He received much assistance in his excursions from parish priests throughout the country, and in passing one may contrast these keen, kindly, hospitable, cultured priests with those depicted in a recent Portuguese novel.

Dr. Leite de Vasconcellos himself is tireless and indomitable. In 1916, being then just under sixty, he explored the Serra da Estrella, and after returning in the morning from a twelve hours' expedition went back to Covilhã in the afternoon. Only those acquainted with those shadeless, stony mountain paths can realize what that means. Some of the expeditions here recorded were made nearly fifty years ago, others are recent. Riding a horse or donkey, on foot, in diligencia, train and motor-car, in an Alentejan mule-cart or *carrinha* of Algarve, by moonlight or in the summer *calmas*, when the word acts up to its Greek derivation of burning, he has explored every nook and corner of Portugal in search of phonetic and dialectal variants, of inscriptions, place-names, ancient customs, popular quatrains, folklore, legends, and archaeological specimens for the Portuguese Ethnological Museum, which he founded at Belem, near Lisbon, and which Baedeker fifteen years ago was able to describe as one of the richest of its kind in existence. We see him falling off his ass in the act of copying a Roman inscription; waking up a farmer on a pitch-dark night to inquire after prehistoric remains; eating «ethnological meals» in wayside inns, glad sometimes to obtain black rye-bread and goat's cheese; going over the sixteenth century archaeologist Resende's house at Evora; wading through a sea of stones on a moun-

tain-side in hope of treasure; exploring mountains and moors in pursuit of dolmens; sifting fairs and markets for ethnological finds; and packing cases of his acquisitions, which might be as small as a coin or as large as a Roman tomb or altar. To the peasants this was all incomprehensible; his keen inquiries gave rise to the suspicion that he was a sorcerer or a collector of taxes or even an accomplice of robbers; mostly, however, it was believed that he was in search of buried treasure, of gold and jewels hidden away by the Moors, and a group of women would gather to watch him dig it up; that he should seem pleased with an apparently insignificant bit of stone or brick only meant that the treasure was for the moment magically transmuted. Sometimes much toil proved fruitless, but elsewhere the finds were very rich, as was but natural in a country of so many and various ancient civilizations.

These two volumes might almost be taken as a proof that nothing exists; again and again an ordinary person might have seen the things the author saw and found no interest in them. As Dr. Leite de Vasconcellos proceeds, interest springs up at every step: the shape of a house, of a water-jar, of clogs or headdress, lamp or spoon, takes on a new significance. The most ordinary industries, such as tanning or shearing, attract him because they may illustrate the implements used by primitive man. He copies the marks of potters, of masons, of fishermen (carved by them on the sly in the parish church, in the belief that it will increase their catch). We are regaled with hundreds of small interesting facts by the way; we are informed that the names of an innkeeper's children are Viriathus, Virgil and Horace; we see a woman carrying her baby on her back as she ploughs (with donkeys); we come across a small African colony at Alcacer do Sal. At Fronteira, in Alentejo, on Easter Eve biscuits are made in the shape of lizards and hens and eaten, the hens by the girls, the lizards by the young men, at a chapel after the religious procession. Dr. Leite de Vasconcellos puts in a plea that such survivals from an immemorial past may be allowed to die a natural death and not be « polizeilich verboten ». Meanwhile in these and many scores of similar volumes he has garnered an abundant harvest; if this had been done once in each generation since printing began we should possess an inexhaustible mine of interest, since trifles which seem unimportant are apt,

when recorded, to gather fresh value as each year goes by. We are here given several of those undecipherable Iberian inscriptions. One that frequently occurs on coins, between two horizontal fishes, and usually accompanied by the head of Hercules, Dr. Leite de Vasconcellos, reading from right to left, interprets as «Eviom», the final, or initial, letter representing a half-moon. If archaeologists could agree upon the interpretation, it might prove a sure beginning in the important task of reading this mysterious alphabet; but, unfortunately, they can only agree to differ. The value of this work is increased by over three hundred illustrations, including photographs and drawings by the author and others. It is curious to see that in a wood-carving by an Alentejan shepherd dated 1891 (Volume II., Figure 136A) the figures of men and animals, in their vivid simplicity and clever rendering of swift motion, resemble those of the primitive drawings in Spanish caves.

AUBREY F. G. BELL.

(De *The Times Literary Supplement*, de 3 de Novembro de 1927).

Aushwahl altportugiesischer Lieder, von S. PELLEGRINI. Halle/Saale 1928. Max Nimeyer.

Mais do que entre nós — é triste dizê-lo — a nossa primitiva poesia tem sido objecto de estudo para os estrangeiros. Os nomes de Lord Stuart, Bellermann, Wolf, Lopes de Moura, Varnhagen, Diez, Lang e sobretudo Monaci, a quem devemos poder conhecer a sua maior e melhor parte, serão sempre lembrados por quantos d'ela se ocuparem. Estrangeira foi também, pelo nascimento, D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, que lhe dedicou quasi toda a sua laboriosa vida, deixando-nos o estudo mais completo que sobre tal assunto se há publicado. Outro erudito estrangeiro, o D.^{or} S. Pellegrini, acaba de dar a lume um livrinho, destinado aos estudantes alemães, no qual insere varias cantigas que lhes permitem fazer juízo da sua natureza e forma, reunindo ai, não só as de assunto profano, as chamadas de *amor* e *d'amigo*, mas também sacro, sem esquecer as satiricas ou de *escárneo* e *mal dizer*. Ao mesmo tempo, para de certo modo fazer conhecer

as duas correntes, literária e popular, que nelas se observa, deu amostras de uma e outra.

O autor fez preceder a sua pequena antologia de uma breve definição daquelas três espécies de cantigas e noticia dos códices em que se encontram essas e as de feição religiosa, da autoria de Afonso x; dá também esclarecimentos muito resumidos dos trovadores que entram na sua colecção. Para formar esta recorreu às edições críticas já publicadas, que igualmente seguiu, apenas uma que outra vez corrigindo as respectivas lições; uma só, a n.º XXIII, creio ser restauração sua, pois não me consta tenha sido publicada.

É digna de aplauso a colecção feita pelo D.^{or} Pellegrini, pois dá ideia da poesia do tempo e dos assuntos que esta versava; para a sua compreensão juntou-lhe um pequeno glossário de nomes comuns e próprios.

Neste trabalho mostra-se o autor em plena posse do assunto que versa, como aliás já o comprovava noutro estudo, publicado antes sob o título *Don Denis*, o que todavia não quer dizer que aqui e ali se não encontrem alguns deslises os quais nem todos lhe devemos atribuir, porquanto essas veem já nas obras de que se serviu, outros são devidos à sua qualidade de estrangeiro, a quem naturalmente escapam certas especialidades de pronúncia. Apontarei alguns, começando pela ortografia. Em harmonia com o processo adoptado por D. Carolina Michaëlis e observado nos apógrafos italianos, o D.^{or} Pellegrini transcreve os pronomes pessoais da 1.^a e 2.^a pessoas do plural por *nus vus* ou *nos vos*, conforme são átonos ou tónicos, todavia nem sempre adoptou essa transcrição, o que poderá confundir o leitor estrangeiro. Assim em IV, 7 deixou passar o *vós* da edição de Lang por *vos*. Também me parece que seria preferível em III, 1, 16 e 17 grafar *ũa* e não *unha*, que poderá induzir em êrro a quem a ler, julgando haver aqui um *n* molhado, quando o *n* serve de nasalizar a vogal precedente e o *h* de separar os sons intermédios; se nos apógrafos aparece por vezes esta grafia, ainda hoje usada por escritores galegos, encontra-se lá também *ũa*. Há também que fazer-se a distinção entre a preposição e verbo, acentuando neste último caso, o que falta em I, 21 ⁽¹⁾, II, 11, III, 8.

As correcções feitas pelo D.^{or} Pellegrini nem todas me

(1) Há aqui um *a* a mais.

satisfazem. Assim: em IV, 17, VI, 8, acho escusada a substituição do *que* do texto por *quem*, pois aquela forma tinha por vezes também o valor desta, como se pode ver no *Glossário*, que acompanha a minha edição das *Cantigas d'amigo* s. v. *que*; também em V, 3, etc., eu teria conservado o *que* do original, fazendo-se a contracção do *e* com o *a* seguinte, ficará o verso com uma sílaba a menos do que lhe corresponde, o 5.º. As correcções, feitas em VIII, 9, 10 e XXI, 18 às leituras de D. Carolina Michaëlis, parecem-me judiciosas, como também concordo com a que em XL, 19 faz à minha, mas em XXIV, 3, 11, 17 entendo que se devem manter os textos respectivos, que dizem, *é ora entrant'a guerra* (que, de certo por simetria com as restantes estrofes, substituiu por *é por non entrar na guerra*), *con nos e ric'omen*, porquanto no 1.º caso temos o particípio do presente, que a antiga língua usava muitas vezes em vez do gerúndio que o substituiu; no 2.º é também vulgar em textos arcaicos e ainda na fala actual do povo a troca por *n* (assimilação) do *l* do artigo; n.º 3 a vogal nasal não impedia a contracção com a imediata. Em XXV, 9 a *ben-parecer*, de que me não lembro ter encontrado exemplo, deverá talvez preferir-se *bon-parecer*, que, entre outros, encontra-se nos por mim apontados no citado *Glossário*. Em XXVI, 2, não vejo que o sentido exija substituir *mi* por *m'i*. Em XXVIII, 46 deverá ler-se *loaron* e não *loraron*, pois tal verbo é desconhecido dos textos antigos. Em XXXIV, 14, há de substituir-se por *veesse* a forma *viesse*, que escapou à revisão das *Cantigas d'amigo*. Nesta edição havia eu interpretado o *uerrey* dos textos por *verê i*, agora, porém, acho que se deverá corrigir em *ve[re]rei*, que além de ser a forma mais frequente, satisfaz à medida do verso, em XXXVI, 5. Em XXXIX, 5, para haver concordância no refram, deverá substituir-se *mi* por *min* ou vice-versa nos versos 11 e 17. Em XLII, 10 o paralelismo exige que, a fazer-se a paragoge em *remar*, a mesma se faça também nos versos correspondentes. Em XLIV, 14 e 18, o *meu* dos textos não se me afigura dar sentido, por isso o substituí por *um*. Em XLV, 17 e 23, a rima exige *liara* (como aliás se lê nos textos) e *asperara*. Afigura-se-me que pelo mesmo motivo em XXXIII, 10, 20 se deverá preferir *coitada e ferida*. O D.ºr Pellegrini seguiu, creio, a minha lição de que agora discordo neste ponto, tanto mais que nos apógrafos apenas a 1.ª estrofe tem no seu final só as palavras *comestou e estas mesmas* com as que se lhes seguem faltam nas outras.

Em II, 17, para que o sentido fique claro, terá, a meu ver, de substituir-se por *non* o *nē* dos apógrafos. No v. 14 eu corrigiria em *eno* a forma *e-no*, dada por Lang. No n.º XXIII o mesmo snr. dá-nos uma cantiga de escárneo e mal dizer de Afonso X, que nos apógrafos se encontra bastante deturpada. Na restituição que dela se propôs fazer revela não só engenho mas conhecimento da antiga língua galego-português, todavia, a-pesar-de todos os seus esforços e perícia, parece-me que nos não deu uma lição perfeitamente inteligível. Nos versos 9, 39 e 47 acho que se deverá manter a lição original, que diz respectivamente *mi alongue, ao que* (do C. B.) e *ei a provar*. Em vista da corrupção do texto original, que torna quasi impossível a sua interpretação, eu teria preferido a esta outra das muitas e variadas cantigas, melhor conservadas. Do mesmo modo procederia relativamente às n.ºs VII e VIII, das quais as respectivos estrofes, última e primeira, são, ao menos para mim, aquela obscura, esta de restauração problemática, embora a proposta pelo D.^{or} Pellegrini satisfaça à rima e mesmo ao sentido.

No *Glossário* deverão omitir-se as observações *heute cabello, donzella, perguntar*, que não condizem com a verdade, pois a grafia actual é a mesma que a antiga. A *enxerdado* dá D. Carolina Michaëlis o sentido *dedeserdado, expatriado* (cf. *Glos. do Canc. d'Ajuda*). A *estrado* dou a interpretação que tem Moraes (8.^a edição), isto é, «sobrado de madeira largo e raso, pouco erguido do chão» e a respeito do qual observa que «sôbre êle se sentavam antigamente as mulheres a coser e lavar», a mesma dá, no lugar indicado, a citada senhora, que, a pág. 339 do C. A. traduz por *Empore*. Em vez de *per* eu leio *per'*, isto é, *pera*, que é a prep. pedida pelo verbo *chegar-se*. Em *ponçon* vejo eu antes o sentido do *picadela* do que o de *veneno*, que ainda hoje se diz *peçonha* (por *poçonha*) e assenta, como o espanhol *ponzoña* sôbre **potionea*, isto é, um adjectivo tirado de *potio*, que deu *poção*, sinónimo de *bebida*, e o arcaico *poçon* de sentido idêntico ao actual *peçonha*. A forma em uso hoje e correspondente à antiga *säär* é *sarar*; existe, é facto, *sanar*, mas como literária; cf. arc. *meor*, *meos*, hoje *menor*, *menos*. Em *querer*, omitiu-se o fut. *querrei*. Aí, como em *seer*, deve substituir-se *alguma* por *alguma*. A *sarrar* acho que se deve dar a interpretação de *fechar*. (No lugar apontado refere-se a uma cicatriz); no ptg. antigo era freqüente tal forma, que hoje se escreve *cerrar*.

Faltou incluir a prep. *tras* (em I, 21, *trá-lo*) com o sentido de *afora, excepto*. A *veesse* junte-se XXXIV, 14, pois a grafia *viesses*, hoje a usada, é devida a lapso de revisão, segundo já ficou dito.

Como se vê, são pequenos os senões que acabo de apontar no livrinho do D.^{or} Pellegrini e de forma alguma lhe tiram o merecimento. A mim, na qualidade de português, só me cabe o dever de agradecer ao autor o interesse que toma pelas nossas letras e o seu empenho em fazer conhecida da mocidade alemã a beleza que, junta à simplicidade, encerram tantas trovas, cantadas outrora nos paços régios com aprazimento de quantos as escutavam, como desabafo dos sentimentos ternos que se albergavam nos peitos de cantores e ouvintes. Prova ainda do afecto que, o mesmo erudito dedica à antiga poesia trovadoresca é um artigo que publicou no *Archivum Romanicum* (vol. XII, n.º 3, 1923) acêrca dos *lais* portugueses que se encontram no códice vaticano n.º 7182. Aí dá o seu autor uma transcrição diplomática das cinco composições que, sob os mesmos nomes, se encontram no C. B., hoje na posse da Biblioteca Nacional de Lisboa, logo em seguida a Poética fragmentária, da qual se vê não haver divergência sensível entre umas e outras. Da existência à parte destes cinco *lais* conclui o D.^{or} Pellegrini que «existiu seguramente, na primeira metade do séc. XVI, e verisimilmente na Itália, um cancionero galego-português de proporções imprecisáveis, distinto de cada um dos presentemente possuídos e conhecidos e distinto todavia, embora proveniente de um mesmo arquétipo, daqueles dois donde derivam respectivamente os cancioneros da Vaticana e Colocci-Brancuti; dêsse cancionero A. Colocci fez tirar, num modo ou noutro, a cópia (completa, se aquele cancionero se limitava apenas aos *lais*, parcial no caso inverso) que nos é transmitida pelo códice vaticano n.º 7182.

J. J. NUNES.

Antroponímia Portuguesa por J. LEITE DE VASCONCELLOS:
publicada pela Imprensa Nacional de Lisboa, 1927, 1 vol.
de xx-660 paginas.

1

Trata comparativamente da origem, significação, classificação e vida do conjunto dos nossos nomes próprios, so-

brenomes, e apelidos, considerados desde a idade-média até hoje.

Consta do seguinte:

INTRODUÇÃO.

Livro I: *Estudo sistematico do nome.*

Em tres partes: I, Do nome proprio; II, Do sobre-nome; III, Do apelido. Cada uma d'estas partes sub-divide-se em varios capitulos, secções, parágrafos e sub-parágrafos.

Livro II: *Pormenores antroponimicos.*

Dividido em quinze capitulos.

Livro III: *Vicissitudes gramaticais do nome.*

Dividido em cinco partes: I, Fonologia; II, Morfologia; III, Formação de palavras; IV, Syntaxe; V, Advertencia sematologica. Algumas d'estas sub-dividem-se em capitulos ou secções.

CONCLUSÃO.

APENDICE.

Muitos dos assuntos são estudados com particular desenvolvimento, por exemplo:

No Livro I, a evolução historica do nome (nomes de origem latina, germanica, hebraica, etc.); os patronimicos, e sua origem; a origem dos apelidos; classificação das alcunhas, como geradoras de apelidos; apelidos zoologicos, comparados com os de muitos outros povos, antigos e modernos;

No Livro II, os nomes de escravos, e os de Judeus;

No Livro III, os nomes de origem proclítica, e os nomes hipocoristicos;

No Apendice, o titulo de « dom ».

Todas as materias foram postas em relação com a nossa historia social: de modo que a *Antroponimia portugueza*, sem

deixar de ter, como tem na essencia, caracter filologico, pôde considerar-se tambem extenso capitulo d'aquela.

Obra, no seu genero, inteiramente nova em Portugal, com este plano e amplitude.

Copiosos indices, um por materias e outros pelo alfabeto, facilitam a consulta.

(Prospecto publicado pela Imprensa Nacional de Lisboa).

2

For most writers this volume of 650 quarto pages might seem the work of a lifetime; but after over fifty years of unceasing study the writing of a score of such volumes is only a question of time and energy for its imminent author, a man who has done more than any other to preserve a mass of ethnological and philological treasure from the fast vanishing Portugal of old and national fashions. The ever fresh zest of Dr. Leite de Vasconcellos gives his books a living interest, even for the profane in such matters. So far from confining himself to his study among his magnificent library and huge accumulation of notes, we find him, for instance, at the age of seventy, in a Portuguese village extracting information from a passing troop of gypsies. That is a part of his secret. He has the gift of eliciting knowledge; every one seems suddenly to become keen and to furnish interesting items of philology — which after all, like money, is at the root of most things.

Another cause of the fascination of his new book is the variety of racial elements and international relations in Portugal. There are many Gothic, Germanic, Greek, Hebrew, Arabic, Mozarabic, and Basque derivations. Portugal was born cosmopolitan. Her first king was the son of a Frenchman; English and Germans took part in the siege of Lisbon in 1147. English cloth is mentioned in a law of the year 1253. The alliance itself is more modern, and is but five and a half centuries old. From that time dates the surname of Lancaster (Lencastre) in Portugal, derived from John of Gaunt. Inter-marriage has brought a large number of English, Irish, and Scottish names into the country. There are Portuguese O'Kellys, Oneills, Oconnors. Sometimes the name is conside-

rably modified; one might not at first recognize Elliot, Sudley and Willoughby in Leote, Sodr  and Velouvi. This last form is the deliberate phonetic pronunciation to Latin ears. Both in Spain and in Portugal foreign names used to be treated phonetically. Cromwell became Cramuel, and Notaborlan and Plemua are strict records of the slovenly English pronunciation of Northumberland and Plymouth. Despite the Portuguese inclination to change o into u, John is not, as in Spain, Juan (Ivan), but Jo o (pronounced much as if written Joan in French, but by the peasants of Minho pronounced Ju u); it has archaic forms, Joane (modern Catalan has Joan), Jano (which is the nearest the Portuguese have come to our Jane), Jan (in Galician Xan), and, in Gil Vicente, Jam. The latter form, like Joam, shows the tendency of the Portuguese to nasalize, as in the form Mancias for the enamoured Macias (the same name as the much sterner-sounding Math as) and Nampali o (Napoleon). This nasalizing tendency has some curious results. E is often pronounced as i, and thus we find the peasants saying, instead of Your Excellency, Your Insolency. The title of Excellency is now as widely extended in Portugal as Don in Spain. In Portugal Dom is very rare and does not necessarily accompany a title even, but corresponds to our Lord used as a courtesy title. A peasant woman has letters addressed to her as «The Most Excellent Lady», and those to a grocer in a very small way have «Illustrissimo» before his name. Humbler persons must sometimes content themselves with the blunt Republican form of address, Citizen.

Dr. Leite de Vasconcellos discovered that the weird names given to foundlings were due partly to a wish to identify them easily (in the absence of a surname), partly to the custom of giving them the name of the saint on whose day they were received. But the fondness for pompous names has certainly increased with the spread of what one may call newspaper education; and such names as Hannibal and Athanasius are quite common. Three girls in one family were called Liberty, Equality and Fraternity; and another unfortunate girl, no doubt after the Proclamation of the Republic, was baptized Dawn of Freedom, or rather Aurora da Liberdade. The most charming names for girls in Portugal, as in Spain, are still those of a religious character: Neves (Our Lady of the Snows), Rosario. The number of names given to a child has

grown, and few Royal persons could boast such a row of names as a distinguished Portuguese general recently deceased. Portugal provides a great wealth of nicknames: Glass-Eye, Angel-Face, Sad-Beard, Swallow, Lizard, and so on *ad infinitum*. To this side of the subject many interesting pages of this book are devoted; and the chapter on diminutives is positively epic, with an immense mass of illustration. The names are transposed and contracted past recognition, with the Portuguese fondness for energetic, almost explosive, monosyllables. Often the second half of the name is taken and a diminutive added, Joaquim thus becoming Quinzinho or Quinito, and Jaime Mito. Two names are similarly contracted, Elisa Amalia becomes Zamé. Some of the surnames are very curious. There are fewer industrial and more placenames than in English. Grandson (Neto), Cousin (Primo), Nephew (Sobrinho), Brother (Mano), Duke, Marquis, Count, Baron, Knight, Squire are among the surnames. England has supplied the surname. Inglish (Inglez) in return for our Pettingall (from Portugall, Portingall). The gypsies have provided Dr. Leite de Vasconcellos with some curious information. He does not seem to have actually seen a gypsy baptism, but he has it on good authority that the child's head is dipped three times in running water by the eldest gypsy present while the godfather rings a bell, perhaps taken from a donkey's neck, and the godmother afterwards ties up the child's head in a towel. The child is later baptized in a church under a completely different name. Snail-Joseph, Tail-Manuel, Winter-John are instances of gypsy children's double, natural and Christian, names.

But we must leave this vast storehouse of information, of absorbing interest to all those who are interested in philology, and to all who wish to be able to give more than a perfunctory answer to the question which, in its Spanish and Portuguese form, has often puzzled foreign travellers: How is your grace? — that is to say, What is your name?

AUBREY F. G. BELL.

(De *The Times Literary Supplement*, 10-x-1929, p. 793).

NECROLOGIA

A. Braamcamp Freire

Nascido em berço fidalgo, em 1 de Fevereiro de 1849, só passados os trinta se começou a dedicar a trabalhos de erudição.

Veraneando em Sintra, chamou-lhe a atenção a notabilíssima pintura dos brasões duma sala do paço velho e ao estudo das famílias aí representadas começou dedicando aturadas investigações, que publicava no *Diario Ilustrado* e depois reuniu em tres formosos volumes, cuja reedição ultimamente a Imprensa da Universidade tem levado a cabo.

Historiografo eminente, genealogista perspicaz e esculpulozo, fez avançar muito a historia literaria portugueza, em estudos como os referentes a Gil Vicente, Garcia de Rezende e André de Rezende, a historia economica em estudos como o das cartas de quitação de D. Manuel, etc.

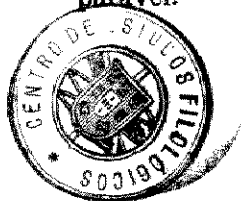
Todas as suas obras eram firmemente documentadas e por isso, ao lado da grande importancia historica, avulta a importancia filologica. Que manancial precioso não é para a historia da nossa lingua a publicação dum compromisso de confraria em 1346; o caderno da sisa da marçaria para 1502; o livro das tenças de D. João III; as Novas de Veneza em 1508; o inventario da guarda-roupa de D. Manuel; o sumario dos livros da fazenda; a Povoação de Entre Douro e Minho no seculo XVI; Os sessenta milhões outorgados em 1478; A honra de Resende; a guarda de D. João II em 1490; o inventario da casa de D. João III em 1534; o inventario da infanta D. Beatriz em 1507; e o tombo da comarca da Beira em 1395!

Finalmente não podemos deixar de assinalar a reedição da primeira parte da *Cronica de D. João I*, feita sobre um apografo da Torre do Tombo.

Braamcamp Freire colheu em vida os louros da sua prodigiosa actividade literaria. Se em politica chegou a presidente do senado, na sciencia chegou a presidente da Academia das Sciencias de Lisboa e Director dos *Portugaliae Monumenta Historica*, obra de que publicou um fasciculo de *Inquisitiones*.

Ao cerrar para sempre os olhos, em 22 de Dezembro de 1921, podia-se dizer sem exagero que a sua perda era irreparável.

ANTONIO BAIÃO.



Pedro de Azevedo

(† 3-I-1928)

A Pedro de Azevedo, que a morte tão inesperada e traiçoeiramente surpreendeu numa idade ainda pouco adiantada, num período ainda vigoroso e prometedor da vida laboriosa e fecunda do seu espírito, cabe bem, como a nenhum outro, o epíteto de erudito beneditino. Pelo seu temperamento tão alheiado de todas as distrações mundanas, tão sêco e frio para tudo o que não fôsse a sua devotada tarefa, a sua absorvente peregrinação através dos códices e dos encarquilhados e amarelados pergaminhos, pela variedade e profusão de materiais acumulados no espólio literário que deixou, Pedro de Azevedo merece, com efeito, a designação de beneditino, que êle conseguiu criar, com paciente e ininterrupto labor, neste arquivo da Torre do Tombo, para onde entrara, como praticante de amanuense, ainda muito novo.

Aqui passou grande parte da sua vida burocrática, tendo tomado posse em 22 de Dezembro de 1890 do lugar de amanuense paleógrafo do mesmo arquivo, depois de um concurso de provas públicas, nomeado em 14 de Abril de 1894, também por concurso público, para o quadro dos seus oficiais, e promovido, finalmente, por antiguidade para o lugar de 1.º Conservador, em 10 de Julho de 1902. Por decreto de 20 de Novembro de 1918 Pedro de Azevedo, é transferido a seu pedido, para a Biblioteca Nacional por permuta com o 1.º bibliotecário, actualmente aposentado, Dr. Eduardo de Castro e Almeida, estando ali a desempenhar o cargo de seu director interino quando o ataque brusco que o vitimou lhe fez paralisar para sempre o coração.

Dotado de excepcionais qualidades tão aptas e próprias para formar um erudito, temperamento singular, como dissemos, sem os cuidados e as afeições de família, que só muito tarde e no último período da sua vida veio a criar, Pedro de Azevedo não se comprazia com outra coisa que não fôsse a

sua absorvente e desinteressada paixão pelos documentos do Arquivo, para onde entrou, durante muitos anos, num ritmo que rariíssimas vezes sofreu interrupção, matemática e invariavelmente à hora da sua abertura. Conhecedor dos seus escaninhos, em contacto permanente com as mais importantes colecções, que na sua quasi totalidade percorreu, paleógrafo distinto e assiduamente familiarizado com os caracteres paleográficos dos documentos e das espécies que formam os diferentes corpos históricos do Arquivo, Pedro de Azevedo, com tais predicados, foi pois um guia seguro e proveitoso para muitos estudiosos que a ele recorriam.

Era então a Torre do Tombo freqüentada por uma pléiade de notáveis eruditos e cultos investigadores, a maior parte saudosa e infelizmente já desaparecida, entre cujos nomes avultam os de: Gama Barros, Costa Lobo, Sousa Viterbo, Ramos Coelho, conservador aposentado do mesmo Arquivo, Brito Rebelo, Braamcamp Freire, Cristóvão Aires, além de outros, a muitos dos quais Pedro de Azevedo prestou desinteressados e valiosos serviços, quere na leitura dos manuscritos, quere na indicação de documentos e de materiais para as obras que estes laboriosos e abalisados eruditos legaram à historiografia nacional. Se como eles Pedro de Azevedo nos não pôde deixar uma apreciável obra de conjunto, um corpo inteiriço de doutrina e de investigação e crítica histórica, que variedade e riqueza de documentos publicados e de valiosas notas êle nos legou, subsídios indispensáveis para o estudo de vários capítulos da nossa história, dispersos por diversas revistas e jornais em que colaborou e pelo boletim da Classe de Letras da Academia de Ciências, que o contava no escolhido número dos seus sócios efectivos.

Muitos desses estudos são particularmente valiosos e importantes para os que se dedicam ao ramo de investigações etnográficas e filológicas, sendo para êste fim dignos de nota os materiais, que em tão larga cópia, se podem respigar nos artigos que nesta própria revista publicou. Levar-nos-ia longe a sua enumeração que não se comporta na brevidade dêste artigo e destas escassas e resumidas palavras com as quais apenas desejamos significar, como seu antigo colega, a homenagem devida a Pedro de Azevedo, o sentimento de vermos ainda tão cedo desaparecer no túmulo o incansável e prestante obreiro que tão valiosos materiais deixou para a resurreição do nosso passado.

Honra pois à sua memória, aliás já consagrada no elogio académico que dêle fez o seu sucessor na Academia sr. general Teixeira Botelho e na completa bibliografia dos seus escritos que o erudito professor da Faculdade de Letras, Sr. Dr. Joaquim de Carvalho, fez publicar no *Instituto*, vol. 75.º, 4.ª série, pág. 218, logo a seguir às palavras que este douto professor ali consagra à sua benemérita actividade. Este trabalho que o Sr. Dr. Joaquim de Carvalho modestamente intitula tentativa bibliográfica, é o mais irrefragável testemunho da existência laboriosa de Pedro de Azevedo, o mais expressivo e eloquente elogio para o nome culto e prestante que deixou, nome que ficará em lugar privilegiado e de merecido relêvo entre os estudiosos do seu tempo.

P. M. LARANJO COELHO.

FILÓLOGOS BRASILEIROS

Eduardo Carlos Pereira

Nasceu em Caldas (Minas Gerais) em 8 de Novembro de 1885 e faleceu em S. Paulo em 2 de Março de 1923. Fêz a educação primária com sua mãe e um irmão. Na cidade natal cursou aulas de francês e latim, mantidas pelo governo. Matriculou-se no «Colégio Epiranga», de Araraquara (S. Paulo), onde foi discípulo do educador suíço Fernando Boeschstein e do professor Ullmann, sustentado a princípio pelo irmão (Severo Augusto Pereira). Passou depois de aluno a professor.

Mudou-se para Campinas quando para aí foi transferido o estabelecimento. Em Campinas leccionou também no instituto «Culto à Sciência» (1873). Conheceu então o pedagogo norte-americano George M. Morton, director do «Colégio Internacional», mantido pela Igreja Presbiteriana. Dessa relação lhe adveio simpatia ao culto protestante. Acompanhou o «Colégio Ipiranga» na mudança para S. Paulo, onde conheceu o Rev. George Whitehill Chamberlain, que o converteu, iniciando-o na leitura do Novo Testamento. Fêz profissão de fé, pública, em 1875.

Matriculou-se na Faculdade de Direito mas Chamberlain

o dissuadiu de continuar, iniciando-o no estudo da Teologia. Leccionou na «Escola Americana», casando-se com a professora suíça D. Luísa Lamper d'Allinges, em 1880. Enviuvou em 1921. Bacharelou-se em Teologia e foi licenciado pelo Presbitério do Rio de Janeiro que o designou para a cidade de Lorena. Empregava as horas de lazer em estudos históricos, teológicos e em escrever para a imprensa.

Em 1881 recebeu ordens sacras do Concílio, mudando-se para Campanha (Minas) onde permaneceu sete anos. Dedicou-se ao púlpito, à imprensa, e ao estudo dos clássicos e da língua vernácula. Participou da campanha abolicionista. Em 1886 escreveu «A Religião Cristã em suas relações com a escravidão». Em 1888 foi eleito pastor, vindo para S. Paulo.

Colaborou no «Monitor Sul-Mineiro», na «Imprensa Evangélica», na «Revista de Missões Nacionais», no «Estado de S. Paulo», no «Correio Paulistano», na «Revista de Língua Portuguesa» e no «Estandarte». Escreveu em 1903: «A Maçonaria e a Igreja Cristã». Convidado a apresentar-se à deputação estadual, recusou. Contribuiu para a fundação do Hospital Samaritano, de que foi presidente. Fêz parte do Instituto Histórico de S. Paulo e da Sociedade Brasileira de tratados evangélicos. Sempre se dedicou ao magistério. Concorreu à cadeira de português da Escola Normal de S. Paulo, sendo classificado em igualdade de condições com Carlos Lenz. Êste concurso valeu-lhe a cadeira de português do «Gimnásio do Estado» (1895). Em 1907 publicou a «Gramática Expositiva», em 1916 a «Gramática Histórica» e a «Gramática Elementar». Escreveu «Questões filológicas», em resposta aos críticos. Colaborou na tradução brasileira da Bíblia. Representou o Brasil no Congresso da acção cristã na América Latina no Panamá. Escreveu «O Problema religioso na América Latina», «Nosso Pai que estás no céu», «A Bem aventurada Virgem Maria», «O Culto dos Santos e Anjos», «As origens da independência presbiteriana», «Balanço histórico da Igreja Presbiteriana Independente». Foi reitor e professor do Instituto Teológico.

Sílvia de Almeida

Nasceu em Porto Alegre (Minas Gerais) em 1867. Ai fêz os primeiros estudos. Estudou preparatórios no Colégio Ivaí, onde mais tarde leccionou. Redigiu a «República» (S. Paulo). Formou-se na Faculdade de Direito de S. Paulo em 1892, mas

não exerceu a advocacia. Casou-se com a poetisa D. Presciana Duarte de Almeida. Fêz concurso para a cadeira de português do Ginásio do Estado (S. Paulo), sendo classificado em primeiro lugar e nomeado. Dedicou-se daí por diante à leitura dos clássicos e ao estudo da língua vernácula.

Em 1898 publicou «O antigo vernáculo». Escreveu no «Diário Popular», de S. Paulo, mantendo a secção «Palestras filológicas»; dirigiu o Instituto Silvio de Almeida. Foi membro fundador da Academia Paulista de Letras, na qual ocupava a cadeira de Júlio Ribeiro,

Faleceu em Março de 1924 como director da «Revista de Filologia Portuguesa».

Alberto Faria

Nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 19 de Outubro de 1869. Fêz estudos irregulares em colégios que frequentou, fugitivamente, em virtude de rebeldias precoces do seu temperamento irredutível. Aos doze anos já redigia periódicos manuscritos nos colégios e aos dezesseis fundou um quinzenário.

Estreou na imprensa em 1889, trabalhando na «Gazeta de Campinas» ao lado de Carlos Ferreira; depois no «Correio de Campinas», de que foi posteriormente director (1895-6). Aí manteve, com Quirino dos Santos uma secção de sucesso — *Moscas no teto*. Em 1894 fundou o vespertino «O Dia». Simultaneamente estudava a literatura e a língua portuguesa. Em 1901 concorreu com Coelho Neto e Baptista Pereira à cadeira de literatura do Ginásio de Campinas. Foi habilitado, mas não conseguiu a classificação em 1.º lugar.

Dedicou-se cada vez mais ao estudo da Filologia.

No «Jornal do Comércio», do Rio de Janeiro, publicou estudos sobre Hipólito da Costa, sobre uma lira apócrifa de Gonzaga e sobre os criptónimos das «Cartas Chilenas».

Foi membro fundador da Academia Paulista de Letras (1909), onde ocupava a cadeira de Luís Gama. Em 10 de Outubro de 1918 foi eleito para a Academia Brasileira de Letras (cadeira João Francisco Lisboa), na vaga do barão Homem de Melo.

Na Academia fêz parte da comissão de lexicografia e da de redacção da Revista, foi 2.º secretário em 1920, tesoureiro em 1921 e 1922, 1.º secretário em 1924. Foi inspector de ins-

trução pública em Campinas e director do Centro de Ciências, Letras e Artes da mesma cidade.

Escreveu na «Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes», de Campinas, no «Estado de S. Paulo», na «Revista da Língua Portuguesa», na «Revista do Arquivo Público Mineiro», na «Revista Americana», na «Revista da Academia Brasileira de Letras». Escreveu ainda em «O País», «A Imprensa», «Gazeta de Notícias», todos do Rio de Janeiro; no «Correio Paulistano», em «O Comércio de S. Paulo» e no «Diário Popular», de S. Paulo.

Publicou: *Aérides* (literatura e *folklore*), 1918; *Acendalhas* (idem), 1920; discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras, 1919; discurso de saudação a Gustavo Barroso, 1923; várias conferências: o galo através dos séculos, Andorinhas e beija-flores, Coisas do arco da velha, Francisco Octaviano, Nariz e narizes, Os sinos. Tencionava publicar dois livros: «Reparos linguísticos» e «Subsídios literários».

Era sócio do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco.

Faleceu em 8 de Setembro de 1925.

ANTENOR NASCENTES.

ARTIGOS DESENVOLVIDOS:

PÁG.

Contribuição para um dicionario da lingua portuguesa arcaica — por J. J. Nunes	5
Gonçalo Fernandes Trancoso: I-III — por J. L. de Vasconcellos	80
Ervedosa: <i>Linguagem popular de Ervedosa do Douro</i> — por Celestino Monteiro Soares de Azevedo	86
Retalhos de um adagiário (continuação do vol. XXVI, págs. 211-246 — por José Maria Adrião	198
Observações ao “Elucidario,, do P.^o Santa Rosa de Viterbo, conclusão (vid. <i>RL.</i> , XXVI, 111-146) — por J. Leite de Vasconcellos	243
Sur l'origine de quelques coutumes portugaises populaires — por Eugène Kagarov	277
A lingua portuguesa na nossa Índia — por Vicente de Sousa	282

MISCELANEA:

Outeiros de abadessado — por Júlio Brandão	292
Correcções ao Canc. Geral — por J. L. de V.	297
Poesia popular local e regional — por J. L. de V.	297
Cajon ou ocajon? — por J. J. Nunes	300
Jôgo da Pela — por Joaquim Mendes Feliz	303
Lenda popular: <i>A truta de Celorico da Beira</i> — por J. L. de V.	307
Gestos, sons, palavras, expressões, etc. que fazem “dar sorte,, — por Estanco Louro	308

BIBLIOGRAFIA:

De terra em terra , de J. Leite de Vasconcellos — 1, de um prospecto publicado pela Imprensa Nacional de Lisboa; 2, por Aubrey F. G. Bell	314
--	-----

	PÁG.
Aushwahl altportugiesischer Lieder , de S. Pellegrini	
— por J. J. Nunes	319
Antroponimia portuguesa , de J. Leite de Vasconcellos — 1, prospecto publicado pela Imprensa Nacional de Lisboa; 2, por Aubrey F. G. Bell . . .	324

NECROLOGIA:

A. Braamcamp Freire — por Antonio Baião . . .	328
Pedro de Azevedo — por P. M. Laranjo Coelho . .	329
Filólogos brasileiros: <i>Eduardo Carlos Pereira, Silvio Almeida e Alberto Faria</i> — por Antenor Nascentes	331

LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA

17, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 17 — LISBOA

L. JIMÉNES DE ASSÚA

Liberdade de Amar e Direito a Morrer — Ensaio de um criminalista sôbre EUGENESIA, EUTANASIA, ENDOCRINOLOGIA — 1 volume 12\$00

DR. JOSÉ JOAQUIM NUNES

Digressões Lexicológicas — 1 volume 9\$00

JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO

História de António Vieira — Com factos e documentos novos — 2 volumes 40\$00

Épocas de Portugal Económico — A monarquia agrária, Jornada de África, A Índia e o ciclo da pimenta, O primeiro ciclo do ouro, O império do açúcar, Idade de ouro e diamantes, No signo de Methuen — 1 grosso volume 25\$00

JOSÉ DA FONSECA LEBRE

Locuções e modos de dizer usados na Província da Beira Alta (Apresentados sob forma de diálogo) — 1 volume 8\$00

JÚLIO MOREIRA

Estudos da Língua Portuguesa (Subsídios para a Syntaxe Histórica e Popular) — 2 volumes 15\$00

J. GUIMARÃES DAUPIÁS

O Dicionário da Academia Brasileira — 1 volume 3\$00

DR. F. GOMES TEIXEIRA

Uma Santa e uma Sábia — 1 volume 10\$00

J. SIMÕES DIAS

História da Literatura Portuguesa — 1 volume 10\$00
Teoria da Composição Literária — 1 volume 6\$00

LUÍS DE CAMÕES

Os Lusíadas (Anotados por SALES LENCASTRE, que claramente nos patenteia os encantos duma das mais belas epopeias do Mundo) — 2.^a edição; 2 grossos volumes 30\$00

W. STANLEY-JEVONS

Lógica — Obra de iniciação applicável aos estudantes de filosofia — 1 volume 7\$00